

OBRAS COMPLETAS

DO

CARDEAL SARAIVA

OBRAS COMPLETAS
DO
CARDEAL SARAIWA

(D. FRANCISCO DE S. LUIZ)

PATRIARCHA DE LISBOA

PRECEDIDAS DE
UMA INTRODUÇÃO PELO MARQUEZ DE REZENDE
PUBLICADAS POR
ANTONIO CORREIA CALDEIRA

TOMO VIII



LISBOA
IMPRENSA NACIONAL

1878

TRABALHOS FILOLOGICOS

ESTUDOS PARA A HISTORIA DA LINGUA PORTUGUEZA

ADVERTENCIA DO EDITOR

Cada hum dos *Glossarios* reimpressos neste volume é seguido da *Resposta* dada pelo auctor ás censuras, reflexões e advertencias, que lhe foram feitas por parte da Academia Real das Sciencias.

Crê o editor que esta publicação, que pôde ser considerada como hum complemento dos *Glossarios*, deve de ser bem acceita dos leitores.

Abril de 1878.

V. D.

GLOSSARIO

DAS

PALAVRAS E FRASES DA LINGUA FRANCEZA

QUE POR DESCUIDO, IGNORANCIA, OU NECESSIDADE
SE TEM INTRODUZIDO NA LOCUÇÃO PORTUGUEZA MODERNA; COM O JUIZO CRITICO
DAS QUE SÃO ADOPTAVEIS NELLA

*Do que se antigamente mais prezaram
Todos os que escreveram, foy honrar
A propria lingua, e nisso trabalharam.*
FERREIRA, liv. 1.^o, cart. 3.^a

PREFACÃO

Tentâmos desempenhar nesta Memoria, se nossas forças o permittirem, o primeiro assumpto proposto pela Academia Real das Sciencias no programma de 1810, na classe de litteratura portugueza, o qual consiste em hum *Glossario, ou catalogo de palavras e frases, em que se mostre com toda a individuação as que são proprias da lingua franceza, e que por descuido ou ignorancia se tem introduzido na locução portugueza moderna, contra o antigo e bom uso, e principalmente as que forem contra o genio da nossa lingua, e como taes inadoptaveis nella.*

Para executarmos este proposito, lemos muitas obras dos nossos modernos escriptores, assim traduzidas do francez, como originaes, que correm impressas; e nos servimos das observações, que já tinhamos feito, ou de novo fizemos sobre a sua linguagem, bem como sobre os vocabulos ou frases mais usadas na conversação familiar, nos escriptos não impressos, e nos sermões e outros discursos das pessoas litteratas, e dadas á lição dos livros francezes; comparando-as com a locução dos nossos classicos, e examinando-as á vista dos diccionarios da nossa lingua.

Não presumimos assim mesmo de haver cumprido pontualmente com o que a Academia deseja, por serem sobremaneira numerosos os termos e expressões francesas, com que se acha desfigurada a natural formosura da nossa linguagem: mas trabalhámos por ajuntar neste catalogo tudo o que nos pareceo mais notavel e digno de reparo, e por dar ácerca de cada causa o nosso particular juizo e opinião.

Como não he do nosso intento censurar escriptor algum nomeadamente, julgámos escusado citar as obras, d'onde forão extrahidos os vocabulos e frases, que vāo neste Glossario: mas quem tiver tido a curiosidade e o trabalho de ler as traducções, e ainda outros escriptos dos nossos portuguezes modernos, facilmente conhecerá que lhes não impomos erros, ou descuidos, em que não tenhão cahido muitas vezes.

O juizo que fazemos sobre cada palavra ou frase, a respeito de se poder, ou não, adoptar na nossa lingua, não o declarâmos sem algum receio de errar, por quāo difficult nos parece conciliar neste ponto os diversos gostos dos leitores, e ainda as varias opiniões dos eruditos. Em geral tivemos sempre diante dos olhos esta regra: «que sendo o vocabulo de boa origem, derivado conforme a analogia, e ao mesmo tempo expressivo e harmonico, se podia adoptar e trazer á nossa lingua, ainda quando nesta houvesse algum synonymo, que exprimisse o mesmo conceito»; porque estamos persuadidos, que convem a qualquer idioma ter não só vocabulos correspondentes a cada idéa, mas ainda variedade delles com o mesmo significado; para que o douto e avisado escriptor possa escolher a seu arbitrio, segundo a natureza e qualidades da sua composição, evitando a fastidiosa repetição dos mesmos termos, e a cançada uniformidade da locução e estilo.

Quando a alguma palavra ou frase, que nos parece

inadoptavel, substituimos duas ou mais de bom cunho, e de igual significação, não queremos indicar que estas sejão sempre exactamente synonyms, ou que indiferentemente se possão empregar, sem escolha e discrição, em todas as circumstancias; mas sim e tamsómente, que cada huma dellas pôde em diversos casos traspassar com propriedade e energia a palavra franceza, e suprir o gallicismo refugado.

Em alguns artigos ajuntámos, quando nos pareceo conveniente, exemplos classicos, que auctorisem o nosso juizo, ou verifiquem os modos de falar menos usuaes e pouco conhecidos: o que não será desagradavel aos leitores amantes da nossa lingua, nem parecerá superfluo aos doutos, que a sabem com perfeição, e que não carecem deste socorro.

Das palavras technicas das sciencias e artes, por acaso mettemos alguma neste catalogo; porque seria obra mui longa fazer menção de todas as que se tem innovado, e cada dia estão innovando; e porque entendemos que em rigor nos não competia julgar do merecimento dellas, e da sua boa ou má derivação; mas sim aos professores dessas artes e sciencias, vistoque cada huma dellas tem particulares preceitos, pelos quaes se deve dirigir na formação de seus proprios vocabulos e linguagem.

Como no programma da Academia sómente se requer o catalogo das palavras e frases francezas, que se tem introduzido na nossa linguagem *moderna*, hesitámos em fixar a época, d'onde havia de começar o nosso exame: e attendendo a que nos principios do seculo XVIII, e com o reinado do Senhor Rei D. João V, começou a restauração da nossa litteratura, e consequentemente o estudo e frequente lição dos livros francezes, que tem sido a principal causa daquelle introduçao; resolvemos contar desde esse ponto a *idade moderna* da nossa lingua: e por isso mettemos tambem neste catalogo alguns voca-

bulos, que já no tempo de Bluteau se hião usando, e de que elle fez menção ou no seu *Vocabulario*, ou no *Suplemento* a elle.

No fim do *Glossario* pomos em artigos separados alguns modos de falar, que modernamente se tem tomado do franez, e que não podião entrar na ordem alfabetica; porque constando pela maior parte de palavras todas portuguezas, sómente se constituem gallicismos pela viciosa syntaxe com que são construidos, ou pela repetição indevida de certos vocabulos e particulias, ou emsím pela sua errada disposição e collocação.

Finalmente aproveitámos esta occasião para advertir aos nossos leitores, que alem dos particulares gallicismos, que vão apontados neste catalogo, se nota em quasi todas as nossas traducções, e ainda em muitas das obras originaes modernamente escriptas, hum certo *pensar franez*, o qual, ainda mais que os vocabulos ou frases individualmente consideradas, altera a forma original do idioma, e lhe dá hum colorido estrangeiro, e alheio da sua natureza.

Este *pensar franez*, que melhor se entende do que se explica, não resulta de hum ou outro gallicismo, que indevidamente se haja introduzido, e que com facilidade se pôde corrigir e evitar; mas consiste em tomarmos do franez hum modo particular de tecer o discurso, e hum certo ar, geito, ou estilo de falar e escrever, que he proprio daquelle lingua, e que não conforma com a indole, genio e caracter da lingua portugueza.

Duas são as principaes causas deste grande e mui geral defeito. A primeira: a frequente lição dos livros franezes, quando quem os lê não está sufficientemente premunido com o estudo e conhecimento da sua propria lingua, para evitar o perigo de contrahir na locução habitos, que lhe são contrarios. A segunda: a falta de hum bom diccionario de ambas as linguas, aonde se veja com

clareza e precisão a mutua correspondencia de vocabulos e frases, e o differente caminho, que cada hum segue para explicar os seus conceitos.

Para se atalharem os effeitos, já demasiadamente extensos, destas duas poderosas causas, hum só remedio propomos e recommendâmos aos nossos leitores, o qual consiste na assidua lição dos classicos, que melhor possuirão a nossa lingua, e nella escrevêrão. Nelles acharão hum thesouro de vocabulos e frases, com que possão exprimir não só exactamente, mas até com desenfastiada e elegante variedade, as suas idéas e conceitos, sem mendigarem dos estranhos o que tem de superabundancia na sua propria patria. Nelles aprenderáõ a maneira verdadeiramente portugueza de tecer o discurso, de ordenar e arranjar todas as partes delle, e de ornamental-o com aquellas graças, e modos graves e desaffectados, que são proprios do idioma, e que o fazem igual aos melhores da Europa, e superior a alguns dos mais copiosos e polidos. Por elles emfim chegarão a formar huma idéa adequada das relevantes qualidades da nossa lingua; a dar-lhe a estima e preferencia, que ella merece; e a restituir-lhe a sua natural belleza e formosura, desacompanhando-a dos ornamentos e modos estrangeiros, que tanto a tem desfigurado.

GLOSSARIO

DAS

PALAVRAS E FRASES DA LINGUA FRANCEZA

A

A — Com esta particula exprimimos em portuguez a connexão e correlações, que o entendimento concebe entre os objectos significados pelos nomes, a que ella se ajunta. Os seus multiplicados e mui varios usos sómente se podem conhecer pela assidua lição dos classicos, reflectindo nas diferentes circumstancias, em que elles a empregão. Notaremos comtudo aqui algumas frases, em que ella nos parece usada ao modo francez, para que se faça reflexão nellas, e se possão corrigir, parecendo necessario.

Este desprezo ás formalidades legaes, &c., isto he, este desprezo das formalidades, &c.

Ameaçado a toda a hora a perder a vida, isto he, de perder.

Este official foi encarregado a fazer segunda tentativa, isto he, encarregado de fazer, &c.

Obra conduzida de maneira a poder excitar sedições, isto he, de maneira que podesse excitar, ou que podia, ou que possa, &c.

Trabalhava-se a aformosear a cidade, isto he, em aformosear, ou por aformosear, ou de aformosear a cidade, &c.

Nada mais resta a dizer-vos; tinha queixas a formar; nada tinha a temer; o tempo que tenho a viver, &c., isto he, *nada mais resta que dizer-vos; tinha queixas que formar; nada tinha que temer; o tempo que tenho para viver, &c.*

Abandonado (*Abandonné*) — Tomado como substantivo por homem *devasso, solto nos vícios, perdido, de costumes estragados, &c.*, he gallicismo escusado.

Abandono (*Abandon*) — Não tem auctoridade clásica a seu favor; mas o uso o vai adoptando, e já o achámos no Alvará de 12 de Fevereiro de 1795, e na Carta Regia de 18 de Maio de 1801.

Abbaide (*Abbé*) — Todos sabem o uso legitimo deste vocabulo em portuguez. Os Francezes o applicão como *prenome* a todos os clérigos, e ainda aos que trajão como clérigos, e dizem, v. gr., *l'Abbé Condillac, l'Abbé Marie, &c.*, que os nossos escriptores traduzem *o Abbade Condillac, o Abbade Maria*. Não ousâmos reprovar este uso tão geralmente adoptado, maiormente attendendo a que os nossos classicos transportárão para o portuguez, com semelhante razão, os prenomes estrangeiros *Monseor, Mossem, Misser, &c.* Mas em portuguez corrente dizemos *o Padre Pereira, o Padre Vieira, o Padre Almeida, &c.*, e só quando o sujeito tem realmente a dignidade de *Abbade*, he que lhe dâmos em portuguez esse como *prenome*, ou *título*, dizendo, v. gr., *o Abbade Barbosa Machado, &c.*

Abertura (*Ouverture*) — Significa em portuguez a *acção de abrir*, e no figurado a acção de principiar algum acto, v. gr., *a abertura da porta; a abertura do concilio, da universidade, &c.* Tambem se usa com a si-

gnificação de *aberta, fenda, greta, &c.*: mas dizer *aberturas* por *primeiras proposições*, ou *propostas preliminares*, que se fazem em qualquer negociação, parece gallicismo contrario ao uso da lingua, e desnecessario.

Abordo (*Abord*) — Temos visto empregado este vocabulo para significar o *acolhimento*, que huma pessoa faz a outra. Neste sentido se diz, que *alguem he de facil, ou difficil abordo*, isto he, *acessivel, conversavel, comunicavel, ou inaccessible, intractavel, incomunicavel, de facil, ou difficil accesso, &c.* He innovação desnecessaria.

Abrutecido (*Abruti*) — Parece outra innovação escusada, visto termos o adjectivo *embrutecido*, que diz o mesmo. Comtudo ha em portuguez alguns vocabulos, que sendo compostos com as duas particulas *a* e *em*, conservão significação identica, como por exemplo, *apossar e empossar; acostar e encostar; aparentar e emparamentar; asenhorear-se e ensenhorear-se, &c.*

Absurdidade (*Absurdité*) — He escusado em portuguez, aonde temos *absurdo, desproposito, disparate, e talvez desvario, desatino, &c.*

Abusado (*Abusé*) — Por *enganado, illudido*, parece gallicismo. Os nossos diccionarios não trazem este adjetivo; mas vulgarmente se diz *homem abusado* o que crê em *abusões*, ou em *ridiculas opiniões populares*: e Madiureira, na sua *Orthografia*, diz algumas vezes: *este vocabulo anda abusado*, isto he, *erradamente escripto, ou pronunciado*.

Acantonar, Acantonado, Acantonamento (*Cantonner, &c.*) — São vocabulos derivados moderna-

mente do francez *cantonner, cantonné, &c.* Tinhamos em portuguez *acantoar e acantoado, encantoar e encantoado*, compostos e derivados do simples *canto*, com a significação de *pôr ao canto; e figuradamente viver em retiro, fóra da conversação da gente, &c.* Mas *acantonar e acantonado*, no sentido que hoje se lhes dá, sómente podem ser derivados do francez *canton*, isto he, *bairro*. Os nossos bons antigos dizião *alojar, aquartelar, alojamento, aquartelado, &c.* Comtudo o *Diccionario da Academia* já traz *acantonado e acantonar* com nota de *termos militares usados*, e na Carta Regia de 5 de Janeiro de 1797 vem *acantonamento*.

Activar — He tomado modernissimamente do francez, tambem moderno, *activer*, e significa *diligenciar, zelar, promover com zélo e actividade, pôr em actividade, &c.* Não o julgámos necessario, aindaque tenha boa derivação.

Adepto (Adepte) — Significa geralmente o que he *iniciado nos principios ou dogmas de alguma seita*. He termo scientifico e originariamente latino, e por isso adoptavel.

Adresse — He vocabulo puramente francez, que não tem lugar na nossa lingua: significa *memoria, memorial, representação, petição, ás vezes epistola dedicatoria, sobrescripto, ou bilhetinho, que ensina a dar com huma rua, ou com a morada de alguém, &c.*

Affares ou Affaires — He tambem palavra franceza, da qual diz Bluteau que alguns, no seu tempo, a querião introduzir como necessaria, *quando se fala em negocios políticos*, mas que outros a julgavão superflua. O uso geral decidio a favor dos ultimos, e com justa razão, ao

nosso parecer. Hoje apenas se acha em alguma pessima traducçāo. Na provincia de Entre Douro e Minho (e não sabemos se tambem nas outras) he mui vulgar o vocabulo *afazeres* no sentido generico de *negocios, occupações, &c.*, v. gr., *gastei o tempo em varios afazeres, não posso com tantos afazeres, &c.*

Affectado — Por *movido, commovido, tocado* de algum sentimento ou paixão, he galicismo, que se deve evitar, por ser contra o uso da nossa lingua, e por causa da homonymia. Algumas vezes se exprimirá bem por *abalado*, como neste lugar de Sousa, *Vida do Arcebispo*, liv. 2.^º, cap. 19.^º: «Neste passo se sentiu subitamente *abalado* de hum desejo de consolar e animar aquella santa innocencia»; e outras vezes por *impressionado* do verbo *impressionar*, elegantemente usado por Vieira no tom. 2.^º das *Cartas*, Carta 95.^a, onde diz: «Não fazendo eu caso de nada disto, como tão costumado a padecer falsidades, o que não pude deixar de sentir muito foi chegarem estas a Sua Magestade, e se deixar *impressionar* tanto dellas, que disse a meu sobrinho», &c.

Affixar — He hum vocabulo portuguez, que significa *pregar em lugar publico*, v. gr., hum edital, hum cartel, hum aviso, &c.; mas *affixar a incredulidade, affixar o engenho, &c.*, he galicismo intoleravel, em lugar do qual diremos *fazer alardo, fazer gala, fazer timbre da incredulidade; ostentar de engenho, pavonear-se de incredulo, basofiar de engenhoso, &c.*

Affixe — Por *cartel, edital, papel que se affixa em publico, aviso*, e ás vezes *pasquim*, he puro francez, mal derivado para a nossa lingua, e desnecessario.

Affroso (Affreux) — Por *horrendo, horrivel, espan-*

toso, medonho, &c., he gallicismo grosseiro e intolleravel.

Aguerrido, Aguerrir-se — São vocabulos tomados immediatamente do francez *aguerri*, *s'aguerrir*, e hoje mui frequente entre nós. D'antes diziamos exercito *guerreiro*, soldados *guerreiros*, *acostumados ás armas*, *aseitos á guerra*, *usados ás armas*, *á guerra*, ou *usados na guerra*; *endurecidos*, *instructos*, *adestrados*, *experimentados*, *amestrados na guerra*; *acostumar-se*, *afazer-se á guerra*, *ás armas*, &c.

Alambicar, Alambicado — São tomados do francez *alambiquer* e *alambiqué*, que em portuguez dizemos *estillar*, *estillado*, ou *destillar* e *destillado*. Tem boa origem na palavra *alambique*, e Bernardes, *Nova Floresta*, tom. 4.^o, pag. 223, o usou já no sentido figurado, dizendo: «Affectão com as suas Cloris esta pureza de amor alambicado». O *Diccionario da Academia* o traz, ainda que com a nota de *pouco usado*, citando o proprio lugar de Bernardes. Nós não o julgâmos proprio do estilo grave, e muito menos da eloquencia do pulpito, aonde o temos visto empregar muitas vezes com ridicula affectação. Assim em lugar de *razões alambicadas*, *estilo alambicado*, &c., diríamos *razões subtis*, *subtilezas*, *agudezas*, *pensamentos exquisitos* e *remontados*, *estilo requintado*, &c.

Alarma, Alarmar, Alarmado (*Alarme, Alarmer, Alarmé*) — O primeiro destes vocabulos parece ser tomado por nós dos Hespanhopes, e já foi empregado por João Franco Barreto, na *Eneida Portugueza*, liv. 9.^o, est. 111.^a, e liv. 11.^o, est. 102.^a Por este motivo não ousâmos reproofal-o, maiormente conservando-se no nosso idioma outros semelhantes vocabulos derivados da mesma lin-

gua, como são *alapar*, *alfirm*, e tambem *a la moda*, que he de Vieira, tom. 1.^o dos *Sermões*, pag. 459. Comtudo o uso mais geral tem quasi excluido da lingua portugueza estes vocabulos de composição estrangeira; e nós preferiríamos sempre dizer *a par*, *emfim*, *á moda*, e tambem *á arma*, ou *ás armas*, como commummente se lê nos classicos. O verbo *alarmar*, e o adjectivo *alarmado*, parecem-nos compostos contra a analogia da nossa lingua, onde não temos observado vocabulo algum, que seja composto de *preposição* junta com o *artigo*, salvo nos derivados do arabe. Por onde em lugar de *alarmar* diríamos antes *tocar arma*, ou *á arma*, ou *ás armas*, *dar rebate*, *repicar*, que he de Barros, &c., e no sentido figurado *atemorizar*, *assustar*, &c. O adjectivo parece que sómente tem uso neste ultimo sentido por *assustado*, *atemorizado*, *espantado*, e não o julgâmos de modo algum adoptavel.

Alterado (*Alteré*) — Por *sequioso*, *ávido*, *sedento*, he gallicismo grosseiro, e má traducçao da palavra franceza *alteré*, que tem ás vezes aquelle significado.

Ambicionar, Ambicionado — Parecem tomados imediatamente do francez *ambitionner* e *ambitionné*; mas são necessarios para evitar circumloquio, tem boa origem, e são conformes com a analogia. Veja-se Bluteau no *Suplemento ao Vocabulario*, e o *Diccionario* da Academia.

Amobilar, Amobilação — Veja-se *Moblado*.

Amparar-se (*S'emparer*) — Por *senhorcar-se*, *apos sar-se*, *apoderar-se*, *asenhorear-se*, &c., he gallicismo grosseiro e intoleravel.

Anecdota (*Anecdote*) — Este vocabulo, que parece haver sido tomado immediatamente do francez, ainda que de origem grega, está hoje adoptado entre nós pelo uso geral das pessoas doutas. (Veja-se Bluteau, *Suplemento*, palavra *Anecdotos*.)

Animosidade (*Animosité*) — Em francez significa *rancor* (diz Bluteau); e na media latinidade *valor*: em portuguez se usava em lugar de *insolencia*. Pareceo que não devia admittir-se nas primeiras significações, e usar-se pouco na segunda. Tal foi a decisão da sociedade litteraria, que com o nome de *Conferencias eruditas* se ajuntava na bibliotheca do Conde da Ericeira, na sessão de 26 de Fevereiro de 1696, como se vê das *Prosas Portuguezas* de Bluteau, part. 1.^a, pag. 17. O mesmo Bluteau porém o traz no *Vocabulario*, como adoptado na significação de *valor*, *ousadia*, e tambem *insolencia*. (Veja-se o *Diccionario* de Moraes.) Na significação de *rancor* parece ser empregado no Alvará de 13 de Novembro de 1756, aonde se diz: «Prisões e pleitos, que não terião outros objectos, que não fossem a *animosidade* e *vexação*»; e neste mesmo sentido he usado no fôro. Por *ousadia*, ou *insolencia*, he de Jacinto Freire, *Vida de Castro*, liv. 4.^o, § 59.^o: «O qual (governador) logoque entendeo que o governo politico se queria adjudicar a direcção da guerra, reprehendo asperamente sua *animosidade*», &c.

Annuidade — He palavra modernamente tomada do francez *annuité* para significar em geral qualquer *renda*, ou *consignação annual*; e mais em particular *aquella, que o devedor satisfaz annualmente, e por certo numero de annos ao créedor, na qual se comprehende a renda do capital, e huma parte deste, de sorte que no fim do prazo fique o devedor livre, e a dívida exticta*; ou tambem

huma *renda annual e vitalicia, sobre certo capital, o qual por morte, fica ao que se obriga a pagar-a.* Acha-se este vocabulo nos Decretos de 29 de Outubro e 7 de Novembro de 1796, e como tem huma significação determinada e restricta, que se não exprime bem por outro algum vocabulo portuguez, o julgámos adoptavel e necessário.

Apartamento (Appartement) — Por *quarto de casas, camara, ou retrete,* parece gallicismo, que hoje soaria mal nos ouvidos cultos. Tem comtudo a seu favor a auctoridade de Sá de Miranda, Moraes no *Palmeirim*, Vieira e outros. (Veja-se o *Diccionario da Academia.*)

Apathia, Apathico — Estes vocabulos, que porventura forão tomados immediatamente do francez *apathie* e *apathique*, tem origem grega, e são adoptados na linguagem scientifica e no uso geral dos homens doutos. O primeiro exprime propriamente a *carence de paixões*, a *incapacidade de sentir affecto algum*, a estoica *insensibilidade* de certas pessoas, que com nenhuma cousa se abalão, &c. O segundo significa o homem que tem aquellas qualidades, que he *insensivel*, que *não tem affectos*, que he *incapaz de paixões*, &c.; e diz-se tambem analogamente do homem *desleixado, inerte, indolente, que de nada cura*, &c.

Aprovisionar, Aprovisionado, Aprovisionamento — São vocabulos trazidos do francez, conformes com a analogia da nossa lingua, e hoje adoptados pelo uso geral. Dizem tanto como *prover, bastecer, fornecer, municiar; provido, bastecido, fornecido, municiado; e provisão, ou provisões, provimento, fornecimento, munícões, bastimentos, &c.*

Arabesco — Diz Bluteau no *Suplemento* que he termo da arte de pintura tomado do francez *arabesque*. He necessario em portuguez, vistoque não temos outro que exprima precisamente a mesma idéa.

Armada (*Armée*) — Na significação de *exercito de terra*, aindaque por acaso se ache em algum dos nossos classicos, hoje todavia he contrario ao uso geral, e soa a gallicismo.

Armisticio — Por *tregosas*, ou *suspensão de armas*, parece ter-nos vindo immediatamente do francez *armistice*. Bluteau no *Suplemento* diz que os militares o havião introduzido de pouco tempo: hoje he adoptado e auctorizado.

Arranjar, Arranjo, Arranjamento, &c. — Parecem tomados do francez *arranger*, *arrangement*, e significão *pôr em ordem*, *coordenar*, *arrumar*, &c. Não o achâmos nem no *Vocabulario* de Bluteau, nem no *Dicionario* da Academia, salvo o verbo *arranjar* com a nota de *termo da arte de tanoeiro*: mas são por certo mui expressivos, e na provincia do Minho tão vulgarmente usados da gente dourta e indourta, que nunca os tivemos por de moderna introducção.

Arriçado, Arrissado, Erriçado, Enriçado, Herriçado, Irriçado — De todos estes modos achâmos trasladados nas traducções impressas o francez *hérisse*. Não podemos concordar com os que taxão este vocabulo de gallicismo, vistoque o achâmos usado de muitos escriptores nossos da melhor nota. (Vejão-se os *Dicionarios*.) Mas cumpre que se fixe a sua orthografia, e que nos não esqueçamos dos outros modos de exprimir a mesma idéa, para com elles variarmos a frase e evitar-

mos a fastidiosa repetição dos mesmos termos. Assim em lugar de *cabello*, ou *pello arriçado*, poderemos dizer *arripiado*, e talvez *estacado*: em lugar de não *arriçada de artilheria*, não *crespa de artilheria*, &c.

Ascendente (*Ascendant*) — Por *influxo*, *influencia*, *superioridade*, *predominio*, *imperio*, &c., que alguém tem sobre outrem, he galicismo que se deve evitar, por escusado, e por causa da homonymia. Em lugar delle diremos, v. gr., o *poder*, o *predominio* da verdade: ter *imperio*, *influencia* sobre alguém, &c. Comtudo Bluteau diz que já no seu tempo se hia usando em discursos academicos.

Assembléa (*Assemblée*) — Acha-se adoptado pelo uso geral, que tem a seu favor boas auctoridades modernas, e já foi usado por Vieira na Carta 74.^a do tom. 2.^º (Veja-se Bluteau, *Supplemento*, e o *Diccionario da Academia*.) He porém abuso intoleravel e affectação ridicula chamar ao homem *assembléa maravilhosa de duas naturezas diferentes*, como achâmos escripto em huma obra impressa.

Atacar, Atacado, Ataque (*Ataquer*, &c.) — Aindaque todos estes vocabulos sejão mui proprios do idíoma portuguez, e se possão empregar sem violencia no sentido figurado, para significar, por exemplo, os *ataques da inveja, da enfermidade, da fortuna, da adversidade; atacar o adversario na disputa; ser atacado de razões contrarias*, &c.; julgâmos comtudo que se faz delles uso immoderado, nascido da lição dos livros franceses; e que se não devem desprezar, nem esquecer os vocabulos igualmente expressivos, e em certo modo mais portuguezes, com que os nossos bons escriptores exprimem a mesma idéa. Assim diremos, v. gr., os *insul-*

tos da inveja; os acommettimentos da molestia; os assaltos da adversidade; os accessos da febre, do furor, da colera; combater o adversario; ser salteado de tribulações, &c.

Attitude — Que alguns erradamente escrevem *actitude* e *aptitude* (do francez *attitude*, ou antes do italiano *attitudine*). He termo das artes de pintura, escultura e dança, e parece adoptado pelo uso geral dos artistas e homens doutos. Os nossos classicos dizião *postura, geito, talvez gesto, apostura, &c.*; v. gr., Camões, na bellissima descripção do gigante Adamastor, cant. 5.^º, est. 39.^a:

O rosto carregado, a barba esqualida,
Os olhos encovados, e a *postura*
Medonha e má ...

E nas *Rimas*, ode 10.^a:

O gesto bem talhado,
O airoso meneo, e a *postura*

Mausinho, *Affonso Africano*, cant. 8.^º

Os olhos poz no campo, e divisava
Hum mouro na *apostura* e segurança.

Sousa, *Vida do Arcebisco*, liv. 6.^º, cap. 7.^º: «Mostrava a pintura huma companhia de gente a huma estante, que nos gestos e trajo se divisava serem clérigos, e no *geito cantarem*».

E no mesmo liv., cap. 8.^º: «Os religiosos estavão com os olhos nelle, com hum *geito* de gente que pasmava do que via».

Frei Marcos de Lisboa, *Chronica*, part. 1.^a, liv. 1.^o, cap. 78.^o: «Segundo o affecto da oraçāo, assim tinha o *gesto* e continencia corporal».

Usemos pois embora de *attitude*: mas não desprezemos os nossos bons, e igualmente expressivos vocabulos portuguezes. *Aptidão* porém, em lugar de *attitude*, he hum erro grosseiro, que achâmos em certa traducção impressa, confundindo o traductor, por ignorancia, ou descuido, a palavra *aptitude* com *attitude*, que tem diversa orthografia, e mui diferente significação em franez.

Aturdido (*Étourdi*) — Por *estourado*, *desattentado*, talvez *aloncado*, he gallicismo desnecessario.

Auctoridades constituidas — He expressão inteiramente franceza, e hoje todavia muito da moda entre nós. Os nossos classicos, quando querião abranger todas as pessoas, que tem jurisdicção e auctoridade, chama-vão-lhes *ministros publicos*, *officiaes da republica*, *ministros e officiaes civis, militares e ecclesiasticos*; ou *ministros, juizes e officiaes de justiça, fazenda e guerra, e ecclesiasticos*, &c. Hoje querem que se diga *auctoridades civis, militares e ecclesiasticas*, que na verdade he expressão mais simples; mas a palavra *constituidas* he absolutamente superflua, e deve rejeitar-se; porque entre nós quem diz *auctoridade*, já suppõe que he *constituida*, e não o sendo, he *illegitima, usurpada e abusiva*.

Audacioso (*Audacieux*) — Não temos achado este vocabulo nos nossos auctores classicos, e comtudo não o reprovámos, visto ter boa origem e analogia, e ser harmonico e bem soante. Significa tanto como *ousado*, *audaz*, *atrevido*, *denodado*, *desenvolto em commetter qualquer empreza*, &c.

Avançar (*Avancer*) — Tem suas significações proprias no nosso idioma; mas parece-nos gallicismo dizer, v. gr., não ha absurdo algum, que não tenha sido *avançado* por algum filosofo, isto he, *ousadamente afirmado*. Sem fundamento *avançais* que a terra, &c., isto he, sem fundamento *vos abalançais a afirmar*; ou sem fundamento *ousais afirmar*, &c. *Avançar dinheiros* por *dal-os adiantados*, e *somas avançadas* por *adiantadas*, &c., tambem são expressões tomadas do francez, mas já naturalisadas entre nós, e empregadas até nos papeis ministeriaes. *Avanço* he de Vieira, que na *Informação ao Conselho Ultramarino sobre as cousas do Maranhão*, pag. 109, diz: «Sobre a introducção da moeda, que também se propoz na mesma Carta com o *avanço* de cento por cento, não me atrevo a dar juizo», &c. (Veja-se a respeito deste ultimo vocabulo o *Diccionario da Academia*.)

B

Baixo povo, Baixo clero (*Bas peuple, Bas clergé*) — Estas expressões usadas com frequencia pelos nossos traductores modernos tem resaibo de gallicismo; e a segunda he tão alheia e imprópria da nossa lingua, como indigna de ser adoptada em qualquer idioma polido. (Veja-se a respeito da expressão *bas clergé* a judiciosa reflexão de La Harpe no tratado *Du fanatisme dans la langue révolutionnaire*, § 2.º) Em lugar de *baixo povo* diremos mais á portugueza *plebe*, *gentalha*, *povo miudo*, *gente baixa*, &c. E pelo que respeita á expressão *baixo clero*, he de notar: primeiro, que a palavra *clero*, na sua accepção mais generica, comprehende os *Bispos*, *pastores*, *sacerdotes* e *ministros* da Igreja universal, ou de alguma igreja particular, e neste sentido dizemos o *clero da Igreja catholica*, o *clero da Igreja de Portugal*, o

clero da Igreja de França, &c.; segundo, que tomindo a mesma palavra em huma accepção mais particular, distinguimos entre o *clero* e o *Bispo*, e dizemos, v. gr., o *Arcebispo de Braga e o seu clero*, o *Bispo do Porto e o seu clero*, &c. Por onde quando quizermos falar separadamente dos Bispos e do clero, não diremos *o alto clero e o baixo clero*, como introduzirão os Franceses, acaso por orgulho e soberba do seu *alto clero*; mas sim diremos com linguagem mais decente e mais theologica *os Bispos e o clero*, ou *a ordem episcopal e a clerecia*, separando deste modo as jerarquias. Falando sómente dos Bispos e pastores subalternos, he tambem da linguagem theologica dizer *os pastores da primeira ordem, os pastores da segunda ordem*, ou como se explicava Gerson: *os prelados maiores e os prelados menores, &c.*

Banca-rota (*Banqueroute*)—He vocabulo adoptado para significar. *fallencia de bens, quebra de negociante*, que não tem com que pagar as suas dividas, ou letras. *Fazer banca-rota*, ou, como dizião os nossos antigos, *banco-roto*, quer dizer *fallir, quebrar de bens, &c.* Veja-se Bluteau no *Vocabulario e Supplemento*, palavra *banco*. He notavel o uso que faz deste vocabulo em sentido figurado Heitor Pinto, *Imagen da vida christãa, Dialogo da lembrança da morte*, cap. 2.^º, aonde diz: «Qualquer que se faz amigo do mundo, *faz banco-roto* com Deos, isto he, quebra com Deos, rompe com elle, ou faz-se seu inimigo».

Bandido (*Bandit*)—Por *bandido* he de Paiva, Vieira e outros: hoje se usa tambem com a significação franceza de *salteador, assassino, ladrão, malfeitor, &c.*, e como a primeira significação he auctorizada, não ha motivo de reprovarmos a segunda, que tem

analogia com ella. Veja-se adiante a palavra *Bri-gante*.

Barricar — Tomado modernamente do francez *barricader*, diz tanto como *entrincheirar*, ou atalhar com *tranqueira* e *entrincheiramento* o passo de algum lugar. He galicismo desnecessario e vocabulo pouco expressivo na nossa lingua. O mesmo dizemos do substantivo *barricada*, por *trincheira*, *entrincheiramento*, *tranqueira*, &c.

Bastonada — Por *pancada dada com bastão*, he vocabulo tomado do francez *bâtonné*; mas não desdiz da analogia da nossa lingua.

Bello espirito (*Bel esprit*) — Entre os Francezes he expressão com que se significa o homem *de bom juizo*, que tem *engenho vivo*, *boa fantasia*, que he *discreto*, *avisado*, &c. Em portuguez soa a galicismo e indica affectação.

Bello sexo (*Beau sexe*) — Não reprovámos absolutamente esta expressão, empregada para significar o *sexo formoso*, o *sexo feminino*, ou *as mulheres*; mas somos de parecer que se deve usar com moderação, a fim de evitar affectação e resaibo de galicismo.

Bem amado (*Bien-aimé*) — *Meu bem amado, meu filho bem amado, minha esposa bem amada*, &c., parece linguagem franceza e affectada. Em portuguez mais corrente dizemos: *meu querido, meu filho mui amado, mui querido, minha esposa dilecta, meu dilectissimo, meu muito caro amigo*, &c. Comtudo, alem de vir auctorizado em Moraes com o *Documento das Provas da Historia Genealogica*, tom. 5.^o, pag. 441, tem analogia nas

palavras *bem aventurado*, *bem afortunado*, *bem acondicionado*, *bem ditoso*, &c.; e na modernissima traducçāo de *Horacio* por Elpino Duriense, cuja auctoridade he para nós de grande pezo, achâmos, liv. 1.^o, ode 19.^a:

E mais Latona do summo Jove
A *bem querida*.

Bem mais, Bem menos (*Bien plus, Bien moins*)— Por *muito mais*, *muito menos*, soa a gallicismo, e não se deve usar, ao menos com frequencia. E comtudo não negâmos que o adverbio *bem* se acha algumas vezes nos classicos junto a outros adverbios, ou adjectivos, significando *quantidade*, v. gr., em Paiva, *Casamento perfeito*, cap. 6.^o, «*bem mais quieto*»; em Diogo Bernardes, *Rimas sagradas*, «*bem melhor dia*»; em Barreiros, *Tratado da significação das plantas*, pag. 335, «*bem d'antes lhe tinha prognosticado*»; em Fernão Alvares, *Lusitania transformada*, liv. 2.^o, pros. 9.^a, «*bem junto de hum penedo*», &c. Porém a affectada frequencia pôde fazer reprehensivel huma expressão, que aliás he boa e classica.

Bem ser (*Bien-être*) — He gallicismo e má traducçāo, porque o verbo *être*, nesta expressão, refere-se ao *estado*, e não á *essencia* ou *existencia*; e quando se julgasse necessario traspassal-o tão litteralmente, devêra dizer-se *bem estar* (como dizem hoje os Castelhanos) e não *bem ser*. Em portuguez corrente podemos traduzil-o por *prosperidade*, *felicidade*, *boa fortuna*, talvez *comodidade*, &c. Temos comtudo analogamente *bem fazer*, *bem querer*, *bem viver*, &c.

Bizarro, Bizarramente (*Bizarre, Bizarrement*)— Com a significação de *extravagante*, *extravagantemente*, isto he, *que se aparta do uso e termo commun de proceder*.

der, são puros gallicismos, de que não temos necessidade. *Bizarro, bizarria, bizarramente*, em bom portuguez significão *louçao, louçania, galhardo, galhardia, galhardamente*, e tambem *brioso, generoso, franco, liberal, primoroso*, &c.

Boa manhã (De) — He má traducçao do francez *de bon matin*, que diz tanto como o portuguez corrente *de madrugada, muito de madrugada, de manhã cedo, na primeira luz, ao romper do dia*, &c. Com igual razão, ou sem razão, se traduziria a outra expressão *de grande manhã* por *de grande manhã*, devendo dizer-se *alta madrugada, ao romper da aurora*, &c.

Boas graças — *Estar nas boas graças* do Soberano; *decahir das boas graças*, &c., são outros tantos gallicismos inadmissiveis, em logar dos quaes dizemos em portuguez: *estar na graça do Soberano, lograr a sua benevolencia, decahir da gruça, crescer na graça do Principe, arriscal-a, merecel-a, subir a ella*, &c.

Boletim (*Bulletin*) — Significa primeiramente *bilhete em que se dá recado para o exercito*, d'onde tomâmos a significação de *bilhete militar para apozentadoria dos soldados*, a que vulgarmente chamamos *boleto*. Hoje se diz tambem *boletim* por *diario, em que se participão ao exercito, ou ao publico, diariamente, as operações dos diferentes corpos de tropas*, e finalmente se tem ampliado a mesma significação a qualquer *diario, em que se comunicão ao publico quotidianamente algumas notícias*. He vocabulo propriamente francez, que se deve empregar com discrição. (Veja-se o *Diccionario de Moraes*.)

Bom Deos — Temos achado muitas vezes esta expressão *o bom Deos*, traduzida palavra por palavra do

francez *le bon Dieu*; e o mesmo Moraes na traducçāo das *Recreações do homem sensivel*, diz, não me lembra em que lugar: «*Esperemos no bom Deos, que elle se compadecerá de nós*». Porém a nossa lingua não admittē esta expressāo *com o artigo*, e nem costuma commumente, no estilo familiar, ajuntar epitheto algum á palavra *Deos*, que he por si só a expressāo de toda a bondade e de todas as perfeições.

Bom tom — Chamam hoje os afrancezados *homem de bom tom* o que *traja á moda*, que se *attribue o bom gosto das modas*, e *cujas maneiras e modos de pensar e obrar são da moda*. Parece-nos expressāo affectada de que podemos carecer.

Bonomia (*Bonhomie*) — Usa-se tambem hoje muito nas conversaçōes, e talvez em obras impressas. Os Franceses o derivárão modernamente, segundo parece, da expressāo *bon-homme*. Nós poderemos traduzil-o por *simplicidade, sinceridade, ingenuidade, singeleza, bondade, simplicidade de animo*, &c.

Brigante — Os nossos escriptores modernos tem usado deste vocabulo, acaso por não acharem outro com que exprimir a idéa completa do francez *brigand*. Nos diccionarios franceses-portuguezes *brigand* significa *ladrão, salteador, assassino, concussionario*, &c. Poderemos tambem algumas vezes traspassal-o em hum sentido mais generico por *malfeitor, malvado, facinoroso, desalmado*, &c., e com muita propriedade por *bandido*.

Brochado, Brochura (*Broché, Brochure*) — São termos da arte de *encadernador de livros*, que o uso geral e a necessidade parece terem adoptado. D'antes dizia-

mos por *brochado* livro *encadernado em papel*, e por *brochura, folheto ou caderno*.

Bruscamente (*Brusquement*) — He galicismo escusado. Em lugar de *sahir bruscamente* diremos *precipitadamente*; *respondeo bruscamente*, isto he, *asperamente, seccamente, sacudidamente*; *tractar alguem bruscamente*, isto he, *desabridamente, com esquivança, &c.* Temos comtudo em portuguez o adjectivo *brusco*, isto he, *escuro, annuviado*, d'onde dizemos *dia brusco, tempo brusco, atmosfera brusca, &c.* Daqui derivâmos para o sentido figurado *homem brusco, semblante brusco*, isto he, *triste, carregado*; e neste sentido, formando o adverbio *bruscamente*, diríamos, v. gr., *respondeo bruscamente*, isto he, *tristemente, carregadamente, com carregume, &c.* Mas esta parece não ser a propria significação do adverbio francez *brusquement*.

C

Cabotagem, Cabotar — São galicismos, que hoje se vão introduzindo, e que, ao nosso parecer, se devem corrigir. Por *cabotar*, temos o portuguez *costear*, que he classico, e significa *navegar costa a costa*; e por *cabotagem* dizemos *navegação de costa a costa*; mas se quizermos exprimil-o por hum só vocabulo, porque não diremos *costeagem*, ou *costeação*, assim como, de *marear* dizemos *mareagem*, ou *mareação*?

Cadastro — He tomado do francez *cadastre*, que significa *registro publico, lista, ou encabeçamento*, em que se contém o genero e valor das terras de cada comarca, e o nome de quem as possue. Poderia exprimir-se muito melhor por *censo*, que não he desconhecido na nossa lingua neste mesmo sentido, e que vem do latim *census*, isto he, *descripção e estado exacto dos nomes, bens, idade*

e condição das cabeças de familia, feita perante os magistrados, &c. Tambem se poderia exprimir por *alistaamento geral, ou recenseamento, &c.* Comtudo *cadastro* já vem usado nos papeis do governo.

Calculado — Temos em portuguez *calcular*, e *calculado*, com a sua primeira significação de *contar, contado*; mas no sentido figurado, quando se diz, v. gr., *este papel foi calculado para produzir irritação e não inclinação; deo huma resposta bem calculada para agradar, &c.*, parece novo em portuguez o uso deste vocabulo, que todavia he expressivo e energico, e se não pôde suprir por outro algum com igual força de significar, maiormente quando de proposito queremos dizer, que tal discurso ou acção foi de tal maneira concebido, *ponderado* e executado, que houvesse de produzir provavelmente o efeito que se pretendia.

Campanha (*Campagne*) — Este vocabulo he usado em sentido militar pelos nossos classicos, que a cada passo dizem: *pelejar em campanha aberta, correr a campanha, acabar a campanha, campanha da primavera, peça de campanha, &c.* Tambem dizem a *campanha de Roma*, entendendo *territorio de Roma* (Bluteau). Mas tomado genericamente por *campo, campina*, parece-hoja affectação de francezismo, comtudo acha-se em Vieira, *Sermões*, tom. 6.^º, pag. 390: «Morto está o Brazil, e ainda mal, porque tão morto e sepultado: fumeando estão ainda, e cobertas de suas cinzas essas campanhas». Em Jacinto Freire, *Vida de Castro*, liv. 4.^º, § 62: «Tinham ao norte huma pequena serra, d'onde descião alguns rios sem nome, que assim servião ao deleite, como à fertilidade da campanha». E modernamente no *Feliz Independente*, liv. 19.^º: «Quantas vezes se tem visto por esta só causa correrem tintos de sangue os rios, as cam-

panhas inundadas de cadaveres, os incendios da guerra ateados?» &c. E em hum poeta de mui distincto merecimento, que não duvidou dizer:

..... e outras hervas
Á luz colhidas da nascente lua
Nas *campanhas* do Ponto e da Thessalia

E em outro lugar:

E á mal distinta luz da froxa lua
Sobre a raza *campanha* Abracadabro
Com huma curta vara quatro linhas
De circulos pequenos logo traça.

Carnagem (*Carnage*) — Ha muito tempo se advertiu que o portuguez *carnagem* não tem a mesma significação, que o francez *carnage*. *Fazer carnagem e aquada* dizem frequentemente Barros e Castanheda para significarem *fazer provimento de carnes e agoa*. O francez *carnage* deve traduzir-se por *mortandade, matança, carniceria*, &c.

Chefe d'obra (*Chef-d'œuvre*) — Por *obra prima*, *obra perfeita, primor, perfeição*, &c., he hoje mui usado, e Moraes no *Diccionario* cita em abono delle hum Edital da Real Meza Censoria. O mesmo Moraes o usa algumas vezes na traducçō das *Recreações do homem sensível*. Comtudo hum filologo moderno de conhecido merecimento não duvidou reprovar este vocabulo, expressando-se da seguinte maneira a respeito delle: «Sempre se disse no nosso idioma *obra prima* por cousa bem acabada ou excellentemente bem executada, a que os ignorantes da lingua chamão *chefe d'obra*, clausula absolutamente franceza, que em nossa linguagem de nenhum modo pôde ser admittida, por lhe não ser analoga, nem em sentença, nem em soido; por ser de rude e dissonante pronuncia-

ção, e porque no meio tem desagradável cacofonia». *Obras poéticas* de Francisco Dias Gomes, not. 7.^a à ope 5.^a Nós acrescentámos, que da mesma palavra *chefe* tomada só por só, se faz hoje hum uso immoderado e digno de correção. Pelo que em lugar de *chefe de família, chefe do estado, chefe do exercito, &c.*, deveremos, ao menos algumas vezes, variar a expressão, dizendo com os nossos antigos *tronco, cabeça de família, cabeça do estado, cabo do exercito, da armada, cabeça da província, da comarca, cabeças do povo, &c.*

Chicana (*Chicane*) — He palavra puramente francesa, de que não temos necessidade alguma. Em português de bom cunho dizemos *trapaça, cavilação, enredo, tergiversação, dolo forense, rabulice, &c.* Sousa, na *Vida do Arcebispo*, liv. 4.^o, cap. 30.^o, descreve os que usão da *trapaça forense*, dizendo: «Trampões erão huns advogados, que com *manhas e astacias* dilatavão as demandas e entretinhão a justiça».

Chocar, Chocado, Choque (*Choquer, &c.*) — Dizemos em português *chocar* por dar huma bola na outra no jogo da *choca*; daqui *chocarem os navios* por *encontrarem-se, embaterem huns nos outros, abalroarem*; e também *choque na guerra*, por *encontro de corpos inimigos*, briga entre elles, &c. Porém no sentido figurado *chocar as opiniões*; este procedimento *choca os bons costumes*; as *paixões se chocão entre si*; o *choque dos interesses*; sofrer os *choques da fortuna, &c.*, parecem galicismos excusados e que se devem evitar, maiormente no estilo culto, attendendo á idéa baixa e torpe, que talvez excita o verbo *chocar*. Diremos pois em melhor português: *combater, contrastar* as opiniões; este procedimento *offende, affronta* os bons costumes; as paixões *se combalem, se encontrão, contendem, pugnão* entre si; o *combate* dos in-

teresses; *a pugna e oposição* entre elles; sofrer os *encontros*, os *impetos*, os *contrastes*, os *revezes*, os *vaivens* da fortuna, &c.

Coalição, Coalizado (*Coalition*, &c.) — São vocabulos trazidos modernamente do francez e ao nosso parecer desnecessarios. Em bom portuguez dizemos *liga*, *colligação*, *confederação*, *colligar-se*, *confederar-se*, e *colligado*, *confederado*, &c.

Cocar ou Cocarda — Bluteau o traz no *Supplemento*, e diz que significa *humas plumas levantadas no chapeo*. Modernamente se tem usado para significar o *tópe* ou *divisa*, que tambem se traz no chapeo. He derivado do francez *cocard*, e como temos com que o suprir em portuguez, parece-nos que não he para se adoptar.

Comitê — Do inglez *committee*, que significa *junta de deputados para examinar qualquer negocio*, tomáram os Francezes o seu *comitê* com a mesma significação. Os nossos portuguezes modernos o tem igualmente usado, conservando a propria pronunciaçāo e orthografia francesa. Mas nós não o temos achado em proposição, ou discurso algum, em que se não podesse traduzir commoda mente e com propriedade pela palavra *junta*, ou *commisão*, e por isso o julgāmos escusado.

Commandar, Commandante, Commando — São termos militares tomados do francez *commander*, &c., e hoje adoptados no nosso idioma. Em lugar delles diziamos d'antes *mandar* o exercito: *mandar huma armada*; *capitanear* a gente de guerra; *ter mando della*; *ter cargo* de huma batalha; pelejar debaixo do *mando* e *capitania* de alguem, &c. *Cabo* por *commandante* tambem he vulgar nos nossos classicos. *Commandamento*

por *commando* parece-nos não ser approvado pelo uso, e muito menos na significação generica de *preceito, ordem, mandado, &c.*

Commissionado (*Commissionné*) — Parece que não diz precisamente o mesmo que *commissario*, e que estes dous vocabulos nem sempre se podem reciprocamente permutar. Por isso o julgâmos conveniente, muito mais tendo boa derivação e analogia. Significa *o que tem commissão para fazer alguma cousa; o que he encarregado de tratar algum negocio, &c.*

Complacente (*Complaisant*) — Temos lido em algumas traducções *caracter complacente*, *homem complacente*, *marido complacente*, &c. He gallicismo, em cujo logar diríamos com melhor analogia *comprazenteiro*, e talvez com igual significação *condescendente*, *indulgente*, *cortez*, *benevolo*, &c. Comtudo não ousâmos reproval-o, visto ter origem latina, ser de algum modo necessário e ter analogia com a palavra classica *complacencia*. No *Espelho de perfeição*, impresso em 1533, achâmos já esta frase: «Conhecer e cumprir a *placentissima* vontade de Deos».

Comportar-se, Comportamento (*Se comporter, Comportement*) — São hoje mui usados na significação de *proceder, procedimento, &c.*, mas não tem auctoridade classica, nem os julgâmos necessarios no nosso idioma. Em lugar de *homem de bom*, ou *mau comportamento*, diremos *de bom*, ou *mau procedimento, de bons, ou maus costumes; de boa, ou má vida; bem, ou mal morigerado, &c.* *Comportar-se com moderação e juizo*, isto he, *portarse, haver-se, proceder, &c.* *Comportar-se segundo as leis da honra*, isto he, *dirigir-se, governar-se, regular-se por ellas, &c.*

Comprimentar — Por fazer comprimentos, diz Bluteau no *Supplemento* que he tomado do francez *complimenter*, e cita, para o auctorizar, uma *Gazeta de Lisboa* do anno de 1722. Hoje está adoptado e he sem duvida muito melhor que o circumloquio.

Comprometter, Comprometter-se (*Compromettre, Se compromettre*) — Tem estes vocabulos significação portugueza, com que são usados, e que pôde ver-se em Moraes palavra *comprometter*; mas quando se diz, v. gr., *comprometter a auctoridade, o credito, a dignidade, o nome, a palavra de alguem*, ou *comprometter-se em algum negocio, &c.*, commette-se gallicismo desnecessario e alheio da nossa lingua. As frases portuguezas que correspondem são *arriscar, aventurar, pôr a risco, expor a algum desar o credito, a honra, o nome, &c., aventurar-se em algum negocio, &c.*

Comptabilidade (*Comptabilité*) — Tem significação mais restricta que *responsabilidade*, e diz tanto como *obrigação de dar contas*. Vai-se usando na linguagem mercantil, e já vem na Lei de 26 de Outubro de 1797, tit. 5.^º Melhor se escreverá *contabilidade*.

Conducta (*Conduite*) — He hoje mui vulgarmente usado entre nós com a significação de *procedimento*, á imitação dos Francezes, Ingleses, Italianos e Castelhanos. Moraes já o metteo no *Diccionario*, aonde diz, que este vocabulo *abrange ao procedimento moral e prudencial, e que procedimento se refere mais ordinariamente ao moral*. O padre Pereira tambem o usou no *Compendio da vida, escriptos e doutrina de Gerson*, impresso em 1769. E igualmente o achâmos empregado nos *Estatutos novos da Universidade*, liv. 2.^º, tit. 1.^º, cap. 4.^º, e no *Feliz Independente*, liv. 23.^º, &c. Apezar porém destas aucto-

ridades e uso frequente, a opinião mais geral dos homens doutos e intelligentes da lingua portugueza he contra este vocabulo, e por isso o reprovámos e julgámos inadaptable na referida significação. Os nossos classicos dizião em lugar delle *procedimento, proceder, modo de proceder, genero de proceder, vida e costumes*; e em lugar de *conduzir-se, governar-se, haver-se, proceder, portar-se, &c.*

Confinar, Confinado, Confinar-se (*Confiner, Confiné, &c.*) — Em bom portuguez dizemos *confinar*, de hum lugar, ou povo que *está nos confins* de outro, que *comarca* ou *visinha* com elle, v. gr., *Galliza confina com Leão, &c.*; mas he gallicismo reprovado dizer, v. gr., *confinou-se no seu retiro, foi confinado em hum convento, os habitantes confinados a hum angulo do reino, &c.*, em lugar de *encantou-se* no seu retiro, foi *recluso* em hum convento, os habitantes *estreitados* n'hum canto do reino, &c.

Conjunctura — He vocabulo trazido do francez para a nossa lingua, e significa o *estado dos negocios*, a boa ou má disposição delles, a *conjuncção, ensejo, sazão*, talvez *opportunidade, &c.* Veja-se Bluteau no *Suplemento* e Moraes no *Diccionario*. Hoje está naturalizado entre nós; e em Mausinho, *Affonso Africano*, cant. 5.^º, já o achámos com a significação de *opportunidade* nestes versos:

Para que abrindo o tempo *conjunctura*,
Se entenda na conquista aspera e dura.

Conscrição (*Conscription*) — He palavra, com que nos presenteou a revolução franceza, e que julgámos não se dever usar, senão só e precisamente, quando se tracta do objecto que motivou a introducção. Nem he decente que com elles se exprima (como já temos visto), principalmente em papeis publicos e authenticos, o methodo

de *recrutamento* praticado entre nós, e tão alheio do rigor e barbaridade da *conscriptão franceza*.

Consolante (*Consolant*) — Não temos achado este vocabulo nos nossos classicos; e posto que reconhecemos a sua natural derivação do verbo *consolar*, e a frequencia com que o nosso idioma usa de semelhantes derivações; comtudo não o julgâmos necessario, visto haver em portuguez os adjectivos *consolador* e *consolatorio*, que podem supprir o francez *consolant*.

Contar (*Compter*) — Abusa-se por varios modos deste verbo, traduzindo ao pé da letra (como dizem) algumas frases em que os Francezes o empregão. Eis-aqui as mais usuaes, que agora nos ocorrem, com as suas correspondentes em portuguez:

Ne compter pour rien quelque chose: — *Desprezar, não ter em conta, estimar em nada, &c.* (latim *aliquid pro nihilo ducere*).

On ne peut compter sur l'amitié de ces gens-là: — Nada se pôde confiar na amizade destes homens, ou desta gente, ou desta casta de gente (*in hominibus hujusmodi stabilis benevolentiae fiducia nulla esse potest*).

Compter plus sur le général, que sur l'armée: — *Confiar mais no general que no exercito (plus reponere in duce, quam in exercitu)*.

Compter sur quelqu'un: — *Confiar de alguem, estar certo delle, ter toda a segurança a seu respeito, &c. (ponere certum in aliquo)*.

Il ne compte que sur vous pour toutes choses: — Em vós sómente *confia*: — em vós põe toda a sua confiança: — de vós espera tudo, &c. (*eius spes opesque sunt in te uno omnes sitæ*).

On ne peut encore compter sur rien: — Ainda o caso está muito duvidoso: — ainda o negocio não está segu-

ro: — ainda o negocio se não pôde dar por feito (*res tota etiamnum fluctuat*), &c.

Continencia (*Contenance*) — Por *aspecto, parecer, presença, semblante, gesto, &c.*, foi taxado de gallicismo por hum critico moderno; mas nós o achâmos usado pelos nossos classicos a cada passo. V. gr., Pina, *Chronica de D. Duarte*, cap. 10.^º: «e porém com graciosa continencia lhe disse», e cap. 31.^º: «como nas continencias de todos bem parecia»; e na *Chronica de D. Affonso V*, cap. 2.^º: «o Infante volveo a continencia ao povo». Barros, Dec. 1.^a, liv. 4.^º, cap. 9.^º: «mui attento esteve o Camori a todas estas palavras de Vasco da Gama, olhando muito a continencia com que as dizia», e na Dec. 2.^a, liv. 1.^º, cap. 1.^º: «Tristão da Cunha, ouvindo estas palavras, e a continencia, e efficacia, com que o Arcebispo fez o officio». E no liv. 6.^º, cap. 20.^º: «moveo do lugar com muito repouzo e grave continencia». No *Mazagão defendido*, poema manuscripto, cant. 2.^º, est. 52.^a:

Com hum airoso e grave continente
Parece confundir todo outro brio.

E no cant. 5.^º, est. 15.^a:

Estava o claro Sousa acompanhado
Esperando-os com grave continencia.

Contractar — Por *contrahir*, he hum erro em que tem cabido alguns traductores, acaso por não advertirem que o verbo francez *contracter* tem ambas as significações em diferentes circumstancias. Em portuguez corrente di-

zemos *contrahir* *dividas*, e não *contractal-as*; *contrahir* amizades; *contrahir* hum gosto; *contrahir* huma doença; *contrahir* defeitos; *contrahir* matrimonio, &c. E pelo contrario dizemos *contractar* huma compra, huma venda, huma troca, &c., e não *contrahir*. Na linguagem diplomatica pôde dizer-se indiferentemente *contrahir* ou *contractar* alliança; mas falando das pessoas que figurão no tractado, dizemos *partes contractantes*, e não *contrahentes*. A observação ensinará estes diferentes usos, que o bom escriptor não deve alterar a seu arbitrio.

Coquétte, Coquetterie — São vocábulos puramente franceses, que mui vulgarmente se empregão na conversação familiar, e que algumas vezes temos visto em traduções impressas, acaso por se julgar difficult traspassal-as com propriedade para o portuguez. Nós entendemos que *mulher coquéte* se expressará bem no nosso idioma por *mulher garrida, namorada, namoradiça*; algumas vezes *lasciva, desenvolta*; outras vezes *leviana, presumida e adamada*, dada á *galanteria*, &c. Ao substantivo *coquetterie* corresponde propriamente *garridice, galanice*, talvez *galanteio* e tambem *damaria*, &c. (Veja-se o *Diccionario de Moraes*, palavra *Loureiro*.)

Corte (Cour) — Por *conselho, tribunal, relação, camara*, he gallicismo que se não deve admittir em portuguez. Em lugar de *corte de justiça* diremos *tribunal de justiça*, ou *conselho*, ou *camara de justiça*, por *côrte marcial, tribunal marcial ou de guerra, conselho de guerra*, &c. Se em algum caso porém não podermos explicar a força da expressão francez por outra portugueza bem correspondente, como succede algumas vezes quando se tracta de algum particular tribunal francez; em tal caso será melhor descrevel-o exactamente, ou usar do proprio nome francez, explicando-o em nota, porque as

palavras afrancezadas, v. gr., *côrte de cassação* não se entendem melhor do que o puro francez *cour de cassation*.

Costume (*Costume*) — Em huma traducção impressa lemos *costume ecclesiastico*, *costume leigo*, por *habito*, ou *trage ecclesiastico*, *habito* ou *trage laical*, ou *leigal*, tomndo-se o vocabulo francez *costume*, pelo que materialmente soa, e não o distinguindo de *coutume*, a que corresponde o portuguez *costume*.

Costumes (*Mœurs*) — Sempre dissemos em portuguez homem de *bons costumes*, de *maus costumes*, de *costumes depravados*, de *costumes honestos*, &c., e tambem: os *bons costumes* são essenciaes ao estado eclesiastico; não ha verdadeira nobreza *sem bons costumes*, &c. Hoje porém he mui frequente, para significar *bons costumes*, tomar á maneira dos Francezes o vocabulo *costumes* absolutamente, e desacompanhado do adjectivo que o qualifica, dizendo, v. gr., o homem *sem costumes* he a peste da sociedade; *sem costumes* não pôde prosperar o estado, &c. Este uso tem ar de francezia, e não he para se imitar em portuguez sem reflexão, maiormente quando faz ambigua, e até absurda a frase, como succede, por exemplo, nesta proposição que achâmos impressa: «Deve o pai *conservar os costumes* do filho», que no nosso idioma vale tanto como dizer, que os deve *conservar*, quer sejaão *bons*, quer *maus*.

Crachá — Dão hoje este nome ao *habito*, *divisa*, *insignia* ou *venéra* de qualquer ordem militar, quando se traz *pregada* ou *bordada sobre o vestido*. He vocabulo francez escusado, e, ao que parece, de má origem. Na lei de 19 de Junho de 1796 se lhe dá o nome de *chapa* ou *sobreposto bordado*, e he só permittido aos gran-cruzes e commendadores.

D

Dados (*Données*) — Entre os Francezes he termo mathematico, e significa propriamente as quantidades, ou termos que nos são conhecidos, ou *dados*, e de que nos servimos para achar as *incognitas*, e resolver qualquer problema. Daqui o tomároa em sentido mais amplo para significar os *fundamentos*, *razões*, *circunstâncias*, ou *noções* previamente conhecidas, ou suppostas, sobre as quaes podemos fundar o nosso juizo a respeito de qualquer questão, ou facto; e neste sentido dizem: *Não tenho dados para decidir; não tenho dados sobre que possa fundar o meu juizo; não posso auxiliar desta acção por falta de dados*, &c. Os Portuguezes tem adoptado a mesma palavra com ambas as ditas significações: e se a primeira parece necessaria na linguagem mathematica, não ha razão de reprovar a segunda, huma vez que se empregue sem affectação e sem demasia.

De — Tem esta particula em portuguez tantos e tão varios usos, que só a lição assidua dos classicos os pôde bem ensinar. Segundo o nosso parecer, he gallicismo empregal-a nas frases seguintes:

A primeira cousa que fiz, foi de vir a Madrid, isto he, *foi vir*, &c.

O congresso consistirá dos deputados das provincias, isto he, constará *dos deputados*, ou formar-se-ha *dos deputados*, ou consistirá *nos*, &c.

Rogou á sua mestra de a deixar contar, isto he, *que a deixasse contar*, ou que *lhe deixasse contar*, &c.

Estou tentado de dizer, &c., isto he, *a dizer*.

Deve-se evitar com cuidado de inflamar a imagina-

ção das mulheres, isto he, deve-se evitar *inflammare*, ou, o *inflammare*, ou deve-se de evitar *inflammare*, &c.

Ver-se obrigado muitas vezes até de implorar a desgraça, isto he, até a *implorar*.

A barbaridade não lhes permite de saber fazer melhor uso dos braços, isto he, não lhes *permite saber*, &c.

O menor abuso, que fazem da vida dos vencidos, he de reduzil-os á *escravidão*, isto he, *he reduzil-os*, &c.

Exercito forte de vinte mil homens, isto he, *exercito de vinte mil homens*.

Muro alto de vinte palmos, isto he, *muro de altura de vinte palmos*: ou *muro de vinte palmos de alto*: ou *muro vinte palmos alto*, &c.

Para que os nossos leitores possão comparar os usos franceses com os portuguezes, apontaremos aqui algumas frases dos nossos classicos, em que se emprega a particula *de* de hum modo não mui vulgar, e são as seguintes:

Espero de te ser este meu desejo aceito. (Ferreira.)

Huma camilha, que não se iguala de outra alguma. (Barros, Dec. 4.^a, liv. 9.^o, cap. 3.^o)

Quão grato era da mercé, que tinha recebido. (Barros, Dec. 1.^a, liv. 9.^o, cap. 3.^o)

Depois que huma mulher deste sangue dos Naires he de idade de dez annos, em que se ha por *apta de ter maridos*. (Ibidem, Dec. 1.^a, liv. 9.^o, cap. 3.^o)

Que el-Rei e seus successores fossem *obrigados de amparar* e defender a elle Rei. (Barros, Dec. 3.^a, liv. 2.^o, cap. 2.^o)

Chamáramo-lhe de hereje luterano. (Sousa, *Vida do Arcebisco*, liv. 4.^o, cap. 6.^o)

O vulgo melhor *conhecido do muito*, que devia ao Arcebisco. (Ibidem, liv. 4.^o, cap. 13.^o)

O qual (Jesu-Christo) só por obediencia do Padre Eterno acceitou emquanto homem o pontificado. (Ibidem, liv. 4.^º, cap. 8.^º)

Leváraõ as santas reliquias para onde não havia esperança de as tornarem a ver dos olhos. (Ibidem, liv. 6.^º, cap. 20.^º)

Levão os olhos para a terra da promissão tão suspirada, e soluçada delles. (Heitor Pinto, *Imagen da vida christãa, Dialogo da tribulação*, cap. 2.^º)

Coge Çofar, que como monstro da terra, em que nascera, os pais e a patria o negavão de filho. (Jacinto Freire, *Vida de Castro*, liv. 2.^º, § 151.^º)

Desconhece-se de homem o que não sabe perdoar. (Arraes, Dial. 5.^º, cap. 4.^º)

Nem *desconhece de parentes* seus primos. (Ibidem, Dial. 10.^º, cap. 67.^º)

Cousa antedenunciada de Isaias. (Ibidem, Dial. 10.^º, cap. 68.^º)

Achou os lugarinhos tão miudos, e tudo o mais tão pobre, e de ultima miseria, que, &c. (Sousa, *Vida do Arcebisco*, liv. 5.^º, cap. 17.^º)

Os nossos pelejavão abrazados, soccorrendo-se, por unico remedio, das tinas de agoa para refrigerar-se. (Jacinto Freire, *Vida de Castro*, liv. 2.^º, § 148.^º)

Forão nesta conserva alguns navios de particulares, que por benevolencia do governador (isto he, benevolencia para com o governador), servirão graciosamente o Estado. (Ibidem, liv. 4.^º, § 43.^º)

Porém D. Manoel de Lima, ou por complacencia do governador (isto he, ao governador, ou para com o governador), ou por confiança de si mesmo, se offereceo para ficar na praça. (Ibidem, liv. 3.^º, § 34.^º)

Mulher já de trinta annos... e muito inclinada de fazer bem aos pobres. (Fernão Mendes Pinto, *Peregrinações*, cap. 124.^º)

Não querendo ser *ingratos* daquelle beneficio. (Moraes, *Palmeirim*, part. 1.^a, cap. 91.^o)

O pé direito, com que *começava de entrar*. (Fernão Alvares, *Lusitania transformada*, liv. 2.^o, pros. 2.^a)

A quem elle *desejava de comprazer*. (Barros, Dec. 4.^a, liv. 8.^o, cap. 10.^o)

Ordenou de fazer a fortaleza de madeira. (Ibidem, Dec. 4.^a, liv. 10.^o, cap. 2.^o)

Promettni a Christo *de jámais* o deixardes. (Arraes, Dial. 10.^o, cap. 83.^o)

Eu *desejo* ha muito *de andar* terras estranhas. (Camões, *Lusiadas*, cant. 6.^o, est. 54.^a)

Ordena de se tornar ao Rei. (Ibidem, cant. 8.^o, est. 91.^a)

Determina de ter-lhe aparelhado lá no meio das agoas, &c. (Ibidem, cant. 9.^o, est. 21.^a) &c.

Devemos porém advertir, que o uso actual da nossa lingua, e a regularidade de syntaxe, que aconselhão os principios da grammatica filosofica, nos não permittirão hoje empregar indiscretamente a mesma particula em frases semelhantes a algumas das que deixâmos referidas, só porque assim foi empregada por algum, ou alguns dos nossos auctores classicos; vistoque estes, por falta do estudo filosofico da lingua, cahirão em muitos defeitos, no que respeita á organisação da frase e discurso, que hoje serião erros graves, e talvez indesculpaveis.

Deboche, Debochado (*Débauche, Débauché*)— São puros gallicismos, trazidos para o portuguez sem necessidade alguma, e alem disso mal soantes aos nossos ouvidos. Temos em lugar delles *devassidão, soltura, despejo, licenciosidade, dissolução, demasia, estragamento de costumes, &c., devasso, licencioso, dissoluto, despejado, estragado, perdido, solto nos vícios, &c.*

Decrepitez — Parece tomado do francez *décrépitude*, que significa o estado de *velhice extrema, mui avançada, caduca*. Como não temos vocabulo algum com este significado, não reprovámos a sua introducção; mas preferiríamos *decrepitude*, que nos parece de melhor soido, e teríamos por melhor que ambos *caducidade* do adjetivo *caduco*, que diz o mesmo.

Deferencia (*Déférence*) — Não temos achado este substantivo em nenhum dos nossos classicos, e nos parece trazido imediatamente do francez com a significação de *respeito, attenção para com* pessoa superior. Mas temos o verbo *deferir* no mesmo sentido, e derivado do latim *deferre*, d'onde analogamente se pôde formar *deferença*, que aliás he auctorizado por hum uso mui geral.

Degelar — He tomado do francez *dégeler*, que vale o mesmo, que *desfazer-se o gelo*. Bluteau o traz no *Suplemento*, e cita a *Gazeta de Lisboa*. He necessario, expressivo e conforme com a analogia.

Degradar, Degradar-se, Degradação, &c. (*Degrader, &c.*) — Temos em portuguez *degredo* e *degradar*, ou *degradar* por *desterrar*, do latim *decretum* (do verbo *decerno*): e tambem *degradar* (da particula latina *de* e do substantivo *gradus*), isto he, *privar do grão*, ou *graduação civil, ou ecclesiastica, ou militar*; e neste sentido dizemos *degradar da nobreza, das ordens, da milicia, &c.* Mas quando no sentido figurado dizemos, v. gr., *as paixões sensuaes nos degradão*, isto he, *nos aviltão, nos envilecem, nos deshonrão, nos deslustrão: a indifferença e desprezo, que em Portugal se mostra ás letras degrada o caracter da nação*, isto he, *deprime, abate, envilece, desauctorisa, ou desdoura, o caracter, &c.*, parece ser frase franceza, que todavia não ousâmos reprovar, por

quão conforme he com a segunda significação do verbo *degradar*. Entendemos porém que se deve empregar com moderação e desaffectadamente, e sem nos esquecermos dos outros vocabulos do nosso idioma, que não são menos expressivos. Notem-se os seguintes lugares dos classicos portuguezes, e veja-se como elles exprimão com energia e variedade o mesmo conceito. Arraes, *Dial.* 1.^o, cap. 15.^o: «Muitas casas, que forão nobres e illustres, agora estão *descahidas e mascabadas*, por causa da liga e degeneração de seus descendentes». *Ibidem*, cap. 20.^o: «Em nenhuma cousa *se apouca* mais a natureza humana, que em se inclinar aos costumes da bestial». Sousa, *Vida do Arcebispo*, liv. 5.^o, cap. 14.^o: «Homens comparaveis aos antigos Curios e Cincinnatos, que não se abatião a vilezas». Lobo, *Côrte na aldeia*, edição de 1649, pag. 133: «Se o amor faz cego o amante, todavia não o faz vil». E logo ahi: «O cubiçoso he cego para não ver razão nem honra, e para *se abaixar* a todas as infamias». Vieira, Carta 73.^a do tom. 1.^o: «Amo muito a nossa patria, e não tenho pacienza para a ver *desluzida*, quando Deos e os homens a tem illustrado tanto», &c.

Departamento (do francez *Département*) — No principio da revolução franceza, deixada a antiga divisão por *provincias*, foi a França dividida em *departamentos*, que erão porções de territorio, a que se extendião certas autoridades estabelecidas para governo da republica, e que nós poderíamos sem erro chamar *comarcas*, ou *districtos*. Daqui ficámos adoptando este vocabulo, que sómente se deve empregar, quando se tracta da referida divisão, ou partes della. Mas tomando-se em geral por *repartição*, v. gr., *ministro do departamento da guerra tem a seu cargo o departamento das munições*, &c., he gallicismo que se não sofre em bom portuguez.

Depois — Por este vocabulo traduzem alguns erradamente o francez *d'après* nas seguintes frases: *A infel imagem que formámos depois das nossas conjecturas*, isto he, que formámos *segundo*, ou *conforme* as nossas conjecturas, ou que formámos *lerados* de nossas, &c.; *hum retrato depois de Rafael*, isto he, *copiado* de Rafael; *grande deve ser a emulação dos larradores depois de exemplos desta natureza*, isto he, *à rista de exemplos taes*; *mas eu posso assegurar depois da minha experien- cia*, isto he, *segundo* a minha experien- cia, ou posso assegurar *pela minha propria* experien- cia, &c.

Descoberta — Por *descobrimento*, v. gr., de novas terras, ou *achado novo* nas sciencias e artes, &c., parecemos vocabulo alheio da nossa lingua, e tomado do francez *découverte*. Moraes, no *Diccionario* o auctorisa com as *Ordenações do Reino*, na Collecç. ao liv. 4.^º, tit. 43.^º, n.^º 4.^º, § 4.^º, no que ha erro typografico, devendo ser Collecç. 1.^a ao liv. 2.^º, tit. 34.^º, n.^º 1.^º, § 4.^º Porém este lugar não auctorisa de modo algum o substantivo *descoberta*, no sentido que aqui reprovámos. As palavras da lei são estas: «Hei por bem que o Provedor das minas reparta as *descobertas*, e que se descobrirem», &c., aonde claramente se vê que *descobertas* he hum adjectivo referido a *minas*, e não o substantivo de que aqui tractámos, e pelo qual se disse sempre em bom portuguez *descobrimento*. Não occultaremos porém que na Lei de 26 de Outubro de 1796, tit. 6.^º, já vem com a mesma significação *novas descobertas*. Por occasião deste artigo advertimos, que a expressão adverbial *ao descoberto*, que parece gallicismo, vem comtudo algumas vezes em Heitor Pinto, *Imagen da vida christãa*, v. gr., no *Dialogo da tranquillidade da vida*, cap. 15.^º: «Esses vos tirão muitas vezes *ao descoberto*». E no *Dialogo dos verdadeiros e falsos bens*, cap. 16.^º: «Então lhes dá o mundo de rosto,

e lhe tira ao descoberto, isto he, sem dissimulação e sem disfarce». Igualmente he classico o substantivo *encoberta* por *asilo*, *valhacouto*, *escondrijo*, *lugar em que alguém pode estar sem ser descoberto pelo inimigo*, &c.

Desconfiar-se (Se méfier) — Parece-nos ao princípio galicismo usar do verbo *desconfiar* com significação reciproca, ou reflexa; mas depois notámos este uso em D. Francisco Manoel, *Carta de guia*, fol. 94 verso: «A mulher se *desconfia*, vendo o pouco que fião della». Em Vieira, Carta 26.^a do tom. 1.^º: «He certo que se não tivera tanta confiança nas promessas de Deos, não sei se me *desconfiárão* os nossos merecimentos». E nos *Sermões*, tom. 6.^º, pag. 451: «Os que se guardão para aquella hora, só tractão da saude do corpo, e quando esta se *desconfia* totalmente», &c. Sousa, na *Vida do Arcebisco*, liv. 1.^º, cap. 2.^º: «Da imbecilidade de sua natureza não *desconfiava*, porque conhecia suas forças... *desconfiava-o*, e fazia-o temer huma profunda humildade, em que avaliava tudo quanto fazia, &c.

Descozido (Décousu) — No sentido figurado, v. gr., *estilo descozido*, *ditos descozidos* por *estilo desligado*, *solto*, *desatado*, *ditos sem nexo*, talvez *sem concerto*, &c., parece-nos galicismo escusado, aindaque a metáfora seja igual. A expressão *palavras derramadas*, que achámos em alguns classicos, parece-nos que diz propriamente *palavras diffusas*, *não concisas*, e ás vezes *palavras alheias do intento*, ou *proposito* sobre que se tracta, v. gr., em Barros, Dec. 2.^a, liv. 6.^º, cap. 3.^º: «Vendo Affonso de Albuquerque palavras tão *derramadas*, e fóra do seu intento, aonde se refere á pratica de Tuam Bandam, que vindo de mandado de el-Rei de Malaca ver o grande Albuquerque, começou a *praticar com elle na disposição de sua pessoa*, e se trouxera boa viagem, sem tocar na

causa della, nem perguntar a que era sua vinda, &c.
A este mesmo lugar de João de Barros allude, e no mesmo sentido se deve entender a frase que vem na *Malaca conquistada*, liv. 6.^o, est. 50.^a

Albuquerque, ás *palavras derramadas*
Do cauteloso mouro respondendo,
Assi disse... &c.

E na *Lusitania transformada*, liv. 3.^o, pros. 10.^a, aonde se diz: «Hia por diante com os seus encarecimentos Urbano, por ser costume do amor fazer os amantes prodigos de *palavras derramadas*, em favor de quem amão», &c.; he facil entender, que *palavras derramadas*, significa aquelles *encarecimentos*, e expressões *largas e francas*, que são proprias de quem ama, &c.

Desér (dessert) — Os nossos bons antigos *sobremesa*, *póspasto*, e tambem *postres*, que he de Sousa, na *Vida do Arcebispo*, liv. 1.^o, cap. 22.^o Hoje até ás palavras se estende o luxo e francezia das mezas.

Desgostante — Com a significação de *nojoso*, *hediondo*, &c., he puro gallicismo, e muito má traduçãao do francez *dégouttant*. Dous vocabulos tem a lingua francesa, que soão do mesmo modo, e significão mui diversas cousas, a saber: o verbo *dé-goûter*, cujas raizes são *de* e *goût* (*gosto*) e significa *desgostar*: e o verbo *dé-gouter*, formado de *de* e *goutte* (*gôta*), que significa *gotejar*, *pingar*, *estilar gota a gota*, &c. Deste ultimo derivárão os Francezes o adjectivo verbal *dégouttant*, com o qual se formão as expressões *dégouttant de sang*; *dégouttant de sueur*, &c., isto he, *gotejando sangue*, *gotejando suor*, &c.; e daqui finalmente passárão ao uso absoluto do mesmo adjectivo verbal *dégouttant* tomado em mau sen-

tido, para significarem com elle hum objecto *nojento, asqueroso, esqualido, ascoso, hediondo*, e talvez *horrido, torpe*, &c., quasi como nós dizemos em frase pleblea de hum homem *immundo e torpe*, que he hum *pingante*, que *está pingando immundicie*, &c.

Deshabilhado (*Deshabillé*) — Estar *deshabilhado*, ou *em deshabilhé* dizem hoje os nossos afrancezados de quem está *desataviado, desalinhado, sem adorno, nem alinho, nem enfeite, mal composto, vestido a descuido, sem concerto*, &c. He gallicismo reprovado, sem embargo de termos tido o vocabulo, hoje antiquado, *habilhar*, ou *abilhar*, isto he, *ataviar*, do qual fala Duarte Nunes, *Origem da lingua portugueza*, cap. 17.^º

Desinfectar — Por *desinficionar* parece tomado do francez; mas Bluteau já o traz no *Suplemento*, citando huma *Gazeta de Lisboa* de 1722. *Desinfectador* he hoje adoptado na linguagem chimica, e necessario.

Desnaturar, Desnaturado (*Dénaturé*) — Temos ouvido taxar de gallicismos estes vocabulos, mas sem razão: Duarte Nunes, nas *Chronicas*, usa frequentemente de hum e outro, tanto para significar o que hoje mais vulgarmente dizemos *desnaturalização*, isto he, *privacão dos direitos de nacional*, como para exprimir o estado moral do homem, quando *despido dos affectos naturaes e dos sentimentos de humanidade*. Outros classicos os empregão no mesmo sentido. (Veja-se Moraes no *Diccionario*.) Mas *desnaturalizar factos* por *alteral-os, transformal-os, &c.*, he gallicismo escusado.

Desolado (*Désolé*) — Em bom portuguez dizemos, v. gr., *cidade desolada, paiz desolado*, isto he, *posto por terra, de todo arrazado, arruinado, &c.*; e talvez no fi-

gurado *religião desolada*, por *arruinada, destruida*, &c. Porém *mãi desolada, esposa, amante desolada* por *angustiada, magoada, afflita, amargurada*, &c., he gallismo, e metafora ao nosso parecer, pouco expressiva, por faltar-lhe o fundamento da analogia, ou semelhança.

Destacar, Destacamento, &c. — São termos militares trazidos do francez *détacher, détachement*, &c., e adoptados. (Veja-se Bluteau, *Prosas Portuguezas*, part. 1.^a, pag. 16.)

Detalhar, Detalhe, Detalhado (*Détail, Détailler*, &c.) — São vocabulos hoje mui usados não só na locução vulgar, mas tambem nas correspondencias publicas, principalmente militares, e até nos papeis do governo. (Veja-se o Alvará de Regimento de 7 de Janeiro de 1797.) Significação *particularizar* os factos e suas circumstancias, *relatar miudamente, referir com miudeza, expor circumstaciadamente: relação por menor, particularidade*, ou *individuação* no referir os factos, &c. Não parecem alheios da analogia do nosso idioma, aonde temos *talhe, talho, retalhar, retalhado, entalhar, entalhado, entalho*, &c. Comtudo o uso das pessoas duntas e judiciosas ainda repugna á introducção destas vozes, e nós preferiríamos dizer, v. gr., com Vieira, Carta 25.^a do tom. 1.^º: «Não posso encarecer a Vossa Senhoria quanto estimei a relação *por menor* do exercito», em lugar de *relação detalhada*. E na Carta 113.^a, dando noticia de huma batalha entre Francezes e Hollandezes: «Esperão-se as *particularidades* no correio seguinte», que hoje se diria *os detalhes*. E na Carta 32.^a do mesmo tom. 1.^º: «Com as cartas de Vossa Senhoria soubemos as *circumstancias* (os detalhes), e auctoridade das capitulações, que com alvoroço se esperavão», &c. Na *Vida de Castro*, liv. 4.^º, § 30.^º, tambem se diz: «Referio os casos da ba-

talha com tão *particulares accidentes*, como quem sabia o successo», &c. Moraes, na traducçao do *Compendio da historia portugueza*, usa do verbo *miudear*, em lugar de *detalhar*, ou *referir pelo miudo*. Finalmente he erro grosseiro dizer: Não podemos ainda dar o *detalhe circumstanciado* deste negocio, que vale tanto como *detailede detalhado*, ou *circumstancias circumstanciadas*.

Dethronar (Detróner) — Não o temos achado nos nossos classicos, mas sim em lugar delle *desthronizar*, ou *desenthronizar*.

Dia — Lemos em obra portugueza original estas frases: *Apresentar as auctoridades em o dia mais favoravel á causa; apresentar em hum dia favoravel os feitos que devem ser discutidos*, &c. São gallicismos, em lugar dos quaes devemos dizer: Expor os factos *pela face* mais favoravel; apresentar as auctoridades *na melhor luz*, ou *á melhor luz*, &c.

Differença — Com a significação de *desavença* entre duas ou mais pessoas, e *differente* por *desavindo*, diz Bluteau no *Supplemento*, que são tomados do francez; e como sómente cita a favor delles huma *Gazeta de Lisboa* de 1726, parece que os teve por modernos. Mas o primeiro he frequentissimo em Barros, v. gr., na Dec. 2.^a, liv. 4.^º, cap. 2.^º: «Temendo esta visitação por parte de el-Rei de Melinde, pelas *differenças*, que entre elles havia». Dec. 3.^a, liv. 1.^º, cap. 10.^º: «As quaes *differenças*, não sómente lhe custaram honra, fazenda, e muito trabalho», &c. E na mesma Dec., liv. 1.^º, cap. 6.^º: «Porque entre mortos de fome, sede, doenças, naufragios, *differenças de alguns mal avindos*, e outros desastres», &c.

Diligencia — Com o nome *diligence* nomeão os Fran-

cezes certas *carruagens* em que se viaja com muita brevidade. He adoptado entre nós, e auctorizado pelos papeis do governo.

Disponivel — Parece-nos que a significação do francez *disponible* nem sempre se pôde traspassar ao portuguez com toda a sua propriedade sem circumloquio: nestes casos usaremos de *disponivel*, assim como Vieira já usou analogamente de *supponivel*. Em outros casos poderemos suprir este adjectivo por *prompto, prestes, cousa que está a ponto, &c.*

Domestico (*Domestique*) — Tomado como substantivo na significação restricta de *criado, servidor, moço*, parece não ser auctorizado pelo uso da nossa lingua, nem termos delle necessidade. Não he porém erro usal-o com a significação mais generica, para significar *collectivamente* todas as pessoas, que compõe a familia de alguém, como *filhos, moços, criados, acostados, apaniguados, &c.*

E

Eclusa — Por *digue*, ou *reparo*, he vocabulo francez, que hoje está em uso, e que já Bluteau metteo no *Suplemento ao Vocabulario*. Acha-se repetido no Regulamento publicado com o Alvará de 20 de Fevereiro de 1795, art. 31.^º e seguintes.

Edificante (*Édifiant*) — He termo modernamente trazido do francez para significar o mesmo que *edificativo, exemplar*. Tem boa derivação, e já vem nas *Provas da Deducção Chronologica*, pag. 298.

Effeitos (*Effets*) — Com a significação de *moveis, mer-*

cadorias, generos, fazendas, &c., he tomado do frances; mas está mui adoptado na linguagem mercantil, e já foi usado por Vieira na Carta 15.^a do tom. 1.^o, aonde diz: «Os empenhos das guerras presentes, a que os *efferitos* da Fazenda Real estão divertidos», &c. Tam-bem se acha na proposição do Bispo Capellão mór ás cōrtes de 1653, aonde falando dos dous milhōes e meio offerecidos para a guerra, diz: «Consignastes estes na decima parte do rendimento que tivesséis, e em outros *efferitos* diferentes». (*Investigador Portuguez*, em Inglaterra, n.^o 12.)

Effervescencia — A respeito deste vocabulo tomado no sentido moral figurado diz Francisco Dias Gomes, *Obras poeticas*, not. 16.^a á eleg. 10.^a: «Nunca vi exemplo deste vocabulo nos nossos classicos; mas sendo muito usado pelos auctores francezes, cuja lingua he assás conhecida na nossa terra, não deve causar estranbeza fazer-se delle uso: alem de que esta palavra he de significado facil, e he sonora; e posto que não exista na lingua latina, existem as suas origens, cujos significados são notorios, ainda aos que a não sabem». No sentido proprio e fysico já o traz Madureira, e he adoptado na linguagem chimica.

Effusão (*Éffusion*) — Temos este vocabulo na significação formal por *derramamento*. Pelo que julgāmos que sem inconveniente se pôde adoptar no sentido figurado para significar a *effusão do coração*, a *effusão da ternura*, &c.

Egoismo (*Égoïsme*) — Esta palavra, que hoje se acha adoptada pelo uso geral, parece accommodada, até necessaria, para com ella exprimirmos aquella especie de *amor proprio vicioso*, com que o homem, attendendo

sómente a si, dá huma absoluta, injusta, e mal entendida preferencia aos seus interesses, postergado o bem geral da sociedade, e os interesses legitimos dos seus concidadãos, ou ainda de todos os outros homens. He verdade que a expressão *amor proprio* se toma muito frequentemente pelo *amor excessivo e vicioso de nós mesmos*: mas nem esta he a natural significação dos termos, nem ainda nos parece, que esse *amor proprio excessivo* exprima tanto como o vocabulo *egoismo*, o qual se entende de hum *amor proprio* em tal maneira *vicioso, desordenado e exclusivo*, que rompe todos os vinculos sociaes, e faz do *egoista* hum verdadeiro monstro tão abominavel, como perigoso.

Elançar-se (S'élancer) — He palavra puramente francesa, e trazida sem razão para a nossa lingua. Temos em lugar della *arremecer-se, abalançar-se, arrojar-se*, talvez *arremetter*, &c. Nesta frase, v. gr., que achâmos impressa: Templos, cujas torres sobem, e se *elançao* para Deos: devemos dizer em bom portuguez: *Cujas torres sobem ás nuvens, ou tocão o ceo, ou rão ás nuvens, e tocão o ceo*, &c.

Electrizar — E os seus derivados (de origem grega) são modernos, mas indispensaveis na linguagem scientifica, e adoptados pelo uso geral dos doutos.

Eléve (Élève) — Por *discípulo, alumno, escolar*, he puro gallicismo, que erradamente tem alguns querido introduzir na nossa lingua.

Em, No, Na (En) — He notavel o abuso que se faz destas particulas, passando ao portuguez muitas frases francesas, em que ellas entrão, e empregando-as sem discrição contra o uso do idioma. Daremos alguns exemplos

dos muitos que temos notado, para servirem de aviso aos menos doutos, ou menos advertidos.

Falar em filosofo, em historiador; isto he, *como filosofo, como historiador.*

Ser mandado em parlamentario, isto he, *ser mandado como parlamentar, ou ser mandado parlamentar, &c.*

Em homem religioso, e mesmo em homem de letras estou persuadido, &c., isto he, *como homem religioso, e ainda como homem de letras, &c.*

O texto e objecto em questão, isto he, *de que se trata, sobre que versa a questão, &c.* Esta frase *o objecto em questão, o negocio em questão, &c.,* he mais concisa, e a ellipse facil de entender-se, e por isso a não reproduvâmos.

Pôr em facto, isto he, *como facto, suppor, suppor como certo, dar por certo, &c.*

Eis-aqui pois, disse eu em mim mesmo, &c., isto he, *disse eu comigo mesmo.*

Ser mandado *em qualidade* de embaixador; obrar *em qualidade* de pai, &c. Estas frases, que não temos achado nos classicos portuguezes, são hoje mui usadas, e tem a seu favor algumas auctoridades modernas, taes como a do padre Pereira, na *Prefação ao Livro do Exodo*, aonde diz, mais de huma vez, falando do divino Legislador dos hebreos: *em qualidade de Deos, em qualidade de Rei, em qualidade de Principe, &c.;* e a do *Feliz Independente*, liv. 18.^º: «Hum varão maduro e politico, que possa *em qualidade de pai*, e supremo conselheiro assistir a seu lado», &c. A mesma expressão se acha tambem algumas vezes nos *Estatutos novos da Universidade*, por exemplo, no liv. 3.^º, part. 2.^a, tit. 2.^º, cap. 1.^º, n.^º 9.^º: «Os ouvintes obrigados a alguma parte do curso mathematico, poderão ouvir o resto *em qualidade* de voluntarios»; e logo no cap. 4.^º, n.^º 1.^º: «Nenhum estudante poderá ser admittido á matricula de mathematica *em*

qualidade de ordinario, &c. Sem embargo porém destas auctoridades e uso, julgâmos que a mesma expressão se pôde suprir bem no nosso idioma pela particula *como*, ficando a frase mais concisa e mais analoga ao uso latino.

Obrar na qualidade de chefe de familia, isto he, *como cabeça de familia*. Esta frase parece-nos mais reprehensivel que a antecedente. O artigo não só he escusado, mas altera e talvez faz ambiguo o sentido do discurso, como se vê, por exemplo, neste periodo : *Deos permitte e tolera na qualidade de Principe e de Rei dos hebreus aquillo mesmo, que elle condemna na qualidade de Deos e de Juiz.*

Este direito parece odioso nos actuaes costumes, isto he, *segundo os actuaes costumes*. Esta e outras semelhantes expressões não duvidâmos que possão adoptar-se em alguns casos, mas devem usar-se com discreção, e de maneira que não fação ambiguo o sentido de quem fala, ou escreve. Se, por exemplo, em lugar de *direito* substituirmos outro vocabulo, e dissermos *este defeito, este crime parece odioso nos actuaes costumes*, ficará o leitor ignorando se *este crime existe nos actuaes costumes, e parece odioso*, ou se *existe em geral, e parece odioso*, porque os actuaes costumes o repugnão, &c. O mesmo se deve vestir respectivamente ácerca das expressões seguintes :

Parece que do espirito da legislação de Moisés não devião as artes ser exercitadas, isto he, *segundo o espirito*.

He neste projecto que elle nos prohíbe, isto he, *com este projecto, ou intuito* he que elle nos prohíbe, &c.

Na mesma intenção obrigavão as leis, &c., isto he, *com a mesma intenção, ou a mesma intenção tinham as leis, quando obrigavão, &c.*

Ultimamente para que o leitor possa fazer mais seguramente o seu juizo, e avaliar o merecimento das diferentes frases, em que se empregão estas particulares, dar-lhe-hemos aqui algumas das muitas e mui varias, que a

cada passo encontrâmos nos classicos portuguezes, e que se devem estudar e entender com a limitação que já apon-támos, falando da particula *De*.

Todas as cousas de novo e na primeira vista contentão mais. (Lobo, *Corte na aldeia*, Dial. 14.^º)

Os idолос são as cousas a que em despeito de Deos nos afeiçoâmos. (Heitor Pinto, *Imagen da vida christãa, Dialago da verdadeira amizade*, cap. 1.^º)

Depois que sahimos em terra. (Ibidem, cap. 16.^º)

Passou em Africa, em Asia, em França, &c. (Lucena, Barros e os mais a cada passo.)

O qual aportou na cidade — sahir na cidade. (Barros, Dec. 1.^a, liv. 1.^º, cap. 9.^º, e liv. 8.^º, cap. 9.^º, &c.)

Enchia todolos lugares... que estavão em vista da ribeira. (Barros, Dec. 2.^a, liv. 6.^º, cap. 2.^º)

Eu que vim em o mundo, vestido em sua pompa (*Chronica dos Menores*, cap. 2.^º do liv. 1.^º)

A passada de el-Rei D. Sebastião em Africa. (*Miscellanea de Miguel Leitão*, pag. 188.)

Mancebo bem posto, com as abas na cinta á guiza de caminhante. (Arraes, Dial. 10.^º, cap. 36.^º)

Quem duvida nisso? (Heitor Pinto, *Imagen da vida christãa, Dialago da lembrança da morte*, cap. 5.^º, e em outros lugares.)

E porque o dito Rei o não quiz fazer, nem conceder nisso. (Duarte Nunes, *Chronica de D. Affonso V*, cap. 51.^º)

Os mais dos nossos erão em parecer que não convinha pelejar com elles. (Barros, Dec. 3.^a, liv. 7.^º, cap. 10.^º)

Homem usado na guerra. (Ibidem, liv. 8.^º, cap. 9.^º)

Se resolverão em deixar o mundo. (*Miscellanea de Miguel Leitão*, pag. 123, e nos classicos a cada passo.)

Affirmando que em razão de homem, e letrado, e virtuoso, e de valor, não achava quem melhor merecesse o cargo. (Sousa, *Vida do Arcebispo*, liv. 1.^º, cap. 6.^º)

Propoz douz pontos muito essenciaes... se bem hum

pouco azedos, e que ferião nos olhos a muitos. (Ibidem, liv. 2.^º, cap. 13.^º)

Assi começou em chegando a Braga a alargar a mão. (Ibidem, liv. 4.^º, cap. 13.^º)

E como trazia em prompto, e como contadas pelos dedos, todas as despezas. (Ibidem, liv. 4.^º, cap. 24.^º)

Neste lugar vierão os fundadores em tamanha desavença. (Ibidem, cap. 26.^º)

Cuidando no modo que teria para se restituir na graça do Soldão. (Barros, Dec. 3.^a, liv. 4.^º, cap. 3.^º)

Acudindo ora n' huma parte, ora n' outra. (Barros, Dec. 4.^a, liv. 4.^º, cap. 8.^º)

Huma serra tão alta e ingreme, que sobe em altura de sete leguas. (Ibidem, Dec. 3.^a, liv. 2.^º, cap. 4.^º)

Quando a mesma avareza se sobe em alto. (Barreiros, *Tratado da significação das plantas*, pag. 321.)

Mandar em presente, isto he, de presente. (*Paralelo de Príncipes*, cap. 63.^º)

Aquelle que quizer vir em poz mim. (*Espelho de perfeição*, liv. 3.^º, cap. 29.^º)

Aparelhado em o negamento de si mesmo. (Ibidem, liv. 4.^º, cap. 44.^º)

O amante trasportado na imaginação do que ama, &c. (Lobo, *Córite na aldeia*.)

Este he o meu filho muito amado, no qual muito me agradei. (Vieira, *Sermões*, tom. 7.^º, n.^º 221.)

E elle se ouve em fórmula que sempre sahio vencido, &c. (*Paralelo de Príncipes*, cap. 70.^º)

Intento mais em seus ganhos, que em inquirir verdades. (*Miscellanea de Miguel Leitão*, pag. 225) &c.

Em bom ponto — Esta expressão tomada palavra por palavra do francez *en bon point*, foi usada pelo auctor do *Palmeirim*, cap. 139.^º: «Tomou a redea ao cavallo que achou em bom ponto». E tambem se acha na *Chro-*

nica do Condestarel, cap.. 57.^º: «Atá que foi sāo e em bom ponto». E no cap. 68.^º: «Eu sou em bom ponto de minha saude». Hoje he expressão antiquada.

Embecil. Veja-se *Imbecil*.

Embellecer, Embellecido, Embellecimento — Temos achado muitas vezes estes vocabulos, assim como tambem o adjectivo *embellezado*, empregados nas traduções modernas, como respondentes ao francez *embellir*, *embelli*, *embellissement*. Porém o adjectivo *embellezado* de *embellezar* tem significação mui diversa na nossa lingua, e os outros vocabulos, bem que não encontrem a analogia, parecem desnecessarios, visto termos com a mesma significação os verbos *ornar*, *adornar*, *ornamentar*, *enfeitar*, *aformosear*, *aformosentar*, &c., os adjectivos *ornado*, *enfeitado*, *aformoseado*, &c., e por *embellissements*, *ornatos*, *adornos*, *enfeites*, &c. Temos tambem lembrança de achar em hum poeta moderno o adjectivo *alindado* e o verbo *alindar*, derivado do substantivo *lindo*.

Embellezante (*Éblouissant*) — Não ousâmos reprovar esta innovação, porque não desdiz da analogia, e porque os dous vocabulos conformão em significação. *Éblouissant*, cousa que céga, que *deslumbra com o seu esplendor*: *embellezante* cousa que *embebeda com a sua beleza e formosura*, &c. Assim podemos dizer o *embellezante disco do sol*, que em portuguez mais usual se diria o *rutilante*, o *refulgente*, *coruscante*, &c., aindaque não com a mesma força de exprimir. Em hum poeta moderno achâmos *deshlumbrante* no mesmo sentido:

..... coberta a altura
Do soberbo palacio
Com *deshlumbrante* alvissimo regelo.

Emigrar, Emigrado, Emigração—São vocabulos que modernamente tomámos dos franceses *émigrer*, *émigration*, &c., e significão *sahir da patria*, ou, em geral, *sahir de hum lugar para passar a outro*, isto he, de *hum reino para outro*, de *huma cidade para outra*, &c. São de origem latina, e conformão com a analogia do idioma portuguez, aonde temos *transmigração*, que significa propriamente *o passar alem*, e *remigração*, que he de Vieira na Carta 39.^a do tom. 1.^o, e significa *o voltar para a patria*, ou para o lugar d'onde se emigrou. Tambem se pôde dizer *migração* tirado do latim *migratio*.

Emissario (Émissaire)—He gallicismo de que não temos necessidade, mas que o uso vai adoptando, e que não encontra a analogia, alem de ser de origem latina. Diz tanto como *mensageiro*, e ás vezes *esquia*.

Emittir—He tomado do frances *émettre*, e usa-se na linguagem *fiscal*, v. gr., *emittir apolices do erario*, *emitir bilhetes do banco*, por *crear apolices*, *bilhetes*, &c. Não o reprovâmos nesta significação, porque he expressivo, tem boa origem e he derivado conforme a analogia. Mas *emittir hum roto*, isto he, *dal-o*, *expressal-o*, &c., he frase escusada em portuguez.

Emoção (Émotion)—He tambem trazido do frances sem necessidade. Em lugar delle dizemos *commoção*, *agitação*, talvez *turbação*, ou *perturbação do animo*, e propriissimamente *abalo*. Sá de Menezes, na *Malaca conquistada*, liv. 2.^o, est. 113.^a, parece usar de *alterações* no mesmo sentido quando diz:

Áquella parte inclina o rostro brando,
Novas alterações na alma sentindo.

Empalecer (Pálir ou Devenir pále)—He innovação

contraria á analogia do nosso idioma, e alem disso escusada. Em bom portuguez dizemos com muita propriedade *empallidecer*, que he de João Franco Barreto, e tambem *amarelecer*, que he de Ferreira, egloga 19.^a: «A mão te treme, o rosto *amarelece*», ou *emmarelecer*, que he de Arraes, Dial. 8.^o, cap. 12.^o: «A face *emmarelece* e todo o corpo se resfria». Tambem se pôde ás vezes traduzir por *desmaiár descorar, enfiar, perder a cōr do rosto*, ou *fugir-lhe a cōr do rosto*, &c.

Encorajar, Encorajado (*Encourager*) — Não temos necessidade alguma destes vocabulos, cuja significação se pôde trasladar em portuguez por muitos outros de boa nota, e igualmente expressivos. Taes são, por exemplo, *esforçar, alentar, animar, incitar, affouilar, espertar, dar animo, dar ousadia, accender o animo, metter brios*, &c. Todavia temos auctorizadas com exemplos dos nossos melhores classicos as palavras *coragem* e *corajoso*, d'onde facil e naturalmente se podem derivar *encorajar* e *encorajado*.

Endossar, Endossador, &c. — São usados na linguagem mercantil e auctorizados pelas leis modernas. Veja-se o Alvará de 16 de Janeiro de 1793 e o Decreto de 29 de Outubro de 1796, &c.

Engajar (*Engager*) — Temos achado este vocabulo em alguns impressos modernos com a significação de *assalariar, assoldadar, &c.*, v. gr., *musico engajado para o regimento*, o que he gallicismo grosseiro e intoleravel. Mas ainda nos parece mais torpemente empregado em huma traducção tambem impressa, onde lemos: «Trouxe vinte homens escolhidos para pagar-lhes o seu *enganche*», tomindo, como parece, a palavra *enganche* do frances *engagement*.

Entamado (*Entamé*) — Duvidâmos da legitimidade e pureza deste vocabulo, porque o não temos encontrado em auctor classico, nem em algum dos nossos diccionarios. Mas muitas vezes o temos ouvido na provincia do Minho da bôca de pessoas indoutas e até rusticas, que de nenhum modo o podião haver tomado do francez, e querião dizer, v. gr., *está o negocio bem entamado*, isto he, bem, *começado*, bem *entabolado*, bem *encetado*, ou bem *estreado*, &c.

Entestar-se, Entestado — Ile mui portuguez o verbo *entestar*, cujas significações se podem ver em Moraes. Mas quando se usa no sentido do francez *s'entêter*, *entête*, he puro gallicismo, em lugar do qual dizemos *obstinar-se, porfiar, preoccupar-se, ou prevenir-se fortemente; obstinado, teimoso, porfioso, capitoso, opiniatico, contumaz*, e em frase plebea *cabeçudo*. Bernardes usa tambem do adjectivo *ateimado* na *Nova Floresta*, tom. 5.^o, pag. 251, aonde diz: «Quem, se não estiver cego da paixão, ou *ateimado* no que huma vez tomou a peitos, pôde negar», &c. Veja-se em Moraes a palavra *ateimado*.

Entrave — Por *estorvo, obstaculo, embaraco, impedimento*, he gallicismo grosseiro e escusado.

Entrechocar-se (*S'entrechoquer*) — Diz-se de dous corpos que embatem hum no outro, *estando ambos em movimento e reciprocando o seu encontro*, ou choque. A sua significação não he identica com a do verbo *chocar*, e por isso nos parece necessario, alem de não desdizer da analogia.

Entrecortado (*Entre-coupé*) — Tambem não julgâmos alheia do nosso idioma a composição deste vocabulo,

visto termos *entrecosido*, *entresachado*, *entretecido*, *entre visto*, &c.

Entrepreza, Entreprendre, &c. Veja-se *Interprender*.

Equipagem — Temos em portuguez a palavra *esquipar*, derivada da raiz *schiff* (*natio*), que se conserva no allemão (d'onde o latim *scapha*, o portuguez *esquife*, isto he, *pequeno batel*, o belgico *schipper*, isto he, marinheiro, &c.), e com ella dizemos *esquipar a galé, a não, &c.*, por *metter-lhe a gente necessaria para a mareação*, e tambem *esquipar huma armada*, por *aprestal-a, apparelhala, &c.* Daqui derivâmos o substantivo *esquipação* para significarmos com elle *a gente e aprestos necessarios para marear o navio*. Hoje em lugar do vocabulo *esquipação* usâmos de *equipage* ou *equipagem*, tomado do francez *équipage*, e não só o empregâmos no mesmo sentido de *esquipação*, senão tambem o ampliamos para significar, à maneira do francez, *todos os aprestos e preparos de hum exercito de terra*, e alem disso, *todo o apparato de criados, carruagens, alfaias, &c.*, que compõem o trem e comitiva de alguma pessoa, ou familia. Parece-nos adoptavel em todos estes sentidos, e hoje muito preferivel a *esquipação*, visto se ter feito tão vulgar o uso desta palavra no sentido de *extravagancia, singularidade talvez ridicula, modo de obrar, ou discorrer alheio do commum, &c.*

Erigir-se em juiz, em critico, &c. — He frase francesa. Em portuguez não temos achadô o verbo *erigir* com significação reflexa, no sentido de *arrogar hum homem a si huma qualidade que lhe não compete*. Diremos antes *fazer-se juiz, constituir-se tal, arrogar essa auctoridade, &c.*

Escravizado — He vocabulo que vai sendo da moda até nos pulpitos, e que parece tomado do francez, tambem moderno, *esclavisé*. Em portuguez limpo dizemos, v. gr., homem *subjugado*, *captivado*, *avassallado*, *tyrannizado* das paixões, e não *escravizado*.

Espectador (*Spectateur*) — He conforme com a analogia e adoptado pelo longo uso. O mesmo dizemos de *espectavel* por causa *digna de se ver*, causa *muito para ver*, *illustre*, *notavel*, &c. Ambos tem origem na lingua latina.

Espião, Espionagem (*Espion, Espionnage*) — Nos auctores portuguezes de boa nota sómente achâmos *espias*, *explorador*, *espiar*, *explorar*, que dizem tanto como o francez *espion* e *espionner*. E se he necessario tambem hum nome para a arte, ou officio do *espio*, porque não diremos *espiagem*, seguindo a analogia da nossa lingua?

Espiritos fortes (*Esprits forts*) — Expressão ironica, adoptada na linguagem scientifica para significar os *incredulos*, os quaes em realidade blasonão de *espiritos fortes*, isto he, de serem superiores ao que elles chamão preoccupações vulgares, e de desprezarem a prudente temperança de huma razão verdadeiramente illustrada, que conhece e respeita os seus limites.

Espirituoso — He adoptado na linguagem chimica, mas applicado para significar o homem *vivo*, *esperto*, *engenhoso*, *agudo*, *perspicaz*, que tem *boa fantasia*, que he *discreto*, &c.; parece trazido immediatamente do francez, e tomado pelos Francezes do inglez *spirituous*. Tem boa origem e derivação, e he muito expressivo. O mesmo dizemos da palavra *espirito* por *viveza*, *vivacidade*, *engenho*, *penetração*, &c.

Esquecer alguem, ou alguma cousa—Esta significação *activa* do verbo *esquecer* he reprovada como gallicismo por hum critico moderno, o qual suppõe que em bom portuguez sómente se pôde dizer *esqueci-me da lição*, ou *esqueceo-me a lição*, e não *esqueci a lição*. Mas o uso constante e frequentissimo dos classicos mostra o contrario. Ferreira, *Castro*, act. 4.^º:

Aquelles matas tu sómente, ó morte,
Cujo nome *se esquece*...

Camões, 1.^a parte das *Rimas*, son. 22.^º:

Antes os *esqueçaes*, que *vos esqueçño*.

E na eclog. 3.^a:

Que já de mim *me esqueço* co'a a lembrança
Desta mudança, que *esquecer não sei*.

Fernão Alvares, *Lusitania transformada*, liv. 2.^º,
pag. 89, edição de 1607:

Os animaes nos montes,
Os passaros nos ramos, que florem,
Os peixinhos nas fontes
Já pelo somno *esquecem*
O pasto, e repousados adormecem.

Gabriel Pereira, *Ulyssea*, cant. 3.^º, est. 99.^a:

Que ainda *ha de esquecer* por Lusitania
Os abrazados muros de Dardania.

Arraes, Dial. 1.^º, cap. 14.^º: «Outros lugares curiosos de Galeno, minha fraca memoria *os tem esquecido*».

Sousa, *Vida do Arcebispo*, liv. 6.^o, cap. 1.^o: «A gente de Vianna não podia esquecer as obrigações, em que estava ao Santo ».

Lobo, *Corte na aldeia*, pag. 101, edição de 1649: «Não tendes razão, quando vitupereis o seu officio, esquecer a grandeza das partes d'elle», &c.

Por occasião deste artigo não será inutil advertir aos nossos leitores, que muitos verbos ha na lingua portugueza, que sendo quasi sempre neutros, aparecem todavia com significação activa, e até reciproca, ou reflexa, nos bons escriptores nacionaes, e ao contrario verbos, que sendo activos, se encontrão tambem com significação neutra e intransitiva. De huma e outra classe apontaremos aqui alguns exemplos.

Conversar. Diz-se *conversar com alguem* e *conversar alguem*.

Entrar em algum lugar. — *Entrar huma cidade*. — *A peste os tinha entrado*. — Os Portuguezes *lhe entráron o navio*, &c.

Acabar, isto he, *fazer fim*. — *Acabar alguma cousa*, isto he, *conclui-l-a, pôr-lhe termo ou remate*. — *Acabar alguma cousa com alguem*, isto he, *fazer que venha nisso*, que *a conceda*, &c.

Forrar despezas. — *Forrar-se alguem de palavras*. — *Acertar o alvo*. — *Acertar o encontro*. — *Acertar no alvo*. — *Acertar com a verdade*. — *Acertar com a morada de alguem*. — *Acertar de se encontrar com alguem*. — *Acertar-se de pelejar duas vezes no dia*, isto he, *acontecer assim*, &c.

Haver. *Ha hum homem virtuoso*. — *Ha dias que sucede o caso*. — *Ha que merece tudo*, isto he, *julga, tem para si*. — *Houverão grande victoria dos inimigos*, isto he, *alcançarão-na*. — *Houve-se bem no negocio*, isto he, *portou-se*. *Ha de havel-o comigo*. — *Havia-o com homem executivo*, &c.

Repugnar a alguma cousa. — *Repugnar o officio.*

Assistir a huma função publica. — *Assistir o estado,*
isto he, *auxiliar-o, patrocinal-o.*

Desobedecer a Deus, e desobedecel-o.

Desmaiar, isto he, desalentar. — *Perder o animo.* —
A carta de Vossa Senhoria *me desmaiou*, isto he, *me fez
perder o animo.*

Duvidar. Os homens confessão o poder de Deos, e
duvidão-lhe da vontade... e não falta quem até o poder
lhe duvide. (Vieira.)

Resistir a alguem, ou resistil-o, &c.

Estar ao facto, Pôr-se ao facto (*Être au fait, ou
Se mettre au fait*) — São puros gallicismos e querem di-
zer *estar no caso, estar sciente, entender, inteirar-se, in-
formar-se, instruir-se, &c.*

**Estar sobre as suas guardas, ou Andar sobre,
&c.** — Frase franceza contraria ao uso do nosso idioma.
Quer dizer: *estar, ou andar de sobre aviso, com o olho
sobre o hombro, álera, andar sobre si, attentar por si,
olhar por si, &c.*

Estudado — Por *affectado, contrafeito, v. gr., modos
estudados, aceio estudado, estilo estudado*, parece-nos tra-
zido do francez para a nossa lingua. Comtudo a metafora
he boa e expressiva, e o termo tomado na sua significa-
ção natural he mui portuguez e classico. Temos de auctor-
idade mui respeitavel, que o adjectivo *estudado* se acha
com a significação de *affectado* na *Doutrina do Infan-
te D. Luiz*, por Lourenço de Caceres, onde se lê neste
sentido, *estudada diligencia*, e que da mesma sorte se en-
contra em varios classicos. Nós não temos lição alguma
daquelle obra, e nos mais classicos sómente temos acha-
do *estudado por causa dita, ou feita com estudo, reflexão,*

com cuidado, e tambem discurso estudado, isto he, ornado, &c.

Etiqueta (*Étiquete*) — He vocabulo adoptado pelo uso geral. Veja-se Bluteau, no *Vocabulario*, Moraes, &c.

Evaporado — Tomado figuradamente para significar *homem evaporado, mancebo evaporado*, isto he, *homem leve, leviano, vāo; mancebo inconsiderado, desattentado, de juizo leve e volvel, talvez inconstante, &c.*, parece galicismo escusado na nossa linguagem.

Exactidão (do francez *Exactitude*) — D'antes diziamos *exacção*, que he mais classico e mais conforme com a analogia. Comtudo *exactidão* parece não desmerecer a preferencia, que hoje tem alcançado no uso vulgar, se quizermos evitar o encontro das diferentes idéas, que oferece o vocabulo *exacção*, com o qual exprimimos a *cobrança, ou arrecadação de tributos*, e talvez o rigor das *cobranças fiscaes*, assim como aos encarregados destas chamâmos *exactores*.

Execução — He usual entre os Francezes dizrem, v. gr., *ces ouvrages étaient d'or, et il y avait des pièces d'une exécution et d'un travail fort recherché*, aonde a palavra *exécution* se não pôde traduzir ao pé da letra, sem galicismo. Em portuguez corrente dizemos peças de *hum lavor primoroso, delicado, exquisito; de rico e primoroso artificio; peças excellentemente obradas; mui bem obradas; trabalhadas com admiravel artificio; fabricadas com grande e primorosa arte; peças de raro lavor; de polido lavor; de obra rara e exquisita, &c.* No Affonso Africano, de

Mausinho, cant. 12.^o, achâmos exprimida assim a mesma idéa:

Vio pendurada uma lustrosa espada
Feitura, e obra de mão perfeita, e prima,
 Segundo he rara aos olhos, e acabada.

E na *Malaca conquistada*, liv. 4.^o, est. 16.^a:

Em sim nesse que vês fatal escudo,
Obra de extrema mão, sabio Vulcano,
 Está prognosticando o lavor mudo, &c.

Em est'outras frases francezas, v. gr., *homme de conseil et d'exécution*; *homme de peu d'exécution*, &c., deve entender-se *homem de conselho e efficacia*; *de conselho e valor*; *homem pouco eficaz, pouco activo*, &c.

Exigir (*Exiger*) — Por *demandar, pedir como divida, pedir com auctoridade*, &c.; diz Moraes no *Diccionario* que he termo moderno adoptado. Tem origem latina no verbo *exigere*.

Exportar, Exportação, &c. — São vocabulos adoptados na linguagem mercantil; tem boa origem, e são expressivos.

Extracção (*Extraction*) — Os que falão á franceza dizem hoje muito frequentemente *homem de baixa extracção*, por *homem de baixa origem, de humilde nascimento, &c.* He puro gallicismo, que se não deve tolerar. Os nossos classicos disserão sempre *homem de baixo sangue, de baixa sorte, de humilde, de obscuro nascimento, de baixa condição, de humilde geração, de escura linhagem, &c.*; e pelo contrario *homem bem nascido, de nobre sangue, de claro sangue, de clara estirpe, de boa*

linhagem, de bom nascimento, de muito sangue e qualidade, &c.

Extraviar, Extraviado Extravio (*Extravier, &c.*) — São vocabulos modernamente tomados do francez, mas tem boa origem e analogia, e em alguns casos parecem necessarios.

F

Faccionario, Faccioso (*Factionnaire, Factieux*) — Achâmos muitas vezes em Jacinto Freire, *Vida de D. João de Castro*, a palavra *facção* no sentido de *empreza militar, feito de armas notavel*; e huma unica vez a palavra *faccionario*, significando o mesmo que *parcial*, que he de *hum partido, de huma parcialidade, bandedo por alguém*, no liv. 2.^º, § 19.^º, aonde diz: «Assi ficarão acordados, que dentro de tres dias virião os Castelhanos metter-se dentro da nossa fortaleza de Ternarte, onde lhes darião embarcação para a India... e que el-Rei de Tidore, seu *faccionario*, ficaria em nossa graça». Neste mesmo sentido traz Moraes a palavra *faccionario* auctorizada com o *Tacito portuguez*. Porém não temos até agora achado em classico algum o adjectivo *faccionario*, nem o outro *faccioso*, no sentido que hoje commummente se lhes dá de *turbulento, sedicioso, dado a facções civis*, ou a *parcialidades que perturbão o Estado*; e com esta significação os julgâmos modernamente derivados do francez, ou inglez. Comtudo são de boa origem e bem derivados, e, ao nosso parecer, adoptaveis.

Fanatismo, Fanatico — Parecem tomados immediatamente do francez, mas tem origem grega; são adoptados nas linguas sabias, e são expressivos e necessarios.

Farpante ou Frapante (*Frappant*) — He gallicismo intoleravel, e todavia muito usado nas traducções modernas e na pratica familiar. *Hum facto, huma acção farpante*, quer dizer em bom portuguez *hum facto, huma acção notavel, admiravel, insigne, illustre, conspicua, abalizada, estremada*, &c. O adjectivo verbal *farpante* derivado não do francez *frapper*, mas do portuguez *farpar*, sómente o temos achado na *Arte de furtar*, cap. 17.^º, aonde tem mui diversa significação do francez *frappant*.

Fatigante (*Fatigant*) — He muito menos reprehensivel que *farpante*, por haver em portuguez o verbo *fatigar*, d'onde naturalmente se pôde derivar *fatigante*. Com tudo os nossos bons auctores nunca usarão deste adjectivo verbal, em lugar do qual dizem *molesto, incommodo, trabalhoso, afanoso*, ás vezes *importuno, fastidioso*, &c. He tambem frequente entre elles significarem o mesmo conceito pelo adjectivo *cansado*, dizendo, por exemplo, *cuidados cansados, lagrimas cansadas, jornada cansada*, em lugar de *cuidados fatigantes*, &c., seguindo nisto a analogia e uso elegante da nossa lingua, que frequentemente diz *enfermidades perseveradas, queixas sentidas, prantos magoados, entrada triunfada, homem lido, requerimentos longos e trabalhados*, &c.

Favorito (*Favori*) — Este vocabulo he hoje mui mimoso dos que se tem por polidos e discretos, e vistoque tem por si a auctoridade de Jorge Ferreira, na *Comedia Ulissipo* (Moraes no *Diccionario*), não o notaremos de gallicismo innovado: mas não he bem que nos esqueçamos absolutamente dos nossos bons vocabulos *privado, valido, favorecido, mimoso, aceito*, &c.

Fazer — Tem este verbo huma significação mui ampla

e generica, que se determina e limita' pelo nomes, que se lhe ajuntão, e daqui vem as muitas e diversas applicações que tem na nossa lingua, as quaes sómente pela lição dos autores classicos podem ser bem conhecidas. Entre as que não são muito vulgares, temos notado as seguintes :

Fazer amizades, isto he, *adquiril-as, grangeal-as.* (Feo, *Tratado das festas e vida dos santos*, 2.^a parte, pag. 254.)

Fazer amizades a alguem, isto he, *mercês e favores.* (Arraes, Dial. 4.^º, cap. 29.^º)

Fazer abalo, v. gr., hum edificio, isto he, ameaçar *rui-na, estar para cahir.* (Heitor Pinto, *Imagen da vida christãa, Dialogo da vida solitaria*, cap. 3.^º)

Fazer ausencia de algum lugar, isto he, *ausentar-se delle.* (Sá de Menezes, *Malaca conquistada*, liv. 3.^º, est. 85.^a)

Fazer caminho, isto he, *andar.* (Bernardes, *Praticas e sermones*, pag. 395.)

Fazer o caminho, isto he, *concluil-o, acabar a jornada.* (Sousa, *Vida do Arcebispo*, liv. 1.^º, cap. 10.^º)

Fazer o caminho por alguma parte, isto he, *dirigil-o por ahi, passar por esse sitio.* (Sousa, *Vida de Suso*, cap. 38.^º)

Fazer caminho a alguma parte, isto he, *hir a essa parte, a esse sitio.* (Lobo, *Côrte na aldeia*, Dial. 16.^º)

Fazer a causa de alguem, isto he, *advogal-a.* (Sousa, *Vida do Arcebispo*, liv. 1.^º, cap. 19.)

Fazer cobardia, isto he, *obrar cobardemente.* (Arraes, Dial. 10.^º, cap. 72.^º)

Fazer desprezos a alguem, isto he, *vilipendial-o, menoscabar essa pessoa.* (Vieira, Carta 84.^a do tom. 1.^º)

Fazer erros, isto he, *commettel-os, cahir nelles.* (Arraes, Dial. 1.^º, cap. 43.^º; Jacinto Freire, *Vida de Castro*, liv. 2.^º, § 5.^º)

Fazer emenda, isto he, resarcir o damno. (Barros.)

Fazer espectaculo de alguma cousa a alguem, isto he, dar-lhe esse espectaculo. (Arraes, Dial. 6.^º, cap. 14.^º)

Fazer invejas a alguem com alguma cousa, isto he, excitar-lhas, causar-lhas. (Vieira, Carta 11.^a do tom. 3.^º; D. Francisco Manuel, *Carta de guia*, pag. 111.)

Fazer informações de alguem, ou de alguma cousa, isto he, tomar-as, informar-se dessa cousa, ou pessoa. (Sousa, *Vida do Arcebispo*, liv. 1.^º, cap. 11.^º)

Fazer justiça, isto he, administrar-a. (Jacinto Freire, *Vida de Castro*, liv. 2.^º, § 5.^º)

Fazer razão e justiça a todos igualmente, isto he, governar bem. Optima divisa de hum bom Príncipe! (Trancoso.)

Fazer lembrança de alguma cousa, isto he, assental-a em memoria. (Sousa, *Vida do Arcebispo*, liv. 4.^º, cap. 21.^º)

Fazer lembranças a alguem de alguma cousa, isto he, excitar-lhas, recommendar-lhe essa pessoa, ou cousa. (Sousa, *Vida do Arcebispo*, liv. 4.^º, cap. 3.^º, e liv. 2.^º, cap. 23.^º; Jacinto Freire, *Vida de Castro*, liv. 4.^º, § 56.^º)

Fazer jogo de alguma cousa, isto he, fazer dessa cousa motivo de brinco, de zombaria. (Vieira, Carta 78.^a do tom. 3.^º)

Fazer mantimentos, isto he, preparal-os, têl-os prom-plos. (Vieira, Carta 11.^a do tom. 1.^º)

Fazer noite em alguma parte, isto he, pernoitar ahi. (Sousa, *Vida do Arcebispo*, liv. 2.^º, cap. 3.^º)

Fazer obediencia a alguem, isto he, render-lha, signifi-car-lha. (Barros, Dec. 3.^a, liv. 6.^º, cap. 1.^º)

Fazer as partes de alguem, isto he, advogar por elle. (Vieira, *Sermões*, tom. 15.^º, pag. 211.)

Fazer satisfação por alguma cousa, isto he, pagar a pena, que por ella se devia. (Arraes, Dial. 8.^º, cap. 21.^º)

Fazer saudades por alguem, isto he, mostral-as. (Sousa, *Vida do Arcebispo*, liv. 2.^º, cap. 1.^º)

Fazer obra, ou começar a fazer obra, isto he, começar a trabalhar. (Sousa, *Vida do Arcebispo*, liv. 2.^º, cap. 9.^º)

Fazer sentimento por alguem, isto he, mostral-o. (Corte Real, *Segundo cerco de Diu*.)

Fazer serviço de alguma cousa a alguem, isto he, offercel-a de presente. (Arraes, *Dial.* 4.^º, cap. 14.^º)

Fazer significação de alguma cousa, isto he, dar mos-tras della. (Arraes, *Dial.* 4.^º, cap. 16.^º)

Fazer provas de alguma virtude ou vicio, isto he, mos-trar que tem essa virtude ou vicio, dar provas disso. (Gabriel de Castro, *Ulissea*, cant. 8.^º, est. 111.^a)

Fazer rosto ao inimigo, isto he, resistil-o. (Jacinto Freire, *Vida de Castro*, liv. 4.^º, § 18.^º)

Fazer toque de alguem, isto he, avaliar os quilates do seu merecimento. Optima expressão de Heitor Pinto, na *Imagen da vida christãa, Dialogo da religião*, cap. 5.^º, aonde diz: «Se os Principes fizessem toque dos homens, e quantos quilates cada hum tivesse de merecimentos, tantos lhe dessem de galardão», &c.

Fazer vingança, isto he, tomal-a. (Ferreira, *Eglo-ga* 10.^a)

Fazer vituperios, e torpezas contra alguem, ou contra alguma cousa, isto he, vituperal-a, tratral-a com vitupe-rio. (Arraes, *Dial.* 3.^º, cap. 3.^º)

Usão tambem os nossos classicos do verbo *fazer* em hum sentido absoluto, e não pouco elegante e expres-sivo, que talvez pareceria gallicismo aos menos advertidos. V. gr., Barros, *Dec.* 3.^a, *liv.* 5.^º, *cap.* 9.^º: «Aos quaes elle respondia, que o deixassem fazer, que elle o entendia mui bem». Vieira, *Carta* 13.^a do *tom.* 3.^º: «Torno a pedir a Vossa Excellencia que deixemos fazer a Deos; porque importa muito para a satisfação do animo

conhecer a sua vontade pelas suas disposições», &c. O mesmo podemos dizer do uso duplicado do verbo *fazer* nesta frase de Heitor Pinto, *Imagen da vida chris-tãa, Dialogo da verdadeira amizade*, cap. 19.^º: «Fogos, que *fez fazer* na cidade», &c. Não obstante porém ser o uso deste verbo tão vario, que se não pôde sem grande circumspecção ajuizar da pureza das frases, ou expressões, em que elle entra, temos comtudo por gallicismos algumas dellas, que com muita frequencia se encontrão nos nossos livros modernos, das quaes apontaremos para exemplo as que nos forem lembrando.

Fazer o importante, isto he, *fazer-se homem de importancia, de conta, de suposição; affectar de homem de porte, de valia; vender-se por homem de grande tomo*, &c.

Fazer o impertinente. Obrar, portar-se como tal, ser importuno, &c.

Este palacio fazia as minhas delicias, isto he, era as minhas delicias, nelle punha todo o meu prazer, nelle me deliciava.

Fazeis-me hum crime da minha prudencia, isto he, attribuís a crime, ou culpais de criminosa, ou criminais a minha prudencia, &c.

Mancebos libertinos, que se fazem huma honra de infringir as leis, isto he, que se honrão de trans-gredil-as, que se prezão disso, que põem nisso a sua honra, &c.

A religião nos faz hum dever de amar a patria, isto he, nos impõe o dever, nos obriga, &c.

Os vicios são os que fazem a lei neste seculo desgra-cado, isto he, os que dão a lei, os que regem este se-culo, &c.

Em verdade elle se tinha feito huma lei de preferir, &c., isto he, se havia imposto a lei, &c.

Tu te fazias hum dever, hum prazer de obedecer q to-

dos os teus caprichos, isto he, tu te impunhas o dever, te comprazias, punhas o teu prazer em obedecer, &c., o teu prazer era obedecer, &c.

O toucador não fará a vossa principal obrigação, isto he, não será . . . não fareis consistir nisso a vossa . . . não o olhareis como vossa principal obrigação, &c.

Esta verdade faz a base do meu systema, isto he, he a base, o fundamento, ou sobre esta verdade assenta o meu systema, &c.

Esta acção faz a vossa gloria, isto he, vos dá grande gloria, vos he gloriosa, della depende a vossa gloria, nella consiste a vossa gloria.

Isto fará o assumpto, o objecto do meu discurso, isto he, este será o assumpto, &c.

Fazemo-nos hum dever de publicar, isto he, julgámos do nosso dever, havemo-nos por obrigados, &c.

Fazer o personagem de hum pai, &c., isto he, fazer o papel de . . . representar de . . . ou como pai, &c.

Felicitar, Felicitação—O verbo *felicitar* com a significação de *dar parabens*, diz Bluteau que he tomado do francez *féliciter*, e que *começava de ser usado no seu tempo em Portugal*, e cita em abono delle huma *Gazeta de Lisboa de 1722*. O substantivo *felicitações* começou a introduzir-se depois em lugar de *parabens, emboras, congratulações, &c.* Este segundo não o julgámos necessário, nem melhor que as palavras portuguezas correspondentes, aindaque tenha derivação regular.

Fereza—Por *ferocidade, crueza*, he muito usado dos nossos classicos; mas por *al viveza e orgulho*, duvidámos que tenha igual auctoridade.

Filanthropo, Filanthropia, Filanthropico, ou

Filanthropo, &c.— São vocabulos de origem grega, que provavelmente nos vierão pela lição dos livros franceses, e tem seu lugar na linguagem dos doutos. Significação *filanthropo* o *amigo dos homens*, ou *do genero humano*; *filanthropia*, o *amor do genero humano*, ou *a qualidade que nos faz amigos do genero humano*; e *filanthropico*, o que pertence a esta qualidade, ou della resulta; v. gr., *affectos filanthropicos*, *acções filanthropicas*, &c.

Filha (Fille) — Em lugar de *moça*, *rapariga*, *donzella*, &c., he erro de traducçō; porque a palavra *filha* não tem em portuguez significação tão extensa como em francez.

Finanças — Diz-se hoje mui vulgarmente por *fazenda real*, *rendas publicas*, *rendas do estado*, *erario*, *thesouro do Principe*, *fisco*, &c., e *sciencia das finanças* por *sciencia fiscal*, isto he, a que estabelece e ensina os principios deste ramo do governo do Estado. (Veja-se Bluteau no *Suplemento ao Vocabulario*, aonde sómente julga licito usar deste vocabulo, quando se fala da *fazenda real* de França.) Nós não o temos por necessário.

Formalisar-se (Se formaliser) — Por *offender-se*, *escandalisar-se*, *picar-se*, *mostrar-se picado* de algum dito, ou facto, parece galicismo desnecessario. Comtudo não duvidâmos que seja conveniente o seu uso, quando quizermos determinadamente expressar a *demonstração externa da pessoa offendida*, que por escandalisada e picada, deixa as *fórmas familiares*, com que nos tracava, para tomar outras mais serias, sizudas e graves. Da mesma sorte será expressivo e conveniente este vocabulo, quando falarmos do *homem publico*,

que nos actos do seu officio *toma as fórmas*, e o ar serio da sua auctoridade, deixado o tom e modos familiares, que em outras circumstancias lhe não são estranhados.

Formato (*Format*) — Não sabemos a razão por que tão vulgarmente se tem adoptado este vocabulo para significar a *fórmula*, ou a *grandeza do papel*, em que está escripta, ou impressa qualquer obra. Em portuguez legitimo dizemos livro manuscripto, ou impresso *em folha*, *em quarto*, *em forma de quarto*, *de oitavo*, &c. Vieira, Carta 64.^a do tom. 1.^º: «Nem se pôde fazer o preço, sem se saber a qualidade da letra, e o numero dos volumes, e se hão de ter margem, ou não, e se hão de ser *em quarto*, ou *n'outra forma*.

Formigar — He tomado do francez *fourmiller*, e nos parece desnecessario, maiormente por causa da *homonymia*, vistoque *formigar* tem sua significação propria em portuguez. Esta frase, por exemplo, *dormitações, que formigão em Homero*, pôde corrigir-se dizendo *que abundão*, ou *em que Homero abunda*, ou melhor, *descuidos frequentíssimos em Homero*, &c.

Frapante — Veja-se *Farpante*.

Frivolidade (*Frivolité*) — Diz o mesmo que o termo plebeo *frioleira*, e em linguagem mais polida *futilidade*, *ninharia*, *ridicularia*, *cousa vãa e frivola*, &c. Alguns modernos dizem *frivoleza*, e porventura com melhor derivação e analogia: porque quando estes nomes abstractos não são derivados de outros latinos, que tenham o nominativo em *itas*, e o genitivo em *itatis*, como *castitas*, *humanitas*, &c., parece que o portuguez prefere terminal-os antes em *eza*, do que em *ade*; e ainda mui-

tos dos que tem aquella derivação latina, tomão em portuguez a terminação em *eza*.

Assim, v. gr., derivâmos:

Do latim <i>austeritas</i>	<i>austeridade</i> , ou <i>austereza</i>
<i>simplicitas</i>	<i>simplicidade</i> <i>simpleza</i>
<i>rusticitas</i>	<i>rusticidade</i> <i>rustiqueza</i>
<i>raritas</i>	<i>raridade</i> <i>rareza</i>
<i>nobilitas</i>	<i>nobreza</i>
<i>firmitas</i>	<i>firmeza</i>
<i>levitas</i>	<i>leveza</i> , &c.

E nos abstractos, que não são trazidos do latim, preferimos commumente a terminação em *eza*, dizendo, v. gr.:

De <i>curto</i>	<i>curteza</i>	De <i>rico</i>	<i>riqueza</i>
<i>altivo</i>	<i>altesteza</i>	<i>bruto</i>	<i>bruteza</i>
<i>barato</i>	<i>barateza</i>	<i>ligeiro</i>	<i>ligeireza</i>
<i>estrano</i>	<i>estranheza</i>	<i>escaço</i>	<i>escaceza</i> , &c.

Fugitivo — Diz-se hoje á maneira dos Francezes *poesias fugitivas*, *obras fugitivas*, &c. Na *Observação do Conde da Ericeira sobre o n.º 64 da Biblioteca Sousa*, que vem na *Collecção dos documentos e memórias da Academia Real da Historia Portugueza*, do anno de 1735, diz aquelle douto fidalgo: «Com o titulo de *Bibliotheca volante*, procurou huma Collecção de Italia conservar as *obras miudas*, a que os Francezes chamão *fugitivas*», &c.

Funcionario — He vocabulo modernamente tomado do francez para significar em geral qualquer pessoa que tem *offício*, *emprego*, ou *ministerio publico*, a que os nossos chamão tambem em geral *ministros*, *officiaes da república*, &c. Tem boa origem e derivação, e não desdiz da analogia.

Fundo—Em sentido figurado tomâmos esta palavra pelo mais *difficil*, *obscuro*, ou *occulto* de alguma questão, ou negocio, e dizemos em bom portuguez, v. gr., *sondar o fundo da questão*, *achar o fundo a alguma materia*, *ver o fundo ás mentiras do mundo*, *entrar no fundo do negocio*, &c. Mas parece-nos gallicismo dizer *esta proposição no fundo he verdadeira*, isto he, *na substancia, no essencial, no principal*. Estes douis historiadores concordão no fundo *da historia*, isto he, *no essencial, no substancial*, &c. Est'outra frase franceza, v. gr., *son mari dans le fond ne pouvait se persuader qu'elle lui fut infidelle*, quer dizer, seu marido não podia *em realidade* persuadir-se, &c.

Fuzil—Por *espingarda*, e *fuzilar* por *espingardear* são tomados do francez sem necessidade alguma. E como *fuzil* e *fuzilar* tem na nossa linguagem suas significações proprias, parece que se deve evitar a *homonymia*, e o equívoco que della resulta.

G

Galimatiás—He palavras puramente franceza, que sem razão querem alguns trazer á nossa lingua. Em portuguez corresponde-lhe exactamente o vocabulo *palavrorio*, ou *palanfrorio*, que em latim se exprime por *inanis verborum sonitus; canorae nugae; voces inopes rerum*, &c. Tem diferença do francez *jargon*, que exprimimos por *algaravia, inglesia*, &c.

Garantir, Garante, Garantido, Garantia (*Garantir, garant, &c.*)—O verbo *garantir* vem auctorizado no *Diccionario* de Moraes com o *Tratado* impresso em 1713, e tanto elle, como os seus derivados, parece esta-

rem hoje adoptados na linguagem diplomatica. Mas temos por abuso ampliar a sua applicação a outros quaesquer assumptos, e muito mais dizer, como achâmos impresso, que só esta sciencia (a mathematica) he capaz de garantir-nos de illusões e escuridades. (Veja-se Bluteau no *Supplemento*.)

Genio — Ha muito tempo que em bom portuguez dizemos *ter bom, ou mau genio, ter genio manso, docil, ardente, impetuoso, &c.*, significando assim o *caracter moral* de alguem. Dizemos tambem *ter genio para a poesia, para a pintura, para a eloquencia, &c.*, isto he, *ter aptidão, capacidade, talento, disposição natural, propensão* para essas artes, &c. E dizemos finalmente *genio* por *espirito, ou quasi deidade* (segundo a frase gentilica) *que influe nos homens, e lhes assiste*, e neste sentido disse Ferreira, na *Castro*, act. 1.º:

Ou quando minha estrella, e cruel *genio*
Te poder arrancar desta alma minha.

He porém novo no nosso idioma, e derivado dos modernos livros franceses, tomar a palavra *genio* n'hum sentido absoluto e indeterminado, como quando dizemos: *he homem de genio; as obras deste grande genio; foi hum genio em poesia, &c.* O eruditissimo La Harpe diz que as palavras *genio* e *gosto*, tomadas neste sentido absoluto, são peculiares da lingua franceza, e nella mesma *de uso moderno*. Entre nós se achão adoptadas na linguagem da litteratura, e parecem de indispensavel necessidade: mas cumpre que se lhes dê huma significação fixa e determinada, e tal que remova de huma vez todo o equivoco, e ponha termo ás questões que tem havido entre os doutos, por não conformarem na verdadeira noção deste vocabulo. Não julgámos da nossa competencia prevenir a

este respeito o juizo dos sabios; mas seguindo as judiciais reflexões do mesmo La Harpe (*Cours de littérature, Introduction*), entendemos que *genio*, na accepção de que aqui se tracta, quer dizer *huma grande superioridade de talento* para qualquer arte, ou sciencia, ou *homem que gozou essa superioridade*; e neste ultimo sentido se diz, v. gr., *Newton foi hum genio em mathematica; Camões foi hum genio em poesia, &c.*

Gentes—Acha-se a cada passo nas traducções modernas: *as gentes de bem, as gentes frivolas, as gentes honestas, as gentes sensatas, a gente de letras, &c.* São outros tantos gallicismos, que em bom portuguez valem o mesmo que *os homens honrados, os homens sensatos, os homens frivulos, os homens de letras, &c.* Hum folheto, ha pouco impresso, dizia ainda mais ridiculamente: nove milhões *de gentes* lhe sahirão ao encontro; nem vinte e cinco milhões *de gentes* se aniquilão, &c. Parece que o auctor tinha receio de chamar *homens* aos homens! Não devemos porém occultar aqui que algumas raras vezes se acha nos nossos bons escriptores a palavra *gente* e *gentes*, em sentido analogo ao de que aqui tractâmos, v. gr., na *Vida do Arcebispo*, liv. 2.^º, cap. 1.^º: «Os mais companheiros erão hum capellão, e *gente de serviço*, seculares cinco ou seis». E no liv. 2.^º, cap. 26.^º: «E aindaque se assombrava com se ver buscado e estigmado *das gentes*, que já lhe parecia genero de vaidade e tentação», &c. Na *Carta de guia de casados*, fol. 90 verso: «Arrebatão sem alguma prudencia os animos singelos e piedosos das senhoras, e *gentes principaes*», &c.

Golpe de vista, Golpe de olho—São as expressões, com que frequentemente achâmos traduzido o francez *coup d'œil*, e com que os desdenhosos da linguagem patria enfeitão seus discursos e composições. Mas

errão contra o genio da nossa lingua, e contra o seu uso. Vejamos de que maneira se explicavão os nossos bons portuguezes. Sousa, *Vida do Arcebispo*, liv. 4.^º, cap. 30.^º:

«As cousas do mundo não são dignas nem de hum emprego de olhos, quanto mais da affeiçao da alma.»

Bernardes, *Sermões e práticas*, pag. 178:

«Servirá de espelho, que de huma só vista diga mudamente as faltas de todos.»

E a pag. 338:

«Diz Deos, que a alma santa o rendeo com huma *vista de olhos* . . . com hum só *voltar de olhos*.»

Miscellanea de Miguel Leitão, pag. 358:

«Vêde como está minha vida no *volver desses olhos*.»

Camões, *Lusiadas*, cant. 3.^º, est. 143.^a:

Quem viu hum *olhar* seguro, hum gesto brando.

E nas *Rimas*, part. 1.^a, son. 35.^º:

Hum *mover de olhos* brando e piedoso

E eglog. 8.^a:

Huma só *volta de olhos* descuidada.

Mausinho, *Affonso Africano*, cant. 6.^º:

Quem pôde resistir a hum *doce e brando*
Quebrar de olhos, que as almas vai roubando?

E entre os modernos Filinto Elycio, tom. 2.^º de seus *Versos*:

Mas que he o ouro, e a vida,
 À quem perde hum *mimoso olhar* de Marcia?

Bocage, *Cantata 1.^a á Immaculada Conceição de Nossa Senhora:*

Ah! de teus olhos hum volver piedoso
Desarme, ó Virgem bella, o justiçoso
Ente immortal, que os improbos fulmina, &c.

Quando os Francezes dizem, v. gr., *este lugar offerece ao observador o mais bello (coup-d'œil) golpe de vista;* deve traduzir-se *a mais bella perspectiva*, ou *o mais bello painel*, como se explica Vieira, *Relação da missão de Ibiapaba*, § 8.^º: «Mas depois que se chega ao alto das serras, pagão bem o trabalho da subida, mostrando aos olhos hum dos mais formosos painéis, que porventura ajuntou a natureza». E quando finalmente no titulo de algumas obras dizem, por exemplo, *coup-d'œil sur l'état actuel d'Europe*, devemos traduzir *vista do estado actual*, &c., bem como traduzem os Ingleses: *a view of the state*, &c., ou se quizermos mais á letra: *lanço de vista*, ou tambem *revista sobre o estado*, &c.

Gosto — O termo *gosto* (diz Dias Gomes, *Obras poéticas*, nota 20.^a á elegia): «No mesmo significado, em que o tomão os Francezes, já o vemos tão introduzido ha mais de trinta annos em Portugal, que se deve reputar proprio do idioma, no sentido de *bom gosto*: de modo que quer se diga *gosto*, quer *bom gosto* em artes, tudo he o mesmo; nem se duvida da identidade dos significados, que neste sentido não requerem modificação. (Veja-se o que dissemos da palavra *Genio*.)

Governante (Gouvernante) — Por *aia*, *ama*, ou *mestra*, he francezismo escusado.

Grande caminho — Assim traduzem alguns erra-

damente o francez *grand chemin*, ou *grande route*, que quer dizer *estrada real*, ou *caminho real*.

Grande mundo—He hoje expressão da moda tomada do francez *le grand monde*, para significar *a gente mais abalizada, a gente principal do reino, a corte*, e tambem *toda a sorte de gente*, ou *gente de todos os estados e caracteres*. V. gr., he *hum homem que tem conversado o grande mundo*, isto he, que *tem tractado com muita gente abalizada, com a gente principal, com gente de todas as classes e condições*, &c.

Grimaças—He puro francez, pelo qual dizemos *tregeitos, momos, gestos ridiculos e affectados*, e em frase da plebe *gatimanhos*.

Grupo (Groupe)—He vocabulo das artes de *pintura e escultura*, e significa *numero de figuras juntas e apinhoadas com arte*. Parece necessario, e he auctorizado pelo uso dos artistas. Em outros casos dizemos *magote*, e talvez *turma*.

Guardar o leito (Garder le lit)—He expressão franceza, que em bom portuguez quer dizer *estar de cama*, ou *em cama*, por molestia.

H

Homenagem—A expressão *render homenagem* tem no idioma portuguez seu proprio significado, e quer dizer: *fazer preito*, ou *dar juramento de fidelidade ao Soberano*, quando delle se recebe alguma praça, governo, terras, ou feudo. Os Francezes estenderão esta significação primaria, dizendo figuradamente *rendre ses hommages*.

ges à quelqu'un, isto he, *acatar, reverenciar, respeitar, vencerar alguém, ou render culto, obsequio, dar veneração, fazer acatamento, &c.* Daqui o tem tomado os nossos modernos traductores com a mesma significação, que não reprovâmos, com tanto que se empregue moderadamente e sem affectação. Garção diz no mesmo sentido em huma de suas odes :

Mil garridas, mil candidas Licoris
Vencedor me jurárão, me *renderão*
Do riso, do prazer no Capitolio
Humilde *vassallagem*.

E já Fernão Alvares, na *Lusitania transformada*, liv. 2.^º, pag. 153 verso, da edição de 1607, disse :

Troca nesta tristissima viagem
Com morte a vida, que em tormentos passa,
O triste que lhe *deo d'alma homenagem*.

Horda (*Horde*) — Já vem em Bluteau, no *Supplemento*, aonde o auctorisa com huma *Gazeta de Lisboa* do anno de 1726. Diz-se propriamente das *catervas*, ou *bandos de povos errantes, que não tem domicilio certo*.

Hum — Este vocabulo, alem da significação que tem como *numeral*, pôde em alguns casos haver-se como huma especie de *artigo*, ou *adjectivo articular*, que determina a significação dos nomes a que se ajunta, restringindo a indefinida extensão das idéas, que elles exprimem. Assim quando dizemos, por exemplo, *Julio Cesar foi hum Principe tão insigne nas letras, como nas armas*, aquelle *hum* não he, nem pôde ser *numeral*, mas sim *artigo* que limita a extensão da idéa significada pela palavra *Principe*. Os Francezes tem, como nós, este

uso, e dizem tambem, v. gr., *Pierre est un homme de probité*, &c.; mas amplião-no muito mais, e empregão a mesma palavra com frequencia, e em certas circumstancias, em que a nossa linguagem a recusa. Devemos pois reflectir na pratica dos bons classicos, e não nos desviarmos sem necessidade do caminho que elles seguirão. Observando esta regra geral, veremos que ha de algum modo gallicismo nas seguintes frases:

Passa o auctor a falar de huma outra profecia, isto he, de outra profecia.

Qualquer que seja a rossa natureza, vós deveis viver huma outra vida, falar huma outra linguagem, e ter outras idéas; quer dizer viver outra vida, falar outra linguagem, &c.

Nem nos demove do nosso parecer o exemplo de Rui de Pina no prologo da *Chronica de el-Rei D. Duarte*, aonde diz: «Nos acharmos logo outros, e sentirmos em nós *hum outro* singular melhoramento». E pouco depois: «Ainda por *huma outra* especialidade de obrigatorios exemplos». Porque alem de estarmos persuadidos, que nem tudo quanto vem nos classicos he para se imitar, maiormente no que respeita á syntaxe, e organisação da frase e discurso; he tambem certo que aquellas palavras *hum outro*, *huma outra* envolvem huma especie de redundancia, que o uso presente da lingua portugueza tem rejeitado, por onde indicarião hoje affectação, e darião ao discurso aquelle ar francez, que sobre tudo se deve evitar. Não menos julgámos reprehensivel a viciosa e tambem affectada repetição do vocabulo articular *hum* no seguinte periodo, e em outros semelhantes, que a cada passo se encontrão traduzidos muito á letra do francez.

Póde qualquer chegar a ser hum grande homem, sem ser dotado de hum espirito, e de hum genio superior, com

tanto que tenha valor, hum juizo são, e huma cabeça bem organisada.

Que em melhor portuguez quer dizer:

Póde qualquer chegar a ser grande homem, sem ser dotado de hum espirito e genio superior, com tanto que tenha valor, juizo são e boa cabeça, &c.

Tambem nos parece que se deve evitar, quanto possivel for, o ajuntamento do articular *hum* com as palavras *muito, mais, maior, &c.*, v. gr., *hum muito mau coração, hum maior abuso, huma mais certa esperança, &c.*, e isto por causa do mau soido que fazem semelhantes expressões, &c. Ultimamente advertimos que os nossos classicos usárão não raras vezes do articular *hum* acompanhado do artigo simples e definido, v. gr., Heitor Pinto, *Imagen da vida christãa, Dialogo da verdadcira amizade*, cap. 19.^º: «Claro está quam mais utiles e excellentes são os *huns* que os *outros*». Duarte de Rezende, *Dialogo, Lelio ou Amicitia*, de M. T. Cicero, edição de 1531: «Haverá o *hum* do outro vergonha», &c. Mas este uso acha-se com mui justa razão antiquado, porque a propria natureza dos dous vocabulos o repugna.

Humiliante, ou Humilhante (*Humiliant*)—Tem boa derivação e analogia, e parece necessario ao nosso idioma.

Humor—Significa no sentido figurado *boa ou má disposição do animo causada dos humores, que constituem o temperamento, e influem nos costumes do homem, e no seu modo de obrar.* (Bluteau.) Entre nós he indiferente para significar *bom* ou *mau humor*, e sempre se lhe ajunta algum adjectivo, que determine a sua significação, v. gr., *bom, mau, alegre, festivo, jovial, aspero, sombrio, &c.* Pelo que nos parece gallicismo reprehensivel empregal-o em sentido absoluto, como nas seguintes

frases: *obrar por capricho e por humor; não são suposições dictadas pelo humor; obra da singularidade e do humor.* Muito menos se pôde tolerar no sentido de *enfadamento, agastamento*, como, v. gr., nesta frase *il témoignait beaucoup d'humeur de l'absence de son fils*, que em portuguez corrente se deve traduzir: *elle se mostrava muito enfadado, ou agastado, ou mostrava grande enfadamento pela ausencia, &c.*

I

Imbecil, Imbecille, Embeçil— De todos estes modos temos achado trasladado o francez *imbécile* entendido como substantivo, ao qual em portuguez corrente, e de bom cunho correspondem as palavras portuguezas *fatuo, nescio, sandeu, péco, insensato, parvo, tonto, desasizado, &c.* Devemos porém advertir, que achâmos este adjectivo usado na sua natural significação derivado do latim, em Arraes, Dial. 10.^º, cap. 2.^º: «Porque me deixastes em minhas fracas forças humanas, que são *imbecilles* e fracas?» E na traducção do livro *De Senectute de Cicero*, por Damião de Goes, ms. fol. mihi 24: «Cyro, segundo escreve Xenophonte, dixe morrendo já muim velho, que nunca sentira a velhice mais fraqua nem *imbecil* que a mocidade».

Imbecilidade— Temos em portuguez *imbecilidade* por *falta de forças, fraqueza de corpo, ou animo*; mas em lugar de *tolices, sandices, parvoices, &c.*, parece-nos galicismo desnecessario.

Immediações— He vocabulo novo em portuguez e derivado do francez tambem novo *immédiations*. Significa o mesmo que *visinhanças, arredores, ou orredores*.

contornos, circumrisinhanças de algum lugar. Não vemos razão por que seja necessário adoptar-se.

Immoral, Immoralidade — Aindaque nos hajão vindo immediatamente do francez *immoral* e *immoralité*, contudo são necessários, não encontrão a analogia, e são derivados de *moral* e *moralidade*, que sem dúvida nos pertencem e nos vierão do latim.

Imperissivel (*Impérissable*) — He galicissimo grosseiro e inadoptavel. Em portuguez dizemos cousa *não percedeira, immortal, perpetua, perdurarel, interminarel, sempiterna, que sempre dura, indestructivel*, &c.

Impetuosidade — He tomado do francez *impétuosité*, e parece necessário para exprimir a *qualidade de impetuoso*, que se não exprime por *impeto*.

Impôr (*Imposer*) — Este vocabulo tem na lingua portugueza suas significações bem sabidas ; mas no sentido de *enganar, illudir, seduzir* com impostura, parece galicismo de que não carecemos. As frases francezes em que elle figura podem traspassar-se de diferentes maneiras, conforme o pedirem as circumstancias. V. gr., *o aspecto deste homem impõe*, isto he, *engana, illude*. *Os exteriores aparatosos impõe á multidão*, isto he, *mettem respeito, infundem respeito á multidão*. *As tropas já não impunhão ao povo*, isto he, *já o não continhão*, já lhe *não mettião respeito, ou medo*. *Pretendeis com paralogismos impôr á multidão*, isto he, *seduzil-a embail-a*. *Soube impôr ao povo com falsos milagres*, isto he, *embair o povo*, &c. Parece-nos que o termo mais proprio correspondente ao francez *imposer* neste sentido he o verbo *embair*, cuja significação he *enganar com imposturas, embellecar, induzir em erro com boas apparencias*, &c. Arraes, Dial. 3.^º,

cap. 34 : «Os Judeus ousão dizer de Christo que fôi blasfemo e *embaidor* ». E no Dial. 7.^º, cap. 20.^º : «Até chãmarem ao Senhor Jesus *embaidor* ». A palavra grega *planos* não significa enganador de qualquer maneira, se não de hum certo genero, que professa enganar e *embair*, &c.

Importação, Importado — São adoptados na linguagem mercantil, e tem bom fundamento na primaria significação do verbo *importar*, isto he, *trazer para dentro*.

Impotente — He vocabulo portuguez com que significâmos o *que não pôde gerar*, que *he incapaz para a geração*. Paixões *impotentes* por *desordenadas* he gallicismo, ou talvez inglezismo, de que não necessitâmos, e que não condiz com a primaria significação de *impotente*. *Esforços impotentes*, *meios impotentes* para alcançar qualquer fim, he bom e pôde adoptar-se, com tanto que se evite o perigo de excitar huma idéa accessoria torpe e indecente.

Impraticavel — Hum critico moderno reprova como franceza a expressão *mar impraticavel*, mas Bluteau traz, no seu *Vocabulario, caminhos impraticaveis*, e Rui de Pina já disse na *Chronica de D. João II*, cap. 82.^º : «Não houve Provincia de Christãos e infieis, amigós, e inimigos de nós sabida e *praticada*, em que», &c. Tambem dizemos *mar intractavel, caminhos intractaveis, mar innavegavel*, &c.

Inabalavel — Parece-nos tomado pelos nossos modernos escriptores do francez *inebranlable*, e somos de parecer que he innovação escusada no nosso idioma, aonde temos *immovel, firme, estavel, talvez constante, im-*

mudavel, invariavel, &c. Camões usa de *immoto* no mesmo sentido nas *Rimas*:

Aquelle gesto *immoto* e repousado.

E nos *Lusiadas*, cant. 2.^º, est. 28.^a:

Mas por não darem no penedo *immoto*
Onde percão a vida doce e cara.

No sentido figurado podemos variar a expressão, dizendo com os classicos: animo *inteiro* e *inflexivel*, constancia e fortaleza *invencivel*, leis *immudaveis*, virtude *firme* e *inexpugnavel*, verdade *inconcussa*, constancia *in-contrastavel*, &c. Confessâmos todavia que Bluteau já traz o adjectivo *inabalavel* no *Suplemento*, auctorizando-o com a *Gazeta de Lisboa* de 24 de Janeiro de 1726.

Inacção — «He palavra (diz Bluteau no *Vocabulario*) tomada do francez *inaction*. Tenho ouvido alguns Portuguezes cultos usar della. Vale o mesmo que *cessação de obrar*, e ás vezes *ocio, negligencia* ». Hoje he adoptada, e auctorizada.

Incalculavel — He tomado do francez, mas tem boa origem e derivação, e parece conveniente adoptar-se. Significa *cousa que se não pôde reduzir a calculo*, que *se não pôde contar nem avaliar, innumeravel, sem conto, &c.*, e no figurado cousa *imponderavel, inestimavel, &c.*

Incessantemente — Significa o mesmo que *continuadamente, sem descontinuar, sem cessar, sem se interromper, &c.* Mas quando se toma por *logo, sem demora, daqui a pouco, dentro de pouco tempo, &c.*, he galli-

cismo, e seria erro dizer *marcharei incessantemente a Lisboa; verei o meu amigo incessantemente, &c.*

Inconcebivel (*Inconceivable*) — Temos visto muitas vezes empregado este vocabulo em papeis impressos, e por pessoas aliás doutas. Em melhor portuguez diremos *incomprehensivel, inintelligivel* e ás vezes *imponderavel*. Mas se se julgar necessaria a innovaçao deste vocabulo, deverá então dizer-se *inconceptivel* e não *inconcebivel*; porque este ultimo, alem de ter má pronunciaçao, he derivado contra a analogia da lingua portugueza, que forma, á maneira da latina, *imperceptivel, susceptivel, admissivel, &c.*, e não *impercebivel, suscepivel* ou *suscebivel, admittivel, &c.*

Incontestavel, Incontestavelmente — «He tomado (diz Bluteau no *Supplemento*) do francez *incontestable*, que vale o mesmo que causa indubitavel, sobre a qual he inutil contendere». E ahi mesmo auctorisa o advérbio *incontestavelmente* com o *Tratado de paz de 1713*. Hum e outro tem boa origem e analogia.

Indemnizar, Indemnização, Indemnidade — Parecem trazidos immediatamente do francez e de novo introduzidos na nossa lingua, aonde temos os correspondentes *compensar, resarcir, reparar o damno, &c.*, mas tem origem no latim; são adoptados pelo uso geral, e já forão usados nas Leis do Senhor D. José I.

Indolencia — «Até agora (diz Bluteau no *Suplemento*) não achei esta palavra em auctor Portuguez. *Indolencia* porém, como derivada do latim, parece necessaria para evitar circumloquio». Os Francezes tambem dizem *indolence*, e tanto elles como nós á sua imitaçao, o usâmos não só para significar a *insensibilidade á dor* (que

é a força do termo latino) mas tambem a *negligencia*, *incuria*, *deleixamento*, *descuido*, &c.

Inesgotavel — He innovação, imitada por ventura do fraricez *inépuisable*. Em lugar della temos *inexhausto*, *perenne*, *perennial*, *manancial*, &c. Comtudo se parecer necessario, não he contra a analogia. Nós preferiremos sempre *inexhaurivel*.

Inexhaurivel — Os nossos classicos disserão sempre *inexhausto*; mas *inexhaurivel* conforma com a analogia, he adoptado pelo uso geral e já vem nos *Estatutos novos da Universidade de Coimbra*, tom. 3.^º, cap. 1.^º, n.^º 1.^º, onde diz: «Aindaque as Sciencias Mathematicas são tantas, e cada huma dellas de tão grande vastidão e *inexhaurivel* fecundidade», &c.

Infectado — Por *inficionado*, *contaminado*, *infecto*, *tocado do contagio*, *corrompido*, *viciado*, parece-nos gallicismo, não o temos até agora achado em auctor classicos nem o julgámos necessário.

Infortunado (*Infortune*) — Por *desafortunado*, *desaventurado*, *desgraçado*, tambem ao principio nos pareceo gallicismo. Mas vem mais de huma vez em Côrte Real, *Naufragio de Sepulveda*, v. gr., no cant. 7.^º:

..... e a fôrmosa
Irmãa de Phebo passa detimento,
Mostrando-se ali sempre *infortunada*.

É no cant. 8.^º:

..... o discurso
Da peregrinação mortal, e o triste
Infortunado fim de tanta gente, &c.

Infractor, Infracção (*Infracteur, &c.*) — O primeiro já vem em Bluteau no *Vocabulario* em sentido de *quebrantador, violador, transgressor, &c.* O segundo também se usa vulgarmente, e Madureira o traz no sua *Orthografia*. Hum e outro tem origem latina, e tem por si a pratica auctorizada.

Inscrever, Inscripto — Estes dous vocabulos que achâmos usados pelos nossos escriptores modernos, aindaque pareçam tomados immediatamente do francez *inscrire* e *inscript*, tem comtudo boa origem no latim *inscribere* e *inscriptus*, e por isso não ousâmos reprovalos, muito menos quando são termos technicos da *Geometria*; mas a sua significação pôde algumas vezes exprimir-se em portuguez por differente modo, e com igual propriedade e energia, v. gr., *o seu nome está inscripto na lista*, isto he, *escripto, assentado, registado, matriculado, &c.* Em lugar de *inscrever em bronze, em marmore, &c.*, diremos muito melhor *esculpir ou insculpir, entalhar, abrir, talhar, cortar*, e tambem *gravar*, que he classico. (Veja-se Bluteau na palavra *Gravar.*) Finalmente o adjectivo *inscripto* acha-se huma vez em Arraes, no Dial. 4.º, cap. 10.º, aonde diz: «Que se fez da Igedita Cidade Cathedral, que chamâmos Idanha? Onde fica com seus marmores e letreiros *inscriptos?*» (Veja-se Bluteau no *Suplemento*, palavra *Inscripto.*)

Insignificante (*Insignifiant*) — He vocabulo tomado do francez, mas adoptado pelo uso geral. Quer dizer: *cousa que nada significa, de pouca monta, de nenhuma importancia, que pouco ou nada vale, &c.*

Insinuante — Tambem he novo na nossa lingua, e trazido para ella do francez, mas tem boa origem e derivação, e parece necessario. Já foi usado por Elpino Du-

riense na *Noticia sobre Almeno, e a sua traducçāo da Metamorfose de Ovidio*, aonde diz: «A sua voz insinuante e vigorosa, como a dos mais eloquentes oradores de Grecia e Roma», &c., e esta auctoridade, bem que moderna, he para nós de grande respeito em tal materia.

Inspectar — Do francez *inspecter*, parece desnecessario, principalmente adoptando-se o outro verbo *inspecionar*, que temos por melhor e mais conforme com a analogia. Significa *fazer inspecção* e talvez *superintender*, &c.

Installar, Installedo, &c. (*Installer, &c.*) — São vocabulos desnecessariamente tomados do francez, ou inglez. Em boa linguagem portugueza dizemos *constituir* alguem n'hum cargo, ou dignidade, *instruir, investir, meter de posse*, talvez *estabelecer*, &c.

Insultante (*Insultant*) — Tem a seu favor hum uso assás geral, e comtudo temos por melhores os adjectivos *injurioso, afrontoso, vituperoso*, &c. Jacinto Freire, *Vida de Castro*, liv. 2.^o, § 7.^o, usa de *insultuoso*, e hum poeta moderno, que se não pôde citar sem louvor, diz, falando da pessoa que insulta:

Mil graças, e risadas entre a bulha
Do vulgo *iustulador* soar se escutão.

E em outro lugar:

Tu me vale em meus males : tu castiga
D'hum genio *insultador* a petulancia.

Insurmontavel — Por *insuperavel, invencivel*, he gallicismo grosseiro e escusado.

Insurreição, Insurgente — São vocabulos trazidos modernamente do francez *insurrection, insurgent*, e dizem tanto como *sublevação, levantamento, sublevado, levantado, &c.* Tem boa origem, e não desdizem da analogia.

Interdicto (Interdict) — Por *atalhado, embargado, enleiado, suspenso, turbado, attonito*, he gallicismo desnecessario.

Interprender, Interprendido — Usão alguns ignorantemente destas palavras no sentido de *emprender ou tomar por empreza, determinar-se a fazer alguma acção difícil e laboriosa, &c.*, enganando-se com o francez *entreprendre*, que traduzem conforme o som material. Em bom portuguez dizemos *interpretar* por *acommetter de improviso*, v. gr., *huma praça, &c.*, e *interpretar* por *ataque improviso*. *Emprender* tem diferente significação, e com elle he que dizemos *emprender huma conquista, huma jornada, huma guerra, huma obra, &c.* (Veja-se o *Diccionario de Moraes* nestas palavras.)

Intriga, Intrigante, &c. — São tomados do francez, mas adoptados pelo uso geral. Dizem tanto como *enredo, enredar, enredador, &c.* As palavras *mexericô, mexericar e mexeriqueiro*, que algumas vezes se podem usar em lugar de *intriga, &c.*, parece-nos que tem uma significação mais restricta, como especie subordinada ao seu genero. *Mexericar* significa propriamente *descobrir e referir cousas occultas, que outrem tem dito ou feito, e isto com o fim de metter dissensões e semear zizanias*. *Enredar*, porém, e *intrigar* he mais generico e significa *manejar com astúcia toda a casta de artifícios e maquinacões occultas, para conseguir al-*

gum intento, em frase popular *fazer maçadas*, ou *embrulhadas*, &c., que em latim se exprime bem por *occulto artificio res miscere*; assim como *intrigante* por *dolis et artibus instructus*; *ad negotia implicanda et explicanda callidus*; e *intriga* por *occultæ artes*; *occultarum artium doli*, &c. Por onde, neste lugar, v. gr., do *Feliz Independente*, liv. 18.^º: *mais que tudo temo as intrigas dos Príncipes Latinos*, não poderíamos com toda a propriedade substituir *mexericos* a *intrigas*, e muito menos no outro lugar do liv. 19.^º: «e na presença de todos declarou toda a *intriga* do Conde, e de Neucasis», &c.

Inusitado (*Inusité*) — Parece-nos ao principio gallismo pouco digno de adoptar-se, por não offerecer melhoria alguma a respeito do adjectivo *desusado*, que diz o mesmo. Todavia Camões o empregou, aindaque huma só vez, nos *Lusiadas*, cant. 2.^º, est. 107.^a:

Ouvindo o instrumento *inusitado*.

E pôde consequintemente ter lugar em algum caso para variar a linguagem poetica.

Irreprovavel — Na significação do francez *irréprovable* parece-nos galicismo e má tradução. Em lugar delle diremos *irreprehensivel*, *inteiro*, *incorrupto*, *de costumes sãos e puros*, &c.

Isolado (*Isolé*) — Que outros escrevem *insulado*, está hoje muito introduzido nos escriptos e conversações, mas nem por isso o julgâmos adoptavel. Os nossos bons autores por *homem isolado*, dizem *homem solitario*, *só*, *só de amigos e parentes*, *desacompanhado*, *só de toda a companhia*, *só por só*, &c., e por *lugar isolado* dizem .

lugar ermo, solitario, despovoado, apartado, desamparado, &c. Ferreira, liv. 4.^o, ode 7.^a:

Sampaio tu lá só de mim estás.

Camões, Rimas, parte 1.^a:

Derribai-os, fiquem sós
De forças, fracos, imbelles.

Resende, Chronica de D. João II, cap. ultimo: «El-rey era só de parentes».

Lobo, *Corte na aldeia*, edição de 1649, pag. 127: «Me roubarão as joias e dinheiro, que trazia, deixando-me nestes desvios *desamparada*».

Miguel Leitão, *Miscellanea*, fol. 14 v.: «Lugar muito ermo, só, e apartado.»

Sousa, *Vida de Suso*, cap. 40.^o: «Foi-se esconder n'hum lugar *apartado*, onde ninguem o podia ver nem ouvir», &c.

Em alguns casos se exprimirá bem por *estreme*, v. gr., nesta proposição: *O opio dado ao enfermo* isoladamente, &c., isto he, *estreme sem mistura*; deve o medico ser *mui circumspecto em applicar o opio* isoladamente, isto he, *estreme, só por só*, &c.

J

Jaluzia (Jalousie) — Achâmos este vocabulo em huma obra portugueza original, aonde o auctor, falando dos *affectos oratorios*, diz: *Os movimentos de amor, de odio, de medo, de jaluzia e de raiva, &c.*, tomindo *jaluzia* por *ciume* ou *inveja*, que são os vocabulos portuguezes que correspondem ao francez *jalousie*. Não ignorâmos que Vieira usou mais de huma vez da palavra *gelozia* nas suas Cartas, entendendo-a no sentido do italiano *gelozia* por *sollicitu-*

de, cuidado ancioso, &c.; mas esta auctoridade, bem que respeitavel em tal materia, não a julgámos só por si bastante a fazer adoptavel aquelle vocabulo, já porque o uso anterior e posterior a Vieira recusou esta innovação, e já porque o estilo epistolar sofre algumas vezes semelhantes liberdades, sem que por isso nos auctorise para usarmos dellas em differentes circumstancias. E por certo que ninguem adoptará de Vieira a palavra *nombramento* usada por elle na Carta 96.^a do tom. 4.^º, nem a palavra *raconto (relação)* da Carta 99.^a do mesmo tomo, nem finalmente a palavra *aquistar*, que vem no mesmo tomo, Carta 118.^a

Jámais (Jamais) — Este adverbio (como advertio Dias Gomes, *Obras poeticas*, nota 4.^a á elegia 2.^a) não se deve reputar por gallicismo, pois só a indiscreta frequencia o constitue tal, sendo, como he, usado dos nossos auctores, como Gomes Eannes, Camões, Gabriel Pereira de Castro, e Ferreira. Nós, em graça dos leitores menos versados nos classicos portuguezes, poremos aqui alguns dos varios modos com que usão deste vocabulo, ou exprimem a sua significação:

Eneida Portugueza, liv. 3.^º, est. 44.^a:

Porém a quem *jámais* pelos sentidos
Passára, que algum tempo ainda os Troyanos
A Hesperia havião de ir?

Segundo cerco de Diu, cap. 2.^º:

Quando perdida verás a Fortaleza
E a esperança de cobral-a *jámais*?

Arraes, Dial. 10.^º, cap. 83.^º:

Promettei a Christo de *jámais* o deixardes.

Mausinho, *Affonso Africano*, cant. 1.^º:

Lugar de penas e tormento esquivo
Onde *jámais* se vio contentamento.

Eneida Portugueza, liv. 2.^º, est. 26.^a:

Não descansou *jámais* da furia brava.

Camões, *Rimas*:

Jámais vos não ouviráδ
Os tigres que se amansavão.

Vieira, Carta 33.^a do tom. 3.^º: «O Turco fica fazendo em Constantinopla e Candia os maiores apparatos de guerra, que *nunca jámais* se virão».

Fr. Gregorio Baptista, 1.^a parte das *Domingas*, fol. 26, verso:

Já nunca mais este Senhor castigou sem piedade.

Camões, *Rimas*:

Lembro-vos minha tristeza,
Que *jámais nunca* me deixa.

Mausinho, *Affonso Africano*, cant. 6.^º:

Esta ferrosa e linda praderia
A quem *jámais nenhuma* se igualava.

Ferreira, *Castro*, act. 4.^º:

Nem haverá *já nunca* no mundo olhos
Que não chorem da magoa.

Mausinho, *Affonso Africano*, cant. 3.^o:

Gemeram d'improviso c'hum estrondo
Nunca já visto as taboas abaladas.

Camões, Ecloga 2.^a:

Ó immatura morte, que a *ninguem*
 De quantos vida tem *nunca* perdoas.

Paiva, 1.^a parte de *Sermões*, fol. 147 verso: «S. Gregorio conta em Moisés pelo maior serviço que fez *nunca* a Deos», &c.

À vista do constante uso que fazem os nossos classicos deste adverbio com a significação de *nunca*, não podemos deixar de notar aqui como gallicismo o emprego que delle fez o doutissimo padre Pereira, traduzindo aquellas palavras do *Genesis*, cap. 9.^o, § 12, *Hoc signum fæderis, quod inter me et vos, in generationes sempiternas*, deste modo: «*Eis-aqui o signal do concerto que eu faço para sempre jámais entre mim e vós*», aonde parece haver tido presente o francez *pour jamais*, que a cada passo se acha nas traducções francezas da Sagrada Biblia, correspondendo ao latim *in sempiternum, in omne ævum, in generationes sempiternas*, e que nós traduziríamos melhor *para todo o sempre*.

Jogos de espirito (*Jeux d'esprit*) — He gallicismo a que em bom portuguez corresponde *chistes, ditos engenhosos e conceituosos, agudezas*, &c. Comtudo temos *jogar de vocabulo, e jogo de vocabulo* por *equivoco discreto* em Vieira, *Sermões*, tom. 6.^o, pag. 472, aonde diz: «Aqui jogou de vocabulo o Evangelista, e usou o equivoco que eu dizia». E logo na pag. 473: «Aqui está o *jogo do vocabulo*, e o equivoco discretissimo», &c. Também dize-

mos *fazer jogo* por *fazer zombaria*. Vieira, carta 78.^a do tom. 3.^o: «Os que *fazem jogo* dos achaques alheios dizem que me veio este a bom tempo para não ver o que se vê, nem ouvir o que se ouve». E em D. Francisco Manoel, *Carta de guia*, fol. 119, diz: «Vá mais por *jogo*, que por conselho». Usando de *jogo* por *galanteria, brinco*, &c. (Veja-se em Moraes a palavra *Jogo*.)

Jornal — Por *diario* he palavra franceza quē nos não era necessaria, e sem embargo de ser hoje mui usada, até de pessoas doutas, não a julgāmos adoptavel, maiormente attendendo á homonymia, que se deve evitar, quanto possivel for, por ser hum sinal infallivel da pobreza da linguagem.

Justeza (Justesse) — Temos no nosso idioma o adjetivo *justo* com a significação de *observador da justiça*, v. gr., *homem justo*, *Rei justo*, e daqui derivāmos o abstracto *justiça*. E temos tambem o mesmo adjectivo *justo* com a significação de *exacto, adequado, pontual*, &c., v. gr., *preço justo*, *medida justa*, *porta justa*, &c., d'onde podemos sem erro derivar *justeza*, como de *limpo, limpeza*; de *claro, clareza*; de *agudo, agudeza*, &c. Julgāmos, pois, que este gallicismo não he para reprovar-se. No *Exame de artilheria* já vem; *a justeza da pontaria*. (Veja-se Moraes no *Diccionario*.) Comtudo por *escrever, falar, pensar com justeza*, podemos bem dizer *escrever, falar, pensar com exactidão, com regularidade, com precisão, adequadamente*, &c.

L

Languir — He hum verbo francez que até agora não temos achado em algum dos nossos classicos. Significa

em portuguez *desfalecer*, ou *hir desfalecendo, estar lasso e quebrado de forças, hir-se extenuando, hir cahindo em fraqueza, hir-se consumindo*, &c., e estas expressões, bem que pareção menos concisas que o francêz *languir*, não deixão por isso de ser mui expressivas e energicas, por indicarem mais expressamente o progressivo desfalecimento e descabimento de forças, que a própria significação daquelle verbo. Comtudo na moderna traducçâo da *Lyrica de Horacio*, por Elpino Duriense, liv. 3.^o, ode 12.^a, achâmos:

Nem *langue* Baccho em Lestrygonia talha.

Traspassando as palavras do poeta latino :

Nec Lestrygonia Bacchus in amphora *languescit* mihi...

E já semelhantemente parece que quiz D. Francisco Manoel derivar o verbo *latir* do latino *latere*, quando disse na *Carta de guia*, fol. 106: «Tomado daquelle adagio latino, que entre as hervas mimosas *latia* o aspide peçonhento»; bem como temos o verbo *delir* do latino *delcre* e a voz *dile* de *delet*, que foi usada por Arraes no Dial. 4.^o, cap. 15.^o

Laxo, Laxidão, Laxamente (Lâche) — São vocabulos portuguezes de bom cunho, cuja significação he bem sabida; mas quando se diz, v. gr., *ceder laxamente aos movimentos da inveja*, he gallicismo, e deve-se emendar a frase, dizendo *ceder vilmente, indignamente, infamemente, &c.* Ser *acusado de laxidão para com a patria*, isto he, *de cobardia; o amor da patria triunfará dos laxos conselhos de Venus*, isto he, *dos torpes, baixos, indignos conselhos, &c.* O *laxo que perde a razão no perigo*, he hum ser degradado e corrompido,

isto he, o *cobarde*, o *poltrão*, o *infame*, que perde o animo no meio dos perigos, he hum homem baixo e corrompido, &c.

Libertino, Libertinagem — São vocabulos trazidos do francez. O uso geral porém os tem adoptado e não sem causa, se com elles significarmos a idéa complexa de *licenciosidade com irreligião*; homem *devasso em costumes*, com *erradas opiniões religiosas*, a qual idéa se não poderia exprimir por outro modo em portuguez sem circumloquio.

Limitrofe — Parece ter-nos vindo immediatamente do francez *limitrofe* com a significação de *comarção, confinante*, e diz-se dos povos ou paizes que *visinhão, comarção, ou confinão* entre si. A sua origem he o vocabulo latino *limitrophus*, que significa o que está nas fronteiras. Parece adoptado pelo uso.

M

Mais grande — Temos lido em traducções modernas estas clausulas: *São cousas que determinão o mais grande numero de homens; Scipião, hum dos mais grandes generaes da antiga Roma; Eis-aqui a mais grande impolitica, &c.*; as quaes são mais fracezas que portuguezas, devendo dizer-se: o maior numero, hum dos maiores generaes, a maior impolitica, &c. He verdade que lemos tambem em Arraes, Dial. 5.º, cap. 2.º: «Excellente filosofo he o Rei, que os insultos e atrevimentos dos delinquentes castiga com o mais pouco sangue que pôde»; e em outros classicos pôde ser que se achem outros alguns semelhantes modos de falar; a sua frequencia porém, na nossa actual linguagem, indicaria affectação de francezis-

mo, e daria ao discurso aquelle aspecto estrangeiro que a desfigura e que se deve evitar.

Mal a proposito — Expressão adverbial franceza (*mal-à-propos*) impropriamente tomada para o portuguez. Significa *fóra de proposito, sem proposito, desaproposidamente, intempestivamente, &c.*

Mancado (*Manqué*) — Em hum *Compendio de Rhetorica Portugueza*, querendo o auctor tractar daquelle *vicio da oração*, a que chamão *neologismo*, ou (como elle interpreta) *extravagancia de crear palavras novas*, diz assim: «Este vicio, que pôde ser reprehensivel pelo seu excesso, tem por fim enriquecer a lingua, e limitar o muito frequente uso das circumlocuções: he racionavel este fim, mas tem muitas vezes *mancado*». Nas quaes palavras, deixada a incoherencia de hum *vicio*, que *tem por fim enriquecer a lingua*, notámos sómente a palavra *mancado*, que, segundo o nosso parecer, se não pôde hoje usar no estilo culto sem censura. Comtudo Fernão Alvares do Oriente a empregou na *Lusitania transformada*, pag. 98, edição de 1607: «Por supprimirmos com a diligencia da jornada a falta de tempo que nos *mancava*». E Moraes cita no *Diccionario* outro lugar de Alarte, em abono da mesma palavra.

Manobra (*Manœuvre*) — O vocabulo francez parece significar primariamente *todo o trabalho que se faz para dar movimento a hum navio*, que em bom portuguez dizemos *mareação*. D'aqui o empregáro para significar *os diversos movimentos e operaçōes de hum exercito, ou corpo de tropas*; e ultimamente o ampliarão ao sentido moral e figurado, exprimindo por elle todos *os meios, recursos e maneios*, que se empregão para obter e concluir qualquer negocio, ou empreza. Os Portuguezes mo-

dernos o tem usado, à imitação dos Francezes, em todos estes sentidos, que não reprovámos, tanto pela propriedade da expressão, como por ser já de uso frequente e auctorizado. No primeiro significado de *mareação*, já vem nos *Estatutos novos da Universidade*, liv. 3.^o, part. 2.^a, n.^o 5.^o: «Pelas mathematicas se regulão as manobras e derrotas da pilotagem», &c.

Manufactureiro — Parece ser tomado por nós do francez *manufacturier*, e pelos Francezes do inglez *manufacturer*, e significa *fabricante, official que trabalha em manufacturas*, talvez *obreiro*. Não o julgámos bem derivado, e se carecessemos delle, deveríamos antes dizer *manufacturador*.

Massacro, Massacrar, Massacrado (*Massacre, &c.*) — Andão estes vocabulos tanto em moda, que até já se ouvem com frequencia da bôca de pessoas indoutras, e ignorantes do francez: mas são puros gallicismos, que de nenhum modo podem ter lugar no nosso idioma. Em portuguez legitimo e intelligivel dizemos *assassinio, matança, assassinado, assassinar, matar cruelmente, &c.*, e no sentido figurado, v. gr., *este homem tem-me massacrado com as suas impertinencias*, quer dizer: *tem-me mortificado, importunado, tem-me matado*, e em linguagem familiar, *tem-me causticado com as suas impertinencias, &c.*

Mesmo — Este vocabulo he, falando propriamente, hum adjectivo que exprime a *identidade* das cousas ou pessoas, e he opposto em significação aos adjectivos *outro*, ou *diverso*. Assim quando dizemos *o mesmo homem, ao mesmo tempo, no mesmo lugar, os mesmos factos, &c.*, queremos significar que esse *homem, tempo, lugar, e factos*, são identicos a si mesmos considerados em ou-

tras circumstancias, de que já temos falado. Alem desta primeira significação, e por virtude della, usámos tambem o adjectivo *mesmo* junto ao nome, para expressarmos *com enfase* o proprio sujeito que o nome designa, e para fazermos que o leitor, ou ouvinte, fixe nelle a sua attenção. Neste sentido dizemos: *Os mesmos Reis não são felizes, se não são virtuosos; a virtude he recompensa de si mesma; o mesmo Deos se humilhou para nos ensinar a ser humildes, &c.*; aonde o adjectivo *mesmo*, não podendo em rigor significar a *relação de identidade*, que sempre suppõe comparação, serve tão sómente para exprimir com enfase a pessoa, ou cousa de que se fala, imitando a particula latina *met*, que tambem se emprega do mesmo modo, v. gr., *ego met vidi: hisce met oculis vidi, &c.* Estes são os significados, com que entre nós se usa do adjectivo *mesmo*, e quem ler com attenção os classicos, verá que regularmente o costumão antepor ao nome, salvo quando he algum dos pronomes *eu, tu, elle, nós, vós, elles*, em qualquer das suas differentes fórmas. Achão-se comtudo exemplos em que o adjectivo *mesmo* vem posposto ao sujeito a que se ajunta: v. gr., em Duarte Nunes, *Chronica de D. Affonso III*, edição de 1677, pag. 83: «O mestre no dia *mesmo* seguinte».

João Franco, *Eneida Portugueza*, liv. 6.^o, est. 175.^a:

E como seu pai *mesmo* a si o iguala.

Miguel Leitão, *Miscellanea*, pag. 500: «E no lugar *mesmo*, onde o encontrou». Bernardes, *Sermões e práticas*, part. 1.^a, pag. 306: «Maior prodigo parece que a luz *mesma* se não conheça a si».

Mausinho, *Affonso Africano*, cant. 8.^o:

O monte *mesmo* teme o peso forte
Fica o visinho bosque estremecido, &c.

A lição porém dos livros franceses parece haver introduzido outro uso deste adjectivo, que he pouco conhecido, ou pelo menos mui pouco frequente no idioma portuguez, do qual daremos alguns exemplos nas seguintes frases:

Ellas são mesmo preciosas, isto he, ellas até são preciosas.

Poderia mesmo presumir-se, isto he, até poderia presumir-se.

Dir-vos-hei mesmo, &c., isto he, dir-vos-hei tambem, ainda mais vos direi, ou até vos direi.

Mas estes exemplos são rares mesmo em França, isto he, até em França, ou ainda em França, &c.

Não occultaremos porém aqui, que deste mesmo uso se achão exemplos, posto que raros, nos nossos escriptores, como, v. gr., em Camões, part. 1.^a das *Rimas*, son. 93.^º:

*Que se contra mim estaes alevantados,
Eu vos ajudarei mesmo a matar-me.*

E em D. Francisco Manoel, *Carta de guia*, fol. 153 verso: «Digo eu, que o casado por alegrar sua mulher e familia, *mesmo* de seu movimento, mande fazer em sua casa duas e tres comedias cada anno», &c.

Metter — Tambem deste verbo se usa muitas vezes, empregando-o em frases, em que o não sofre a nossa linguagem. Daremos alguns exemplos dos muitos que temos observado:

Sentimentos elevados, que vos mettão em estado de conhecer o preço das cousas, isto he, que vos ponhão em estado, &c.

Hum sermão em o qual se não mettesse em obra nem a escriptura, nem a tradição, isto he, em o qual se não empregasse, se não allegasse, se não fizesse uso, &c.

Metteo à contribuição os fructos das arvores, isto he, fez contribuir, &c.

Terras tão dilatadas para cuja acquisição se tinha metido tanto interesse, isto he, em cuja acquisição se havião empregado tantos cuidados, ou cuja acquisição se tinha procurado com tanta diligencia, &c.

Tudo metteo em obra para conseguir, &c., isto he, tudo tentou, tudo moveo, tudo empregou para conseguir, &c.

Ministros do culto — He frase trazida do francez com reprehensivel affectação, e já pôde ser que com menos religioso intento. No nosso bom e antigo portuguez dizemos *ministros do altar, da Igreja, da Religião, ministros eclesiasticos, clero, clerezia, &c.*

Moblado, Mobilado, Mobiliado, Mobilhado, Mobelado, Amobilar, Amobilação (Meuble, &c.) — De qualquer modo que se escrevão, são gallicismos escusados. Em portuguez dizemos *adereçado, ornado, adornado, alfaiado, e adereçar, alfaiar, adornar, aparamentar, &c.*

Moção (Motion) — Significa primariamente *movimento, toque, impulso* no corpo, e figurado, *no animo*. Os Francezes o usárão modernamente para significar, como em inglez, huma *proposta, ou proposição* de algum assunto, que ha de tractar-se e discutir-se em ajuntamento publico, ou particular. Neste sentido he escusado em portuguez.

Montar em colera — He gallicismo grosseiro, que achâmos em huma traducção, impressa na seguinte frase: *a leitura deste papel o fez montar em colera, isto he, o poz em grande colera, o encolerisou muito, &c.*

Morder a terra (*Mordre la poussière*) — Parece-nos ao principio expressão franceza, e impropria da nossa lingua; mas achámos-a depois em autores de boa idade, tais como Arraes, Dial. 4.^º, cap. 14.^º: «He natural generoso, mui proprio dos Lusitanos, pugnar pela liberdade, até *morder a terra* com sua bôca, e a regar com seu sangue».

Côrte Real, *Naufragio de Sepulveda*, cant. 9.^º:

Com bramido espantoso se debruça
O gentio na terra, onde c'a raiva
Mortal as ervas morde, que do sangue
Da ferida cruel já estavão tintas.

E no *Mazagão defendido*, poema ms., cant. 6.^º:

..... o furioso
Pelouro dá n'um Turco, que estirado
A terra com a dor mortal mordia.

Imitação de Virgilio, *Aeneida*, liv. 11.^º:

Procubuit moriens, et humum semel ore momordit.

N

Negligé — He vocabulo puramente francez, e mui usado das pessoas mimosas e adamadas, quando dizem, v. gr., que alguem *está vestido ao negligé*, isto he, *ao desdem, a descuido, em ou com desalinho, desalinhadamente*, &c. Arraes, Dial. 10.^º, cap. 47.^º, diz no mesmo sentido: «Apertar os cabellos . . . com desordem e decomposição». Sousa, *Vida do Arcebispo*, liv. 6.^º, cap. 2.^º: «O cabello ondado e louro pelos hombros *sem arte* es-

tendido»; e logo: «o cabello tomado em tranças sobre a cabeça *com mostras de pouco cuidado*».

Mausinho, *Affonso Africano*, cant. 12.^º:

As donzelas ao vento derramados
Os cabellos *sem ordem, sem concerto*, &c.

Nuanças — He vocabulo puramente francez, e hum daquelles que mais difficultosamente se pôde traspassar ao portuguez sem circumloquio. Parece que significa principalmente *os varios toques de huma mesma cór*; as *diferenças insensíveis, que se vão dando a huma cór, quando se quer passar a outra suavemente, e com harmonia; a mistura e união de córes diversas com tão suave proporção, que não offende, antes agrada á vista*. Aos artistas pertence achar, ou inventar o proprio vocabulo, que deve corresponder ao francez *nuances*; mas pôde ser que tenhão aqui algum lugar *sombrias, assombrar*, &c. Tambem se usa em francez para significar em geral *as pequenas diferenças*, que tem entre si objectos do mesmo genero, ou as *modificações insensíveis*, que os fazem na realidade differentes, sendo aliás identicos nas suas qualidades substanciaes, &c.

Nullo, Nullidade — Tem significação portugueza, que todos sabem: mas não costumámos dizer *homem nullo*, por *homem inepto, de pouca conta, que de nada vale, que para nada presta*, &c., nem tambem *nullidade por ineptidão, incapacidade*, &c.

O

Obrigante (*Obligeant*) — Por *obsequioso, officioso, cortez, civil, urbano*, &c., parece-nos innovação escu-

sada. Em outro sentido usâmos do adjectivo *obrigatorio*. (Veja-se Moraes no *Diccionario*.)

Ostensivel, Ostensivelmente — Começão a usar-se em papeis impressos, á maneira dos Francezes, *ostensible* e *ostensiblement*. Nós dizemos em portuguez, v. gr., *carta ostensiva*, isto he, que *se pôde mostrar*, que he *para se mostras*, e podemos daqui derivar analogamente o adverbio *ostensivamente*, quando quizermos dizer que huma cousa se faz *por mostra*, *em apparencia*, *apparentemente*, *só para se ver*, &c., como por exemplo na seguinte frase franceza: *cet'homme faisait ostensiblement les fonctions de secrétaire*, &c., isto he, este homem fazia *ostensivamente, na apparencia, quanto ao que se via*, &c., as funcções de secretario, &c.

P

Pamphleto — Não comprehendemos a razão por que se pretende trazer á nossa lingua este vocabulo tomado do francez *pamflet*, ou do inglez *pamphlet*. Em melhor linguagem diremos *livrinho*, *folheto*, *papeleta*, *livrete*, &c.

Para — Veja-se adiante *Por*.

Paralysar, Paralysado — São vocabulos de origem grega, e tomados por nós imediatamente, ao que parece, do francez *paralyser*, e *paralysé* no sentido moral e figurado, v. gr., *paralysar a auctoridade*, isto he, *tirar-lhe a sua força e energia, suspender ou enfraquecer a sua acção*. Os nossos escriptores havião prevenido a falta desta expressão, usando de *paraliticar* e *paraliticado*, ou *aparaliticado*, como lemos em Paiva, *Sermões*, part. 1.^a, pag. 259 verso, onde diz: «A alma apa-

raliticada, que não sente esta repugnancia interior da fé». E pag. 262 verso: «A alma assi chega a se empeder-necer, e *paraliticar*, que», &c. Comtudo não reprovâmos o uso moderno, visto ser já mui commun, e não encontrar a analogia.

Parque (do francez *Parc*, ou do inglez *Parck*) — Por *tapada*, *coutada*, *bosque cercado* para caça, he de Barros, Lucena, e outros classicos. No sentido militar *parque de artilheria* parece ser moderno, e trazido do francez, mas adoptado. (Veja-se Bluteau, *Suplemento*.)

Patriota, Patriotismo — Significando *amante da patria*, são vocabulos modernos em portuguez, e derivados dos francezes *patriote* e *patriotisme*, que tambem parecem trazidos do inglez *patriot* e *patriotism*. O uso geral os tem adoptado, e não se podem suprir por outro modo sem circumloquio.

Peça de eloquencia, Peça de poesia, &c. — Assim nomeão os Francezes *pièces de éloquence*, *pièces de poésie*, alguns *discursos oratorios*, *poemas não extensos*, &c. Não reprovâmos a expressão, visto que a palavra *peça* tambem se usa em portuguez, aindaque a diversos respeitos, falando não de *parte* ou *pedaço* de alguma obra, mas de obras inteiras. V. gr., em Barros, Dec. 2.^a, liv. 2.^o, cap. 2.^o: «Promettendo de lhe dar livremente a ilha Baharem e a villa Catifa, a ella fronteira, por serem *peças* mui vizinhas a Lasab». E em Sousa, *Vida do Arcebispo*, liv. 2.^o, cap. 31.^o: «Por ordem do Senado d'aquelle Republica, lhe foi mostrado o prato, em que Christo Señor nosso comeo o Cordeiro Pascoal na ultima Ceia. He *peça* de preço inestimavel», &c.

Penivel, Penivelmente — São gallicismos desne-

cessarios, em lugar dos quaes diremos *penoso, molesto, incommodo, trabalhoso, afanoso, que causa pena, &c., e penosamente, trabalhosamente, &c.*

Pensar— Por *julgar, entender, ser de parecer, ter para si, &c.*, foi sempre usado em portuguez; mas no sentido mais generico, comprehendendo em sua significação *todas as operações do nosso entendimento*, he palavra moderna, tomada, segundo parece, do francez *penser*, e com justa razão adoptada; pelo que dizemos hoje em boa linguagem: *homem que pensa bem*, isto he, *que tem idéas exactas; que as combina com acerto; que dis-corre com regularidade, &c.*

Pensar as feridas (do francez *Panser*)— Por *curar, tractar as feridas*, parece expressão nova em portuguez; mas temos as frases *pensar a criança*, isto he, *alimpal-a, enfaixal-a, amamental-a, e ter cuidado della; pensar o cavallo*, isto he, *dar-lhe de comer, tractar delle, &c.*, nas quaes o verbo *pensar* se usa com a mesma significação.

Pequeno— Aindaque este vocabulo seja perfeitamente igual em significação ao francez *petit*, nem sempre nos he permitido traduzir hum pelo outro; mas cumpre que examinemos o uso de ambas as linguas para não cahirmos indiscretamente em torpes gallicismos. Os Francezes, por exemplo, se servem com frequencia do adjectivo *petit* para formarem os seus diminutivos, o que nos não convem imitar em todos os casos, maiormente sendo o nosso idioma tão rico e variado nestas fórmas dos adjectivos. Assim, v. gr., em lugar desta frase: *Adélia se diverte com hum lindo pequeno navio*, diremos muito melhor: *com hum lindo naviozinho*. Em lugar de *abraçai por mim a agradavel pequena Adélia*, deve dizer-se

abraçai por mim a linda Adelinha; a minha amavel pequena Constança, isto he, a minha amavel Constancinha, &c. Outras expressões ha, em que convem traduzir o francez *petit* de diferente maneira, v. gr., nesta frase: *o papel de desdenhosa he o de hum pequeno genio*, deve dizer-se *he de hum animo cativo, apoucado, acanhado, baixo, &c., a altivez he o defeito dos pequenos genios*, isto he, *das almas baixas, apoucadas, vis, &c.* E se nestas, ou outras semelhantes frases se julgar alguma vez expressivo o adjectivo *pequeno*, deverá em tal caso pos-pôr-se ao substantivo, v. gr., *a altivez he o defeito de huma alma* pequena; porque não he indiferente, em muitas frases portuguezas e francezas, o lugar do adjectivo. Finalmente he erro mui grosseiro traduzir *petit-fils* por *pequeno filho*, em lugar de *neto*, como temos encontrado, não poucas vezes, em traducções impressas.

Perder a cabeça (*Perdre la tête*) — Por *enlouquecer, tresvariar, desatinar, ficar alienado*, ou tambem *perder os sentidos, desmaiitar, desfalecer, &c.* he gallismo escusado.

Pericivel (*Périssable*) — He erro grosseiro: deve dizer-se, v. gr., *bens perecedeiros, ou perecedouros, caducos, transitorios, &c.* Veja-se *Imperissivel*.

Personalidade, Personalizar (*Personnalité, &c.*) — Tem já a seu favor hum uso mui geral e auctorizado, e são derivados com boa analogia. Tambem se podia dizer *pessoalidade* e *pessoalizar*, e este ultimo já o achâmos empregado em huma traducção moderna.

Petit-metre ou Petimetre — He a palavra francesa *petit-maitre*, que temos visto usada até em traduções e papeis impressos. Podemos exprimil-a por *peral-*

ta, peralvilho, casquinho, mancebo presumido, garrido, rapaz adamado, que affecta mil modos, e geitos no falar e trajar, talvez *pedante*, &c. O celebre Abbade de Jazente já o empregou em hum dos seus *Sonetos* que andão impressos, dizendo:

Basta-me só que ás vezes nas visitas
 As vejão *petimetros* namorados,
 As oução sem desprezo as senhoritas.

E em outro :

Se a moda o quer assim, calle a censura,
 Em quanto o *petimetre* e a dama bella
 Dança com gala, e canta com doçura.

Picante — Dizemos em portuguez *palavras picantes*, *sabor picante*, *remorsos picantes*, *cuidados picantes*, isto he, *pungentes*, *penetrantes*, &c., mas *contraste picante* por *notavel*, *estremado*, *assignalado*, &c., parece gallicismo escusado, bem como *maximas escriptas com huma precisão picante*, isto he, *fina*, *delicada*, *viva*, *aguda*, *estremada*, &c.

Picar a curiosidade — Por *movel-a*, *excital-a*, tambem parece gallicismo; mas não o julgâmos impro prio, visto que tambem dizemos *estimulado da curiosidade*, e *estimular a curiosidade*, que he metáfora igual.

Picar-se de honra, de nobreza, de sabedoria, &c. (Se piquer, &c.) — He gallicismo que havemos por inadoptavel no nosso idioma: nem nos demové deste sentimento a auctoridade de Bluteau, que traz estas expressões no seu *Vocabulario*, sem todavia as auctorizar. A nossa linguagem tem muitos modos de exprimir a

mesma idéa, com igual energia, v. gr., *presumir de honrado, vangloriar-se de nobre, ostentar de sabio, jactar-se de erudito, gabar-se, gloriar-se de bom engenho, blasonar de valente, caprichar de polido, inculcar-se por fidalgo, vender-se por esperto, abonar-se de judicioso, &c.* He digno de notar-se aqui o uso que faz Vieira deste verbo no tom. 15.^º dos *Sermões*, pag. 204, aonde diz: «Taes extremos, como todos estes, faz o Senhor dos exercitos, quando se pica de ciumes da sua gloria», &c.

Placard (*Placard*) — Não sabemos com que fundamento Moraes metteo este vocabulo no *Diccionario da lingua portugueza*, sendo puro francez, e tendo nós *edital* e *cartel*, que dizem o mesmo. Hoje se usa tambem *placard* para significar a *insignia*, ou *divisa* das Ordens Militares, pregada ou bordada sobre o vestido: mas ainda que o fundamento do sentido figurado não seja aqui tão vil e torpe, como em *crachá*, com tudo não achâmos bem clara e expressiva a analogia, que ha entre o *edital*, que se prega na parede, e o *habito* ou *divisa*, que se borda sobre o vestido. E todos sabem que esta analogia deve ser a base do sentido figurado. (Veja-se *Crachá*.)

Ponto de vista (*Point de vue*) — He termo da arte de pintura, e significa o ponto que o artista escolhe para pôr os objectos em perspectiva. Tambem se diz do lugar d'onde se pôde bem ver o objecto, ou do lugar onde o objecto se deve collocar para melhor ser visto. He adoptado na linguagem das artes, e parece necessario. Bernardes, *Sermões e praticus*, pag. 125, diz: «Huma imagem primorosa, para ver se tem defeito por alguma parte, à virâmos de muitos modos, e a contemplâmos a varias luzes, isto he, em varios pontos de vista». Em outro sentido dizemos ver hum objecto *debaixo de diversos aspectos*, ou por *mais de huma face*, &c.

Populaça (*Populace*) — He palavra franceza innovada sem necessidade, e diz tanto como o portuguez *gentalha, infima plebe*, ou ainda mais propriamente *a escuma do povo, as fezes do povo, a escoria do povo, a gente da infima relé, o mais vil do povo*, &c.

População (*Population*) — Os nossos bons escriptores dizião com melhor analogia *povoação*; comtudo não reprovámos *população*, que tem a seu favor o uso frequente, e algumas boas auctoridades modernas.

Por, Per, Pelo, Para, &c. — São preposições portuguezas, cujas varios usos e differenças se devem aprender pela assidua lição dos classicos. Parece-nos porém gallicismo reprehensivel empregal-as nas seguintes frases, que trazemos para exemplo de muitas outras que os nossos modernos escriptores tem tomado indevidamente do francez:

Todo o ente subordinado à outro, e que não tem por elle o respeito que deve ter, &c., isto he, que *lhe* não tem o respeito.

O gosto que hum tem pelo outro, isto he, que hum tem *do outro*, que hum *faz do outro*, &c.

Inspirar desgosto pela leitura, isto he, *da leitura*, ou *para a leitura*.

Inspirava-lhe hum profundo desprezo por toda a pessoa que não tivesse valor, isto he, *de toda a pessoa*, ou *para toda a pessoa*.

Juramento de fidelidade e amor pelo principe, isto he, *ao principe*.

Eis-aqui os grandes fructos da vossa protecção para Ulysses, isto he, *a favor de Ulysses*, *da protecção que dais a Ulysses*.

Tudo vos assusta por vosso filho, isto he, *acerca delle*, *a respeito delle*.

Felizmente para nós, isto he, por felicidade nossa.

A paixão de Zopiro para Zenobia, dir-se-ha melhor por Zenobia.

Ter inclinação pelas letras, isto he, ás letras, ou para as letras. Sousa, *Vida do Arcebispo*, liv. 1.^o, cap. 2.^o, tambem diz: «Parecia que a natureza o criára isento da inclinação delles (scil. dos passatempos pueris)».

Havia tudo que receiar para elle e sua māi, isto he, acerca delle, a respeito delle e de sua māi.

Mortaes, prezareis tão pouco a virtude para suppordes austero hum semelhante assumpto? isto he, prezareis tão pouco a virtude, que vos pareça austero, que tenhais por austero, que supponhais austero, &c.

Pôr alguém ao facto de alguma cousa — He gallicismo que diz tanto como *instruir a alguém dessa cousa, fazer-lha saber, intearal-o della, informal-o*, &c.

Porta-espada (*Porte-épée*) — He innovação escusada, visto termos *talim, talabarte, boldrié*, que dizem o mesmo.

Porta-manto (*Porte-manteau*) — He outro gallicismo desnecessario, em lugar do qual dizemos *mala*, ou *maleta*. Mas se se quizer hum vocabulo proprio, e de significação mais restricta, porque não diremos antes *porta-capa*, ou *porta-capote*, assim como os Italianos dizem *porta-cappe*, *porta-mantello*, e os Hespanhoes *porta-capa*, e nós mesmos *porta-bandeira*, e não *porta-insignia* do francez *porte-enseigne*?

Praticado e Praticavel — Veja-se *Impraticavel*.

Pré ou Pret, e no plural Prets — São palavras trazidas do francez *prét*, empregadas nas *Condições adjuntas*.

tas ao Decreto de 27 de Junho de 1762, no Alvará de 9 de Julho de 1763, na Carta de Lei da mesma data, §§ 6.^º, 9.^º e 13.^º, e no Alvará de 14 de Abril de 1764, e hoje mui geralmente usadas na linguagem e leis militares. A origem e propria significação deste vocabulo militar acha-se na obra intitulada *Etat actuel de la Législation sur l'Administration des Troupes*, impressa em 1808, nos seguintes termos: «La solde se payait par mois sur revues, comme il se pratique encore aujourd'hui pour les Officiers, et se nommait montre. Le mauvais usage, qu'en faisaient les soldats, qui dissipaien en peu de jours tout ce qui leur revenait pour le mois, força à leur faire une *avance* tous les dix jours par forme de *prêt*, terme en usage, et dans le même sens, dès Charles VII», &c.

Prejuizo — Sempre este vocabulo significou em portuguez *damno*, *defraudamento*, *detrimento*, *perda*, &c.; hoje he mui vulgar dizer-se *prejuizo* em lugar de *preocupação*, *prevenção*, *opinião antecipada*, &c., do francez *préjugé*. Não o approvâmos, por não ser necessario, e por causa da homonymia: comtudo não ignorâmos que o latin *praejudicium* tambem significa *juizo antecipado*, e que d'aqui se poderia deduzir a segunda significação da palavra *prejuizo*.

Prematuro — Parece ser trazido á nossa lingua do francez *prématûr*. He já muito geralmente usado, tem boa origem, e não desdiz da analogia. Significa *maduro antes de tempo*, e no sentido figurado corresponde a *anticipado*, *feito antes de tempo*, &c.; mas nem sempre estas duas palavras se podem empregar arbitrariamente huma pela outra, por quanto, v. gr., *providencias antecipadas* pôde dizer-se, e entender-se *em bom sentido*, das que se dão, ou tomão *muito a tempo* a respeito de

qualquer negocio: mas *providencias prematuras* parece entender-se sómente *em mau sentido* das que forão *inutis*, ou ainda *nocivas* por *immaturas*, tomadas *fóra de tempo*, e antes que o negocio tivesse chegado ao ponto em que elles poderião ser proveitosas, &c.

Pressante (*Pressant*) — He galicismo escusado, e vocabulo improprio da nossa lingua. Em bom portuguez dizemos negocio *urgente*, *forçoso*; circumstancias *apertadas*; razões *forçosas*, *apertadas*, *urgentes*; ordens *apertadas*; motivos *urgentes*; perigo *imminente*, *instante*, &c.

Prevalecer-se de alguma cousa — He frase francesa. Em portuguez temos *prevalecer*, isto he, *poder mais*, *levar vantagem*, *levar a melhor*, &c.; mas *se prévaloir de quelque chose* quer dizer *valer-se de alguma cousa*, *lançar mão della*, *servir-se*, *ajudar-se della*, &c.

Primeiro nascido (*Premier-né*) — Por *primogenito*, *filho maior*, *filho mais velho*, he abuso intolera vel, que mais de huma vez temos notado em traducções impressas.

Prodigar (*Prodiguer*) — Por *prodigalizar*, *despender prodigamente*, *desperdiçar*, he francezismo escusado.

Progredir — He vocabulo trazido de novo á nossa lingua, á imitação dos Francezes, que tambem o tomáro do latim *progredi*. Significa *continuar*, *hir por diante*, *fazer progressos*, *hir ávante*, &c. Não o julgámos de absoluta necessidade. Comtudo na Carta Regia de 7 de Março de 1810 já vem o termo *progredindo*.

Projecto e Projectar — Do francez *projet* e *projet-*

ter são adoptados. Veja-se Bluteau no *Vocabulario* e no *Suplemento*.

Propriedade — He erro grosseiro traduzir por este vocabulo a palavra franceza *propriété* (*limpeza, aceito*), como temos observado em algumas traducções, confundindo-o com *propriété, propriedade*.

Q

Que — He hum vocabulo que se usa de varias maneiras no idioma portuguez e tambem no francez; mas he erro e abuso traspassal-o para a nossa lingua nos seguintes casos:

1.^º No principio das proposições *optativas, imprecativas, &c.*, v. gr.: Que *saiba todo o mundo os nossos amores!* Que *eu morra se isto assim não he!* Que *elle sirva de pasto aos monstros!* &c. Neste genero de frases costumâmos dizer em portuguez: *Permita o Ceo que todo o mundo saiba..., &c.*, ou *oxalá que..., ou praza a Deos que..., &c.*, e se quizermos fazer a frase mais elliptica e mais concisa, diremos: *Saiba o mundo os nossos amores. Morra eu se isto assim não he. Sirva elle de pasto aos monstros, &c.*

2.^º Nas frases compostas de dous ou mais membros, ou incisos, em cada hum dos quaes costumão os Francezes repetir o *que*, como succede nas que começão pelas formulas *tandis-que, lors-que, après-que, &c.*, v. gr., quando elles se arrastarem pelo lodo do peccado, e que o castigo vier, &c. Quando a força circula, e que a alegria parece pular nas veias. Depois de ter restituído Helena a Menelau, e que Neoptolemo fez sacrificar, &c. Em quanto o ardente calor murchava o esmalte dos lirios, e que as Driades

procuravão as claras fontes. Não tereis mais que hum semblante, e que huma palavra, &c. Nas quaes palavras o segundo *que* he hum pleonasmo vicioso em portuguez, por ser empregado contra o uso e boa syntaxe do lingua.

3.^º Nas frases onde o *que* francez tem a força da particula restrictiva *senão*, v. gr., *como esta prova não pôde fazer impressão que sobre hum ouvido atento*. Os lugares oratorios exteriores são aquelles, que sem serem absolutamente estranhos á materia, não tem que huma relação indirecta com ella, &c. As quaes frases em portuguez corrente querem dizer: *como esta prova sómente pôde fazer impressão, ou como esta prova não pôde fazer impressão senão sobre*, &c.

Muito mais se deve evitar esta especie de gallicismo, quando da traducçao litteral se segue escuridade, ou má intelligencia da frase, como, por exemplo, neste lugar tirado de huma traducçao impressa: *Se os lavradores não alcanção pelo trabalho mais rude e mais constante, que huma existencia desgraçada, não entrarião já na classe dos associados, mas dos escravos*, aonde o *que* separado do verbo *alcanção* pelas expressões intermedias, faz escurio e quasi inintelligivel o sentido do auctor, devendo dizer-se: *Se os lavradores, por meio do mais rude e constante trabalho, não alcançassem mais que huma existencia desgraçada, ou sómente alcançassem, ou nada mais alcançassem que huma existencia, &c., não deverião ser contados na classe dos cidadãos, mas sim na dos escravos*, &c.

Cumpre porém notar aqui: 1.^º, que achâmos hum exemplo deste gallicismo em Lobo, *Côrte na aldeia*, edição de 1649, pag. 135, onde diz: «*Não se ama a cousa que pelo que he*».

2.^º Que igualmente nos parece reprehensivel o *que* em

lugar de *como*, ou *quanto*, usado nos versos de Filinto Elycio na seguinte frase :

..... e até das damas,
Que a natureza fez tão engenhosas,
Tam validas das Musas, *que* de Venus.

3.^º Que muito portuguezmente usâmos do *que* em lugar de *senão*, quando no primeiro membro da frase vem o adjectivo *outro*, *outra cousa*, &c., v. gr., em Arraes, Dial. 5.^º, cap. 24.^º: «Não sendo a virtude outra cousa, *que* huma medianeira», &c. No *Espelho de religião*, pag. 79.^º: «Nenhuma outra cousa lhe havião lançado *que* sal e agoa», &c.

Queimar a cabeça (*Bruler la tête*) — He expressão francêza, que vale tanto como em portuguez *matar*, ou mais á letra *matar a tiro dado na cabeça*.

R

Rango — He tomado indevidamente pelos nossos traductores modernos do francez *rang*, por ignorarem que temos em portuguez o mesmissimo vocabulo, posto que já com outra orthografia e pronunciaçāo. Duarte Nunes, no *Orthografia da lingua portugueza*, cap. 44.^º, diz: «Que dos Francezes Limosiis tomárão os Portuguezes o vocabulo *rench* por *teia para justa* (fileira de taboas, com que se fechava o campo), e que d'aqui dizemos *as cousas postas em ordem ou ala* estarem em *rench*». Da-mião de Goes escreve: *duas renques de homens armados*, isto he, *duas fileiras*. Hoje finalmente se diz com frequencia *pôr em renque*, ou *em renga*; *huma renga de arvores*, &c.; e nesta província do Minho se tecem certos

panos de linho mui raros, a que chamão *rengues*, ou *rengos*, aos quaes, pôde ser, alludia D. Francisco Manuel nas suas *Obras metricas*, tom. 2.^º, pag. 60, col. 1.^a, quando dizia :

Não me cazo co' avoengo,
De pai de māi Deos nos livre,
Sogra astuta sogro sengo
Pede ora a capa, ora o *rengo*,
Se he cativa, eu não sou livre.

(Veja-se Bluteau nas palavras *Rengue* e *Rengo*, e o *Dicionario* de Moraes nas mesmas palavras.)

Reclamar — Tem este verbo suas significações proprias em portuguez, que se achão nos dicionarios, e devem ser sabidas, mas com a significação de *invocar*, *implorar*, e tambem *demandar*, *exigir*, &c., parece-nos galicismo reprehensivel. Assim em lugar de *reclamar a auctoridade das leis*; *reclamar a justiça do principe*; *reclamar os direitos da razão*; *reclamar o testemunho de alguem em nosso favor*, &c.; devemos dizer: *invocar a auctoridade das leis*; *implorar a justiça do principe*; *invocar os direitos da razão*; *chamar, invocar em seu favor o testemunho de alguem*, &c. E em est'outras frases: *as ordens do soberano reclamão a nossa obediencia*; *a necessidade de nos salvarmos reclama a nossa união*; diremos: *as ordens do principe exigem a nossa obediencia*; *a necessidade de nos salvarmos demanda, exige a nossa união*, &c.

Recruta, Recrutar, &c. — Nestas palavras (diz Madiereira na *Orthografia*), vertêrão alguns nossos portuguezes militares a palavra franceza *recrue*, que significa *a lera que se faz dos soldados para encher as companhias*, &c. (Veja-se Bluteau, *Prosas portuguezas*, part. 1.^a, pag. 16.) Hoje são palavras adoptadas e auctorisadas.

Redactor (*Rédacteur*) — Quer dizer *compilador, recopilador, &c.* Usa-se hoje, principalmente para significar os *compiladores de noticias publicas*; os *ditaristas*, tanto *politicos* como *litterarios, &c.*

Regressar — Dizem alguns, seguindo o francez moderno *recesser*, em lugar de *retroceder, voltar sobre os proprios passos*; mas este vocabulo parece não ser derivado conforme a analogia da lingua, e poder-se escusar em portuguez.

Reinstallar — Veja-se *Installar*.

Remarcavel (*Remarquable*) — He puro gallicismo, e todavia muito da moda. Em portuguez corrente dizemos *notavel, digno de reflexão, de reparo, insigne, conspicuo, estremado, assinalado, abalisado, que he para ver-se, que he muito de ver, &c.*

Rendez-vous — He francez estreme, que nós traduzimos por *parada, paragem, estancia, &c., v. gr., sa maison était le rendez-vous des personnes de la plus grande qualité*; a sua casa era a *estancia, a parada* dos homens da mais distinta qualidade, isto he, o *lugar de ajuntamento, o ponto, ou lugar de união, &c.*

Renomado — Por *afamado, celebre, famoso, &c.* he gallicismo intoleravel e escusado.

Reprimenda (*Réprimande*) — He outro gallicismo de que não temos necessidade alguma, e que significa o mesmo que *reprehensão e correção*.

Reprochar (*Reprocher*) — Quer dizer *exprostrar, improperar, lançar em rosto* algum vicio, ou defeito. He

usado por Gomes Eannes, *Chronica do Conde D. Pedro*, cap. 15.^o; e já o traz Duarte Nunes, *Origem da lingua portugueza*, cap. 11.^o, entre os vocabulos, que tomámos dos Francezes, posto que Bluteau o suppõe derivado da lingua castelhana. Pelo que não o podemos tachar de galicismo moderno, como alguns pretendem.

Ressorte (*Ressort*) — He vocabulo puramente francez, que significa propriamente o *elasterio* ou *mola* do relogio, ou de outra maquina, e no sentido figurado qualquer *meio*, *agente*, *impulso*, ou *expediente activo*, que se emprega para a execução de alguma empreza. Podemos expressal-o em bom portuguez por *mola*, usando da mesma metafora, que os Francezes adoptáro; ou traduzil-o por *agente*, *causa activa*, *movei*, *motor principal*, &c., ou enfim usar de outras expressões de igual força e apropriadas ás circumstancias; v. gr., nesta frase *cela est du ressort de la grammaire*, diremos *isto pertence á grammatica, he da sua competencia*. *Estas cousas não são do ressort dos systemas filosoficos*, isto he, *não são da sua alcada*; não estão *no alcance* da filosofia; *não o alcanção* os systemas filosoficos; *excede as balizas* da filosofia, &c.

Ressurças (*Ressources*) — He puro galicismo, que tão inadvertidamente usão até pessoas doutas e discretas. Em lugar delle temos *recursos*, *expedientes*, *arbitrios*, *meios*, *traças*, *ardis*, *modos*, *artes*, *invenções*, *manhas*, *industrias*, &c.

Resto — Não reprovámos este vocabulo, que he muito portuguez; mas o uso immoderado, que delle se faz, dá ás vezes ao discurso hum resaibo de francezimo, que se deve evitar variando a expressão. Assim poderemos traduzir, v. gr., *o resto dos homens*, isto he, *os demais ho-*

mens; todo o resto se queimou, isto he, tudo o mais; o resto do dinheiro, isto he, o restante, o remanecente; os restos da meza, isto he, os sobejos, os residuos; o portador vos dirá o resto, isto he, vos dirá o mais; e assim nas frases, que a cada passo se offerecem. Quando se notão, v. gr., os defeitos de alguma pessoa, e se conclue com esta clausula *du reste excellent homme*, seria má traducção dizermos, como hoje mui vulgarmente se diz: *de resto he hum excellente homem.* Em frase portugueza diremos: *no mais he hum homem excellente, ou aliás he hum homem excellente, ou homem aliás excellente, &c.* Quanto porém á expressão conjunctiva *au reste*, que hoje se traduz *de resto*, e a cada passo se repete na conversação familiar, confessámos não ter achado huma palavra portugueza, que exactamente lhe corresponda, devendo por isso suprir-se pelas clausulas *no mais; em quanto ao mais; no que toca ao mais* (em latim *caeterum, ou quoad caetera*); e algumas vezes, *de mais do que; sobre isto; com tudo isso; porém, e de mais; todavia, &c.*

Retreta — *Tocar á retreta*, parece que dizem hoje os nossos militares, tomindo o vocabulo ou do hespanhol *retreta*, ou do francez *retraite*. Segundo o nosso parcer he escusada esta novidade. *Sonner la retraite* quer dizer em portuguez limpo *tocar a recolher; battre en retraite, tocar a retirada; faire une honorable retraite, fazer huma honrosa retirada, &c.*

Retrogradar — He tomado do francez *rétrograder*, aindaque a sua origem he latina. Significa o mesmo que *retroceder, voltar para traz.* Já vem em Bluteau, no *Suplemento*, com a significação de *retroceder, cessar, desistir de alguma cousa*, e no *Thesouro de Prudencia* achámos *retrogradando por ordem do aureo numero.*

Revanche — He puro gallicismo intoleravel. Em portuguez corresponde-lhe *desforra*, *despique*, *sai-sarão*, e tambem genericamente *compensação*, ou seja em *recompensa* de acção boa, ou em *vingança* de acção má.

Reveria (*Réverie*) — He outro gallicismo igualmente grosseiro e intoleravel. Este vocabulo significa em bom portuguez ora *fantasias*, ora *pensamentos*, ora *imaginações loucas, delirios*, e talvez *meditações*. Refere-se mui particularmente ao estado de huma pessoa, que inteiramente se acha ocupada de hum pensamento qualquer, de sorte que a nada mais attende; e neste sentido se lhe pode substituir em portuguez *meditação profunda*, e talvez *alienação*.

Revoltar, Revoltante — São palavras, que se afrancezados hoje usão com muita frequencia: *isto revolta a razão; esta acção revolta a humanidade; revoltas o bom senso*, &c. Mas são puros gallicismos. Os nossos bons Portuguezes dirião: *isto escandaliza a razão; indigna a humanidade; esta acção faz exasperar, provoca, irrita, incita, causa raiva*, &c.

Ridículo — Em portuguez he hum adjectivo, que significa *cousa digna de rido, que move a rido*. Mas não o tomámos como substantivo para dizer, v. gr., *conheço os ridiculos do mundo*, isto he, *o que o mundo tem de ridículo*, ou *conheço quão ridículo he o mundo*, &c. *Este homem se cobrio de ridiculos*, isto he, *se fez ridículo, se radicalisou, ou se portou ridiculamente*, &c.

Rival, Rivalidade — Até agora (diz Bluteau) não a achei em autores portuguezes; mas pela mesma razão

que os Italianos, Castelhanos e Francezes, a podemos admittir, porque não temos outra com significado equivalente; os Latinos a usárão em *competencias amorosas*, &c. Porém antes de Bluteau já esta voz havia sido empregada por João Franco Barreto, *Eneida Portugueza*, liv. 4.^o, est. 122.^a, aonde a desditosa Dido exclama:

Que farei? porventura hei de tornar-me
Aos primeiros *rivaes* escar necida?

E antes de João Franco Barreto a usára Mausinho no *Affonso Africano*, cant. 5.^o:

Mas elles, qual o touro impaciente,
Terror da Silva, dos *rivaes* espanto.

Veja-se tambem Moraes no *Diccionario*, na palavra *dislate*, aonde traz *rival* auctorizado com o *Viriato Tragico*. Depois se tem usado com muita frequencia, de maneira que hoje se deve reputar não só naturalisado, mas classicó. Comtudo não devemos esquecer-nos dos vocabulos portuguezes *competidor* e *competencia*, e *emulo* e *emulação*, *pretensor*, &c.; que assim como *rival* e *rivalidade* significão não só *competencias amorosas*, mas quaesquer outras, e além d'isso em alguma occasião serão de melhor effeito na harmonia da locução.

Rolar — He entre nós verbo neutro, que não admitté significação activa, e (como dizem os grammaticos) *transunte*. Pelo que os nossos modernos traductores commettem solecismo quando dizem, segundo o uso francez, *pequenos grãos de ouro correm com a areia, que rola este rio em seu magestoso curso*, devendo dizer:

com a areia, que este rio volve em seu magestoso curso,
 &c. Assim Camões nos *Lusiadas*, cant. 7.^o, est. 11.^a:

Não vêdes que Pactólia e Hermo rios
 Ambos volvem auriferas areias?

E a moderna traducção das *Metamorphoses de Ovidio*,
 por Almeno, liv. 2.^o:

..... donde corria murmurando
 Hum rio, que as areias quebra e volve.

Romance — Sempre significou entre nós a *lingua vulgar*, ou propria de cada nação. Camões, nos *Lusiadas*, cant. 10.^o, est. 96.^a

O Rampo rio nota que o *romance*
Da terra chama Obi......

D'aqui vem *romance* e *romancear*, isto he, *traducção* e *traduzir em vulgar*: v. gr., em Bernardes, *Práticas e sermões*, part. 1.^a, pag. 416: «Este he o *romance* das seguintes palavras de Santo Agostinho». E em Frei Gregorio Baptista, part. 1.^a das *Domingas*, n.^o 241: «Não *romanceio* as palavras, porque são expressamente tudo o que tenho dito», &c. E tambem *romances* por certa composição poetica, que semelha muito a prosa. (Veja-se Madureira, *Orthografia*.) Mas *romance* por *novella* he novo e trazido do francez: hoje porém está adoptado pelo uso geral.

Rutina ou Rotina (*Routine*) — He galicismo desnecessario, e porém mui vulgarmente usado. Significa *trilha, usança, caminho trilhado, cousa usual, trivial*,

vulgar, sabida de todos, &c. Assim em lugar de *seguir a rutina*, diremos *seguir a trilha, ou o trilho, a usança, &c.* *Politica de rutina*, isto he, *trivial, usual, vulgar, &c.*

S

Sabre — He tomado do francez, ou do inglez *sabre*, e presentemente mui usado dos militares: mas parece desnecessario, visto exprimir o mesmo que o portuguez *terçado, alfange e cimitarra, ou semitarra*.

Saltar aos olhos — He expressão franceza, que não convem ao nosso idioma. A frase *cela saute aux yeux*, deve traduzir-se *isto he mais claro que a luz, ou que a luz do meio dia, ou isto he tão claro como o sol* (latim *hoc patet meridiana luce clarius; ou id nemo non videt*), ou tambem *isto está-se mettendo pelos olhos. Ne voir pas ce qui saute aux yeux*, isto he, *fechar os olhos á luz* (latim *caligare in sole*), &c.

Salva-guarda (Sauve-garde) — He tambem novo em portuguez, e escusado. Diz o mesmo que *salvo-conducto, seguro, resalva, e algumas vezes sagrado, asilo, amparo, protecção, patrocínio, &c.*

Sancpcionar (Sanctionner) — Por dar *sancção, confirmar, ratificar, &c.*, tem origem latina, he derivado conforme a analogia, e parece necessario para evitar circumloquio, visto ter significação mais restricta que os verbos *confirmar e ratificar*.

Sapador (Sapeur) — Significa em geral o *cavador de enxada*, e no sentido militar o que em portuguez cha-

mâmos *gastador*, isto he, aquelle que no exercito e nos assedios *trabalha com enxada em alhanar caminhos, abrir trincheiras, fazer fossos, &c.* (Veja-se Bluteau, *Vocabulario*, palavra *sapa*), Moraes no *Diccionario*, palavra *sapa* e *sapador*, diz que *sapador* he o soldado, que trabalha com *sapa*, e que pertence á companhia dos *mineiros*. Parece vocabulo de origem italiana.

Satellite — Tomado do latim *satelles*, isto he, *guarda que acompanha sempre o principe*, he usado entre nós no sentido astronomico, por *planeta menor*, que gira em torno de outro maior, como a lua em roda da terra. Hoje se diz tambem, como em francez, por *esbirro, beleguim, official inferior de justica*, e ainda por *qualquer homem assalariado*, que acompanha quasi sempre a outrem para feitos maus e accões criminosas, &c. He metáfora expressiva, e em muitos casos aceitavel.

Secundar, Secundado — He gallicismo desnecessario, pelo qual dizemos em bom portuguez *coadjuvar, auxiliar, apoiar, ajudar, assistir, apadrinhar, patrocinar, &c.*

Sensato — Em lugar de *avisado, sisudo, prudente, considerado*, talvez *judicioso, discreto, &c.*, parece innovação, que nos não era necessaria: mas tem boa origem no latim, acha-se auctorizado pelo uso geral, e não desdiz da analogia.

Senso — He vocabulo novo em portuguez, e derivado immediatamente do francez *sens*, aindaque de origem latina, e trazido com sufficiente razão á nossa lingua. Deve todavia usar-se sem affectada frequencia, e sem nos esquecermos das expressões propriamente nossas, com que declarámos os seus diversos sentidos. Assim poderemos

variar da maneira seguinte as frases, em que elle pôde ter lugar:

Homem de senso, isto he, homem de juizo, homem prudente, de razão, de capacidade, de lma, &c.

Homem de grande senso, isto he, de grande juizo, de bom juizo, de bom entendimento, de muita intelligencia, mui avisada, &c.

Homem que não tem senso, isto he, mente capta, insensato, louco, desarrazoado, &c.

Perder o senso, isto he, enlouquecer, perder o juizo, desatinar.

Obrar como homem de senso, isto he, como homem de juizo, de conselho, como homem prudente, obrar com cordura, com sisudeza, avisadamente, &c.

Não ter o senso commun, isto he, não ter discrição, não ter sizo, &c.

Sentimental — He palavra innovada em francez, e do francez trazida para a nossa lingua; mas havemos que he conveniente adoptar-se, visto ter boa origem e derivação, e não poder-se suprir em todos os casos por outra de igual expressão e valor: porque a palavra *sensitivo*, que parece corresponder-lhe, nem he de significação tão determinada, nem o pôde traspassar bem em todas as circumstancias.

Sentimento — Significa em portuguez a *sensação de prazer, pena, &c.*; a *dor, pena, ou paixão* que se toma por alguma cousa; a *opinião ou parecer*, que se tem nesta ou naquelle materia, &c. (Veja-se Bluteau e Moraes.) Hoje o usâmos tambem á imitação dos Francezes, para significarmos com elle o mesmo que com a palavra portugueza *affecto* no seu sentido generico, e dizemos, v. gr., *ter sentimentos de humanidade, de compaixão, de benevolencia, &c.*, para com alguem, isto he,

ter affectos de humanidade, &c., ter bons, ou maus sentimentos para com alguem, isto he, ser-lhe affecto, affeiçado, ou desaffecto, desaffeiçado, ter bons ou maus sentimentos, isto he, bom ou mau coração; ter sentimentos nobres, baixos, &c., isto he, ter coração nobre, ter alma vil, &c.; homem que não tem sentimentos, isto he, im-pudente, desfaçado, desavergonhado, &c. He vocabulo justamente adoptado e muito expressivo.

Serpentear ou Serpentar — São tomados do frances *serpenter*, tem boa derivação do substantivo *serpente*, e são formados conforme a analogia. Mas temos exemplo classico de *serpejar* com a mesma significação no *Virialo Tragico*, imitado na moderna traducción das *Metamorphoses de Ovidio*, liv. 4.^º:

E em corpo unido, até entrar nas grutas
Serpejáro da proxima floresta.

Tambem se pôde dizer *serpear* com boa analogia, bem como dizemos *gotejar* e *golear*, *rastejar* e *rastear*, *carrejar* e *carrear*, &c., e desta forma o vemos empregado a miudo nos Versos de Filinto Elycio, por exemplo no tom. 2.^º:

Qual *serpeia* o regato
Em socegada veia.

E em outro lugar:

Em seu fluido estilo vai Bernardes
Serpeando manso e manso, &c.

Sexo — No idioma portuguez he vocabulo indiferente para significar o *sexo masculino*, ou *feminino*: pelo que parece abuso empregal-o absolutamente, e sem modifica-

ção, como fazem os Francezes, para significar, quasi por excellencia, *as mulheres*, ou o *sexo feminino*. V. gr., nestas proposições: *no que respeita particularmente ao sexo*, deve dizer-se *ao sexo feminino*, ou *às mulheres*; *taes mulheres não devem ser contadas entre o sexo*, isto he, *taes mulheres não merecem este nome*; ou *não devem ser contadas entre as pessoas do seu sexo*; *os caprichos do sexo*, isto he, *das mulheres*, &c.

Sim — «Esta particula (diz Dias Gomes, *Obras poéticas*, nota 13.^a á ode 5.^a) he mui portugueza; mas o uso immoderado, que neste tempo tem feito della poetas e oradores, quando servilmente imitão os auctores francezes, e principalmente em clausulas tão proprias da lingua franceza, como estranhas da nossa, a constituirão gallicismo». Parece que este critico filologo allude particularmente a certas transições affectadas, que se notão com frequencia nos nossos modernos oradores sagrados, e algumas vezes nos poetas, quando intempestivamente e fóra de proposito usão das clausulas *sim*; *sim, senhores*; *sim, meus ouvintes*, &c.; as quaes em melhor portuguez se traspassarião por estas: *na verdade*, *em realidade*, e *por certo que*, &c.

Sobre — He preposição portugueza, cuja significação e usos devem ser conhecidos. A lição porém dos livros francezes tem introduzido varios modos de falar, em que ella se emprega contra o bom uso portuguez, e com huma frequencia tal, que faz o discurso afectado. Daremos alguns exemplos com as suas correcções.

Nomes inscriptos sobre a lista, isto he, assentados na lista. (Veja-se *Inscriver*.)

Concordâmos sobre o fundo da questão, isto he, no substancial, no essencial. (Veja-se *Fundo*.)

Usurpação sobre o clero, isto he, feita ao clero.

**O trono, que hum perfido usurpou sobre mim, isto he,
que hum perfido me usurpou.**

**Ajuntou-se o Concilio sobre a petição do clero e povo,
isto he, a pedido, a requerimento do clero, &c.**

**Tribunal fundado sobre o modelo dos tribunaes do
Egypto, isto he, estabelecido, ou fundado conforme o
modelo, segundo a fórmula, ou á maneira dos do Egypto,
ou amoldado aos do Egypto, &c.**

**Domou os paizes, que achou sobre a sua passagem,
isto he, que encontrou em sua passagem, &c.**

Ganhar terreno sobre o inimigo, isto he, ao inimigo.

**Conquistar a Palestina sobre os Arabes e Turcos, isto he,
aos Arabes, &c.**

**O objecto dessas disposições era fazer temer ao iní-
migo sobre o centro da sua linha, isto he, inspirar-lhe
temor ácerca, ou a respeito do centro, &c.**

**Acreditar alguém sobre a sua palavra. Duvidámos que
seja expressão classica; mas já vem no Alvará de 14 de
Abril de 1764.**

**Dirigir as suas acções sobre o plano combinado da sua
futura elevação, isto he, conforme, ou segundo o pla-
no, &c.**

**Contar sobre alguém, ou sobre alguma cousa. (Veja-se
Contar.)**

Sobre o campo (Sur-le-champ) — Expressão adver-
bial, que com summa ignorancia tomárão do francez al-
guns traductores nossos. Em lugar della diremos *logo*,
em continente, *sem demora*, *no mesmo ponto*, *logo no*
mesmo ponto, *logo logo*, *sem detença*, *immediatamente*,
promptamente, *de repente*, *no mesmo instante*, &c.

Sortida (Sortie) — Por *invectiva*, *reprehensão aspe-
ra*, *vehemente*, &c., he puro gallicismo, e abuso intolera-
vel. Tambem nos parece erro tomal-o por qualquer esca-

ramuça, ou correria militar contra o inimigo: mas no sentido mais restricão de tentativa que fazem os sitiados contra os sitiadores de huma praça, he adoptado. (Ver-se Moraes na palavra *Sortida*.)

Subir (*Subir*) — Por sofrer, supportar, v. gr., *subir a pena, subir o jugo, &c.*, sem embargo de ter fundamento no latim, he abuso contrario à significação que tem em portuguez a palavra *subir*.

Subsistência — Significando o necessário para a vida, o alimento, ou os meios precisos para subsistir, diz Bluteau no *Supplemento*, que he tomado do francez *subsistence*. Hoje he adoptado.

Successo — Significa em portuguez qualquer acontecimento, o exito de qualquer empreza, ou negocio, &c., e he indiferente para exprimir o successo bom ou máo, feliz ou infeliz, prospero ou adverso, &c., em tal maneira que só o adjectivo o tira da sua indeterminação, restringindo-lhe a extensão do significado. Pelo que he gallicismo tomal-o absolutamente, dizendo, v. gr., *prégou com successo*, isto he, *com bom successo; para cultivar com successo he necessário conhecer o terreno*, isto he, *para cultivar com feliz successo, &c.*

Succumbir (*Succomber*) — Parece-nos derivado imediatamente do francez para o portuguez. Em lugar delle diziamos, v. gr., *succumbir á dor, á corrupção, ao peso*, isto he, *render-se á dor, &c.* Comtudo *succumbir* tem origem no latim, he conforme com a analogia, he expressivo, e tem significação mais restricta, e por isso menos equivoca que o verbo *render-se*.

Supercheria — Traz Bluteau esta palavra no seu *Vocabulário*

cabulario, sem a auctorizar, e diz que significa *engano*, *fraude*, *dolo*, e que alguns a querem derivar de *super* e *tricherie*, que em francez vale o mesmo, que *engano no jogo*. Nós não a temos até ao presente achado em auctor algum nosso de boa nota, nem a julgâmos necessaria, nem digna de adoptar-se: e entendemos que a sua significação se exprimirá bem por *velhacaria*, *trapaça*, *astúcia fraudulenta*, &c.

Supplantar (*Supplanter*) — Significa propriamente *armar cambapé*, ou *dar traça*, com que alguém caia, e *se arruine*, para lhe precedermos; *usar de sancadilhas*, *lançal-as a alguém para derribal-o*; *furtar-lhe o arrimo*, e fazel-o cahir para passarmos adiante; *fazer perder a alguém o credito, favor, ou auctoridade*; *arruinal-o para nos pormos em seu lugar*, &c. Tem origem no latim *supplantare*; não encontra a analogia; he mui expressivo e energico; e não pôde suprir-se em portuguez senão por circumloquio.

Supportar ou **Soportar** — Do latim *supportare*, quer dizer, *levar algum peso sobre si, poder com elle, sustental-o estando debaixo*, &c.; e com esta mesma significação o usâmos no sentido figurado, quando dizemos em bom portuguez: *supportou o primeiro choque, e a primeira furia da peleja*; *supportar a violencia da artilheria*; *supportar o impeto do inimigo*, &c. (Veja-se Bluteau no *Vocabulario*, palavra *Supportar*.) D'aqui vem a outra significação tambem figurada de *sofrer, tolerar, sobrelevar* algum mal, ou dor, isto he, leval-a com paciencia. Mas nunca em portuguez se disse, como dizem os franceses modernos, *supportar a artilheria com a infantaria*; *supportar o governo com subsídios*; *supportar a esquerda com alguns batalhões*, &c., em lugar de *apoiar, auxiliar, sustentar, assistir, ajudar*, &c.

Surmontar (*Surmonter*) — He galicismo, que diz tanto como o portuguez *superar, vencer, &c.*, e se for necessario no seu primario e formal sentido, diremos com boa analogia *sobremonstrar*.

Surpreza, Surprender, &c. — Os nossos classicos dizião *soprezar* por *tomar improvisamente*, v. gr., *soprezar huma praça, fortaleza, castello, &c.*, e *soprezado* por *tomado de improviso*, v. gr., *navio soprezado, &c.* Hoje se diz tambem *surprender* e *surpreza* do francez *surprendre* e *surprise*, por *tomar alguem desapercebido, de subito, de improviso, achado inesperadamente no facto, &c.* (Veja-se Moraes no *Diccionario*, palavra *Surprender*, aonde diz que he *termo moderno adoptado*.) Nós somos de parecer, que se deve corrigir a orthografia, vistoque não he regular compor hum verbo ou nome com huma palavra portugueza, e outra estrangeira. A analogia pediria, no nosso caso, *sobre-prender*, ao qual preferiremos sempre as boas expressões portuguezas *sobresaltear*, ou *sobressaltar* e *sobresalto*, isto he, *acommetter*, ou *tomar de improviso* com alguma novidade, ou cousa inesperada; e *acommettimento imprevisto*, ou o *susto* e *enleio*, que elle causa. Quando os Francezes dizem, v. gr., *Surpreendo a minha credulidade, a minha boa fé*, entende-se *enganou, induzio em erro, abusou* da minha credulidade, &c.

T

Tapeçar, Tapizar, Tapeçado, Tapizado e Tapestrar — São tomados do francez *tapisé*, ou *tapisse* e *tapisser*, mas não são modernos, como ao principio nos parecêrão. Em Vieira, *Sermões*, tom. 1.^º, pag. 307, achâmos: «Paredes ricamente entapizadas». Nos *Estatutos*

antigos da Universidade, pag. 7: «Entapiçar a capella».
Mausinho, *Affonso Africano*, cant. 4.º:

Era de verde esmalte *entapizada*
A bella margem, &c.

E no cant. 6.º:

Logo saltamos dentro, e no regaço
Da floresta de verde *tapizada*.

E finalmente o mesmo Vieira, *Sermões*, tom. 15.º, pag. 266: «O aposento de sua alteza . . . pelo inverno tinha de mais os *tapizes*», &c. Conservemos pois os vocabulos, e sejamos conformes na orthografia.

Tardivo e **Tardiva** — São vocabulos que lemos em huma traduçāo impressa, e que tomariamos por erros typograficos, se os não vissemos repetidos mais de huma vez em ambos os generos, á maneira do francez *tardif* e *tardive*, v. gr., a *experiencia filha tardiva do tempo*, o *outono tardivo da idade*, a *marcha tardiva do homem*, &c. O portuguez *tardio* e *tardia* não he nem menos expressivo, nem menos harmonico, e por isso tal innovaçāo he destituida de todo o fundamento razoavel.

Tartufo — He vocabulo novo, que parece ter sido introduzido na nossa linguagem pelo capitão Manuel de Sousa, na traducāo do *Tartufe* de Molière. Significa o mesmo que o portuguez *hypocrita*, ou *beato falso*; e seria para desejar, que nem huma só palavra nos fosse necessaria para exprimir semelhante casta de maldade e depravaçāo.

Taxa — Este vocabulo tomado na significação de im-

posto, tributo, direito, foi modernamente censurado de gallicismo, ou inglezismo, como derivado do francez *taxe*, ou do inglez *tax*. Nós o achámos no *Diccionario* de Moraes auctorizado, no mesmo sentido, com Goes, *Chronica de D. Manuel*, part. 1.^a, cap. 18.^o, mas não tivemos occasião de verificar este lugar.

Temivel — He palavra já hoje mui vulgarmente usada, e que tem a seu favor algumas boas auctoridades modernas, razão por que o não reprovámos, maiormente não encontrando elle a analogia do idioma. Os nossos bons Portuguezes dizião em lugar delle causa *temerosa, temida, para temer*, e tambem elegantemente *causa para temida*.

Tirada — He vocabulo tomado do francez *tirade*, ou do italiano *tirata*, que significa *passagem hum pouco extensa de alguma obra, ou lugares seguidos sem interlocação sobre o mesmo assumpto*. Não o julgámos adoptável, e em lugar delle usariamos de *rasgo*, ou *lanço*, que respondem aos termos latinos *tractus, jactus*, assim como estes ao francez *tirade*, e ao italiano *tirata*; e em portuguez corrente dizemos *rasgo de eloquencia*, isto he, *passagem eloquente seguida, e não mui extensa, e também lanço de casas, de cubiculos, &c., para significar huma serie delles seguidos huns a outros, &c.*

Tocante (*Touchant*) — Por *affectuoso, terno, matioso, pathetico, amorooso, amavioso, meigo, carinhoso, &c.*, parece ser gallicismo, diz Moraes no *Diccionario*. Com tudo o mesmo Moraes o usou na traducção das *Recreações do Homem sensivel*, e o padre Pereira na *Dedicatória ao Príncipe nosso Senhor*, impressa á frente da sua traducção da *Sagrada Biblia*, em 4.^o, diz «que a Senhora D. Maria I costumava recitar todos os días as *Horas* da-

nonicas, e nellas a parte mais devota e *tocante* da Sagrada Escriptura, quaes são os *Salmos*, &c. À vista destas auctoridades, não ousámos reprovar de todo o vocabulo *tocante*; mas preferiremos sempre algum dos muitos que em portuguez lhe correspondem, até porque sendo elle derivado do verbo *tocar*, cuja significação he mui generica, nos parece pouco expressivo.

Todo, Tudo — São palavras bem conhecidas em portuguez; mas he erro empregal-as em certas frases, em que os Francezes tomão o seu vocabulo *tout*, com a significação de *inteiramente, absolutamente, &c.* Assim nesta frase: *esta descoberta vos pertence toda inteira*, dirímos em bom portuguez: *este descobrimento vos pertence inteiramente, ou he inteiramente vosso. Usais de adornos de hum gosto todo novo, isto he, totalmente novo. Fazeis tudo o contrario do que se deve fazer, isto he, fazeis totalmente, ou absolutamente, ou inteiramente o contrario, &c.*

Tomar a palavra — Assim dizem hoje alguns, traduzindo á letra o francez *prendre la parole*, para significarem o que *se adianta a falar primeiro que os outros* em algum ajuntamento, e sobre algum negocio, que ahi se tracta. Em melhor portuguez dizemos *tomar a mão*. V. gr., na *Vida do Arcebispo*, liv. 1.^º, cap. 22.^º: «Aqui tomou a mão o provincial; e foi proseguindo no mesmo argumento». E no liv. 2.^º, cap. 10.^º: «*Tomou* o arcebispo a mão, vendo consumida a tarde», &c. Pelo contrario *tomar a palavra* he expressão que nos nossos classicos significa *receber de alguem a promessa, fazel-o prometter*: como, v. gr., em Fernão Alvares, *Lusitania transformada*, liv. 2.^º, pros. 10.^ª: «Mas quero, primeiro que peça esta mercê, *tomar-vos à palavra*, que não hâveis em nenhum caso de negar-ma», &c.

Tractamento (*Traitement*) — Tem no portuguez sua propria significação; mas tomado por *salario, ordenado, estipendio*, v. gr., o *tractamento dos ministros, dos officiaes, &c.*, he gallicismo escusado.

Tractar de resto, Tractar de bagatella, &c. — São modos de falar á franceza. Em portuguez dizemos *ter em pouco, tractar com desprezo, desprezar, menoscavar, vilipendiar, ter em pouca conta, ter em menoscabo, &c.*

Travezess — Lemos em traduções impressas as seguintes frases: *todos estes travezess não são naturaes ao sexo; todos os travezess, que reinão no mundo, não tem tanta força para corromper huma rapariga, como huma māi dissipada; os homens se achão confundidos com as mulheres debaixo dos mesmos travezess, &c.*, são outros tantos gallicismos. *Travez e travezess* tem em portuguez sua significação propria, e são termos de fortificação: mas ao francez *travers* corresponde em portuguez *irregularidades, desregramentos, extravagancias, desconcertos, desmanchos, desordens, erros, avessos, &c.*

Trem de vida — Por *modo de vida, genero de vida, modo de proceder, &c.*, he frase franceza, alheia do nosso idioma, e escusada.

Trenó (*Trainneau*) — Significa, segundo Moraes, no *Diccionario, carro de rojo, sem rodas*, em que se viaja sobre as neves do norte. Bluteau o traz no *Supplemento*, e o auctorisa com huma *Gazeta de Lisboa* do anno de 1723. Poderia talvez exprimir-se por *trilho*, especie de *carro sem rodas*, puxado por bois, e sobre elle huma pessoa em pé, ou assentada, o qual serve para debulhar o trigo. Tambem se traspassaria sem erro pela palavra

zorra, isto he, carrinho com rodas, para levar e arrastar pedras grossas e outros pesos. (Veja-se o mesmo Bluteau nas palavras *Trilho* e *Zorra*.) O elegantissimo Sousa na *Vida do Arcebispo*, liv. 2.^o, cap. 4.^o, descreve o *trainneau* do seguinte modo: «O meio (diz elle) que achou o engenho humano para vadiar este passo (fala da descida dos mais altos picos dos Alpes para o Piemonte) foi inventar huma maneira de andores, ou carretes sem rodas, que vão descendo, ou cahindo pelas serras abaixo, arrastado cada hum por dous homens, que não sabeis se os chameis pilotos, se cocheiros, se cavallos; porque tudo he preciso que sejão nesta perigosa distancia, e tudo sãos», &c.

Turba (*Tourbe*) — Achâmos este vocabulo nos *Versos* de Filinto Elycio, onde diz :

Mal haja a *turba*, e enxofre negro e duro
Que os engenhos lhe tolda...

Parece derivado do francez, e significa certa *terra bituminosa*, de que os Hollandezes usão em lugar de lenha e carvão, e que se acha em grande quantidade junto a Setubal, na Comporta. (Veja-se as *Memorias economicas* da Academia Real das Sciencias de Lisboa, tom. 1.^o, pag. 182 e 232, aonde se lhe dá o nome de *turba*, ou *turfa*.)

U

Ulterior — Era entre nós termo geografico, e significava o contrario de *citerior*, v. gr., *Hespanha ulterior*, *Hespanha citerior*, &c. Hoje dizemos tambem, como os Francezes, *consequencias ulteriores*, *pretenções ulteriores*, *successos ulteriores*, &c.; mas esta significação não

desdiz da primeira, tem fundamento no latim, he expressiva, e em alguns casos parece necessaria.

Ultrajante (Outrageant)—Os vocabulos *ultrage* e *ultrajar* ainda não erão muito usados no tempo de Bluteau, que todavia os metteo no seu *Vocabulario*. Depois tem-se introduzido tambem o adjectivo verbal *ultrajante*, que não desdiz da analogia, e significa o mesmo que *injurioso, afrontoso, contumelioso*. Alguns escriptores modernos preferem *ultrajoso* a *ultrajante*.

Unido (Uni)—Na significação de *igual, lizo, plano, &c.*, parece gallicismo. Em portuguez dizemos *mar igual, bonançoso, terreno plano, estilo igual, corrente, ligado, &c.,* e não *mar unido, terreno unido, estilo unido; &c.*

V

Viajante, Viajeiro, Viajor, Viajador—Com todas estas fórmas exprimem os Portuguezes modernos a mesma idéa. Os antigos tinhão o termo *viagem*, que parece significava mais commummente *navegação*, ou *jornada por mar*, e exprimão as *jornadas por terra* pelo vocabulo *jornada*, ou *caminho*, e sendo longas, e em paiz estrangeiro, pela palavra *peregrinação*. Hoje he geralmente adoptado o vocabulo *viagem* para significar humas e outras jornadas, e delle derivámos com boa analogia o verbo *viajar*, pelo qual diziamos d'antes *peregrinar, ver mundo, andar por terras estranhas, ou fazer jornada, fazer caminho, &c.* De *viajar* se forma naturalmente o adjectivo *viajante*, que diz tanto como os antigos *viandante e caminhante*. Porém *viajor* do francez *voyageur*, e *viajador* do italiano *viaggiatore* são escusados, como tambem *viajante*, que Madureira pretende de-

rivar do latim *viam agens*. *Viageiro*, que achâmos usado pelo padre Pereira e por outros escriptores, tambem não he necessario; mas tem melhor analogia, e pôde bem derivar-se de *viagem*, assim como de *portagem* *portageiro*, de *mensagem* *mensageiro*, &c.

Virulento — He termo medico, ou cirurgico, e significa cousa que tem *virus*. No sentido figurado parece ser novo no nosso idioma, e derivado do francez *virulent*, cousa *maligna*, v. gr., *satyra virulenta*: mas não ha razão de o reprevar.

Vistas — He notavel o abuso que se tem feito deste vocabulo, depois que nos familiarizâmos com os livros franceses. Indicaremos aqui algumas das frases, em que os nossos modernos escriptores o empregão indevidamente, e lhes substituiremos as convenientes correcções.

Taes tem sido *as vossas vistas*, isto he, *os vossos intentos*.

Obravão com *differentes vistas*, isto he, com *diferentes intenções*, ou *intuitos*.

Os designios e *vistas* do legislador, isto he, os *designios* e *intuitos*.

Lancemos *as nossas vistas*, isto he, *os nossos olhos*. *As vistas* da Europa estão fixadas sobre vós, isto he, a Europa tem *os olhos postos* em vós, ou *fitos* em vós, &c.

Fazer alguma cousa *com vistas* de alcançar recompensa, isto he, *com intuito*, *com desenho de alcançar*, &c., ou *com o fito*, *com a mira* na recompensa.

Lancei *as minhas ultimas vistas* sobre o Paraizo, isto he, *lancei a ultima vez os olhos*, &c.

Este he o assumpto que vou pôr *nas vossas vistas*, isto he, , que vou propor á *vossa consideração*, á *vossa reflexão*, &c.

A sabedoria das suas *vistas* politicas, isto he, dos seus

desenhos, ou designios, e ás vezes dos seus pensamentos politicos, &c.

Obra admiravel pela profundeza de *vistas moraes e politicas*, isto he, pela profundeza de *conceitos*, de *ideias*, de *reflexões*, &c.

Conforme ás *vistas* de Deos, isto he, aos *conselhos* de Deos, aos seus *designios*.

Lançou sobre nós *vistas* de piedade, isto he, *olhos de piedade, olhos compassivos*, &c.

Os nossos classicos tambem usavão do vocabulo *presuposto* com a significação de *designio, intuitu, conselho, intento*, &c. V. gr., Fernão Alvares, *Lusitania transformada*, liv. 1.^º, pag. 58 verso, edição de 1607, pros. 9.^a: «Tirámos do encerrado valle os nossos rebanhos, a pacer ao prado, encaminhando-os pela estrada ao conhecido pasto, com *presuposto* de tornarmos logo áquelle *lugar sombrio*», &c. E no liv. 3.^º, pros. 4.^a: «Com este *presuposto* se ausentou Lizarte», &c.

Voltejar (*Voltiger*) — He gallicismo desnecessario no nosso idioma, onde temos *voltear*, e ás vezes *revoar*, que dizem o mesmo. Em relações de acontecimentos militares tambem se diz hoje *voltejadores*, devendo ser com melhor analogia *volteadores*. São soldados de certas companhias dos regimentos francezes de infantaria ligeira, ou de linha, os quaes se escolhem entre os homens mais vigorosos, ageis e lestos, mas de pequeno talhe, e são destinados a serem rapidamente levados de hum para outro lugar, pelas tropas a cavallo; pelo que se exercitão particularmente em montar ligeiramente, e de hum salto á garupa do cavalleiro, em descer com promptidão, em se formar rapidamente, e em seguir a pé hum cavalleiro, que marcha a passo, ou de trote, &c.

Voluptuosidade — Desejava Bluteau que se ado-

ptasse em portuguez o vocabulo *voluptade*, como necesario para significar com toda a propriedade o que os Latinos exprimem por *voluptas*. (*Prosas Portuguezas*, part. 1.^a, pag. 25, e *Suplemento ao Vocabulario*.) O uso recusou aquelle novo vocabulo, e preferio *voluptuosidade*, do francez *voluptuosité*, o qual, segundo o nosso parecer, seria conveniente adoptar-se, aindaque tivessemos *voluptade*, por ser diversa a significação de hum e outro. *Voluptade* significaria então o *deleite*; *voluptuoso* o homem dado a *deleites*; e *voluptuosidade* a *qualidade habitual*, que o constitue *voluptuoso*.

ARTIGOS

Que não podérão entrar commodamente na ordem alfabetica

I

Abuso dos pronomes

Abusa-se dos pronomes *eu*, *elle*, *nós*, *vós*, *elles*, *isto*, *aquelle*, &c., quando se empregão no discurso contra o uso da lingua, e com mais frequencia do que ella tolera, transportando para o portuguez hum defeito mui notavel que os auctores franceses quererião poder evitar no seu proprio idioma. Não nos permite o nosso assumpto entrar a este respeito em discussões grammaticaes. Mas daremos aqui alguns exemplos deste abuso, para que os nossos leitores reflectindo nelles, e observando a diversa indole de ambas as linguas, possão evitar semelhantes gallicismos, e explicar-se com a devida correccão.

1.^º Exemplo. Se eu conseguir o que eu desejo, eu ficarei contente. Nesta frase não podem os Francezes deixar

de repetir tres vezes o pronome *je*, e he este hum dos grandes desejos do seu idioma. Em portuguez porém he viciosa essa mesma repetição, por ser contra o uso e genio da lingua, e porque faz o discurso embaracado e frouxo, sem necessidade alguma. Deveremos pois dizer: *Se eu conseguir o que desejo, morrerei contente;* ou tambem omittindo o primeiro *eu*, se pelo teor antecedente da frase ficar removida toda a ambiguidade, como se se dissesse, v. gr.: *Trabalho por levar ao fim a minha pretenção; e se conseguir o que desejo, morrerei contente;* aonde nem huma só vez entra o pronome *eu*, que segundo o genio e uso da lingua franceza se empregaria não menos que quatro vezes.

2.^º Exemplo. *Então nós sentimos pela primeira vez a frescura da noite . . . da mesma sorte que nós tínhamos sentido, &c. . . nós nos embrulhámos nas pelles, antes que nós saíssemos do Paraízo . . . nós nos deitámos na gruta, &c.* Eis-aqui em poucas linhas repetido cinco vezes o pronome *nós*, que em portuguez corrente, e em estilo desempeçado se poderia totalmente omittir, traduzindo assim: *Então sentimos pela primeira vez a frescura da noite, bem como já havíamos sentido, &c. . . antes que saíssemos do Paraízo, nos envolvemos nas pelles . . . deitámo-nos na gruta, &c.*

3.^º Exemplo. *Para suffocar até os remorsos da consciencia, elles tem inventado mil absurdos. A palavra liberdade tem sido aquella de que elles tem feito hum maior abuso, para impor á multidão, e enganar todos aquelles, dos quaes elles se querem servir para os seus fins.* Parece, na verdade, incrivel que hum ouvido portuguez se accommode com este modo de falar; mas tal he o poder do habito, que á força de lermos e imitarmos os livros estrangeiros, quasi nos familiarisâmos com as suas maneiras, e talvez as reputâmos melhores que as nossas! Este periodo, que he tirado de huma obra portugueza

original, está cheio de gallicismos: aqui porém sómente nos pertence notar a viciosa repetição dos pronomes *elles*, *aquelles*, que fazem a oração por extremo embarçada e desagradável. Poderia dizer-se mais correntemente: *Para suffocarem até os remorsos da consciencia, inventároão mil absurdos. A palavra liberdade foi a de que mais abusárão para embair o vulgo, e para enganar a todos aquelles, de quem se querião servir para os seus fins.*

4.^º Exemplo. Elles *pedirão a dilação de huma hora*: *ella lhes foi concedida*. Nesta frase diremos melhor: *Elles pedirão a dilação de huma hora, que lhes foi concedida*, ou *a qual lhes foi concedida*, ou *pedirão a dilação ... que ... &c.*, ou querendo conservar toda a concisão do original: *pedirão a dilação de huma hora: foi-lhes concedida*, ou *pedirão, &c., concedeo-se-lhes*. Semelhantemente nesta frase: *a sua corte tinha-lhe preparado hum festejo: não se dignou elle de assistir a elle*. Traduziremos muito melhor, dizendo: *a sua corte lhe havia preparado hum festejo, a que elle se não dignou de assistir, ou havia-lhe a sua corte preparado hum festejo, a que elle se não dignou de assistir, &c.*

5.^º Exemplo. *A nossa maior perda não he aquella das riquezas terrestres — a nossa perda foi grande, mas aquella dos inimigos foi muito maior*. Nesta e outras semelhantes frases parece que o pronome *aquella* he gallicismo, e redundante na oração portugueza, devendo dizer-se: *a nossa maior perda não he das riquezas terrestres — a nossa perda foi grande, mas a dos inimigos foi muito maior, &c.* Não devemos dissimular contudo, que nos nossos bons escriptores se achão algumas vezes frases semelhantes ás que reprovámos aqui. V. gr., em Diogo do Couto, Dec. 4.^a, liv. 5.^º, cap. 2.^º: «Parece que forão mortos pelos da terra, porque *aquellos* do sertão são barbaríssimos». Em Barros, Dec. 3.^a, liv. 6.^º, cap. 1.^º:

«Finalmente com a diferença destas cartas, e más informações das segundas, foi assentado entre *aquellos* do Conselho de el-Rei, que aquella embaixada era falsa». Na *Carta de guia de casados*, fol. 181 verso: «Falta-me aqui por advertir alguma coiza a humas certas māys, e não sei se a alguns pays, que dão seus geitos ás filhas, para que se cazem, particularmente *áquellas* de bom frontespicio», &c. Porém, sem embargo destes exemplos, julgámos que se deve evitar semelhante modo de falar, todas as vezes que o pronome *aquelle* se não refere a algum objecto já commemorado no discurso, ou não envolve alguma particular enfase, como parece em Vieira, tom. 1.^º de *Sermões*, pag. 451, aonde diz: «O mais desventurado homem de que Christo nos quiz dar hum temeroso exemplo, foi *aquelle* da parabola das Vodas», &c.

6.^º Exemplo. Isto *he blasfemia o dizer, que a natureza accende em nós o mais ardente dos nossos desejos para nos enganar*. A palavra *isto* redunda no discurso portuguez, e he hum gallicismo nascido de se traduzir muito ao pé da letra o francez *c'est un blasfème; c'est un erreur*, &c. Em bom portuguez dizemos *he blasfemia, ou he huma blasphemia, he hum erro*, &c.

7.^º Exemplo. Eu *tenho visto muitos meninos, que se divertem a comparar as cousas novas, que os admirão, com aquellas, que elles já conhecem*. Neste exemplo os pronomes *eu, aquelles, elles*, podem suprimir-se, faland o portuguez corrente. V. gr.: *tenho visto muitos meninos, que se divertem a comparar as cousas novas, que os admirão, com as que já conhecem: ou com as outras que já conhecem: ou tambem com aquellas que já conhecem*, &c.

Ultimamente não será inutil advertir aqui, que quando reprovámos o abuso dos pronomes, não pretendemos exclui-los totalmente do discurso: por quanto além de poderem empregar-se muitas vezes sem erro, nem re-

saibo de gallicismo, ha tambem occasões, em que he absolutamente indispensavel o seu uso claro e expresso, como, por exemplo, 1.º, quando ha opposição entre dous ou mais membros do periodo, e dizemos, v. gr., *eu como, e tu dormes, eu estudo, e tu te divertes, nós trabalhámos, e elles passeião*, &c.; 2.º, quando o pede a enfase, ou o ornato do discurso, como, v. gr., nesta frase: *Deos he digno do nosso amor, elle manda que o amemos, elle o pede, elle até o solicita*, &c.; 3.º, quando sem a expressa declaração do pronome ficaria escura ou ambigua a frase, ou ainda suspensa por algum tempo a sua verdadeira intelligencia, como succede, por exemplo, na traducçao de huma excellente obra, cujo primeiro paragrafo diz assim: «Aindaque *tivesse* toda a subtileza de espirito, que se pôde desejar nas mais agradaveis sociedades, bem que *tivesse* composto obras, em que brilhasse todo o fogo da imaginação e do engenho, quando *tivesse* inventado systemas capazes de emmudecer e admirar o universo; aindaque *tivesse* formado projectos dignos de sustentar ou realçar os imperios... Se não *tenho* por objecto a religião, a minha alma perde os seus trabalhos», &c. Aonde o verbo *tivesse* repetido quatro vezes nos quatro membros do periodo, devia ser determinado desde o principio pelo pronome *eu*, sem o que fica por muito tempo suspenso o verdadeiro sentido do discurso, e o leitor ignorando a que pessoa se refere aquelle verbo, &c.

II

Abuso de alguns relativos

1.º O relativo francez *dont* tem, regularmente falando, a significação dos relativos portuguezes *cujo, cuja, cujos, cujas, do qual, das quaes, da qual, das quaes*, &c. São pois mal traduzidas as seguintes frases:

Entre os contos das fadas não ha hum só, de que o objecto seja verdadeiramente moral, isto he, cujo objecto, ou tambem do qual o objecto, &c.

Outro meio, que vos parecerá talvez frívolo, mas de que o efecto he certo, isto he, mas cujo efecto, &c.

Todos os objectos de quem as dimensões são extraordinarias, isto he, cujas dimensões, ou as dimensões dos quaes, &c. O portuguez quem, e de quem, quasi sempre se refere ás pessoas, e não ás cousas, &c.

Notaremos neste lugar que o vulgo faz muitas vezes errado uso dos relativos *cujo*, *cuja*, &c., dizendo, v. gr., *hum homem*, o cujo *he meu amigo*; *huma casa*, *cuja eu edifiquei*, &c., devendo ser *hum homem, o qual, huma casa, a qual*, &c. E deste erro não forão totalmente isentos os nossos melhores classicos, entre os quaes o mesmo Barros no prologo da Dec. 1.^a diz (se não ha nestas suas palavras erro typografico): «Apresentam estes delineamentos de sua imaginação ao senhor, *de cujo* ha de ser o edificio», isto he, *ao senhor*, cujo ha de ser, ou de quem ha de ser, &c. E Duarte Nunes, na *Descripção de Portugal*, cap. 75.^º: «Sant-Iago Interciso de cuja nação fosse, não nos consta», isto he, de que nação fosse.

2.^º Tem a lingua franceza os relativos *qui* e *que*, dos quaes o primeiro serve de agente ou sujeito do verbo seguinte, e o segundo he regido delle, v. gr., nestas frases: *voilà qui vous en dira de nouvelles*, eis-aqui quem vos dirá novidades; *celui*, que *vous avez vu*, aquelle que vistes, ou *a quem* vistes; o primeiro *qui* rege como agente o verbo *dirá*, e o segundo *que* he regido do verbo *vistes*, como objecto, em que se emprega a sua acção. Por não haver em portuguez a mesma diferença nas formas destes relativos, e explicarmos huma e outra relação pela unica forma *que*, acontece não poucas vezes traduzir-se o francez com ambiguidade, e ficar a frase pouco intelligivel, como nesta, por exemplo:

Feliz o homem que visita as sepulchraes abobadas, que *alumia a tocha da morte*, aonde parece á primeira vista, que ambos os *que* se referem a *homem*, quando em francez o primeiro delles he *qui*, que por si mesmo mostra ser o agente do verbo *visita*, e o segundo he *que*, o qual logo tambem indica ser regido do verbo *alumia*. Convém portanto que estas e outras semelhantes frases se traduzão com reflexão, a fim de se evitar, quanto possível for, a ambiguidade. Assim diremos, v. gr., *feliz o homem, que visita as sepulchraes abobadas, alumidas pela tocha da morte, ou as quaes alumia*, &c.

III

Abuso dos verbos tomados impessoalmente

Abusa-se dos verbos tomados impessoalmente.

1.^º Quando se põe huns após outros no mesmo periodo, fazendo a frase embaracada, ás vezes escura, e quasi sempre de mão soido. V. gr., neste exemplo: Deixa-se *de ser homem de boas intenções, todas as vezes que* se esconde *com expressões equivocas: não se he obrigado a dizer toda a verdade, mas sempre se está obrigado a falar verdade*: que em bom portuguez poderia traduzir-se assim: *Deixa hum homem de ter boas intenções, todas as vezes que occulta os seus sentimentos debaixo de expressões equivocas: ninguem he obrigado a dizer a verdade toda, mas todos temos obrigação de falar verdade*, &c.

E tambem neste: *Quando se he educado no seio da grandeza, tem-se toda a dificuldade em persuadir-se que se he semelhante ao resto dos homens, e que o esplendor, de que se está cercado, se dissipá como hum vapor*, quer dizer: Quando alguém, ou quando *hum homem*, ou quando *huma pessoa* he educada no seio da grandeza,

tem toda a difficuldade em persuadir-se, que *he semelhante* ao resto dos homens, e que o esplendor, de que *está cercada*, &c.

2.^º Quando se ajunta o verbo tomado impessoalmente no numero singular com nomes do plural, como nas seguintes expressões, e outras, que a cada passo encontrâmos nas traducções francezas: *Nameou-se novos commissarios. Fez-se duas proposições. Fabricou-se palacios e jardins. Desejou-se e abraçou-se religiões commodas. Via-se grupos numerosos*, &c. Nas quaes se conhece claramente o cunho do francez *on nomma des nouveaux commissaires, on voyait des groupes nombreux, on fit deux motions, on fabrica*, &c., devendo dizer-se segundo o genio da lingua portugueza: *nomeárnão-se novos commissarios, vião-se magotes numerosos, fizerão-se duas proposições, fabricárnão-se palacios*, &c.

Por onde parece defeituosa na syntaxe esta frase de Barros, Dec. 3.^a, liv. 2.^º, cap. 1.^º: «E como nas terras novamente descobertas primeiro *se nota* pelos mareantes, que as descobrem, *os perigos do mar*», devendo dizer: *primeiro se notão os perigos*. O mesmo defeito achâmos em João Franco, *Eneida Portugueza*, liv. 5.^º, est. 15.^a, aonde diz:

*Ver-se-ha primeiro as náos mais excellentes
Correr nas salsas ondas á porfia.*

em lugar de *ver-se-hão as náos*, &c.

3.^º Nesta e outras semelhantes frases: *Deve-se confessal-o: este facto não he provavel*, aonde os nossos traductores enganados pela expressão franceza *on doit le confesser*, comettem galicismo, que a nossa linguagem reprova. Em bom portuguez diríamos: *Deve-se confessar que este facto não he provavel, ou devemos confessar que este facto*, &c. Da mesma sorte no seguinte periodo:

Esta historia he allegorica: não se deve tomar-a ao pé da letra: mas vós affirmais que se deve entendel-a em todo o rigor litteral: pede a syntaxe, e o modo de falar portuguez, que se diga: *esta historia he allegorica, e não se deve tomar ao pé da letra* (ou *não devemos tomar-a*, ou *não convem tomar-a*, ou *não deve ser tomada*), *mas vós affirmais que ella se deve entender* (ou *deve ser entendida*, &c.) *em todo o rigor litteral*, &c.

Ultimamente para darmos huma idéa geral dos varios modos de traspassar estas frases impessoaes, a qual sirva de norma aos menos advertidos, convem notar, que a particula franceza *on*, que nellas commummente se emprega, he huma contracção, ou corrupçao do antigo *hom* (*homem*), que serve de sujeito da proposição; e que as frases *on dit*, *on voyait*, *on fit*, &c., equivalem, palavra por palavra, ao portuguez *homem diz*, *homem via*, *homem fez*, &c.⁴.

Pelo que parece necessario que este sujeito, ou outro seu equivalente, appareça claro ou subentendido na traducçao portugueza de semelhantes frases, ou que estas se possão reduzir ao mesmo sentido por meio de sua analyse grammatical. Eis-aqui os diferentes modos com que em bom portuguez podemos satisfazer a este fundamental preceito.

1º Os nossos classicos imitárão frequentemente á letra o uso francez dizendo, v. gr., na *Ordenação do Senhor D. Duarte*: «Cá sem razom seria ao afflito acrescentar *hom* afflictão.» Na traducçao do livro de *Senectute de Cicero*, por Damião de Goes, ms. fol. mihi 24: «Tambem isto reputo ser muim misero na velhice, cuidar *ho-*

¹ Veja-se Condillac, *Grammaire*, part. 2.^a, cap. 7.^o, e *Grammaire générale & raisonnée*, part. 2.^a, cap. 19.^o, e se conhecerá melhor quão errada idéa tinha deste vocabulo hun diccionario nosso, aonde vem deslinido assim: «*On* he hum pronome que faz os verbos passivos».

mem, que naquelle idade he odioso, e fastioso a toda pessoa». Nos *Sermões*, de Paiva, part. 1.^a, fol. 254 verso: «Porque á verdade, de ninguem *homem* corre tanto risco, como de si». Em Sousa, *Vida do Arcebispo*, liv. 3.^o, cap. 3.^o: «Grão trabalho, e custosa cousa he fazer *homem* o que deve», &c.

2.^o Ainda hoje nos exprimimos a cada passo do mesmo modo, principalmente no estilo familiar, acrescentando a *homem* o adjectivo articular *hum*. V. gr., *não pôde hum homem ser justo, sem se expor à perseguição dos mäos; não sabe hum homem quando lhe vem as infelicidades pela porta; convém que o amigo seja muito experimentado para que hum homem lhe confie seguramente os seus maiores segredos*. E deste modo se podem traduzir algumas frases francezas, v. gr.: *On peut être solitaire dans sa maison, pôde hum homem viver solitario no meio da sua familia. Ce qu'on fait contre son gré, réussit toujours mal, sempre hum homem se sahe mal no que faz contra sua vontade*, &c.

3.^o Tambem substituimos ao termo generico e indefinido *homem* o outro igualmente indefinido e generico *pessoa* com o mesmo adjectivo articular *huma*, e communmente só no estilo familiar. V. gr. nestas frases: *Le monde ne mérite point qu'on s'en occupe*, o mundo não merece que *huma pessoa* empregue nelle os seus cuidados. *On ne peut encore compter sur rien*, ainda *huma pessoa* não pôde dar o negocio por seguro, &c.

4.^o No estilo culto será talvez melhor usar do mesmo nome generico *homem* porém com o artigo simples *o*: v. gr., *il faut qu'on forme son caractère dans la solitude*; convém que o *homem* forme na solidão o seu carácter; *dans la solitude on soulage son cœur*; na solidão allivia o *homem* o seu coração. *On croit volontiers ce qu'on souhaite*; facilmente crê o *homem* o que deseja, &c.

5.^o Tambem se usa do articular *hum*, supprimindo o

substantivo *homem*, que facilmente se subentende. V. gr.: *Plus on s'éloigne de soi-même, plus on s'écarte du bonheur; quanto mais hum foge de si mesmo, tanto mais se aparta da felicidade; dans la solitude on peut tout ce qu'on veut;* na solidão pôde *hum* tudo o que quer. *Là on jouit de mille plaisirs innocents,* ali goza *hum* (ou *hum homem*, ou *huma pessoa*, ou *o homem*, &c.) de mil prazeres inocentes, &c.

6.^º Algumas vezes, principalmente no estilo familiar, empregâmos, em lugar do substantivo *homem*, o outro substantivo igualmente generico *gente* com o artigo. V. gr.: *ce que l'on prodigue, on l'ôte à son héritier; ce que l'on épargne sordidement, on se l'ôte à soi-même.* O que a *gente* desperdiça, tira-o aos seus herdeiros: o que poupa sordidamente, tira-o a si mesmo. L'on *ne saurait s'empêcher de voir dans certaines familles ce qu'on appelle les caprices du hasard, ou les jeux de la fortune;* não pôde a *gente* deixar de notar em certas familias o que chamão caprichos do acaso, ou jogos de fortuna, &c.

7.^º Outras vezes usâmos dos adjectivos articulares *alguem, cada hum, quem quer, qualquer*, sem substantivo expresso, ou ajuntando a *qualquer* o substantivo *pessoa*. V. gr.: *Si l'on m'oppose que c'est la pratique de tout l'occident; se alguem me oppozer, que esta he a prática, &c.* On *en croira tout ce qu'on voudra; mais je pense, &c.; cada hum fará a este respeito o juizo que quizer; mas eu penso, &c.; ou: creia cada hum o que quizer; mas eu, &c.* *Quoi qu'on en dise: il est une sympathie secrète, qui unit les cœurs;* diga *cada hum* o que quizer: ha uma sympathia occulta, que une os corações. *À son air martial, on le reconnaît aisément;* ao seu gesto guerreiro *quem quer* (ou *qualquer pessoa*) o reconhecia facilmente, &c.

8.^º Outras vezes, em lugar do substantivo *homem*,

usâmos do adjectivo collectivo *todos* (sc. *todos os homens*), e sendo a proposição negativa, do adjectivo *ninguem* (sc. *nenhum homem*). V. gr., nestas frases: *il l'a dit, et on s'en souvient*: elle o disse, e *todos* se lembrai d'isso — *il voudrait briller, et on se moque de lui*: elle quer brilhar, e *todos* zombão delle. On *ne sera jamais grand, que par sa grandeur personnelle, ninguem* jámais será grande, senão pela sua grandeza pessoal. L'on *n'écrivit, que pour être entendu, ninguem* escreve, se não para ser entendido, &c.

9.^º Também se usa, em muitos casos, pôr o verbo absolutamente no plural, e na terceira pessoa, concordando com o substantivo occulto *homens* tomado em geral, ou em particular com aquelles *homens*, ou *pessoas*, de quem se fala; ou finalmente na primeira pessoa, referindo-se a *nós os homens*, ou a *nós* que *falámos*, ou *escrevemos*, ou *lemos*, ou *ouvimos*. V. gr., nestas frases: On *dit que, dizem que*, &c. On *dirão que, dirão que*, &c. Je *ne crois, que cette étude soit aussi illusoire, aussi dangereuse qu'on le dit*: não creio que este estudo seja tão illusorio, tão perigoso, *como dizem*. On *ne s'en tent pas là*: on *m'interdit toute société*: não se *limitarão* a isto, ou não se *contentarão* com isto; ou não *parárão* aqui (sc. *as pessoas*, que me perseguião, e de que já se tem falado, ou que se entendem pelo contexto): *prohibirão-me* toda a sociedade, &c. *La fête des tabernacles était, comme on a déjà vu, une mémoire*, &c.; a festa dos tabernaculos era, *como já vimos* (sc. *nós*, o que escreve ou fala, e os que ouvem, ou lêem) *huma memoria*, &c. On *a raconté quelle fut la funeste suite de son entreprise*: temos referido qual foi a funesta consequencia da sua empreza; ou já *deixámos dito* (sc. *nós o escriptor*), &c.

10.^º Às vezes apassiva-se o verbo, ou usando dos auxiliares *ser* e *estar*, com os participios passivos; ou ajuntando o caso *se* aos sujeitos da terceira pessoa, que não

podem empregar a acção em si mesmos. V. gr.: On le *confirma trois fois de suite dans cette dignité*: tres vezes a fio *foi confirmado* nesta dignidade. On *assembla les états*: *forão celebradas*, ou *celebrárão-se* as côrtes. On *connait les suites déplorables*: *são conhecidas*, ou *são bem sabidas as consequencias*, &c. *Tout prospère dans une monarchie*, où l'on confond *les intérêts de l'état avec ceux du prince*: tudo prospera n'uma monarchia, em que os interesses do estado *se confundem* com os do princípio, &c.

11.^º Finalmente outras vezes se dá diferente construcção á frase; mas tal, que analysada vem a coincidir no mesmo sentido: v. gr., *il nagea si loin*, qu'on eut *de la peine à le sauver*; nadou tanto ao largo, que *custou muito* (sc. á gente) a salval-o. On *touchait l'époque de cette solemnité*: on en *profita*: *era chegada* a epocha desta solemnidade: *aproveitárnão-se* dela. *Les uns prétèrent le serment exigé*: *les autres le refusèrent*: on devait *s'attendre à cette division*, huns derão o juramento que se exigia; outros o recusárnão: esta divisão *era de esperar*, ou *devia esperar-se* esta divisão. On sent *que nous voulons parler ici de*, &c.: já se vê, que queremos falar aqui de, &c.; ou já o leitor *conhece*, que he nossa intenção falar aqui de, &c.

IV

Abuso dos verbos auxiliares

Tem os Francezes, bem como nós os Portuguezes, verbos auxiliares, com cujo socorro formão algumas vozes dos verbos activos, e todas as dos passivos, v. gr.: *j'ai aimé*, *je suis aimé*, *être aimé*, *eu tenho amado*, *eu sou amado*, *ser amado*, &c., as quaes são formadas do adjetivo *amado*, *aimé*, e dos auxiliares *être*, *avoir*; *ser*,

ter, &c. Porém como o *sistema dos tempos dos verbos* he differente em huma e outra lingua, tambem a correspondencia dos auxiliares não he exactamente igual em ambas; e daqui resultão muitos gallicismos, que se tem introduzido em portuguez, os quaes sómente se podem evitar (em quanto não temos huma boa grammatica portugueza) lendo assiduamente e com muita reflexão os auctores classicos, e observando nelles os usos dos auxiliares, e as circumstancias em que os costumão empregar. Destes gallicismos daremos alguns exemplos para servirem de advertencia aos menos doutos.

Nesta frase: *eu the tenho pedido a sua palavra de ficar aqui até o fim de maio, o que ella me tem prometido*; as vozes *tenho pedido* e *tem promettido*, constituem gallicismo, o qual se corrigiria se dissessemos: *pedi-lhe a sua palavra de ficar aqui, &c., o que ella me prometteo, ou pedi-lhe que me dësse palavra... e ella m'o prometteo*. Por quanto se reflectirmos attentamente no uso portuguez, veremos que as vozes formadas pelo preterito *tem*, e pelo *supino* dos verbos, v. gr.: *eu tenho amado, eu tenho visto, &c.*, não são em portuguez hum simples preterito, mas sim hum *preterito com successão de tempo, e de actos muitas vezes repetidos*. Pelo que de huma pessoa, v. gr., que não está em casa, não dizemos *tem sahido*, mas simplesmente *sahio*. Da mesma sorte a esta pergunta: *a que hora ceaste hontem?* respondemos: *ceei ás dez horas*, e não: *tenho ceado*. Pelo contrario a est'outra pergunta: *quantas terras tens andado?* respondemos com acerto: *tenho andado muitas*, e em todas *tenho visto* cousas novas, &c.

Outro exemplo: *eu vos certifico, minha querida amiga, que em oito mezes, que tenho deixado Paris, não se tem passado hum só dia, sem felicitar-me do partido que tenho tomado*. Quer dizer em bom portuguez: *certifico-vos, minha querida amiga, que ha oito mezes, que deixei*

Paris, não se tem passado hum só dia, em que me não dê o parabem da resolução que tomei, &c.

Devemos advertir neste lugar, que quando acabâmos de fazer huma acção, v. gr., de *ler hum livro, de cear, de ver hum espectaculo, &c.*, e dizemos *tenho lido, tenho ceado, tenho visto, &c.*, estas expressões não são formadas do verbo *ter*, como *auxiliar*, e dos *supinos*, para suprir tempos compostos dos verbos *ler, cear, ver, &c.*, mas sim do verbo *ter*, tomado na sua ordinaria significação, e dos adjectivos *lido, ceado, visto, &c.*, da mesma sorte que diríamos em latim, v. gr., a esta pergunta: *leste o livro, que hontem vos dei? — lectum habeo — tenho lido. Averiguaste o negocio, que vos recommendei? — exploratum habeo — tenho averiguado, &c.*

À vista do que deixámos dito, não podemos julgar corrente este lugar de Vieira, no tom. 3.^º das *Cartas*, Carta 56.^a: «Aqui não ha novidade mais que a do governo em que succedeo Antonio de Sousa de Menezes a Roque da Costa Barreto, que no mesmo dia *se tem embarcado* mais pobre de fazenda, e mais rico de opinião, que muitos de seus antecessores»; aonde parece que deveria dizer: *que no mesmo dia se embarcou, &c.*

Tambem se erra, ao nosso parecer, quando se diz, v. gr., *hum dos mais vastos designios, que teve homem algum jamais concebido. Logo que elle teve percebido, &c.*; porque em bom portuguez não usámos de semelhantes fórmulas auxiliares, e dizemos: *hum dos mais vastos designios que homem algum jamais concebeo, ou tem concebido. Logo que elle percebeo, &c.* Salvo quando o verbo *ter* não he meramente *auxiliar*, e se toma na sua natural significação, como já acima dissemos, e parece entender-se no lugar de Barros, Dec. 1.^a, liv. 10.^º, cap. 2.^º, aonde diz: «Pero da Nhaya, sem saber o que entre elles passava, como *teve elegido* o lugar para a fortaleza», &c.

Ha tambem em francez alguns verbos, que podemos

chamar *auxiliares*, os quaes não são usados como tales no idioma portuguez, e por isso se devem traduzir por outros de significação equivalente. V. gr., nestas frases: *a virtude* não saberia ser *timida ao pé do throno dos reis*: *este sacrificio* não saberia ser *custoso aos corações, que amão a paz*: o verbo *saberia* constitue hum verdadeiro gallicismo, por ser contra o uso da nossa lingua. Diremos pois em portuguez corrente: *a virtude não deve ser timida, ou não pode ser timida, &c.*; *este sacrificio não deve ser custoso, &c.*

Da mesma sorte nestas frases: *nous aimons à croire, nous sommes heureux de pouvoir annoncer, &c.*, não se devem traduzir litteralmente os verbos *amâmos, somos felizes, &c.*; mas diremos em estilo portuguez: *folgâmos, comprazemo-nos, fazemos gosto, ou temos prazer em persuadir-nos, &c.*; *temos à dita, temos o gosto, a satisfação de poder annunciar, ou estimâmos muito, ou folgâmos de poder annunciar, &c.*

Ha finalmente em portuguez huma particular elegancia, que muitas vezes se despreza na traducçao, e que não parece alheia deste lugar; e consiste em exprimirmos por huma voz auxiliar o *estado actual*, ou o *efeito progressivo e contínuo* da acção significada pelo verbo, v. gr.: *eu estava lendo, estou escrevendo, andei passeando, hia-se definindo, vae escurecendo, vae-se arruinando, &c.* A qual elegancia não só dá graça á frase, mas tambem as mais das vezes exprime o pensamento com particular força e energia. Por onde deveremos empregal-a nas seguintes frases e outras semelhantes:

Dans tout pays, qui se dépeuple, l'état tend à sa ruine, em todo o paiz, que se *vae despovoando*, tende o estado á sua ruina.

Les batiments tombaient en ruine: os edificios *hião-se arruinando.*

Elle vit paraître un homme, qui se promenait autour

de la maison: ella vio apparecer hum homem, que *andava passeando* á roda da casa.

Il languissait dans la misère, elle *hia-se definhando,* *hia desfalecendo* na miseria, *hia-se extenuando* de miseria.

La conversation languit; *vae esfriando* a conversação, &c.

V

Abuso de outras frases, e modos de fallar

1.^º He mui frequente em francez exprimir-se por huma proposição positiva a consequencia negativa, que se quer deduzir, como efecto de alguma causa. O portuguez não pôde *regularmente* imitar esta syntaxe, sem commetter gallicismo, e sein fazer muitas vezes ambiguo o sentido, e até contrario ao que se quer enunciar. Convem pois não traduzir semelhantes frases ao pé da letra; mas exprimir o pensamento em portuguez corrente e intelligivel. V. gr. nestas frases :

O poder e a sabedoria de Deos brilhão de huma maneira mui evidente para poderem ser desconhecidos; deve traduzir-se: *brilhão com tanta evidencia, que não podem ser desconhecidos.*

As nossas leis são bem conhecidas, para que se faça necessário entrar em novas explicações, isto he, *são tão conhecidas, que não he necessário entrar, &c., ou são tão conhecidas, que não precisão de novas explicações:* ou *são tão conhecidas, que não julgámos necessário, &c.*

O seu crime parece-lhe demasiadamente grande para merecer perdão, isto he, *parece-lhe tamanho, ou tão excessivamente grande, que não merece perdão, &c.*

2.^º Ha na lingua franceza certas proposições, que tem apparencia de *universaes negativas*, mas que em realidade sómente significão, que o attributo não convém a

todos os individuos da classe, aindaque convenha, ou possa convir a alguns delles. Estas proposições exprimem-se de differente modo em francez e em portuguez, e cumpre que se tenha presente a sua particular construcção em ambas as linguas, para não cahirmos em erros grosseiros, nem darmos á frase hum sentido falso ou obscuro. Assim, v. gr., traduziremos as seguintes frases:

Tous les étrangers ne sont pas barbares: et tous nos compatriotes ne son pas civilisés. Nem todos os estrangeiros são barbaros: nem todos os nossos compatriotas são civilizados.

*Toute terre ne porte pas toutes choses. Nem todas as terras dão tudo, ou são para tudo. (Em latim: *nam omnis fert omnia tellus.*)*

Il est vrai que tous ne donnaient point dans ces excès affreux. He verdade que nem todos cahião nestes horribveis excessos.

Les annales d'aucun peuple ne présentent l'exemple d'une telle suite de prodiges. Não ha povo algum, cujos annaes apresentem huma tal serie de prodigios, &c.

3.^º He tambem frequente em francez usar-se da particula *plus* com a significação de *quanto mais*, no principio de certas frases, que constão de dous membros, e exprimem a proporção de dous objectos entre si. Por se não attender a esta significação, he errada a construcção das seguintes frases:

Mais eu examinava, mais minha admiração crescia.

Mais o orgulho cuida avisinhar-se ao seu fim, mais elle com efecto se afasta.

Mais Vossa Alteza se acostumará a seguir as grandes cousas, mais admiração lhe causarão estes conselhos da Providencia. As quaes se devião traduzir assim:

Quanto mais eu examinava, tanto mais crescia a minha admiração.

Quanto mais cuida o orgulho avisinhar-se ao seu sim, tanto mais se afasta delle.

Quanto mais Vossa Alteza se acostumar a seguir as cousas grandes, *tanto maior admiraçao* lhe causaráõ estes conselhos da Providencia, &c.

4.^º Ha tambem em francez certas proposições, que podemos chamar *exclusivas*, nas quaes se affirma que huma cousa existiria, se se verificasse a exclusão de outra. Esta exclusão exprime-se em francez pela proposição *sans*, que nesses casos vale tanto como o portuguez *se não fosse, menos que*, ou *a menos que*, &c. V. gr.: «*J'aurais gagné mon procès sans vous; se vous não fosseis,* teria eu ganhado o meu processo, ou teria eu vencido a minha demanda». He pois necesario que em portuguez se dê a estas frases o conveniente sentido, para se evitar o gallicismo, que notámos nas seguintes:

Sem o auxilio de Minerva, Ulysses pereceria, isto he, *se não fosse o auxilio de Minerva, pereceria Ulysses*; ou *Ulysses pereceria, menos que Minerva o não socorresse*: ou, *se Minerva não socorresse a Ulysses*, por certo que elle pereceria, &c.

Sem vós eu andaria exposto á inconstancia deste monstro, isto he, *se vós não fosseis, andaria eu exposto*, &c.

5.^º As expressões francezas, em que entra o verbo *falloir*, v. gr., *il faut, il fallait, il fallut, il faudra, il ne faut, il ne faut que*, &c., nem sempre ſe devem traspassar da mesma maneira, e a ignorancia dos differentes significados, que lhe correspondem em portuguez, he origem de frequentes erros. Daremos alguns exemplos do modo com que em differentes circumstancias se devem traduzir, para servirem de advertencia aos menos doutos.

Dans tout état il faut une religion: il en faut une à

tout homme; em todo o estado he necessaria huma religião: cada homem deve tambem ter a sua.

C'est aujourd'hui qu'il faut signaler notre valeur; hoje cumpre ostentarmos o nosso valor; hoje he que devemos distinguir-nos pelo nosso valor.

Nous sacrificerons pour eux notre repos, notre liberté, notre sang même et notre vie, s'il le faut; por elles sacrificaremos o nosso repouso, a nossa liberdade, e até, se necessário for, o nosso sangue e a nossa vida.

Les mystères, s'il en faut croire les anciens, étaient, &c. Os mysterios, se havemos de dar credito aos antigos, erão, &c.

Néanmoins, il n'en faut douter, il y aura toujours une intime union, &c. Comtudo, não o duvidemos, haverá sempre huma intima união, &c.

C'était plus qu'il en fallait pour flatter l'orgueil du père, et de la mère d'Emilie; era mais que bastante para lisongear, &c.

Il ne faut juger des hommes comme d'un tableau: não se deve julgar dos homens, como de hum painel; cumpre não ajuizar dos homens, &c.

Il ne fallait pour cela qu'aider les progrès des connaissances; bastava para isto auxiliar o progresso, &c. Para isto nada mais se requeria, ou nada mais era necessário, se não auxiliar, &c.

Il ne faut point supposer les hommes gratuitement criminels; não se devem suppor os homens gratuitamente criminosos. Cumpre, que não supponhamos os homens, &c.

6.^º Repetem-se na oração franceza alguns vocabulos, cuja repetição em portuguez seria hum erro. Taes são, por exemplo: 1.^º, as terminações dos adverbios. V. gr., obra em tudo *prudentemente e honradamente*, que em melhor portuguez diremos: obra em tudo *prudente e honradamente*; 2.^º, em alguns casos os *artigos*, ou os

adjectivos articulares: v. gr., o homem levado pelo interesse e a curiosidade, isto he, pelo interesse e curiosidade. Por seus discursos e suas acções, se concebião delle mui altas esperanças, isto he, por seus discursos e acções, ou por seus discursos, e por suas acções. A este respeito não será inutil advertir, que achâmos nos classicos portuguezes algumas frases, que nos parecem incorrectas, v. gr., na *Vida do Arcebispo*, liv. 4.^º, cap. 1.^º: «*Esta alçada foi occasião de muito desgosto ao Arcebispo, e muita despesa*»; aonde parece que se deveria dizer: *foi occasião de muito desgosto, e despesa ao Arcebispo: ou foi occasião de muito desgosto, e de muita despesa.* Em Jacinto Freire, *Vida de Castro*, liv. 2.^º, § 6.^º: «*Começou a gosar a melhor parte da graça de Badur, ou já por sua fortuna, ou sua industria*», isto he, ou por sua fortuna, ou por sua industria, &c.; 3.^º, o *que* depois de *mais*: v. gr., *não tereis mais que hum semblante, e que huma palavra*, isto he, *mais que hum semblante e huma palavra*, &c.

7.^º Finalmente ha em francez muitos outros modos de falar, em cuja traducção se commettem frequentes erros por ignorancia ou inadvertencia. Como não escrevemos a arte de traduzir o francez, apontaremos sómente alguns exemplos, que sirvão de pôr em cautela os menos doutos.

Je crois bien, je crois assez. Creio de boa mente, facilmente creio; ou, como ás vezes diz Vieira, eu bem creio que, &c.

Fasse le Ciel que. Permitta o Ceo que; Deos permitta que, &c.

Quelle est la disposition du moment des esprits. Qual he ao presente a disposição dos espiritos; qual he a actual disposição; qual he a disposição em que ao presente se achão os espiritos, &c.

J'eus beau prendre à témoign celu-là même . . . il fut

surd, &c. Em vão o tomei por testemunha a elle mesmo . . . elle se fez surdo; ou, por mais que o tomei a elle mesmo por testemunha, fez-se surdo ás minhas vozes, &c.

As frases francezas em que entrão os vocabulos *trait* e *coup*, admittem diferentes modos de traducçāo, que se devem ter presentes, v. gr.:

Le sceau de sa réconciliation fut un trait de liberalité. O sêllo da sua reconciliação foi hum *lanço* de liberalidade; ou *huma acção* de liberalidade.

Des volumes nombreux suffiraient à peine pour narrer ce qui a trait à cette partie de notre histoire. Apenas bastarião numerosos volumes para narrar *o que diz respeito a esta parte da nossa historia*.

Toutes les découvertes, qu'elle fit . . . furent des nouveaux traits, qui déciderent son goût, &c. Todos os descobrimentos que ella fez . . . forão *novos motivos*, que determinárão o seu gosto, &c.

Faire un trait d'ami. Fazer *huma acção* de amigo.

Faire un beau coup, un grand coup, un coup d'éclat. Fazer *huma acção insigne, hum insigne feito, huma acção estremada*, &c.

Tenir coup à l'étude. Perseverar no estudo, &c.

VI

Abuso na collocação dos vocabulos

Seria necessario hum longo discurso para mostrarmos todas as diferenças que ha entre as duas linguas portugueza e franceza, na collocação e ordem dos vocabulos, e frases entre si: mas este assumpto, que aliás mereceria ser tractado com alguma extensão, não cabe nos limites de hum simples *Glossario*. Bastará reflectirmos aqui em summa, que sem embargo de seguirem ambas estas linguas a ordem directa e analytica das idéas, tem comtudo

a portugueza muito maior liberdade para usar de transposições, sem fazer o discurso embaraçado ou obscuro. Assim, v. gr. (como já notou hum critico illustrado) o que Jacinto Freire escreve com elegancia: *não sepultarão consigo aquelles valerosos Portuguezes toda a gloria das armas*; verte o francez com muito menos graça: *ces vaillants Portugais n'ont pas enseveli avec eux toute la gloire des armes*. E o que os Francezes exprimem por esta frase: *ceux qui étaient convaincus d'avoir employé d'indignes voies pour parvenir au commandement, en étaient exclus pour toujours*; pôde em muito bom portuguez traduzir-se por diferentes modos, v. gr.: *Os que erão convencidos de haverem empregado meios indignos para alcançar o commando, ficavão excluidos delle para sempre*; ou talvez melhor: *ficavão para sempre excluídos do commando*; ou *ficavão para sempre reputados inhabeis para o commando* os que erão convencidos de o haverem pretendido por meios indignos. Semelhantemente este verso:

Je chante les combats, et cet'homme pieux,

que he a traducção do primeiro hemistichio da *Eneida* de Virgilio, e que em francez não admitté outra ordem de vocabulos, pôde traspasar-se ao portuguez dizendo:

Eu canto as armas, e o Varão piedoso;

ou transpondo, como fez João Franco Barreto, na *Eneida Portugueza*:

As armas, e o Varão canto piedoso.

Por onde se vê que o escriptor portuguez, tendo mais liberdade que o francez, para inverter a ordem dos voca-

bulos, pôde muitas vezes escolher a seu arbitrio o lugar que cada hum delles deve ocupar no discurso, a fim de que a expressão fique mais harmonica, e a imagem mais viva e animada.

Segundo este principio, que he verdadeiro e generico, cumpre que os traductores portuguezes, adoptando a prudente liberdade que lhes offerece a sua lingua, procurem evitar a fastidiosa monotonia, que resultaria de huma traduçāo demasiadamente litteral, e o ar e geito afrancezado de que aliás se reveste o discurso.

Estas expressões, por exemplo, que a cada passo encontrâmos nas nossas modernas traducções: *eu me lembro, eu vos certifico, eu lhe tenho pedido muitas vezes, &c.*; podem, e muitas vezes devem inverter-se, dizendo, segundo o genio da lingua portugueza: *Lembro-me, certifico-vos, muitas vezes lhe tenho pedido; ou tenho-lhe pedido muitas vezes; ou tenho-lhe muitas vezes pedido; ou pedido lhe tenho muitas vezes, &c.*

Ha outras frases, em que não só he permittida mas até (segundo o nosso parecer) muitas vezes necessaria a inversão. V. gr., nesta: «*Filippe, tendo mandado pedir aos Lacedemonios huma causa injusta, lhe responderão: não*»; aonde o nome de *Filippe* posto no principio da frase, como que requer hum verbo, que em realidade não apparece, ficando o sentido quasi suspenso, e o espirito do leitor embaraçado. Este defeito porém se desvanecerá se dissermos ao modo portuguez: *Tendo Filipe mandado pedir, &c.* Da mesma sorte acontece em est'outra frase: *Os armazens das tormentas abrindo-se sahirão delles como em ondas os coriscos e raios*, que em melhor portuguez pede esta construcção: *abrindo-se os armazens... sahirão delles, &c.*

Os nossos melhores classicos não evitárão de todo este defeito. Barros, na Dec. 4.^a, liv. 10.^o, cap. 7.^o, principia assim: «As cousas de Diu estando no estado que contâ-

mos, o Capitão Antonio da Silveira suspeitando a vinda dos Rumes... mandou huma fusta», &c., devendo, ao nosso parecer, usar de transposição deste modo: *Estando as cousas de Diu no estado que contâmos, o Capitão Antonio da Silveira, como suspeitasse a vinda dos Rumes, mandou, &c.*

Na Dec. 2.^a, liv. 1.^o, cap. 5.^o, diz tambem: «Havida esta victoria, e os Mouros postos debaixo do palmar, em modo de cerco, assombrava-se Lourenço de Brito ainda tanto com elles», &c., que melhor se diria deste modo: *havida esta victoria, e postos os Mouros debaixo do palmar, &c.*

Lobo, *Côrte na aldeia*, Dial. 11.^o, traz tambem este periodo: «Outro estudante do meu tempo, passando parte de huma noite de inverno em casa de hum amigo... choveo tanta agoa, e cresceo com tanta furia o Mondego», &c.; aonde o leitor, esperando pelo verbo do sujeito *outro estudante*, acha-se por fim embaracado na intelligenzia da frase, e com esta especie de equivocação, quasi que se desgosta da leitura.

Nem se nos attribua a temeridade, ou presumpção tacharmos assim de defeituosos os nossos bons auctores. A ignorancia geral que então havia dos principios filosoficos da linguagem, os fazia cahir em muitos erros contrarios á *boa ligação das idéas*, que he a base fundamental de todos os preceitos relativos ao arranjamento dos vocabulos, e á organisação interna do discurso: concorrendo tambem para isto a demasiada, e ás vezes servil, imitação da construcção latina, procedida da errada opinião naquelle tempo, e ainda hoje mui vulgar, de que a nossa lingua he filha della, e tem como tal o mesmo gênio e indole.

Mas voltando ao nosso objecto: tem tambem as linguas seus particulares caprichos (por assim nos explicarmos) que o escriptor polido e exacto deve respeitar: e por isso

aindaque da diversa posição dos vocabulos não resulte ambiguidade, nem má intelligencia da frase, convem todavia não alterar a forma, que constantemente se tem adoptado para a exprimir. Por exemplo nas seguintes frases: *He desta sorte que o sabio se vinga. He por isso que eu me resolvi. He neste projecto que dais á luz a vossa obra. Foi neste intuito que o legislador ordenou, &c.*, não se encontra ambiguidade ou escuridade alguma, e comtudo o estilo portuguez demanda differente collocação de vocabulos, e exprime-se desta maneira:

Desta sorte he que o sabio se vinga; ou assim he que se vinga o sabio; ou ainda mais simplesmente: desta sorte se vinga o sabio. Por isso he que me resolvi. Com este projecto he que dais á luz, &c.

Da mesma sorte nesta frase: *Os principaes artigos de seu commercio são trigo, legumes, &c., e cem embarcações se carregão todos os annos deste porto para Marseilha*; aindaque não haja ambiguidade, seria comtudo muito melhor traduzir assim: *Os principaes artigos do seu commercio são trigo, legumes, &c. e todos os annos se carregão cem embarcações, &c.*

E em est'outras: *Carteis affixados em todas as ruas erão dirigidos contra esta auctoridade. Dir-se-hia em melhor portuguez em todas as ruas se vião pasquins dirigidos contra, &c.*

Mais necessaria he ainda a inversão nesta frase: *Marco Aurelio, em huma necessidade urgente, antes do que carregar os povos de novos impostos, vendeo os moveis do palacio imperial*; cujo sentido he: *Marco Aurelio, em huma necessidade urgente, antes quiz vender os moveis do palacio, do que carregar os povos, &c.; ou mais quiz vender, ou preferio vender, &c.*

Outras vezes, aindaque a collocação franceza não seja contraria ao estilo portuguez, podemos todavia variá-la na traducçao, aproveitando-nos da liberdade da nossa

lingua para fazermos o discurso ou mais corrente, ou mais elegante. Este periodo, v. gr.:

«Todos aquelles bens, que se não adquirem senão por caminhos obliquos, são raramente de longa duração: o Ceo para punir, sem duvida, os que os possuem, os faz desapparecer como hum fumo»; se traduziria melhor dizendo:

«Raras vezes tem longa duração . . . ou raras vezes se logrão por muito tempo . . . ou he raro serem de longa duração . . . ou raramente são duraveis os bens que se adquirem por tortuosos caminhos: o Ceo os faz desaparecer como fumo, sem duvida para punir os que os possuem»; ou: «raras vezes tem longa duração os bens que sómente se adquirem por caminhos tortuosos: o Ceo», &c.

Com mais razão se deve variar a collocação dos vocabulos, quando do contrario se segue alguma ambiguidade, obscuridade ou embaraço na frase, como sucede por exemplo, no seguinte periodo, que achâmos traduzido do francez: «Se vós fosseis lavrador, que esperarieis da bondade do principe? — Que elle me segurasse o fructo do meu trabalho, e que me deixasse gosal-o, dando-lhe eu o seu tributo, com meus filhos e minha mulher»; aonde a frase *pagando-lhe eu o seu tributo, com meus filhos e minha mulher*, faz hum sentido não só ambiguo, senão tambem falso e absurdo, o que se evitaria arranjando assim o periodo: «Que elle me assegurasse o fructo do meu trabalho, e m'o deixasse gosar com meus filhos e mulher, pagando-lhe eu o seu tributo»; ou assim: «e que m'o deixasse gosar a mim, a meus filhos e a minha mulher, pagando-lhe eu», &c.

Não adiantaremos mais as nossas reflexões a este respeito; porque seria impossivel estabelecer regras fixas e invariaveis sobre hum assumpto que depende quasi inteiramente das particulares circumstancias do discurso;

e porque o pouco, que temos dito, basta para despertar a advertencia e reflexão dos traductores, e para os mover a corrigir os multiplicados gallicismos, de que estão cheias as nossas tráducções modernas. Huma só cousa porém tornámos a repetir, e não cessaremos de inculcar, e he que só a assidua lição dos classicos nacionaes, e o aturado estudo das suas obras, junto com o conhecimento dos principios filosoficos da Grammatica Universal, podem vir a libertar a lingua portugueza das fórmas estrangeiras, que nella se tem introduzido, e restituil-a á sua nativa pureza e elegancia. Seja pois este o principal cuidado dos eruditos portuguézes, que amão a sua linguagem, e não se dirá mais por ella o que já com galanteria disse hum escriptor douto: «Que pelo pouco que lhe querem seus naturaes, a trazem mais remendada, que capa de pedinte». Lobo, *Corte na aldeia*, Dial. 4.^º

RESPOSTA A VARIAS CENSURAS

FEITAS AO

GLOSSARIO DAS PALAVRAS E FRASES DA LINGUA FRANCEZA
INTRODUZIDAS NA LOCUÇÃO PORTUGUEZA

*Multaque praeterea manifesti signa favoris
Pectoribus teneo non abitura meis.*

OVID., Trist., liv. 3.^o, eleg. 5.^a

RESPOSTA A VARIAS CENSURAS

FEITAS AO

GLOSSARIO DAS PALAVRAS E FRASES DA LINGUA FRANCEZA INTRODUZIDAS NA LOCUÇÃO PORTUGUEZA

Conhecendo eu bem o caracter franco e generoso do meu censor, não hesitei em responder ás suas judiciais reflexões e advertencias.

Espero que isto mesmo sirva de prova do respeito e gratidão com que recebi e apreciei hum obsequio tão singular e tão distinto.

A discussão sincera, livre e pacifica, he o meio mais proprio para se apurar a verdade, e se derramar a luz sobre objectos, as mais das vezes, pouco averiguados e pouco attendidos.

Como este he o meu fim, não duvido da grande utilidade, que d'aqui resultará ao meu trabalho, continuando-me o meu illustre e douto censor a honra de ler-me e illustrar-me.

Sobre o prologo

A doutrina, que aqui se estabelece, sobre o principio constitutivo da riqueza das linguas, e sobre o modo de promovel-a e augmental-a, he exactamente verdadeira e judiciosa.

Os eruditos que attribuem aos papeis ministeriaes o direito de innovar palavras, rendem o devido acatamento á auctoridade e sabedoria do governo.

Os que concedem o mesmo direito aos sabios e escriptores de conhecido merecimento, ou ás associações academicas, respeitão as suas luzes e saber, e a justa influencia que tem sobre o publico em materias litterarias.

Póde tambem em certo modo dizer-se, que qualquer escriptor tem a liberdade de formar, compor ou derivar novos termos: mas como entre os escriptores mediocres são poucos os que sabem fazer conveniente uso desta liberdade, por isso a vemos de ordinario concedida sómente aos homens de distincto saber e de litteratura consummada.

Em geral todo o vocabulo *necessario, expressivo, harmonico, e formado conforme a analogia da lingua*, póde adoptar-se, seja quem for o seu primeiro inventor. E esta será talvez a mais segura regra que em semelhante materia se póde estabelecer.

He sem duvida que quando na lingua portugueza temos necessidade de algum vocabulo, se deve primeiramente buscar nas raizes da mesma lingua, formando dellas termos derivados, ou compostos, que suprão aquella falta.

Quando nella não acharmos este soccorro, o poderemos pedir aos outros idiomas, entre os quaes preferiria eu: 1.º, o latino; 2.º, o castelhano; 3.º, o italiano; 4.º, o francez, &c., attendendo sempre á maior ou menor proximidade e analogia que elles tem com a nossa lingua; á sua maior ou menor copia de termos; e tambem ao maior ou menor conhecimento que nós tivermos desses idiomas.

Esta ordem porém de preferencias sómente se entende em igualdade de circumstancias, e em geral; porque na

pratica he muitas vezes necessario alteral-a. Assim para novos termos scientificos recorrem ainda hoje os sabios á lingua grega; para os termos musicos preferiremos a italiana a qualquer outra lingua, &c.

Postos estes principios, que são coerentes com os do prologo, farei por satisfazer nos artigos seguintes ás notas e reflexões sobre o objecto do *Glossario*, e espero desculpa dos inevitaveis defeitos que o tempo me não permitte corrigir.

Sobre os vocabulos do Glossario que vem censurados

Abordo — Entendo que ha gallicismo nos vocabulos: 1.º, quando não temos hum vocabulo, e o vamos buscar ao francez, como *alarmar*, *ressurças*, *massacro*, &c.; 2.º, quando tomâmos do francez hum *derivado* ou *composto*, que não ha na nossa lingua, aindaque nella tenhamos a *raiz* da derivaçao, ou os *elementos* de que se formou o composto: como *elançar-se*, *encorajar*, *funcionario*, *infortunado*, &c.; 3.º, quando a hum vocabulo que já temos, damos huma significação franceza, que não tinha na nossa lingua: como *felicitar* por *dar parabens*, *picar-se* por *vangloriar-se*, *extracção* por *origem*, *linhagem*, &c.

O vocabulo *abordo* pertence na minha opinião á segunda classe: porque tendo nós o verbo *abordar*, donde pôde derivar-se *abordo*, não temos comtudo este nome, que os nossos modernos forão buscar ao francez.

He verdade que Moraes traz *abordo* no seu *Diccionario portuguez*; mas noto, que o não auctorisa, costumando fazel-o a quasi todos os vocabulos, que não são de hum uso mui trivial.

O *Diccionario inglez-portuguez*, aliás *portuguez-inglez*, de Vieira, que he copioso, e de cujo auctor eu faço grande conceito no que toca ao conhecimento das linguas, e

em particular da portugueza, tambem não traz este vocabulo.

Joaquim José da Costa e Sá, que no seu *Diccionario francez-portuguez* a cada passo usa de vocabulos *afrancezados* para exprimir a significação dos termos franceses, não se atreveo comtudo a traduzir por *abordo* o francez *abord*, quando era occasião de o empregar, se com effeito fosse usado na nossa lingua.

O outro diccionario francez-portuguez, em 4.^º, tambem não traz *abordo*: e eu finalmente não o encontrei jámais senão em más traducções modernas.

Logo, aindaque este termo se possa derivar do verbo *abordar*, comtudo o seu uso he trazido do francez, e como tal vem a ser em realidade hum gallicismo, assim como o são os vocabulos *detalhe*, *edificante*, *encorajar*, *infotunado*, &c., sem embargo de se poderem derivar de *talhe*, *edificar*, *coragem*, *fortuna*, ou *afortunado*, &c.

Pelo que respeita á sua significação: Temos em portuguez certos vocabulos, que por huma especie de capricho da lingua se usão ao mesmo tempo, e polidamente, em duas significações, que parecem oppostas. Por exemplo:

LIDO (Activamente)—O que lê; homem lido.

LIDO (Passivamente)—O que he ou foi lido; livro lido; obra lida, &c.

DELICIOSO (Activ.)—O que causa delicias; sabor delicioso; bens deliciosos.

DELICIOSO (Passiv.)—O que he dado a delicias; o que as recebe, e gosta dellas; homem delicioso.

ENTRADA (Activ.)—Acção de entrar; fiz a minha entrada solemne.

ENTRADA (Passiv.)—O que he entravel, possibilidade ou facilidade de ser entrado; este lugar tem boa entrada.

ACCESSO (Activ.)—Acção de chegar, acção de entrar a alguém; acesso do sol para o equador, acesso com alguma mulher, &c.

ACCESSO (Passiv.)—Qualidade de ser accessivel; este monte he de facil acceso.

Semelhantemente:

ABORDO (Activ.)—Acção de abordar; fallei a N..., e no primeiro abordo, &c.

ABORDO (Passiv.)—Qualidade de ser abordavel, accessivel; esta praia he de facil *abordo*; este homem he de bom *abordo*, &c.

Neste ultimo sentido he que eu dizia que *abordo* he hum galicismo que se pôde bem suprir pelo vocabulo *acolhimento*, porque na verdade neste sentido he que mais vezes o tenho ouvido usar.

Vejo comtudo que este artigo do *Glossario* necessita de correcção e explicação: e a farei logo que o ms. me venha á mão, como espero.

Em quanto ao mais, que aqui se acrescenta, estou persuadido que *abordo* no sentido figurado he exactamente synonymo de *acesso*, que tambem significa activamente a *entrada a alguém*, e passivamente a *qualidade de ser accessivel*.

Porém *acesso*, pelas varias accepções em que se toma, pôde excitar huma idéa torpe, e convem evitar-se em alguns casos.

Apathia—Cuido que este vocabulo não vem no *Glossario*: mas vem outros, que estão em iguaes circunstancias, como *anecdota*, *paralysar*, *filanthropo*, &c.

Estes termos são de origem grega, e todavia não duvidei mettel-os no *Glossario*, por estar persuadido que os nossos modernos escriptores os tomárão immediatamente do francez, depois de naturalisados nesta lingua: muito mais satisfazendo eu a qualquer reparo, com de-

clarar a origem primitiva delles, e mostrar que me não era desconhecida.

Ascendente — He termo portuguez no sentido astronomico, de que fala Moraes. Na significação porém que aponto no *Glossario*, nunca foi usado no nosso idioma, mas sim no francez, donde os nossos Portuguezes o derivárao. E por isso, aindaque essa significação possa em certo modo deduzir-se da primeira, nem por isso deixa de ser o uso della hum verdadeiro gallicismo, segundo os principios que acima ficão estabelecidos.

Bom Deos — Estamos perfeitamente concordes a respeito desta expressão. Ella he (principalmente com o artigo *o bom Deos*), hum puro gallicismo, inadoptavel em portuguez. Mas não me conformo em tudo o que aqui se diz a respeito da theoria dos epithetos: nem julgo que seja erro em portuguez dizer *o nosso Deos misericordioso perdôa facilmente ao peccador arrependido*, sem embargo de não haver aqui mais que hum epitheto, e esse sem forma superlativa.

Bruscamente — Convenho em que este adverbio se possa formar do adjectivo portuguez *brusco*: mas como sómente o acho em traducções, e sempre usado com a significação do francez *brusquement*, supponho-o trazido do francez, e não derivado e formado por nós, segundo a necessidade (que aliás não temos) da nossa lingua.

O portuguez *brusco* significa *escuro, annuviado; dia brusco; tempo brusco, athmosfera brusca, ou annuvizada, &c.* D'aqui se formou a significação figurada, mas não muito usada (excepto no estilo familiar) de *triste, carregado, &c., homem brusco, semblante brusco, &c.* O adverbio *bruscamente* significaria pois *tristemente, carregadamente, com carregume, &c.*, mas nunca signi-

ficaria *precipitadamente, incivilmente, descortezmente*, como em francez, só se buscassemos hum novo requinte da segunda significação já figurada.

O francez porém *brusquement* he derivado do verbo *brusquer, insultar com palavras, tractar com descortezia, tractar algum negocio com precipitação e arrebamento, &c.* Neste sentido o acho usado, neste sentido o noto de gallicismo, e neste sentido digo que he escusado.

Acaso pois (se me pergunta) será permittido só aos Francezes falar em sentido figurado? Respondo que não: e que hum absurdo tal se não segue do que digo no artigo, nem em artigo algum do *Glossario*.

Cadastro—Censo entre os Romanos dizia o mesmo que *cadastro* entre os Francezes. A homonymia porém he attendivel: e se eu me lembrasse della nas notas a Peixoto, teria insistido mais na adopção do gallicismo.

Calcular—O sentido, que vem notado no *Glossario*, nunca foi portuguez. Entre os mesmos Francezes he novo tomar o verbo *calcular* e o adjectivo *calculado* nesse sentido. Delles o tomarão sem duvida os nossos traductores; e a maior prova que disso se pôde dar he que difficultosamente se encontrará, salvo em traducções portuguezas, ordinariamente, ou quasi sempre mal feitas. Isto me parece bastante para o constituir gallicismo, porque (como já adverti) huma *significação nova* tomada do uso francez, aindaque aliás se possa derivar da propria lingua, não deixa por isso de ser hum gallicismo. Ninguem por certo negará este nome ao vocabulo *affixe*, que ha pouco lembrei; e comtudo elle pôde derivar-se do verbo *affixar*, que he portuguez, &c.

Será porém adoptavel, ou não, o adjectivo *calculado* no sentido do *Glossario*? Não duvido que todas as vezes que se quizer exprimir a idéa de calculo e combinação

de causas, com respeito a algum determinado efecto, se possa usar com propriedade o dito adjectivo. Duvido porém que isto se verifique na maior parte das occasões em que os Francezes o empregão.

Acho niniamente subtil e exquisita a interpretação que se dá á frase do *Glossario*, para mostrar que nella vem a propósito o adjectivo *calculado*. E estou certo que no lugar em que a li, ella não tinha sido empregada com tanta reflexão e tanto calculo.

Como quer que seja, com duas palavras mais acrescentadas ao artigo do *Glossario* se fará hum artigo *calculado* para satisfazer a tudo.

Crachá — Sempre tive este vocabulo por derivado do francez *crachat*, e por isso digo que he de *má origem*: nem sei outra donde nos viesse esta palavra com semelhante terminação. Se me engano, estou prompto a desdizer-me. *Placar* he menos máo, mas não he bom, sendo (como he) derivado do francez *placard*; porque aindaque o fundamento do sentido figurado não seja tão vil e torpe como o primeiro, comtudo não he bem clara nem expressiva a analogia que ha entre o *editor*, que se prega na parede, e o *habito* ou *divisa*, que se borda ou prega no vestido. E todos sabem que esta analogia he a base do sentido figurado. Mas, emfim, se o uso assim o quer, adopte-se *placar*.

Em portuguez de gazetas temos *placard* (gallicismo) por *editor*. (Veja-se Moraes.) Assim como em portuguez da moda temos *affixe*, que já se vai usando. E d'aqui a pouco teremos o mais que quizerem, e faremos huma lingua nova e estrangeirada, que não haverá dinheiro que a pague!

Degradante — Aindaque se adopte em portuguez o verbo *degradar* na significação figurada de *aviltar*, *en-*

vilecer, deprimir, &c., pôde comtudo duvidar-se se he tambem adoptavel o adjectivo verbal *degradante*. A nossa lingua parece não ser muito apaixonada destes adjectivos verbaes. Ella diz:

- Instructivo*, e não *instruente*.
- Edificativo*, e não *edificante*, que he moderno.
- Provocativo*, e não *provocante*.
- Productivo*, e menos vezes *producente*.
- Persuasivo*, e não *persuadente*.
- Consolador, consolatorio*, e não *consolante*.
- Causador*, e não *causante*.
- Dador*, e não *dante*, &c.

Por outra parte tambem diz:

- Temente, que teme*.
- Tocante, cosa tocante á politica, &c.*
- Interessante, que interessa, &c.*

Esta materia requer exame e analyse, e cuido que a isto se referia huma nota de Peixoto. Eu não me julguei em estado de declarar o meu voto em alguns artigos do *Glossario*, em que elle viria a proposito, por não ter ainda hum sufficiente numero de frases portuguezas analysadas em que me firmasse. Entretanto não adoptarei semelhantes adjectivos sem muito tento e reflexão, e sem estar bem certo de que não temos outros que os possão suprir.

Effeitos — Tomei esta palavra geralmente por *bens moveis, generos, &c.*, segundo o *Diccionario* de Sá, e outro anonymo, em 4.^º No *inglez-portuguez*, de Vieira, acho tambem *effects, bens moveis, effeitos*. Alem destas auctoridades, tenho visto e ouvido muitas vezes empregal-o com a significação ampla de quaesquer *moveis, mercadorias, trastes, fazendas, &c.*, e sem ser em lin-

guagem mercantil. Que nesta linguagem esteja adoptado pelo uso do commercio, não duvido; que todos os dicionarios o tragam, duvido: e contra a palavra *todos*, aponto Moraes, que o não traz, e he o unico que tenho á mão.

Egoismo — He derivado do latim *ego*, mas trazido immediatamente do francez *égoïsme*. Taes vocabulos são gallicismos, não por terem terminação afrancezada, mas por serem de composição francezã, aindaque latinos na origem. *Alarmar* he gallicismo, e a sua raiz he *armar* ou *arma*, que vem do latim. *Empalecer* he gallicismo, e a sua origem he *palleo* latino. *Engajar* he gallicismo, e temos em portuguez a raiz *gages*. *Impérissable* ou *impéricevivel*, he gallicismo, e a sua raiz he o latim *perire*, em portuguez *perecer*, &c.

Emittir — Digo no *Glossario* que tem origem latina. Digo que he conforme com a analogia, por isso mesmo que he formado á maneira dos verbos *omittir*, *demitir*, &c. E acrescento que he tomado do francez porque delle o houvemos, e não he de composição nossa. No francez moderno (e em linguagem de finanças principalmente) he frequente *émettre* e *émission*, no sentido que nós lhe damos.

Estudado — No *Diccionario* de Sá o termo francez *étudié* significa tambem *fingido, affectado, simulado*. Se me enganei, a elle o devo, e estou prompto a corrigir-me.

Extraviar, &c. — He de origem latina, porque se compõe de *extra* e *via*, mas a composição he franceza, e dos Francezes o tomámos nós.

Felicitar — Não o reprovo, antes digo com Bluteau

que já no tempo deste escriptor começava a ser usado. Comtudo não o reputo necessario, visto termos *congratular a alguem*, que diz o mesmo; e não o julgo muito bom por causa da homonymia, visto que dizemos em portuguez *felicitar a alguem*, isto he, *fazel-o feliz*.

Formalisar-se — Só o acho bom e adoptavel na significação de *pór-se em forma*, quando se fala de homem publico, que toma o ar serio da sua auctoridade; ou quando se fala de pessoa familiar que, por picada, deixa as fórmas familiares para tomar tambem outras mais sórias. Nesta maneira se reformará o artigo.

Fuzil, &c. — Duvido que nos nossos regimentos *houvesse sempre* companhias de *fuzileiros*. Eu só tenho achado *espingardeiros*, *mosqueteiros*, *arcabuzeiros*, &c. *Granadeiros* tambem me parece novo. Moraes não o traz, assim como não traz *fuzileiros*. Lobo, *Corte na aldeia*, faz menção de *mosqueteiros*, *arcabuzeiros*, *alabardeiros*, *archeiros*, *bésteiros*, *escopeteiros*, *piqueiros*, &c., e com tudo escreveo já em tempos não mui antigos. Peço novo exame.

Volteador e Voltijador — Tem sido na verdade traduzidos servilmente do francez *voltigeur*, assim como *voltijar* de *voltiger*. São gallicismos intoleraveis, e alem disso escusados.

Sobre as reflexões

I

Chamo *arrastado* qualquer termo, frase, ou expressão, quando he trazido no discurso *forçadamente e sem naturalidade*.

O adverbio, ou antes, expressão adverbial *por ventura* significou sempre nos nossos classicos o mesmo que o latim *forsitan*, *forsan*, *fortasse*, isto he, *por acaso*, *por acerto*, *acaso*, e como hoje dizemos *talvez*.

Bastará para exemplo este periodo de Barros na sua *Apologia*, que vem no principio da quarta Decada :

«Mas porque *per ventura* os calumniadores não ficarão satisfeitos com esta pintura, &c.... ao contrario, neste papel pintaremos a figura de hum animal, que tem os affectos e condição delles, e *per ventura* pela conformidade que tem, lhe será mais accepta que a de Apelles», &c.

Logo, quando eu digo que o vocabulo *virulento* no sentido figurado parece ser novo no nosso idioma, e *por ventura* trazido do francez; he o mesmo que dizer, que o dito vocabulo he *talvez*, *acaso* (*forsitan*), derivado do francez. E nisto não vejo que haja cousa alguma forçada, ou *arrastada*.

Acrescento, que mais *forçada* seria a palavra *talvez*, posta em lugar de *por ventura*.

Talvez nos nossos classicos significou sempre o mesmo que *alguma vez*, e nunca o mesmo que o latim *forsitan*. Neste sentido diremos ainda hoje sem erro: *Eu leio talvez Camões*, *talvez Ferreira*. *A historia me deleita talvez pela variedade dos acontecimentos*, e *talvez pela instrucção que delles tiro*, &c.

Pelo contrario quando dizemos, v. gr.: *Esta tarde talvez irei passear ao campo*, não seguimos o estilo antigo da nossa lingua, conforme ao qual nos explicariamos melhor assim: *Esta tarde irei por ventura passear*, ou *acaso irei passear*, ou pôde ser *que vá passear*, &c.

Comtudo não reprovo absolutamente o uso moderno da expressão adverbial *talvez*, visto que se acha geralmente adoptada no uso vulgar da lingua, e ainda nos bons escriptores modernos.

II

Persuado-me que os poetas mais geralmente citados no *Glossario*, tem sobeja auctoridade para legalisar qualquer vocabulo: por serem classicos de reconhecido merecimento, e por haverem escripto na melhor idade da nossa lingua, ou nos tempos proximos a ella. Taes são Camões, Sá de Miranda, Ferreira, Côrte Real, Gabriel Pereira e João Franco Barreto.

Com elles, e com outros da mesma ordem, e ainda de muito inferior merecimento, se auctorisão os vocabulos em todos os diccionarios das linguas vivas e mortas, antigas e modernas.

Os que não são do mesmo toque, apenas vem citados alguma vez, e então mesmo, ou acompanhados de outras auctoridades, ou designados por algum caracter, que faça conhecer o grau de força, que se deve attribuir aos seus exemplos. Taes são Diniz, Francisco Manuel, Antonio Ribeiro dos Santos, &c.

Em geral não me parece que a liberdade dos poetas se estenda a usarem de palavras que não sejam puras, ou que, quando novas, não mereçam ser adoptadas. Se algum poeta usa de outras, nunca terá a graduação de classico. Se porém as inventa, deriva, ou compõe conforme as regras, dá-lhes por isso mesmo auctoridade, e merece ser citado.

Que os poetas falem *huma linguagem ás vezes inintelligivel*, he para mim novo. Só se na conta de poetas se mettem tambem os maus versejadores. Por certo, nos que eu tenho lido, e cito no *Glossario*, nunca achei cousa, que me parecesse *inintelligivel*.

O programma pede que se notem os vocabulos contrarios ao *antigo* e *bom uso* da lingua. Este bom uso acha-se igualmente nos escriptores de prosa e nos poetas. A dif-

ferença que ha de huns a outros em materia de linguagem, consiste em que certos vocabulos *pura e propriamente poeticos*, de ordinario não tem lugar, nem podem ser usados na prosa. Mas esta diferença pertence ás *regras do estilo*, e não ás da linguagem. As palavras (por exemplo) *salso argento*, são puras e mui portuguezas, e como taes se auctorisarião bem, em qualquer diccionario, com Camões. Todavia quem as empregasse em prosa, erraria ao *estilo prosaico*, aindaque falasse portuguez puro. Notar esta diferença não pertencia ao *Glossario*, nem o programma o exigia.

III

O artigo do *Glossario*, em que tracto dos *abusos na collocação dos vocabulos*, he dirigido particularmente a mostrar a diferença que neste ponto tem a nossa lingua da lingua franceza.

Os exemplos, que ahi trago, não são postos como modelos de boa traducção, mas só como provas da maior liberdade, que tem o nosso idioma, a respeito do francez, na collocação dos termos e frases, e da variedade com que podemos em bom portuguez arranjar hum periodo, que na lingua franceza sómente admittiria huma certa collocação de vocabulos, e huma determinada ordem de construcção.

Esta liberdade e variedade, bem que seja, entre nós, muito mais limitada do que o era entre os Gregos e Romanos, pela manifesta diferença que ha do genio destas duas linguas ao da nossa, comtudo dá ao idioma portuguez mui preciosas e singulares vantagens que os Franceses não gozão, e faz que elle seja muito mais proprio para produzir os encantos da harmonia e da expressão, que he no que consiste huma das principaes qualidades e perfeições de qualquer lingua.

Seja-me permittido trazer algum exemplo, e será o que mais obvio se offerecer á minha memoria.

Boileau traduzindo o primeiro hemistichio, com que Virgilio começa a *Eneida*, diz assim:

Je chante les combats, et cet homme pieux.

Os Francezes não podem traduzil-o por outro modo, emquanto á ordem da frase, nem podem fazer inversão alguma nos vocabulos que a compõe. Em portuguez porém podemos traduzir:

Eu canto as armas, e o varão piedoso.

Ou:

As armas, e o varão canto piedoso.

E eis-aqui o poeta portuguez constituido na liberdade de escolher entre as duas frases a que mais harmonica e expressiva lhe parecer: quando o poeta francez he coartado pela natureza da sua linguagem dentro de certos limites, e obrigado a seguir inalteravelmente huma só fórmula e ordem de construcção.

Voltaire se viu obrigado pelo mesmo motivo a começar a *Henriade* por este verso:

Je chante ce héros, qui regna sur la France.

ao mesmo tempo que Camões começa pelo objecto:

As armas e os varões assinalados,

reservando para o fim da segunda oitava o nominativo e o verbo :

Cantando espalharei, &c.

Com o que não só faz o seu quadro mais expressivo, pondo á frente delle a figura principal, de que se tracta, e accommodando depois em lugares e distancias convenientes os ornamentos e figuras accessoriais, mas tambem faz o periodo mais harmonico, reservando para o fim delle huma palavra (digamos assim) decisiva, e completando o sentido, que artificiosamente tivera suspenso desde o principio da proposição.

E eis-aqui tambem como a faculdade das inversões, que deixa ao escriptor a escolha do lugar em que ha de pôr a palavra *que he imagem*, e a palavra *que he pensamento*, vem a ser hum dos grandes recursos do orador e do poeta, assim como já foi o meio mais frequente de que lançarão mão os Gregos e Romanos para produzirem o efecto pittoresco que a cada passo se observa nas immortaes obras dos seus oradores e poetas.

Quem tiver a alma e o ouvido sensivel ás bellezas da harmonia e da expressão, e for mediocremente versado no estudo do mecanismo das linguas, não pôde deixar de notar o efecto, que muitas vezes faz a simples mudança de huma palavra posta neste, ou naquelle lugar.

Nesta frase, por exemplo, *e retirando daquelle coração malvado o mortifero ferro, deixa sahir envolta em negro sangue a alma palpitante*. Se mudarmos a colocação e dissermos: *e retirando o ferro mortifero, deixa sahir a alma palpitante envolta em sangue negro*, cessa toda a belleza da expressão, diminue-se a graça da harmonia, e a imagem fica consequentemente menos viva, e menos animada.

A cada passo se poderão achar e notar exemplos semelhantes. Mas o que temos dito basta para se entender, que nem sempre convém rejeitar e desprezar as transposições, que a nossa lingua sofre e admite; e que muito pelo contrario elles concorrem grandemente para a beleza e elegancia da mesma lingua.

Empregar estas transposições sem juizo, e sem discrição, e só com o fim de fazer o estilo vãamente *retumbante*, he hum defeito intoleravel, que todo o escriptor polido e judicioso deve evitar: mas fugir dellas de propósito, quando naturalmente se offerecem; não as empregar em circumstancia alguma, e estabelecer como regra de estilo *que a eloquencia portugueza consiste, em grande parte, na collocação e arranjamento directo do nominativo, verbo e caso*, he outro defeito igualmente intoleravel.

In vitium dicit culpae fuga, si caret arte: he roubar á nossa lingua huma das suas mais preciosas vantagens e liberdades; he desejar para ella a fastidiosa monotonia que os Francezes tanto lamentão no seu idioma; e he finalmente privar a lingua portugueza de hum dos meios mais poderosos, que ella tem para pintar vivamente os objectos, e para excitar nos leitores ou nos ouvintes os affectos e paixões, que muitas vezes queremos inspirarlhes.

Estou certissimo, que a correcção Araujana feita á Memoria, que se lhe apresentou, havia de ser judiciosa e sabia; mas estou igualmente certo, que ella não podia estribar sobre o sistema da *construcção rigorosamente directa*, nem della se poderia deduzir a regra geral e absoluta, que aqui se inculca.

As composições, que tenho visto deste illustre portuguez, não desmentem o conceito que faço da sua litteratura, nem tão pouco encontrão os principios que tenho estabelecido.

O defeito (que tambem se attribue ás inversões) *de acabarem muitas vezes os periodos com hum verso heróico*, primeiramente nem sempre he defeito na nossa lingua; em segundo lugar não resulta privativamente das inversões.

4.^º Não he defeito: A prosodia dos Latinos era diffe-

rente da nossa; a sua lingua, ao menos na declamação oratoria e poetica, era mais cantada. Os seus versos constavão de certo e determinado *numero de pés*, e estes de *syllabas breves e longas*, isto he, de syllabas que se pronunciavão em *hum* e *dous tempos*. Esta pronunciaçāo he hoje desconhecida aos modernos, e aindaque saibamos, por exemplo, que no hemistichio:

Arma, virumque cano

a syllaba *ar* de *arma* he longa, e a syllaba *ca* de *cano* he breve; não sabemos comtudo a diferença de pronunciaçāo que lhe davão os Latinos, &c.

Esta diferença porém que elles conheciam, exprimiam e sentiam, fazia que os seus ouvidos reconhecessem promptamente o verso heroico, quando apparecia no meio da prosa, e que então o rejeitassem como huma affectaçāo indiscreta e pouco conveniente. E daqui nascce o preceito dos rhetoricos, que manda evitar esta. affectaçāo.

Os versos das linguas modernas da Europa não se compõem de *syllabas breves e longas*. O seu metro depende do *numero das syllabas*, e da *combinaçāo dos accentos*. D'aqui vem que o nosso verso não he tão facil de discernir-se na prosa, e quando acontece entrar nella por acaso, não faz no ouvido a sensaçāo viva e estranha, que experimentavão os Romanos e Gregos em iguaes circumstancias.

Abra-se qualquer livro portuguez de boa prosa. A cada passo encontraremos versos heroicos e lyricos, que nenhuma impressão desagradavel excitão no ouvido mais delicado, e mais affeito á leitura dos poetas.

Quem reprehenderá (por exemplo) este periodo?

«Ao avistar-se o Cabo tormentoso, aparece o Gigante aos Portuguezes, e com huma voz formidavel

ameaça os argonautas, e lhes prognostica longas desventuras?»

Quem dirá que ha nelle transposições affectadas e coloção viciosa de vocabulos? Comtudo elle principia por dous versos heroicos :

Ao avistar-se o Cabo tormentoso
Apparece o Gigante aos Portuguezes.

Continua com outros dous lyrics:

E com huma voz formidavel
Ameaça os argonautas

E acaba com outro verso heroico :

Lhes prognostica longas desventuras.

No mesmo periodo que já acima apontei, *e retirando o mortifero ferro, deixa sahir envolta em negro sangue a alma palpitante*; neste periodo, digo, que he bello, *e* tambem nada tem de affectado, se acha hum verso heroico e outro lyrico :

Deixa sahir envolta em negro sangue
A alma palpitante.

Os quaes comtudo de nenhum modo alterão a belleza e elegancia da expressão.

Ultimamente o mesmo douto e judicioso censor do meu *Glossario*, a quem estou respondendo, e que escreve com tanta polidez e nobre singeleza, elle mesmo no *Prologo*, e no fim de hum paragrafo, acaba com este verso heroico :

Não abusando desta liberdade

E depois na palavra *Calcular*:

Se toma no sentido figurado
Cahisse no lugar assinalado.

E na palavra *Reussir*:

Condenado a eterno esquecimento, &c.

Logo a regra dos rhetoricos Latinos a respeito dos versos heroicos na prosa não he applicavel á nossa lingua, nem deve ter nella uso algum. E se se quizer que ella valha para alguma cousa, deverá ser sómente para se recommendar que não haja affectação e nimia curiosidade em buscar os ditos versos para com elles enfeitar o discurso, ou terminar a frase. Mas isto apenas será necessário advertil-o aos principiantes.

2.^o Este defeito (caso o fosse) não resulta privativamente das inversões.

O periodo Araujano, que já analysei, he boa prova desta verdade. Elle he singelo e desaffectado, mas ponhamo-lo em huma ordem ainda mais directa: sempre apparecerão os mesmos versos:

Ao avistar-se o Cabo tormentoso
O Gigante aparece aos Portuguezes.

E

Lhes prognostica desventuras longas, &c.

Não me alargarei mais neste ponto. Sómente acrescento (para satisfazer a tudo) que não vejo absolutamente motivo algum por que haja de ser-nos prohibido *começar a oração pelo adverbio*, ou *não a começar pelo nominativo*. A cada pagina de qualquer classico, dos me-

lhores, de prosa e verso acharemos exemplos em contrario, que julgo aqui escusado apontar.

Peço só hum pouco mais de reflexão, e espero que fiquemos exactamente concordes.

**Sobre os vocabulos que se apontão como gallicismos
e não vem no Glossario**

Adarme — No *Diccionario francez-portuguez*, de Sá, he termo de commercio, e significa *a oitava parte de huma onça*.

No *Diccionario portuguez-inglez*, de Vieira, significa igualmente *the eighth part of an ounce*, isto he, *a oitava parte de huma onça*.

No *Diccionario portuguez*, de Moraes, significa *peso igual a meia oitava*, aonde cuido que houve equivocação, devendo dizer *peso igual a huma oitava*. Desta idéa fundamental e principal de *peso*, se derivou talvez a segunda significação de *calibre da bala de espingarda*, com a qual o usou o auctor do *Espingardeiro perfeito*, citado por Moraes. He vocabulo da arte de espingardeiro, e adoptado.

Addito, ou antes **Addicto** — Não sei que haja em portuguez o verbo *additar*, nem seria bem derivado. *Addicto* deriva-se do latim *addictus*, *ligado a alguém*, ou *a alguma cousa*, *apegado*, *dedicado*, *affeiçgado*, &c., exprimindo quasi a significação do francez *attaché*. (Veja-se Moraes.) Por consequencia este vocabulo tomado na accepção Araujana, alem de ter por si a auctoridade do inventor, que he mais que bastante para *dar o fôro* a qualquer nova palavra, conforma tambem com a analogia, e tem bom fundamento no latim.

Alviçareiro — Agradeço a explicação, que para mim foi nova, assim como o era o vocabulo.

Ao contrario — He expressão adverbial usada dos classicos portuguezes, e frequente em João de Barros: e tem analogia com as outras tambem classicas *ao revés*, *ás avessas*, &c. Pelo que dizemos em bom portuguez: *tudo sucedeo ao revés*, *tudo se fez ás avessas*, *tudo sahio ao contrario*, &c.

Ao través — Temos em portuguez classico as seguintes frases:

1.^a *Vos fazem andar de torto em través*, isto he, *de erro em erro*.

2.^a *Alienão o que não he seu, e dão a través com os thesouros alheios*, isto he, *deitão-nos a perder*.

3.^a *Deo com huma nau da India a través*, isto he, *fel-a naufragar*.

4.^a *Tudo lhes deo a través*, isto he, *tudo se lhes perdeo, tudo lhes sahio contra o que esperavão*, &c.

5.^a *Ir a través da virtude ou da verdade*, isto he, *á parte contraria destas qualidades, deixar a virtude e a verdade, para seguir o vicio e o erro*, &c.

O vocabulo *través* excita a ideá de *obliquidade, tortura, falta de direitura, cousa atravessada*, &c. E daqui vem o seu uso e significação nas frases referidas.

Cabotagem — He bem advertido, e já está notado para as addições. Sou de parecer que carecemos delle por não termos outro equivalente. *Cabotar* exprime-se bem por *costear*, e he escusado.

Coragem — Entrou indevidamente no *Glossario*, porque não he termo moderno, mas mui antigo na nossa lingua. (Veja-se Moraes.)

Corveia — Parece-me que significa propriamente *tudo o serviço pessoal gratuito*, que os povos são obrigados a satisfazer aos senhores de feudos. *Dar dias de geira* he idéa mais restricta: he só huma parte daquelle serviço, e portanto não me parecem exactamente synonyms. Nós dizemos em geral *serviços pessoais*, e comprehendemos neste vocabulo *dias de geira, carretos gratuitos, trabalhos nos bens do senhorio, &c.* Os antigos foraes e prazos fazem a cada passo menção desta especie de *servidão*; que foi commun, assim como o systema feudal em toda a Europa.

De bom grado, De mau grado, De proprio grado, Apesar de seu grado, &c. — São tudo expressões classicas, e mui portuguezas, aindaque derivadas, talvez em outro tempo, da lingua franceza. (Veja-se Moraes, Bluteau, e os classicos a cada passo.)

Explosão — Não he o mesmo que *expulsão*, nem tem a mesma origem. *Expulsão*, em latim *expulsio*, vem de *expello*, *lançar para fora á força*, donde nos veio *expellir, expellido, expulso, explosivo, &c.* *Explosão*, em latim *explosio*, vem do verbo *explodo, expellir rapidamente e com estrondo*. Diz-se da *nuvem que lança o raio, da mina que rebenta, da peça que se descarrega, e lança com estrondo a bala, &c.* Não sei se nos veio *imediatamente* do francez, ou do latim: mas por certo he expressivo e digno de adoptar-se.

Fazer legoas — Não me agrada esta expressão, nem usarei della jámais. Porém não me atrevo a condemnala com tanta severidade á vista das expressões analogas do elegantissimo Frei Luiz de Sousa:

Assim fez brevemente o caminho, liv. 4.^º, cap. 40.^º

Foi forçado fazer noute em hum lugar, liv. 4.^º, cap. 46.^º

Fazia o Arcebispo muitas vezes este caminho, liv. 4.^º cap. 28.^º

Trabalhavão os Officiaes de Justiça por *fazer lugar*, liv. 5.^º, cap. 9.^º, &c.

Fazer o importante — Vai notado no *Glossario*, e he francez por todos os quatro costados.

Galimatiás — Os nossos Portuguezes dizião *Algaria, linguagem confusa, que se não entende, inintelligivel*, &c. Tambem dizião *geringonça*, alludindo á *linguagem inintelligivel*, inventada pelos ciganos para falarem huns com outros, sem serem entendidos dos que não erão da mesma relé. Esta linguagem chama-se *gira*, ou *giria*, expressão a que hoje temos dado huma significação mais ampla, mas analoga á primitiva. Finalmente dizemos tambem por modo de proverbio *falar vasconso*, isto he, falar de *hum modo que se não entende*.

Manobra — He certamente trazido do francez para a nossa lingua. Parece que a sua primeira significação em francez era *o trabalho que se faz para dar movimento ao navio*, em portuguez corrente *mareação*. Daqui o deriváro para significar os diversos *movimentos e operações de hum exercito*. E ultimamente o ampliarão ao sentido moral figurado, para significar *todos os meios, recursos e maneios*, que se buscão e empregão para obter ou concluir qualquer negocio ou empreza. Em todos estes sentidos he hoje usado em francez e em portuguez. Nos primeiros douz julgo que he adoptavel pela propriedade da expressão, por ser já de uso frequente, e por ter a seu favor boas auctoridades modernas. No terceiro sentido, não duvidaria eu empregal-o no estilo familiar, mas não faria o mesmo no estilo culto.

Orgulho — He portuez antigo e de bom cunho, e como tal está fóra da minha jurisdicção. A sua significação corresponde (como optimamente se adverte) a *soberba, altivez, arrogancia, ufania, brio*, &c. Mas deve notar-se *na practica*, que *orgulho, soberba, ufania*, se tomão ora em bom, ora em mau sentido, v. gr., em Camões, cant. 9.^o, est. 54.^a:

Tres formosos outeiros se mostravão
Erguidos com soberba graciosa, &c.

Brio rarissima vez se toma em mau sentido, e a sua primeira e mais natural significação parece ser *esforço, valor*, &c. Se eu governasse a lingua com absoluto imperio, não havia de haver esta *confusão* e indeterminação nos vocabulos das *ídées moraes*, que são as que mais necessitão de ser bem determinadas.

Recherché, Bem julgado foi — Em lugar delle poderemos dizer, v. gr., *figure bien recherché*, figura bem acabada; *ornaments trop recherchés*, ornamentos muito exquisitos; *expression recherchée*, expressão affectionada; *meubles recherchés*, moveis curiosos, exquisitos, &c.

Retreta — He termo militar inglez *retreat*, e francez *retraite*. Deste ultimo, julgo eu, que o derivámos nós, e os Castelhanos: 1.^o, porque a terminação e soído he propriamente francez; 2.^o, porque o luxo da arte militar primeiramente se aperfeiçoou em França do que em Castella e Portugal. No meu conceito he vocabulo escusado. Sujeito porém o meu voto á douta e avisada censura.

Reussir — Confirmo a sentença, se necessario he.

Revelim ou Rebelim — Já he antigo, e vem em Lobo, *Corte na aldeia*, Dial. 15.^º

Sabre — Não he mui facil determinar hoje em dia a diferença caracteristica dos varios generos de armas cortantes, de que os nossos antigos usáram, e fazem menção. Não temos antiquarios que hajão espreitado estes objectos na historia, para fazer delles hum particular tratado, como aliás temos das *armas gregas*, ou *romanas*, de *vestidos, vasos, &c.*

Segundo os diccionarios :

ESPADA — Consta de lamina recta, ponta aguda, e dous gumes.

CATANA — No *Diccionario inglez-portuguez*, de Vieira, he *huma grande espada larga*. Em Moraes porém significa *alfange, terçado*. (He vocabulo de origem japo-neza.)

ALFANGE — *Arma curva, como cutello, com cota e gume; no Diccionario de Vieira he o mesmo que cimitarra, ou semitarra.*

CIMITARRA OU SEMITARRA — *Alfange turquesco ou persiano.*

SABRE — No *Diccionario* de Sá he *terçado curto de hum só gume, alfange, catana, e toda a casta de espada larga*. Em outro diccionario he *alfange, espada larga*. Eu traduziria *sabre* pelo portuguez *alfange*, ou *cimitarra*. Permitta-se a hum pobre monge fraco e pacifico não ter mais larga idéa de instrumentos mortiferos.

Sarcasmo — He vocabulo originariamente latino, e não o acho indigno de adoptar-se. A sua significação diz hum pouco mais que *injurias* ou *vituperios*; ou para melhor dizer significa huma especie de *injuria*, ou *vitupério qualificado*. **Sarcasmo** he propriamente *injuria com ironia amara e picante*. Quando os Judeos dizião a

Christo *daemonium habes*, dizião-lhe hum vituperio e afronta: mas quando elle estava pendente da Cruz, e lhe dizião *vah! qui destruis templum Dei, et in triduo illud reaedificas, salva temetipsum, descendat nunc de cruce*, &c., dizião-lhe hum sarcasmo, zombando *ironicamente* do poder que elle se attribuia de destruir o Templo, e reedifical-o em tres dias, e querendo mostrar-lhe que agora nem podia salvar-se a si, e tirar-se da Cruz, &c.

Seguridade — He classico, e tão antigo como Barros, Arraes, Heitor Pinto, &c. (Veja-se Moraes.)

Tartufo — Estou inteiramente pelo juizo que delle se faz, e assim mesmo irá copiado nas addições ao *Glossario*.

Telegrafo — He palavra de composição grega, mas composta pelos Francezes, e delles tomada por nós. Não se lhe pôde negar licença para correr.

Tornar-se ridiculo, e outras semelhantes variações deste verbo, não são alheias da nossa linguagem, aonde dizemos sem erro: *tornou-se a mina em carvões, tornou-se amarelo com o medo, tornou-se em huma Linda flor*, &c.

Vicissitude — Tem origem latina, he mui geralmente usado, e a terminação não desmente de outras que temos em portuguez, como *magnitude, plenitude*, &c.

*Ipse ego librorum video delicta meorum ;
Nec quidquid genui, prolinus illud amo.
Ovid., De Pont., eleg. 9.^a, liv. 3.^o*

GLOSSARIO

DE

VOCABULOS PORTUGUEZES DERIVADOS DAS LINGUAS ORIENTAES
E AFRICANAS, EXCEPTO A ARABE

TOMO VIII

44

PREFACÃO

Os Portuguezes eruditos, que forem versados no estudo das antiguidades da Hespanha, não podem ignorar, que entre os povos, que nos mais remotos tempos vierão ao nosso continente, e nelle se estabelecêrão, são numerosos os Iberos e os Persas, segundo o testemunho do illustre romano M. Varrão, citado por Plinio, e seguido por muitos outros escriptores antigos e modernos.

Os Fenicios he tambem indubitavel, que vierão ás Hespanhas, ou em consequencia das conquistas de Jesusué, e fugindo ao extermínio e devastaçao decretada por este famoso general, ou mais depois no tempo dos Reis de Tyro, quando esta cidade florecia no commercio, e havia estendido largamente as suas navegações, o que, segundo a Historia Santa, vem a referir-se aos tempos que decorrerão desde David e Salomão, Reis de Jerusalém, até á destruição de Tyro pelo monarcha de Babylonia. Estes povos comerciarão, habitárão, fundárão colónias, e tiverão dilatado domínio nas Hespanhas por alguns séculos, deixando em muitos lugares vestígios de suas instituições, usos e costumes, e acaso os caracteres da escriptura, de que usárão os antigos habitantes da Hespanha meridional, e que ainda hoje se vêem nas medalhas que se conservão daquelles tempos.

Aos Fenicios succederão os Carthaginezes, povos da mesma origem, e antiga colonia de Tyro, os quaes ampliando muito mais o seu dominio, se fizerão senhores de grande parte da Hespanha, e nella se conservarão por quasi tres seculos, até que forão totalmente expulsos pelos Romanos, duzentos annos antes da era vulgar christãa.

Os Hebreos, ou viensem ás nossas regiões logo depois das conquistas de Nabucodonosor na Fenicia e Paléstina, como parece verosimil; ou começassem a frequentar a Hespanha, depois que firmárao paz e aliança com os Romanos em tempo de Judas Macchabeo, e maiormente depois que Pompeo os subjugou e reduzio a provincia do imperio; ou emsí se acolhessem á Peninsula nas duas grandes dispersões de Tito e Adriano, ou em outras que padecerão; he certo, que habitárao, e se propagárao em grande numero por toda a Hespanha, como atestão os mais antigos monumentos, e escriptos sagrados e profanos, e se collige do recenseamento que delles se fez para a sua ultima expulsão da Hespanha no sim do seculo xv.

As cidades e povos da Hespanha meridional tiverão nesses antigos tempos, e ainda debaixo do dominio dos Romanos, grande e frequente communicação com a fronteira costa aquilonar de Africa, e especialmente com os lugares da Mauritania Tingitana, como nos consta de Estrabão, e de outros escriptores e geografos antigos.

Nos principios do seculo viii os Arabes, depois de terem concluido a conquista de toda a Africa septemtrional, e já estreitamente unidos com os Berbers, invadirão a Hespanha, e se assenhoreárao de grande parte della. A necessidade de conservar e defender esta importante conquista, e de povoar e cultivar as terras, desamparadas de muitos de seus donos e habitantes, fez que os

Arabes convidassem para isso, e trouxessem numerosas colonias, tanto de Africa, como de diversos outros paizes orientaes. Então se estabelecêrão na Peninsula mais de cincuenta mil judeus com mulheres e filhos. Então vierão da Syria muitas e mui distinctas familias. Os conquistadores, para tambem evitarém discordias e brigas entre os soldados, distribuirão e derramárão por diferentes cidades as suas numerosas legiões: a Cordova tocárão os Damascenos; a Sevilha e Niebla os Emessenos; a Medina Sidonia e Algezira os Palestinos; a Murcia, Lisboa e Beja os Egypcios, &c.

Nos tempos mais modernos bem sabidas são as nossas frequentes expedições a Africa, e os descobrimentos, conquistas e estabelecimentos que fizemos em toda a costa occidental e oriental desta parte do mundo; a communicação, tracto e commercio que tivemos com os seus povos; e como logo depois estendemos a nossa navegação ás costas da Arabia, da Persia e da India, e passando muito além do Ganges, chegámos até ás extremidades da China e do Japão, e ao immenso archipelago das Molucas, fundando cidades, levantando fortalezas, estabelecendo feitorias, e dominando em muitas partes daquelle vasto e remoto Oriente.

De todo este tracto e communicação com tantos povos africanos e orientaes, antigos e modernos, continuado por largos seculos, dentro e fóra da Peninsula, necessariamente havião de vir, e effectivamente vierão, aos idиomas das Hespanhas, e em particular ao portuguez, muitos vocabulos, frases, fórmas e idiotismos das linguas daquelle povos, assim como nos vierão usos, costumes e praticas, que ainda entre nós se conservão.

Estes vestigios são os que nós intentámos recolher neste *Glossario*, tamsómente com respeito ao idioma portuguez, exceptuando comtudo deste nosso trabalho os vocabulos que nos ficárão dos Arabes, visto achar-se

já tractada esta parte das origens portuguezas por penna mais habil que a nossa.

Não se deve esperar de nós hum glossario completo dos vocabulos portuguezes derivados das linguas africanas e orientaes. A empreza he nova na nossa litteratura; o objecto he difficult, e a nossa instrucçao e meios mui limitados. Nós mesmo confessâmos ingenuamente, que reflectindo ás vezes na organisação (digamos assim) material e mecanica de muitos vocabulos da nossa lingua, e conjecturando com algum fundamento que serião trazidos de alguma daquellas origens, não podemos com tudo chegar a verificar a nossa conjectura para os darmos por taes.

Contém-se pois tamsómente neste *Glossario* aquelles vocabulos, que no decurso de nossas assiduas leituras se nos offerecerão, e com bom fundamento julgâmos derivados de origem oriental, ou africana. Este trabalho, posto que diminuto e imperfeito, servirá de estímulo a outros, que com mais capacidade e mais copia de meios o possão corregir, aumentar e aperfeiçoar. Com isso ficaremos satisfeitos, e daremos por bem empregada a nossa diligencia.

GLOSSARIO

DE

VOCABULOS PORTUGUEZES DERIVADOS DAS LINGUAS ORIENTAES E AFRICANAS, EXCEPTO A ARABE

A

Aba — Regaço; gremio; fraldas do vestido tomadas na cintura, formando regaço. He o hebraico *habah* (חַבָּה), acolher, proteger, dar abrigo, ou refugio, receber no regaço: donde *habah* (חוֹבָה), no dialecto chaldaico, seio, gremio, guarida, aeólheita.

Abafar — Veja-se *Bafو*.

Abbate — Título que damos a alguns parochos, e a alguns prelados, donde derivâmos *abbadia*, *abbacial*, *abbadessa*, e outros. Vem do hebraico *ab* (אֵב), *pai*. He vocabulo da linguagem ecclesiastica, conhecido e usado nas Hespanhas, seculos antes da invasão dos Sarracenos.

Acabar — Dar fim, chegar ao cabo, fazer fim, aperfeiçoar, levar ao cabo, &c. Pôde derivar-se do hebraico *hakab* (הַקָּבֵעַ), o que he ultimo, o que he final, o que he extremo, o que põe fim. Os Arabes tambem dizem *el-aqabe*, o fim.

Açamar — Ligar a bôca, ou o focinho de alguns ani-

maes; pôr-lhes huma especie de freio, ou cabrestilho, com que se lhes prende o focinho ou a bôca. Vem da voz hebraica *hhasam* (הַסָּם), enfrear, pôr cabresto, ligar a bôca, &c. Deste vocabulo se serve o sagrado texto hebraico no *Deuteronomio*, cap. 25.^º, v. 4.^º, que a Vulgata verteo: *non ligabis os bovis terentis in area fruges tuas*, e que em portuguez se diria com propriedade: *não açaamarás o boi, que anda debulhando os teus pães na cira.*

Aceifa — Veja-se *Ceifa*.

Acha — Facho, archote, teia; lasca de lenha, que se corta do madeiro para o lume, e depois de acceso serve de facho. Vem do hebraico *asch*, ou *esch* (אֶשׁ), fogo, lume, donde *ascha* (אֲשָׁה), o que ha de ser queimado, abrazado, e secundariamente sacrificio, holocausto.

Achacar, ou, como hoje talvez se diz, **Asacar** — Accusar a alguem dolosamente de crimes e maldades, ou de graves defeitos; imputar maliciosamente, e com mentira; levantar falsos testemunhos, calumniar. (Veja-se Moraes, v. *Achacar*.) He o proprio vocabulo hebraico *hhaschak* (חַשְׁקָה), que tambem significa impor falsos crimes, injuriar com calumnia (latim *dolo, fraude, malis artibus aliquem defraudare, circumvenire, opprimere*). Daqui vem *achaque*, defeito, vicio, séstro fisico ou moral.

Açoute — Instrumento feito de varas, correias ou cordas delgadas para açoitar; flagello; azorrague. Do hebraico *shot* (שֹׁתֶת), que significa propriamente *circum-agitare*, donde *shotet* (שֹׁתֶת), *flagellum, scutica*.

Adonai — He hum dos nomes, que se dão a Deos nas Escripturas santas do Antigo Testamento. Em portu-

guez disse hum poeta: *Já do grande Adonai o nome cantas*, &c. He o proprio vocabulo hebraico *adonai* (אָדוֹןִ), *dominus meus*, de *adon*, ou *addon* (אָדוֹןִ), *senhor*, que a cada passo se acha traduzido nas versões gregas por κύριος e nas latinas por *dominus*.

Aflar — Examinar as balanças, pesos e medidas; co-tejal-as com os padrões publicos; *afertil-as*, como hoje mais vulgarmente se diz. Vem do hebraico *p'hilass* (פְּלַסֵּס), que significa o mesmo (latim *trutinare, pensitare, librare, examinare*).

Alaquéca — Veja-se *Laquéca*.

Alar, ou antes **Halar** — Puxar acima; fazer subir; hir ao alto: assim dizemos, v. gr., *alar* o barco contra a corrente; *alar* a bandeira ao alto do masto; o incendio, ou a labareda tomou *ala*, &c. Vem do hebraico *hhalah* (עַלְהָה), que nas suas diferentes conjugações significa subir, ser levado ao alto, fazer subir, puxar acima. No rio Douro chamão *alares* aquella porção de terreno em ambas as margens, por onde fazem caminho, e vão puxando, os que *alão*, ou dão *ala* aos barcos.

Albino — Encontrão-se na costa de Guiné, nos rios de Cuama, na nova Guiné ou terra dos Papuas, e em outras partes, alguns homens de côr esbranquiçada, cabello louro, ou quasi branco, olhos avermelhados como os dos coelhos, e que não supportão bem a claridade, &c. A estes homens, que tem diferentes nomes em diferentes terras, e a que alguns chamão *negros-brancos*, damos nós a denominação de *albinos*. (Veja-se Bluteau no *Suplemento*, v. *Alvinhos*, aonde pensa que *alvinho* he a verdadeira orthografia e pronunciaçao do vocabulo,

e que por erro se diz *albino*. Mas o donto escriptor foi o que padeceo equívocação neste ponto. *Albino* he o verdadeiro nome que damos a estes homens, trazido do hebraico, ou oriental *helbin* (הַלְבִין), fazer-se esbranquiçado, empallidecer, amarellecer, de *laban* (לבן), o que he esbranquiçado, pallido, tirante a livido, da côr da lua, &c. (em francez *bléme*, *blanchâtre*, *pâle*, &c.)

Alcacér — Vocabulo usado no Alemtejo, aonde significa o mesmo, que outros chamão *farrejo*, isto he, o centeio, cevada ou outras hervas, que se semeião, e segão em verde para os gados. He vocabulo que nos ficou dos Arabes, como mostra o artigo: mas tambem o achámos no hebraico em *Katzar* (קָצֵר), segar, vindimar, ceifar; e *Katzir* (קָצֵיר), colheita, ceifa, e tempo della. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica*, v. *Ceifar*.)

Alcofa — Veja-se *Coifa*; e *Vestigios da lingua arabica*, v. *Alcofa*.

Aldeia — Pequena povoação, de poucos visinhos, no campo, fóra das villas e cidades: voz arabe, mas de origem persiana. (Veja-se Sousa nos *Vestigios da lingua arabica*, e Vieira¹.)

Alfarás — Cavallo ligeiro dos Mouros, segundo Moraes. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica*, v. *Alfarás*.) Este vocabulo, e alguns outros, de que havemos de fazer menção neste *Glossario*, vierão imediatamente do arabe, como se vê pelo artigo *al*, de que são compostos. Comtudo pareceo-nos apontal-os aqui, tanto para mostrar a grande affinidade dos dous idiomas hebraico e

¹ Sempre que neste *Glossario* citámos Vieira, deve entender-se do Vieira Transtagano e da sua obra etymologica, edição de 1789.

arabico, como tambem para melhor intelligencia de suas respectivas significações. *Al-faras* he o hebraico *p'harash* (פָּרָשׁ), que significa *cavallo* e *cavalleiro*. Vieira diz que he arabe e persiano.

Alfim, que outros dizem **Alfil** e **Alfir** — Nome que se dá a huma das peças do jogo do xadrez, que representa o elefante. He vocabulo originario da Persia, como o proprio jogo. Em arabe se diz *al-fil*, o elefante, do artigo *al* e do oriental *p'hil* (פִּילְ), elefante. O nosso idioma mudou o *l* final em *m*, assim como de *marfil* fez *marfim*, de *carmil*, *carmim*, &c.

Alforge — Voz arabe, de origem persiana. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica*, e Vieira.)

Algarve ou Algarbe — Este nome, que nos veio immediatamente dos Arabes, como indica o artigo, he originariamente o oriental *hharb* (חַרְבָּ), que em diferentes dialectos se escreve *hharb*, *warb*, *garb*, *hherb*, *hhereb* e *heurop*, em latim *nox*, *vespera*, *occasus*, *occidens*, *occidentalis*. Por onde os Orientaes derão este nome: 1.º, á Arabia (*hharabh*), que era o paiz mais occidental que conhecião; 2.º, em geral á Europa, depois que começárão a frequental-a; 3.º, mais em particular ás regiões occidentaes da Europa e da Africa. E daqui veio tomarem os nossos Reis o titulo de *Reis do Algarve*, quando senhoreárão o paiz occidental, a que os Arabes davão aquelle nome; e *dos Algarves*, quando estendêrão o seu dominio ás partes tambem occidentaes de Africa; titulo que os Reis de Castella igualmente, e pela mesma razão, adoptárão. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica*, vv. *Algarve* e *Almograbi*; e Vieira, v. *Algarve*.) E aqui de passagem advertimos, que a significação de *terra plana*, *chãa*, *campestre*, que alguns dos nossos escriptores de-

rão ao vocabulo *Algarve*, e que o donto Sousa diz que não podéra encontrar, se acha na lingua hebraica, segundo algumas versões, como se pôde ver no *Lexicon hebraico*, de Guarini, v. עֲרָב.

Algazára— Clamor, vozeria, gritaria de muita gente junta. Em hebraico *hhatzarah* (הַצָּרָה), que mudada a aspiração forte em *g*, e acrescentando o artigo arabe, diz *al-gatzara*, grande ajuntamento solemne de povo, rumor e vozeria que elle faz.

Algeróz— Cano principal do telhado, aonde se vão ajuntar as agoas da chuva. Em hebraico *hharotz* (עַרְוֵץ), mudada a gutural em *g*, acrescentando o artigo arabe, *al-garotz*, cano, córrego formado pelas agoas correntes da alluvião, &c.

Algibe— Cisterna, poço; cano por onde correm as agoas, que nelle se ajuntão; córrego formado pela torrente: em castelhano *algibes*. He o hebraico *ghibim* (גִּבִּים), no numero plural, canos, que conduzem as agoas dos telhados ás cisternas; e em geral canos, caileiros, córregos, poços; no singular *ghibeh* (גִּבְּהָ), cova, concavidade, poça, lagoa.

Aljofar— Vocabulo persiano ou arabe. Sousa, *Vestigios da lingua arabica*.

Alleluia — He o proprio hebraico *halleluiah* (הַלְלֹוִיהָ), usado na linguagem ecclesiastica, que diz o mesmo que o latim *laudate Dominum*, louvai ao Senhor; ou *laudate cum jubilo Dominum*, ou, como diz S. Jeronymo, *cantate laudem Domino*, cantai louvores ao Senhor: do verbo *hallel* (הַלֵּל), *laudare cum jubilo et laetitia*. Era entre os Hebreos cantico de alegria e lou-

vor, que elles entoavão em suas festas e solemnidades. O vocabulo se ficou conservando em todas as linguas sem alteração alguma, e nós o usámos na linguagem vulgar, dizendo, v. gr., sabbado de *alleluia*; appareceo a *alleluia*; tempo das *alleluias*; e até a huma planta damos o nome de *alleluia*.

Almiscar — He de origem persiana. (*Vestigios da lingua arabica.*)

Alverca ou **Alberca** — Poça, cova, tanque, lagoa, em que se ajuntão as agoas que para ahi correm. Em hebraico *berqah* (ברקָה), que significa o mesmo (latim *piscina, stagnum, receptaculum aquarum*). (*Vestigios da lingua arabica*, v. *Alverca*.)

Alviceras ou **Alviçaras** — Premio que se dá a quem nos traz, ou annuncia boas novas. Vem do hebraico *bisar* (בִּשְׁרָה), donde *bisherah* (בִּשְׁרָה), bom annuncio, premio que se dá a quem o traz. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica*, v. *Alviçaras*, e neste *Glossario* os vv. *Avisar* e *Embaixador*.)

Ama — Mulher que cria huma criança e lhe dá de mamar; aia; criada que talvez governa a casa, &c. He vocabulo do diccionario da infancia, que se acha em muitas linguas, e em todas com significação identica, ou analoga. Em hebraico achâmos *am* (אֶמֶת), māi, dona; *amah* (אַמָּה), nutriz, aia, criada; *amam* (אַמָּם), cidade māi, metropole; *aman* e *oman* (אַמְּנָה e אַוְמָן), aio; amo, &c. (*Vestigios da lingua arabica*, v. *Ama*.)

Amás (antiquado) — Pôr em *amás*, isto he, pôr em montão, pôr humas cousas sobre outras. He o proprio vocabulo hebraico *hhamas* (עַמְּסָה), impor peso, carregar

(latim *onerare, gestandum imponere, colligare, &c.*) (Veja-se *Elucidario*.)

Ameixa—Fructa vulgar e bem conhecida; voz persiana, segundo Sousa, nos *Vestigios da lingua arabica*, v. *Ameixas*.

Amen—Formula puramente hebraica, com que terminâmos as orações que fazemos a Deos, e alguns outros actos religiosos. Della usâmos talvez na linguagem vulgar, em sinal de approvação, ou confirmação do que se faz ou se diz, e do adulador que tudo aprova, tudo gaba quando quer adular, dizemos que a tudo dá os *ameis*. He o hebraico *amen* (אָמֵן), do v. *Aman* (אָמַן), (latim *credere, confidere, certum habere, &c.*) Algumas vezes he voz de *affirmar*, e significa o que he *verdadeiro, firme, fiel, constante, &c.* Outras vezes se toma em sentido desiderativo, exprimindo o desejo de que a cousa *assim seja, assim se faça, assim aconteça* (latim *fiat, fiat*). Tambem não parecerá impropio notar aqui, que o vocabulo *Amen* se applica algumas vezes na Escriptura Sagrada a JESU-CHRISTO, como epitheto caracteristico e antonomastico, chamando-lhe *o Amen*, isto he, *o Fiel, o Verdadeiro*. Assim, por exemplo, no *Apocalypse*, cap. 3.^º, v. 14.^º: «*Haec dicit Amen* (grego ἡ Αἴμην) *Testis fidelis, et verus*», que litteralmente se deverá traduzir: *Isto diz o Amen, Testemunha fiel e verdadeira, &c.*

Andor—Especie de andas, liteira ou leito de madeira, que he levado aos hombros de homens. He o vocabulo persiano *Andol* ou *Andul*. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica*, e Vieira.)

Angaria—Termo mui usado nos documentos da media idade para significar certos serviços que os vas-

sallos erão obrigados a prestar aos senhores. Traz a sua origem da antiga lingua dos Persas, segundo Herodoto, Suidas e outros. Depois que os Persas se assenhoreáram do Oriente, passou este vocabulo (diz Grocio) aos Hebrewos, e delles aos Gregos. Entre os antigos Gregos *ἀγγαρεῖα* significava quasi o mesmo que *δουλεία*, trabalho ou serviço forçado, que se exigia de alguem, especie de servidão, &c. Parece que ao verbo *angariar* corresponde hoje entre nós o vocabulo *apenar*, obrigar, forçar alguem a hum serviço publico, a prestar para elle bestas, carros, &c., e poderemos entender por *angaria* todo o serviço publico, para o qual se apenava, ou apena gente a isso obrigada. Aquella frase do Evangelho *angariaverunt hominem, nomine Simonem*, que Pereira traduzio *constrangérão, obrigárão*, se diria acaso com a mesma propriedade *apenárão hum homem*, &c.

Anil — Especie de massa bem conhecida dos tintureiros, composta do succo secco e preparado de huma planta da India. He vocabulo persiano e arabico. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica*, e Vieira, v. *Anil*.)

A pique — Dizemos, v. gr., que hum navio vai *a pique*, quando vencido, e sossobrado do peso ou da violencia das agoas, se vai ao fundo, e he comido pelo mar. Bluteau suppõe que neste sentido *pique* significa *fundo*, e que o vocabulo he composto do *a* inicial, e de *pique*, que com diferentes significações (diz) se usa em portuguez. Nós conjecturámos que esta voz he tomada do hebraico *apik* ou *ap'hik* (אֲפִיק), que exprime propriamente grande força de agoas, profundezas de agoas; o fundo do mar; torrente impetuosa e arrebatada, que tudo arrasta diante de si, &c. Neste sentido se toma no liv. 2.^º dos *Reis*, cap. 22.^º, v. 16.^º, e no livro de *Job*, cap. 6.^º, v. 15.^º

Araka — Aguardente da Persia. (Veja-se *Rak.*)

Argãa — Assim escreve Moraes este vocabulo, e parece que não pôde dar-lhe huma significação bem determinada, posto que aponta o lugar das *Ordenações Affonsinas*, liv. 1.^o, tit. 65.^o, § 5.^o, aonde se lê: «Levavam (os Adais) suas viandas entrouxadas em *argaans*, e em *taleigas*», &c. Este vocabulo he o proprio hebraico *arghaz* (אֲרָגֶז), que significa pequena caixa, arca, cesta (latim *capsella*, *capsula*, *cista*, *arca*), ou outro semelhante traste, talvez tecido de vimes ou de canas: por onde se vê qual he a sua significação no lugar citado, e que se deveria escrever *argaz* e *argazes*, e não *argãas*. (Veja-se o *Elucidario* no *Suplemento*, v. *Argaans.*)

Armezim — Tafetá ligeiro, que vinha de Bengala, e de lá trouxe o nome. (Bluteau, *Suplemento*.)

Aroeira — Certa arvore ou arbusto. Os nossos escritores mais antigos não forão bem concordes em designar a sua especie: com tudo segundo a opinião mais commum, e mais bem fundada, se julgava ser o *lentisco*. (Veja-se o *Itinerario*, de Frei Pantaleão, cap. 49.^o, Bluteau, v. *Lentisco*, e Moraes, vv. *Aroeira* e *Lentisco*.) Hoje está fóra de duvida que a *aroeira* he o *lentisco*. (Brotero, *Flora Lusitana*.) O vocabulo veio sem duvida do hebraico *hharoohhar* (חרוּחָר), cuja significação tambem não he concordemente determinada pelos hebraistas, julgando huns que he a urze, outros o medronheiro, outros a tamargueira, outros o junipero, &c. O *lentisco* dá huma especie de resina, que se chama *masticha*, e mais vulgarmente entre nós, com forma arabica, *al-mecega* (em Dioscorides μαστίχη: em castelhano, *al-mastica*). Tambem geralmente entre nós se crê, que os palitos do pão

de aroeira tem a virtude de firmar as gengives: e isto confirma de algum modo a opinião de que a *aroeira* he o proprio *lentisco*; porque aos palitos do lentisco attribuião os Gregos e Romanos a mesma virtude, e até dos que affectadamente trazião sempre o palito na boca, dizião que andavão *roendo lentisco* (*lentiscum arrodere*), e lhe chamavão *comedores de lentisco*. σχωτρόγες.

Arrabi ou Arabi—Era huma especie de magistrado, que administrava justiça aos Judeos em suas comunas, quando erão tolerados em Portugal, e se região por suas leis com as restricções postas pelos nossos Príncipes. Havia tambem hum *Arrabi-mór*, superior aos outros, e todos tinhão sêllo proprio, com que authentificavão os seus diplomas. (Veja-se *Rabbi*, e no *Elucidario* o v. *Arabi*.)

Aréca—Vocabulo indiano, frequentissimo nos nossos escriptores da Asia. He o nome de huma fructa, tamha como nozes ou ameixas, que os Indianos misturão com o *betle*, e assim o andão mascando. Os nossos derão o nome de *arequeira* á especie de palmeira, que produz este fructo, e chamárão *arecaes* os bosques, ou plantações destas arvores. (Veja-se *Betle*.)

Arrefens, que em antigos documentos se escreve talvez **Arrafenes**—Pessoa, ou pessoas, que se dão em penhor, cauçāo, ou fiança do cumprimento de alguma promessa, ajuste ou tratado. Os Gregos tambem dizem ἀρραβήν, e os Latinos *arrhabo*, com a mesma significação. A sua origem he o hebraico ou oriental *hharrabon* (חרבון) ou *hharabah*, penhor, cauçāo, arrhas, &c.

Arrobe—O vinho mosto apurado ao fogo: he o persiano *robb*. (*Vestigios da lingua arabica*, e Vieira.)

Arroz — Grão farinaceo bem conhecido entre nós. Os Gregos lhe chamavão ἄρυζα, e os Latinos *oryza*. Parece ser o mesmo que em hebraico se chama *kharisha* (חרישה). Theofrasto diz que era *semente estrangeira*, vindas em seu tempo, ou pouco antes, da India: «*semen peregrinum, et non ita pridem ex India allatum*».

Asanhar e Asanhado — Veja-se *Sanha*.

Asir — Lançar mão de alguem, ou de alguma cousa, prendendo-a, empolgando-a, agarrando-a fortemente, e segurando-a com firmeza: donde o adjectivo *asido*, preso, agarrado, &c. He o hebraico *asir*, na forma *pahul* do verbo *asar* (אָסַר), prender, captivar, atar, ligar, e d'abi *asir* e *asur* (אָסָר), preso, atado, ligado; e tambem vinculo, ligadura, nó, prisão.

Assassino — Voz persiana, segundo Sousa, *Vestigios da lingua arabica*; e arabe, segundo Vieira, *Specimen secundum*.

Assucar ou antes **açucar** — Sal vegetal, que se extrahe de varias plantas; mas dá-se este nome especialmente ao *assucar de canna*, por ter sido o unico, que entre nós foi por muito tempo conhecido e empregado nos usos domesticos. Não ha razão alguma para hirmos buscar a origem deste vocabulo ao francez *sucré*, ou ao italiano *zuchero*, ou ao latim *sacharum*, como lembrou a Moraes na palavra *Assucar*. Os Europeos, que forão ás primeiras Cruzadas no fim do seculo xi, e principios do seculo xii, achárao em Tripoli esta canna, e a substancia, que della se extrahia, a que os habitantes chamavão *zucra*, e muitos crêem que até então era o *assucar* de canna desconhecido no occidente. Nós conjecturâmos que os Arabes o terião já introduzido na Hespanha antes daquella época.

Escolano, na *Historia de Valencia*, diz «que não havendo em Hespanha no tempo dos Godos seda, nem assucar, nem arroz, os Mouros, depois que nella entráron, trouxerão cá estas sementes, as quaes (diz) se cultivão hoje em Valencia com tanta utilidade, que affirmão importar cada huma destas couzas hum milhão cada anno». Como quer que seja, *assucar* he manifestamente derivado do vocabulo *Zucra*, usado na Syria, cuja origem he oriental, e segundo alguns, persiana ou arabe. (Sousa, v. *Açucar*, e Vieira, v. *Assucar*.) Ainda muitos entre nós pronuncião *açucre*, e talvez *açucra*, que mais se approximão da origem. O escriptor allemão, que em 1451 escreveo a viagem da Infanta D. Leonor, quando foi casar com o Imperador Frederico III, faleando da cidade de Coimbra, diz: «Ibi crescunt optima vina, et *zuccarum* in cannis»; e em outro lugar, enumerando as excellentes producções de Portugal, diz: «Mel *zuccarum* in pluribus locis in cannis crescit», &c.

Asusena ou Açucena — Especie de lirio frequente nos nossos jardins. He derivado do hebraico, ou oriental *susan* (שׁוּשָׁנָה), lirio, què a cada passo se encontra nas sagradas letras. O douto Malvenda diz: «Lilia, hispanice, voce arabica ab hebraea deflexa, *açucenas* vocamus». (Veja-se *Cecém*.)

Ataca — Pequena tira de couro, panno, &c., ou cordão de linho, lã, seda, &c., com que se ata e prende alguma cousa, ou algum mólho de couzas. Parece derivado do hebraico *takahh* (תַּקְהַ), pregar, ajuntar, unir, prender, ou tambem de *taqah* (תַּקְהָ), ajuntar, associar. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica*, v. *Ataca*.)

Atacar, Ataque — Acommetter e acommettimen-

to. Vieira, *Specimen quartum*, o deriva do persiano *tachtan*, *impetum facere, irruere, persequi, &c.*

Atafal, Atafaes — Cinta larga, talvez franjada, que rodeia a anca da besta por baixo da cauda; especie de retranca. Do hebraico *hhataph* (חַתָּף), pôr em volta; volver em roda; cobrir envolvendo (latim *circumvolvere, operire, circumplexi*), donde *mahhataphah*, cobertura, vestido que cobre em redondo, &c. (Veja-se Sousa, *Vestigios da lingua arabica.*)

Atafona — Especie de moinho de mão; engenho de moer, movido por homens, ou por animaes. Vem do hebraico *tahhan* (תַּחַן), moer, donde *takhona* (תַּחֲנוֹן), moedura, mudada a aspiração forte em *f*, segundo o idiotismo portuguez. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica.*)

Atar — Ligar, prender, ajuntar alguma ou algumas cousas, cingindo-as com fita, corda, guita, ou outro genero de atilho, ou atadura. Parece ser o propriô vocabulo hebraico *atar* (אַתָּר), que significa o mesmo que o latim *obstringere, continere, claudere, paecludere, ligare*. Malvenda, sobre o livro dos Juizes, cap. 3.^º, v. 15.^º, nota a semelhança dos dous vocabulos, e não desaprova a derivação. Vieira deriva *atar* do arabe *hata, cingere, circumdare.*

Atilado — Veja-se *Til.*

Atondo — Este vocabulo, hoje antiquado, acha-se em alguns documentos antigos, e não tem sido uniformemente entendido pelos nossos doutos antiquarios. (Veja-se o *Elucidario*, vv. *Atondo* e *Atareça*, e o sabio academico auctor das *Dissertações chronologicas e criticas*,

no tom. 4.^º, part. 2.^a, pag. 112, aonde diz que *atondo* significa *arreios* e *armas*.) Nós fizemos tambem a nossa conjectura sobre a verdadeira significação deste vocabulo, e julgavamos ter achado a sua origem no hebraico *athon* e *athonoth* (אַתּוֹן וְאַתּוֹנָת), que vem no livro do *Exodo*, cap. 13.^º, v. 20.^º, e no livro dos *Juizes*, cap. 5.^º, v. 10.^º, com a significação de *asina* e *asinae*. Advertidos porém pelo judicioso reparo, que fez a este nosso artigo o sr. secretario perpetuo da Academia, temos ao presente por certo e indubitavel, que *atondo* significa não só *arreios* e *armas*, mas em geral quaesquer utensilios; accessorios ou pertenças de alguma cousa principal, como por exemplo *as armas*, do soldado, *as armas* e *arreios*, do cavalleiro, *os instrumentos*, de hum officio, *os trastes* e *moveis miudos*, de huma caza, &c. Neste sentido se acha muitas vezes empregado o vocabulo *Atondo* na versão hespanhola da Biblia, impressa em Ferrara.

Atum — Peixe frequente nas nossas costas meridionaes, o qual em antigas medalhas de Cadiz se vê representado com inscripção em letras desconhecidas: pelo que temos por mui provavel que este nome nos veio da lingua fenicia ou carthagineza. (Veja-se *Toninha*.) Mayans e Vieira o julgão derivado do arabe *tun*.

Auge — O ponto mais elevado, a mór altura, &c. Sousa e Vieira dizem que nos veio do arabe, mas que he de origem persiana.

Avania — Dá-se este nome a qualquer genero de vexação e oppressão que as auctoridades turcas fazem aos Christãos, ou a outros de diversa religião que lhes estão sujeitos, com o fim de lhes extorquir dinheiro. O vocabulo vem do turquesco *aran*, e este do arabe *haran*, segundo Vieira.

Avéla, Avelar, Avelado — Vocabulo asiatico. «Chamão *avéla* (diz Lucena) aos grãos do arroz, não cozidos, mas mal torrados ao fogo». De *avéla* formámos nós provavelmente *avelar* e *avelado*, com os quaes exprimimos o estado de alguns fructos, que tendo perdido a maior parte da sua humidade natural, ficão engelhados, e assim se conservão sãos. Analogamente dizemos do homem e da mulher, que *avelou*, que está *avelado*, quando se conserva em adiantada idade, com as rugas da velhice, mas com saude; e tambem da roupa molhada ou humida, que esteve algum tempo ao lume, ou ao sol, ou ao ar, mas que não se enxugou de todo, dizemos que ficou ou está *avelada*. Todas estas significações tem analogia com a do vocabulo asiatico, e por isso nos parece que delle nos vierão os nossos.

Avil — Vocabulo antiquado, que, segundo Moraes, quer dizer *máo*. Elle mesmo o julga derivado do saxónio *evil*, que tem a mesma significação, e com ella se acha no inglez *evil*, *máo*, *malvado*, *malfeitor*. Nós julgámos, que a sua verdadeira origem he o oriental ou hebraico *evil* ou *avil* (אָוִיל), *tolo*, *estulto*, *inepto*, *poltrão*, *covarde*, *homem sem animo*, *sem coração*, emfim *homem vil*: da raiz desusada *aval* (אוֹל), *defcere*, *descire*.

Aviso, Avisar — Fazer *aviso*, isto he, *annunciar*, *noticiar*, *fazer saber* alguma cousa, *avisar* della a alguem. Vem do hebraico *bisar* ou *bissar* (בִּשְׁרָר), *annunciar*, *denunciar*, *dar aviso*, &c.

Axa — «Palavra (diz Moraes) de que usámos para designar huma mulher indeterminadamente, como de *fuão*, ou *fulano*, para designar hum homem». He o mesmíssimo vocabulo hebraico *ascha* ou *aischa* (אַשְׁחָה ou אַיְשָׁה), nome generico da *femea* do homem, imposto

ao tempo em que ella foi formada por Deos (*Genesis*, cap. 2.^º, v. 23.^º), como forma feminina de *ix*, ou *aix* (אִישׁ), *varão*, donde foi derivado, com o só acrescimento da terminação propria do genero. Os Latinos quizerão imitar a expressão, graça e energia do sagrado texto, traduzindo de *tir*, *virago*. Alguns nossos Portuguezes disserão: «esta será chamada *varða*, por quanto he tomada de *varão*». Os Castelhanos dizem *hombre*, homem, e *hembra*, femea. O vocabulo *aixa*, pronunciado *ixa*, deo origem ao portuguez antiquado *iça*, com que se nomeava a moça mal procedida, amigada, concubina, ou *femea* de algum homem. Ainda se hoje se diz (ao menos na provincia do Minho) do homem ou mulher amancebada *fulano tem femea*, *fulana he femea de fulano*, aonde *femea* he a traducção de *iça*, ou do hebraico *aixa*. No idioma germanico achámos o vocabulo *hax*, significando a mulher *saga*, *feiticeira*. (Veja-se Sousa, *Vestigios da lingua arabica*, v. *Ayxa*.)

Azagaia — Lança curta, arrojadiça, ferrada com puas de ferro ou de osso, de que usão os Cafres e outros barbaros. He vocabulo africano.

Azeite, Azeitona — Oleo e fructo da oliveira. Nos *Vestigios da lingua arabica* vem estes vocabulos como de origem arabe. Os Hebreos tambem dão o nome de *zait* (זַיִת) á oliveira e ao seu fructo.

Azoinar — Vocabulo mui usado na provincia do Minho (e não sei se nas outras) para exprimir o enfadamento de quem ouve hum falador importuno, que por muito tempo lhe tem estrugido e fatigado os ouvidos com cousas impertinentes e desagradaveis, talvez com mexericos, &c. *Azoinou-me* (dizem) os *ouvidos*, *azoinou-*

me a cabeça, &c. Parece derivado do hebraico *hozen* (חָזֵן), *orelha, ouvido*, donde *hhazinu* (חָזִינָה), *ouvir, escutar, dar orelhas*. Deste vocabulo deriva Vieira o latim *asinus*. (Veja-se *Specimen primum.*)

Azul — Voz de origem persiana. (*Vestigios da lingua arabica*, e Vieira.)

B

Bachá ou **Baxá** — Diz Volney, na *Viagem da Syria*, que he vocabulo turquesco, composto dos douis persianos *pa* e *schah*, que significão litteralmente *vice-Rei*. Outros o derivão de *basch* ou *bax*, cabeça, por serem os *bachás* cabeças de provincia, isto he, governadores de provincia, prefeitos, &c.

Bacorinhos — Figos *bacorinhos* chama o povo da provincia do Minho aos que vem primeiro, aos que são mais temporãos e pequenos. Parece ser o vocabulo a que se refere Malvenda (ao cap. 24.^º de *Jeremias*, v. 2.^º) dizendo que nas linguas valenciana e arabe se chamão *bacoras*, ou com o artigo arabe *al-bacoras*, os figos temporãos, e que esta palavra tem analogia com o hebraico *baqoroth* (בְּקוֹרֶת). «Vox *baqoroth* (diz o escriptor) convenit cum nostra valentina, seu arabica *bacoras*, vel, praeposito articulo arabico, *al-bacoras*, qua *ficus prae-*coces, seu grossos appellamus, Castellani, *breras*». A voz hebraica he *baqor* (בְּקוֹר), o que nasceo primeiro, o primogenito, donde *baqorim* (בְּקוֹרִים), *primicias*, &c.

Bácoro — Porco pequeno, mas já apartado da māi. Pôde derivar-se do hebraico *baqor*, de que acabámos de falar, ou de *bachlur* (בְּחַלּוּר), o que he novo, de pouca idade, e tambem selecto, escolhido, &c., do v. *bacchar* (בְּחַר), escolher.

Bafo, abafar — Bluteau deriva estes vocabulos do hebraico *bahar*, arder, querendo provavelmente entender o v. *bahhar* (בָּהַר), accender, queimar, arder, inflamar-se, ou *bahhah* (בָּהַהָּה), ferver, trocada a aspiração forte do *hhain* hebraico pelo nosso *f*, como em muitos outros vocabulos acontece.

Bagadas — Este vocabulo, que não vem em Bluteau, nem no *Diccionario* de Moraes, he frequente na linguagem popular da provincia do Minho, aonde se diz, v. gr., cahião-lhe as lagrimas ás *bagadas*, corrião-lhe as *bagadas* pela cara abaixo, &c., entendendo por *bagadas* grossas e grandes lagrimas, lagrimas copiosas. Parece derivado do hebraico *baqah* (בְּקָהָה), lagrimas, choro que corre em fio; do v. *baqah* (בְּקָהָה), chorar, derramar lagrimas (*latim flere, deplorare, lugere, illacrimari*).

Bagaxa — Mulher ou rapaz que se prostitue. He vocabulo que tomámos (ao que parece) immediatamente do italiano, mas originario da Persia, aonde *bagha* significa meretriz, segundo Vieira.

Bahar — Certo peso usado na India, donde nos veio o vocabulo. Barros diz que equivale a 4 quintaes; Goes, a 3 quintaes, 3 arrobas e 18 arrateis; Duarte Barbosa, a 4 quintaes do peso velho de Portugal, pelo qual se vendia então em Lisboa toda a especiaria. E como este escriptor diz tambem que 8 quintaes velhos fazião 7 novos de 128 arrateis de 16 onças, bem se vê que o *bahar* equivalia a $3\frac{1}{2}$ quintaes do peso novo de Portugal.

Bajú — Camisa da India; vestido de mulher, que não desce abaixo da cintura; «ás vezes (diz Castanheda) se vestem de humas roupas curtas, que chamão *bajús*, de seda ou brocado, e de grã com muita pedraria», &c.

Goes tambem diz que *bajú* he como *roupeta curta*. Na provincia do Minho era mui usado o *bajú*, roupa curta que vestião as mulheres, e lhe chegava até á cintura com pequenas abas. Hoje lhe chamão *roupinhas*. O vocabulo he indiano.

Balão — Embarcação como bargantim, subtil e comprida, muito obediente ao remo. Termo da India.

Baldroca — Vocabulo usado com frequencia entre nós nesta frase popular *fazer trocas e baldrocas*, pela qual exprimimos trocas ou contractos fraudulentos, em que ha engano, dolo, trapaça, &c. D. Francisco Manoel nas suas *Obras metricas*, diz:

Tal mudança vai, tal troca,
Se o tempo tange o pandeiro
O mundo todo he *baldroca*.

Isto he, todo he fraude, mentira, trapaça, embuste, &c. Na lingua persiana *drog* quer dizer *mentira*, e nos idиomas germanico e belgico achamos *betrug*, *bedrog*, *bedrok* e *bedroogen*, significando *engano* *fraudulento*; pelo que pôde presumir-se que dos povos do norte nos viria este vocabulo, o qual originariamente he persiano.

Bambu — Canha da India, que se cria nos matos, a que os nossos chamão *bambuaes*. Vocabulo indiano.

Banda — Especie de fita, liga ou faxa, que pende de hum hombro para o lado opposto, formando huma como diagonal, que divide o tronco do corpo em duas partes. He o persiano *band*, fita, faxa, liga, &c. D'aqui vem *venenda*, fita que cobre os olhos, atada em roda da cabeça; e *banda*, na linguagem heraldica, linha ou fita, que di-

vide diagonalmente o escudo, descendo da parte superior da direita para a inferior da esquerda. Em germanico *band* e *binde* tem a mesma significação.

Bandel — Termo da Asia: bairro ou arruamento, em que habitão as pessoas de huma nação estrangeira, tolerada, talvez com magistrado e governo seu proprio; à maneira dos bairros ou arruamentos que nós chamavamos *judarias* e *mourarias*, aonde habitavão Judeos e Mouros com separação dos naturaes.

Banza — Instrumento musical de cordas, que se encosta ao peito para se tocar, como a viola, a *cythara*, &c. Vocabulo africano da lingua anbunda.

Banzar — He outro termo da lingua anbunda, e diz o mesmo que *pasmar de pena e magoa* pela consideração de algum mal mui grave que se teme.

Barregana — Tecido de lã bem conhecido entre nós. He vocabulo persiano. (*Vestigios da lingua arábica.*)

Barzabú ou Brazabú — Vocabulo de que usa a plebe nas suas imprecações ou pragas. *Vai-te* (dizem) *com barzabú, que te leve barzabú*, &c. He voz corrompida do hebraico *baalzebub* (בעל־זבוב), nome de huma falsa e abominavel divindade, adorada pelos Accaronitas, de que se faz frequente menção na Escriptura Sagrada, e a que JESU-CHRISTO deo a denominação de *principe dos demónios*. (Mattheus, cap. 12.^º, vv. 24.^º e 26.^º)

Batuque — Dança ou baile de que usão as duas nações congueza e bunda, e a que ambas dão o mesmo nome.

Bazar — Vocabulo da Persia, que significa praça, lugar da feira ou mercado. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica*, e Vieira.)

Bazar — Pedra contra veneno, que se acha no ventre de alguns animaes, e a que muitos dos nossos escriptores derão o nome de *bezoar* e *bazoar*, formando d'ahi *bezoartico*, &c. O seu verdadeiro nome he *pazar*, como já advertio Frei Gaspar de S. Bernardino no seu *Itinerario*. He voz persiana, composta de *pa* contra, e *zaar* veneno, porque nas gazellas da Persia he que se acha o melhor *bezoar* ou *bazar*. (Veja-se Bluteau, v. *Pedra-bazar*, e Moraes, v. *Bazar*.) Alguns naturalistas dão á gazella, em cujo ventre se acha esta pedra, o nome de *gazella do bezoar* (*gazelle du bezoard*); e tambem notão que os Orientaes lhe chamão *pazan*. (Veja-se Sousa, *Vestigios da lingua arabica*, v. *Bezuar*.)

Bechano — Em Moraes *Bexano* e *Bichano*: termo plebeo e familiar, com que nomeámos e chamámos o gato pequeno e novo. Bluteau diz que he nome que se dá a hum homem muito pequeno, a hum rapazinho e ao gato de hum anno. Este singular vocabulo he o proprio hebraico *ben-schaneh* (בֵן־שָׁנָה), que significa litteralmente *filius anni*, filho de hum anno, ou deste anno; o que he de *hum anno*, latim *annotinus*.

Bengala — Vocabulo que usâmos appellativamente para significar hum *bastão*, ou especie de *bordão*, que se traz na mão, ou por modo de ornato, ou para servir de arrimo, ou como symbolo de auctoridade. E como muitos destes *bastões* são feitos de canna do reino de Bengala, lhe fomos dando o nome de *bengalas*, passando o nome proprio á significação de appellativo, como tambem fizemos com *damasco*, *cambraia*, *segovia*, &c., que

sendo nomes de cidades, passárho a denominar tecidos, fazendas ou fructos, que lá se fabricavão, ou de lá nos vinhão.

Bergamota — Certa especie de pera conhecida, de agradavel gosto. Diz Bluteau, que veio da Turquia, e que se lhe dá o nome de *berg-armuth*, pera de senhor. Vieira o deriva das vozes persianas *bek*, nobre, magnate, senhor, e *armod*, pera, das quaes duas vozes (diz) consta o vocabulo turco *beg-armoudi*.

Betle, que tambem achâmos escripto **Bethel**, **Betele** e **Betero** — He termo do Malabar, frequentissimo nos nossos escriptores da Asia: nome de huma planta de gosto agradavel e aromatico, cujas folhas os Indianos trazem na bôca e andão mascando, preparadas de hum certo modo, talvez misturadas com canella, areca ou outras plantas, que lhe dão ainda melhor sabor, e são, como elles crêem, de utilidade para o estomago. «Ao betle dos Malavares (diz Barros) chamão os Guzarates e Decantiis *pam*, os Malaios *ciri*, e os Arabios *tambul*».

Bezante — Peça de moeda de ouro, que corria em outro tempo no imperio bysantino, de cuja capital By-sancio dizem que tomou o nome. Applicou-se depois, na linguagem heraldica, para significar a peça de ouro, ou de prata, redonda, que se põe nos quarteis do escudo, e he semelhante ás *arruelas*, senão que estas são de cores, e os *bezantes* de metal.

Bizarro — Vieira diz que vem, acaso, do persiano *bizarah*, magnanimo. A significação do nosso vocabulo não desdiz; porque tambem chamâmos *bizarro* o homem magnifico, garboso, ostentoso, &c. (Veja-se *Vestigos da lingua arabica*, v. *Bizarria*.)

Bôda, que tambem se escreve e pronuncia **Vôda**— Significa entre nós o banquete nupcial, que faz parte da festa doméstica dos casamentos. O *Elucidario*, v. *Bodivo*, o suppõe derivado do hebraico *boddah*, que significa (diz) alegrar-se. Vieira o deriva do arabe *bodoo*, *connubium*; mas veja-se tambem nas *Addições*, pag. 516.

Bofetá — Lençaria de algodão, fina e tapada, que nos vinha da Asia. De lá veio tambem o nome.

Bogia ou **Bugia** — Pequena véla de cera fina, com que nos alumiamos. Diz Denina (*Clef des langues*), que he universalmente derivado de *Bugia*, lugar de Africa, aonde se fabricavão as ditas vélas, e donde passárao á Europa com o seu nome.

Bonzo — Nome com que os Japonezes denominão os sacerdotes e ministros do seu culto religioso.

Bramane ou **Bramene**, que outros escrevem **Bracmane** ou **Braomene**, e talvez **Bragmane** — Nome que se dá na India aos sacerdotes dos idolatras.

Bufar — Soprar, inchando as bochechas. Vem do persiano *puff*, *spiritus emissio*, *status*, segundo Vieira, *Specimen quartum*, pag. 329.

Bugio — Nome que se julga derivado de *Bugia*, lugar de Africa septentrional (o mesmo de que falámos ha pouco no artigo *Bogia*), aonde se achavão muitos dos animaes, a que os Latinos davão o nome de *simia*; pelo que veio a ser entre nós como denominação generica dos mesmos animaes, que chamámos *bugios*.

Buzio — Concha de certo marisco miudo, como os

cauris da India, que serve de dinheiro em alguns reinos da costa de Africa, aonde os naturaes lhe chamão *buiis*. Diz Barros, que no seu tempo valia hum quintal delles de 3 a 10 cruzados, segundo a maior ou menor abundancia que delles havia.

C

Cabaia — Roupa turquesca, decotada, fechada por diante, descendo até meia perna. Vocabulo da Asia. Hoje dá-se este nome a hum certo tecido de seda, alludindo, sem duvida, á materia de que erão feitas as cabaias que se trazião vestidas.

Cabala — Especie de interpretação mystica e allegorica da Escriptura Sagrada usada pelos Judeos *cabalistas*, fundada em tradição oral, e apoiada talvez na combinação de letras e numeros. Veio-lhe o nome do hebraico *Kabalah*, e *Kablah* (קִבָּלָה), que quer dizer doutrina recebida de ouvida; doutrina que passa de mão em mão, sem escriptura; do v. *Kabal*, ou *Kabl*, receber. Deste verbo, que tambem se acha em arabe com a mesma significação de *receber*, conjectura Vieira que virião *gabela* e *al-cabala*. (Veja-se tambem *Vestigios da lingua arabica* nestes vocabulos.)

Cabala — Conspiração de pessoas para algum mal sim, ou mais propriamente *pratica secreta* de pessoas, que conspirão para fazer algum mal. He o vocabulo chaldaico *chhabalah* (חַבָּלָה), que diz o mesmo.

Cabre — Corda grossa que serve de amarreta de navio. He o hebraico *chhable*, ou *chhebl* (חַבְלֵי), que tambem significa *corda grossa nautica*. Em linguagem belgica *Kabel* tem a mesma significação.

Caçar — Termo nautico: *caçar as rélas* he recolher-as, tomar-as, apanhar-as. He o hebraico *Kasar* (קָשַׁר), ligar, atar, prender, apertar (latim *stringere, arctare, coarctare*). A esta mesma origem se deve referir a outra significação mais vulgar, e de igual valor, que damos ao v. *Caçar*, por apanhar, tomar, prender aves, feras e outros animaes na *caça*.

Cacha — Ficção, dissimulação, ardil, engano, com que pretendemos encobrir o que temos no pensamento ou na intenção. *Fazer cacha* he usar de dissimulação para enganar. *Fazer cacha* no jogo he fazer envide falso. Parece vir do hebraico *Kashah* (קָשָׁה), o que he intrincado, implexo, difícil de entender-se, de explicar-se, ou tambem de *chhasha* (קָשָׁה), calar, guardar silencio, que he outro modo de fazer *cacha*; ou finalmente de *gachhasch* (גְּחַשֵּׁךְ), negação, mentira, fallacia.

Cacimba — Diz-se na lingua anbunda de certo tempo, em que cahem orvalhos continuados, de *quixibo*, orvalho. Nos nossos diccionarios vem *cacimba*, cova que se faz nas praias e lenteiros para recolher a agoa que reçuma: do anbundo *quichima*, poço.

Cado — Medida hebraica, usada tambem na Attica: em geral vaso grande de barro para guardar vinho. He o hebraico *qad* (קָדֵם), o grego κάδος, e o latim *cadus*.

Cadilhos, que talvez se acha escripto **Guedilhos** — São os flocos, fios ou tranças pendentes, que formão as franjas. (Veja-se *Guedelha*.)

Cadimo — Veja-se *Vestigios da lingua arabica*, aonde vem este vocabulo, como de origem arabica. Pôde tambem derivar-se do hebraico *Kedem* (קָדֵם), o que he an-

tes; o que he primeiro; o que he do tempo passado; do v. Kadam (כָּרָם), antecipar-se, preceder, antevir, &c.

Cafarro, que Tenreiro escreve **Gafar** — Tributo que se paga entre os Arabes e os Turcos da Terra Santa. (Veja-se *Itinerario de Frei Pantaleão*, cap. 60.) He o hebraico *qap'har* (כַּפֵּר), remir, pagar o preço da redenção; e na verdade com aquelle tributo se paga a liberdade da passagem, e talvez da pessoa e das fazendas.

Cairo — Nome que se dá na India ás filassas, ou filamentos, que tem o côco entre a tez e a casca dura interior, dos quaes se fazem cordas, amarras, &c. Parece que da India nos veio o vocabulo, que a cada passo se acha em Barros, Couto e outros escriptores.

Calaça ou Calaza — Termo que se acha em documentos antigos, pelos quaes parece que significava huma certa porção de carne de porco, estabelecida como fôro em escripturas de emphyteuse. Moraes o explica por *costella de porco, ou banda*: outros por *caluga, ou pescoço de porco*. Nós o temos por derivado do hebraico *chhalatza* (desusado no singular), cujo plural dual *chhalatzaim* (חַלְצִים), significa *lombos*; pelo que nos parece que *calaza*, ou huma porção della, quererá dizer hum *lombo*, ou parte delle. No *Genesis*, cap. 35.^º, v. 11.^º, vem *chhalatzaim* significando *lombos*, «*reges de lumbis tuis egredientur*», e em *Isaias*, cap. 32.^º, v. 11.^º: «*Accingite lumbos vestros*», &c. (Veja-se *Elucidario*, v. *Calaça*.)

Calaim — Vocabulo da India: nome de hum estanho mais fino que o usual, de que se fazem colheres, salvas e outras obras.

Calar — Não falar, ou cessar de falar; e tambem di-

zemos, v. gr., *calárao* os ventos, isto he, cessárao de soprar. Parece ter analogia com o hebraico *qallah* (כָּלַח), *acabar, cessar, fazer cessar, desistir.*

Callo (Pão de) — Moraes não traz este vocabulo. Bluteau, no *Supplemento*, diz que he pão mui amassado, e que cortado não mostra olhos. Nós o temos visto na província do Minho e em alguns lugares proximos da Galliza com o nome de *pão de callo*, feito de farinha fina, abiscoutado, e fabricado com perfeição e com excelente gosto. O nome parece tomado do hebraico *chhallah* (חַלָּה), especie de pão, bolo, torta, ou pastel, feito da flor da farinha.

Can, que tambem se acha escripto **Cam**, e ainda mais corruptamente **Cão**, e que melhor se escreveria e pronunciaria **Kan** — He vocabulo oriental, e significa, segundo Diogo do Couto, o mesmo que *senhor*. Acha-se acrescentado a muitos nomes proprios nas nossas historias da Asia. O mesmo Couto, liv. 5.^º, cap. 10.^º, se explica a respeito delle deste modo: «E porque não cresça (diz) alguma duvida aos leitores, quando lerem *Hale-han, Abaga-han, Magu-han*, achando-os nomeados nos auctores *Abaga-can, Magu-can*, e todos com este sobrenome de *can*; saberão, que este *han* he titulo entre os Tartaros, que quer dizer *senhor...*, e como a pronunciaçao, com que elles o nomeião, não cabe na nossa, porque o fazem na garganta, e com huma aspiração que não se lhes entende mais que aquelle *an* (*bhan*), vierão a lhe chamar *can*, e ainda se corrompeo mais, porque vulgarmente lhe chamão *cão*». Veja-se tambem Barros, Dec. 4.^a, liv. 4.^º, cap. 16.^º, aonde diz «que he vocabulo tomado dos Tartaros; que entre os Guzarates e outros povos orientaes se dá como titulo pelos merecimentos da pessoa, e que

denota entre elles huma dignidade, como em *Hespanha a de Duque.*

Candil — Termo da Asia, que significa hum certo peso, e tambem huma moeda corrente em Ormuz. (Veja-se Moraes.) Sousa, *Vestigios da lingua arabica*, v. *Candiz*, entende por este vocabulo *ceirões feitos de folhas de palmeira, cada hum dos quaes leva vinte alqueires*, e diz que he voz persiana.

Canja — Termo da Asia: arroz cozido ate fazer caldo grosso ou papas. (Moraes.)

Capa — He o persiano *capa*, que significa o mesmo que em portuguez. (Sousa, *Vestigios da lingua arabica*, v. *Capa*.)

Cara — O rosto do homem e de alguns animaes. Vieira o deriva do persiano *char*, que he (diz elle) o mesmo que o arabe *ghar*, e significa *vultus, facies, forma, color vultus*.

Caravana — Voz persiana. (*Vestigios da lingua arabica*.)

Caravançara — Voz tambem persiana. (*Vestigios da lingua arabica*.)

Caréca — Vocabulo que não vem em Bluteau, nem em Moraes, mas que se usa na linguagem plebléa e chula para escarnecer e zombar de hum calvo, dizendo que tem *caréca*, que he hum *careca*, &c. He o hebraico *karechhah* (קָרְחָה), que significa propriamente a *calvice* na parte posterior da cabeça. Já os rapazes hebreos insultavão com este mesmo vocabulo ao Profeta Elizeo, cha-

mando-lhe *careca* (*ascende, calre*). Liv. 4.^º dos *Reis*, cap. 2.^º, v. 23.^º: A plébe diz ás vezes *créca* por *careca*.

Carimba, Carimbar — São vocabulos muito modernamente introduzidos na nossa lingua, em papeis do governo, para significar a *marca publica*, que se punha ou põe na moeda-papel, ou na metallica. He o vocabulo anbundo, ou angolense *quirimbu*, isto he, *marca*, donde formão as vozes verbaes *cuta-quirimbu* e *cubaca-quirimbu*, marcar. (Veja-se o *Diccionario da lingua bunda, ou angolense*, &c. Lisboa, 1804. 4.^º)

Carmim — Côr vermelha, viva, como a da grã, ou *carmezi*. He o hebraico *qarmil* (קַרְמִיל), que alguns julgão ser vocabulo tyrio, e quasi todos o interpretão por *coccinum*, ou *carmezinum*, purpura côr de carmezim. Em portuguez mudâmos o *l* final em *m*, como fizemos em *alfil*, *marfil*, &c.

Carneiro — Nome de hum animal mui vulgar, que achâmos já em documento do seculo xi, «*sex carneros, et sex tocinos de carne porcina*». Alguns etimologistas o quizerão derivar de *carne*, fundados na semelhança material dos vocabulos. Nós dissemos em outra parte, que poderia acaso vir do grego *κάρπος*, a que Hesquio dá a significação de *ovis* e *pecus*. A origem porém, que nos parece mais bem fundada, he do hebraico *korn*, ou *karn* (כָּרֶן), *corno, tuba cornea*, caracterisando o animal pela armadura que tem na fronte.

Casca, Cascas — Damos este nome não só á cobertura externa dos troncos e ramos das arvores, arbustos e outras plantas, mas tambem á cobertura externa de muitos fructos e outras producções. Assim dizemos a *casca* das arvores, a *casca* da maçãa, da melancia, da

laranja, &c., as *cascas* dos ovos, das nozes, das avelãas, dos alhos, das cebolas, &c. Parece-nos ser o proprio vocabulo hebraico *chhaschasch* (שׁשָׁשׁ), palha, retraço de palha, palhiço, folhelho, grança, &c. (latim *palea, stramen, stipula*), ou outras semelhantes materias seccas, em geral, *casculho* (latim *quisquiliae*.)

Casta — Parece vocabulo da India, aonde com elle se exprimem as diferentes tribus, ou raças, em que estão distribuidos os povos, as quaes vivem como separadas, sem se misturarem por casamentos, nem seguirem humas as profissões, ou officios das outras, &c. Couto, Dec. 4.^a, liv. 7.^o, cap. 14.^o, nomeia entre as *castas* do Malabar os *nayres*, que são (diz) os principaes, destros nas armas: os *tibas*, que são lavradores, pescadores e mecanicos; e os *poleás*, que chama a *mais baixa relé*, e diz que comprehende os magarefes, lavandeiros, &c. Entre nós se applica mais vezes aos animaes, cavallo de boa *casta*, cão de boa *casta*, isto he, de boa *raça*, &c.

Catana — Especie de espada, alfange, ou terçado. He de origem japoneza.

Catel — Veja-se *Catle*.

Catinga — Vocabulo de Angola; mão cheiro da transpiração dos negros.

Catle, Catel, Catele e Catre — Significa o leito, em que se faz a cama. He vocabulo que nos veio da India, cuja origem he o persiano *catel*, segundo Sousa, nos *Vestigios da lingua arabica*.

Catur -- Embarcação pequena; voz persiana. (Sousa, *Vestigios da lingua arabica*.)

Cecem (cebola) — Lirio branco. Tem a mesma origem que *asusena*. (Veja-se *Asusena*.)

Cegar — Tapar, fechar entupindo; obstruir, v. gr., hum poço, huma valla, huma cova, a barra de humrio, &c., lançando-lhe terra, pedras, areia, ou outra semelhante materia. He o vocabulo hebraico *sagar* (שָׁגַר), que significa exactamente o mesmo. Bluteau lembrou-se de o derivar do latim *caecare*, perder a vista dos olhos, ou tiral-a a alguem; e julgou descobrir a analogia dos dous vocabulos, ou de suas significações no *entupimento*, ou *obstrucção* dos orgãos visuaes, que talvez he causa da cegueira. Nós temos esta derivação por affetada, e até não muito conforme á noção que o nosso vocabulo exprime.

Ceifa, Ceifar — Séga e colheita dos pães, e outros fructos. Vem do hebraico *asaiph* (אֲסַיֵּף), colheita, em geral, *collectio, comportatio frugum in horrea* (Guarin, *Lexicon hebraico*), do v. *Asaph* (אֲסָף), colher, recolher, ajuntar, congregar, &c. Era este o nome que os Hebreos davão á festa dos tabernaculos, que annualmente se celebrava depois da colheita, na lunação de Setembro.

Chá — Arbusto proprio da China e Japão, mui conhecido na Europa pelo nome e pelas suas folhas, e infusão que dellas se faz, e toma. Em japonez *tsdja*.

Chação — Moraes auctorisa este vocabulo citando hum lugar dos *Sermões*. de Feo, que diz: «Caim tirou logo para a má *chação*, donde nascia»; e pôde apontar-se outro do *Itinerario* de Frei Pantaleão, aonde se lê: «Porém o queijo pela maior parte he malissimo, secco, e de má *chação*»; aonde parece que *chação* se toma por *casta, qualidade*, &c. O mesmo Moraes se lembra que

poderá este vocabulo vir do hebraico *chisonah* (e cita Oleastro sobre o cap. 8.^º do *Genesis*), ou do arabe *chazana*, esconder, exprimindo, ou significando o que esconde máos pensamentos a respeito de outrem. Nós não achâmos no lugar citado de Oleastro o que Moraes lhe attribue: achâmos porém na lingua hebraica o vocabulo *chhazon* (חַזּוֹן), com a significação de *visão, observação, aspecto*; e se daqui quizermos derivar *chação*, entenderemos, v. gr., por homem, ou cousa de *má chação*, homem ou cousa de má apparencia, de máo aspecto, de má vista, &c. Tambem achâmos em hebraico *chhezaion* (חַזְיָה), visão, monstro, apparição, &c.

Chacota — Dizer *chacotas*, a alguem he dizer-lhe palavras de escarneo, de zombaria: fazer *chacota* de alguem, he escarnecer, zombar delle. He o hebraico *schichhoth* (שְׁחִיחָות), dicterios, dichotes, palavras mentirosas, vãas, ineptas. Tambem entre nós se diz *cantar chacotas*, isto he, cantigas de escarneo e zombaria; e houve antigamente huma *dança* com este nome.

Chale — Nome que dâmos a huns lenços grandes com que as mulheres cobrem os hombros e os peitos, &c., e servem de commodo e ornato. Parece vocabulo da Asia. (Veja-se Sousa, *Vestigios da lingua arabica*, v. *Xales*.)

Chamar — Nomear, pôr nome, ou dar nome a alguma pessoa ou cousa: v. gr., *chama-se* João; *chamão-lhe* o pai dos pobres; esta arvore *chama-se* oliveira; aquella pedra *chama-se* diamante, &c. Vem do hebraico *sham* (שָׁם), nome, ou do syriaco *shamah* (שָׁמָּה), nomear, impor nome. (*Vestigios da lingua arabica*, v. *Chamar*.)

Chamiça, Chamiço — He, segundo Moraes, espe-

cie de junco, com que talvez se cobrem palhoças; colmo, ramos, ou pontas delles. Na provincia do Minho toma-se hum e outro vocabulo por tudo o que serve de *acendalhas*, como carqueja, tojo, franca, mato miudo e secco, sarmentos, &c. Vem do hebraico *chhamitz* (חַמִּץ), farragem, mistura de hervas; palha miuda como sahe da eira depois de ventilado o grão, &c.

Charão — Verniz da China. (Veja-se *Xarão*.)

Charco — Lugar em que se ajunta agoa *suja, lodosa, lameirenta, immunda*. Vieira deriva este vocabulo do persiano *ciark, spurcitia, caenum, sordes; est enim* (diz) charco *aqua caenosa, seu stagnum*, &c.

Charneira — Certa peça das fivellas, que consta de duas chapazinhas de metal, que se unem por hum eixo, e se movem em roda delle. (Veja-se Bluteau, v. *Fivella*, e Moraes, v. *Charneira*.) Parece-nos que este vocabulo foi tomado do hebraico *sharnei* ou *sharnim* (שְׁרָנִים) (שְׁרָנִיָּה), que se lê no liv. 3.^º dos *Reis*, cap. 7.^º, v. 30.^º, falando da fabrica e ornamentos da grande concha, bacia ou vaso de bronze, que os Hebreos chamavão *mar*, e estava á entrada do templo. Os interpretes não concordão bem na intelligencia dos vocabulos do texto; mas o douto Malvenda diz que significão *taboas de bronze, armadas de eixos*, aptas para sustentarem as bases das peças, que sobre ellas descansavão; e acrescenta que o vocabulo mais propriamente significa *eixos*. Não será este talvez o unico lugar do texto hebraico, cujas palavras possão receber alguma luz das linguas vulgares, para a sua verdadeira intelligencia.

Charrua — Instrumento de labourá bem conhecido: especie de arado, com que se corta a terra. Parece deri-

vado do hebraico *charrutz* (חַרְוֹץ), instrumento ou maquina de desenterroar a terra, de desfazer os terrões, do v. *Chharatz* (חַרְזֵץ), *cortar*, *talhar*, *romper*, e ás vezes *trilhar*.

Chatim, Chatinar — Mercador, traficante; mercadejar, traficar. Vocabulos que nos vierão da Asia. Segundo Duarte Barbosa, os *Chatins* era huma casta de gente estrangeira, natural de Charamandel, que vivia no Malabar, pela maior parte mercadores, tratantes, corretores, &c.

Chávena ou Chavana — Termo asiatico: pequena taça, da capacidade (diz Bluteau) *de meia chicara*. Hoje usâmos, quasi indiferentemente, dos nomes *chicara* e *chávena* para significar as pequenas taças de louça fina, por onde se toma o chá, o café, o chocolate, &c.

Cherubim, que se pronuncia Qerubim — Anjo de huma jerarchia das mais elevadas entre as differentes ordens dos espiritos celestes. Podem ver-se as suas significações nos diccionarios da lingua hebraica e no da Biblia de Calmet. He o hebraico *qerub* (כֶּרֶב), no plural *qerubim*.

Chibata — Pequena vara, de que usão os cabos militares, e com que talvez castigão os soldados, — donde formâmos o v. *Chibatar*, dar *chibatadas*. Vem do hebraico *shebet* (שָׁבֵט), vara, ás vezes açoute; vara que he insignia, ou emblema de auctoridade, sceptro, &c. Deste vocabulo se serve o sagrado texto na famosa profecia de Jacob: «*non auferetur shebet de Juda*», &c., isto he, não será tirado da tribu de Juda o sceptro, a vara de jurisdicção, auctoridade e poder, &c., até que venha o Messias.

Chicara — Pequena taça, de uso bem conhecido e bem vulgar. (Veja-se *Chávena*.) Parece derivado do hebraico *shiqar* (שִׁקָּר), que significa em geral qualquer bebida espirituosa, donde *shiqor* (שִׁקּוֹר), vinolento; *schiqaron*, vinolencia, &c.

Chicha — Diz Moraes que he vocabulo plebeo, e que significa *carne de vaca*. Na provincia do Minho usa-se este vocabulo falando com as crianças, e se lhes pergunta se querem *chicha*, isto he, *mama*, ou tambem algum bocadinho de comida, quer seja de carne guisada, quer de pastel ou bolo, ou de outra cousa que lhes seja agradavel. He o hebraico *aschischah* (אַשִׁישָׁה), que a Vulgata traduz ás vezes por *similam frixam oleo*, e os interpretes, variamente, *pultem, assulam; edulium ex simila oleo macerata, condita, et frixa; laganum de sartagine*; talvez *vini lagenam*, &c., em geral, certa porção de comida ou bebida agradavel, frituras, bolos, pasteis, doces, vinhos, &c. Deste vocabulo he composto, ao que parece, *sal-chicha* e *sal-chichão*.

Chócas — Quando queremos dizer, que as extremidades inferiores das roupas talares, que trazemos vestidas se enlameáram, arrastando pelo chão molhado e enlameado, dizemos que tem, ou trazem *chócas*. Parece-nos derivado do hebraico *shokah* (שְׁקוֹה), ensopar em agoa, fazer escorrer agoa, regar, de *shok* (שָׁק), rua, bêco, praça.

Chorina — Termo plebeo: nome que se dá em frase chula á cabelleira, ou cabello postiço, com que se cobre a calva. Pôde derivar-se do hebraico *schhor* (שְׁחֹר), pello, cabello, coma.

Chorro — Veja-se *Jorro*.

Chorume — Quer dizer substancia das carnes; çumo substancioso, gordura, &c. Tambem dizemos que he ou está *chorudo* o animal gordo, cevado, bem medrado, cheio de carnes. Parece derivado do hebraico *schor* (שׁוֹר), boi gordo, bem nutrido, fornido de carnes, de grande corpo: ou tambem de *shur* (שׁוּר), estender, alargar, donde formáro *ieschurun*, com que nomeião o boi maior que os outros, o que he mais corporolento. Na lingua fenicia diz Volney que *he-schur* significa *o touro*.

Churdo ou **Churro** — Nome que se dá á lã ruim, suja, de inferior qualidade e baixo preço. Póde vir do oriental ou hebraico *shhor* (שׁוּר), pello, cabello, &c. (Veja-se *Chorina*.) Do mesmo vocabulo fizemos *enxurdar-se*, revolver-se na lama; e *enxurdeiro*, lamaçal, charco. (Veja-se Moraes.)

Cifa — Azeite de peixe, assim denominado em Xael, Ormuz e outros lugares da Asia.

Cifra ou antes **Sifra** — Nota conhecida entre os caracteres da escriptura numerica. Vem do hebraico *sep'her* (סֵפֶר), do v. *Sap'har*, numerar, contar.

Cimitarra ou **Semitarra** — Especie de espada, ou terçado, de que usavão os antigos Persas. Vieira o deriva do persiano *schemser*. Outro escriptor diz que em persiano e turquesco se pronuncia *chimchir*.

Cinnamomo — Canna aromatica. (Veja-se *Mumia*.)

Cofre — Pequena caixa em que de ordinario se guardão cousas preciosas de pouco volume, como joias, dinheiro, &c. Mayans diz que vem do hebraico, mas não indica o vocabulo. Póde ser o v. *Qafer* (קָפֵר), guardar,

cobrir, esconder, ou *qof'er* (כּוֹפֵר), cobertura (latim *opertorium, tectorium*).

Coifa — Veo, ou cobertura da cabeça, que se ata em volta della, recolhendo dentro os cabellos, e serve de ornato, ou talvez de encobrir algum defeito. He o hebraico *qop'ha* (כּוֹפָה), que significa o mesmo. Às vezes se lhe dá o nome de *rede*, mórmente quando he feita e tecida com pequenas aberturas ou malhas em fórmula de *rede*. (Veja-se *Rede*, e *Vestigios da lingua arabica*, v. *Coifa*.)

Combalido — Dizemos que está *combalido*, v. gr., hum fructo, ou hum pomo, que mostrando boa apparen-cia, está no interior tocado de corrupção, ou já corrom-pido. Do hebraico *bali* (בְּלִי), do v. *Balah* (בְּלָהָה), que significa o mesmo (latim *contabescere, marcescere, &c.*):

Como — Adverbio de comparação e semelhança, que corresponde aos latinos *ceu, tanquam, quasi, adinstar; como, assim como, à mancira de, &c.* He o proprio vocabulo hebraico *qemo* ou *qomo* (כּמָנוּ), que tem a mesma significação. A plebe do Minho tambem ás vezes diz, v. gr., *he rico como que, he valente como que*, formula igualmente hebraica *qomoquen* ou *qemogen* (כּמוֹקָן), ajuntando a *qomo* a particula *gen*.

Condam (varinha de) — Isto he, varinha magica, divinatoria: varinha de que usão os prestigiadores e embusteiros para seus usos e fins, e tambem os chamados védores, que adivinhão os lugares em que se ha de achar agoa. He o persiano *condā*, que significa primariamente o que he douto, sabio, filosofo; e secundariamente o ariolo, adivinhador, magico: por onde *varinha de condam* he o mesmo que varinha de adivinhador, ariolo, magico, &c.

Corchete — São duas pequenas peças feitas de arame, que prendem huma na outra, e servem de apanhar, tomar, ligar, v. gr., as abas das roupas, as aberturas dos vestidos, ou outras cousas em que estão pregadas de huma e de outra banda. O douto Marianna o deriva do hebraico *korsé* (corsé), circulo, anel, fivella. Hoje se pronuncia mui vulgarmente *colchete*, mudando o *r* em *l*.

Corcova — Dizemos que tem *corcova*, ou que anda *corcovado*, aquelle que ou por má conformação do corpo, ou por efeito de doença, inclina para a terra, fazendo arco com as costas. Vem do hebraico *qarqob* (קַרְבּוֹ), ambito, rodeio, circuito. O vulgo diz ás vezes *carcôra*, *carcovado*, e *carcunda* ou *corcunda*; e os antigos dizião *cárçova* certos lugares em que havia algum circuito, caminho em volta, em redondo, &c. Ainda hoje em huma cidade do reino conhecemos a *fonte da cárcova*, e em algumas aldeias o lugar da *cárcova*. Rabbi Selomoh diz: «*Omne quod circuit quidpiam in girum, in rotundum, vocatur qarqob*».

Corja — Vocabulo collectivo-numerico, como *duzia*, *centenar*, *milheiro*, *groza* e outros. Significa o numero de vinte peças da mesma sorte: v. gr., huma *corja* de lençaria são *vinte peças*, &c. Duarte Barbosa, no artigo *Chael* diz: «Estas sortes de pannos prendem elles por *corjas*, que entre elles he hum conto de vinte, como cá dizemos *duzia*». He vocabulo que nos veio da India, e talvez se applica hoje em sentido mais indeterminado, e como por desprezo, *huma corja de ladrões*, *huma corja de malvados*, *huma corja de velhacos*, &c.

Cós — Das calças, bragas ou calções: he no collar das calças e calções huma *dobradura* pela qual se enfia a fita ou cordão para os apertar. Diz Vieira, que vem do arabe

hoz, ou do persiano *chozi*, que significa *duplicatura femoralium, per quam vinculum trajiciunt, quo adstringunt corpori femorale.*

Cris — Arma da feição de adaga, usada dos Malaios, dos quaes tomámos o nome.

Cuminhos ou Cominhos — Este vocabulo, que em grego se diz *κύμινον*, e em latim *cuminum*, he originariamente oriental, em hebraico *qommun* (קְמֻנָּה), planta vulgar, com cujas sementes se temperão algumas comidas.

D

Damasco — He, como todos sabem, o nome de huma cidade da Fenicia, mui mimosa de hortas e jardins, e de tão excellentes fructos de varias sortes, que Benjamin de Tudela, no seu *Itinerario*, não duvidou preferil-a n'isto a outra qualquer cidade do mundo. «*Urbs ipsa (diz) maxima atque pulcherrima, et muris cincta: regio vero tota hortis et paradisis instructissima, ex singulis lateribus quindena continens milliaria. Nusquam alias in tota terra fructifera urbs similis visitur.*» (Veja-se o *Itinerario* de Frei Pantaleão de Aveiro, cap. 86.^º e 87.^º) O nome desta cidade he o hebraico ou fenicio *dammashk* (דַמֶשֶׁךְ). Nós damos o nome de *damasco* a huma especie de seda de lavores; chamâmos *damasquilho* outra seda mais leve que o damasco; e dizemos *adamascadas* as roupas, que são lavradas como o damasco. Tambem chamâmos *damasco* huma fructa de agradavel sabor, e *damasqueiro* a arvore que a produz; finalmente appellâmos *damasquinos* certos alfanges, ou antes as suas folhas, que se trabalhavão com perfeição nas officinas de Damasco. Todos estes vocabulos se referem, segundo

parece, aquella cidade, e indicão que de lá tivemos os primeiros, ou os melhores objectos assim denominados. Sousa, nos *Vestigios da lingua arabica*, pensa que *damasco*, especie de seda, que se tece em varios paizes, he a voz persiana *damesque*.

Dançar e Dança — Vieira julga que estes vocabulos são derivados do arabe e persiano *tanz*, que he (diz) o armenio *dnás*, *ludibrium*, *contumelia*, *irrisio*; e acrescenta, que delles se formou o germanico *tanz*, «*ludrica saltatio, quae cum apud orientales ab hominibus infamibus ac ridiculis tantum exerceatur; propterea hujusmodi saltationem voce, ludibrium, ac contumeliam significante, appellantur*». Voltaire e Denina derivão estes mesmos vocabulos do celtico, e Olão Magno do gothicó. Em germanico *tanz* e *tantzer* significão *dança* e *dancarino*, do v. *Tantzen*, saltar, dançar.

Deceinar — Este vocabulo, mui usado na província do Minho, significa o trabalho que se dá ás meias de fiado de linho, quando depois da encenrada se mandão *deceinar*, isto he, lavar e bater para se lhes tirar a cinza, e começarem a córar e branquear. Parece vir do hebraico *deshenn* (דשָׁנָה), tirar a cinza, lavar depois da encenrada (latim *excinerare*).

Dique — Reparo que se põe á corrente das agoas para suspender ou retardar a sua velocidade. Malvenda, ao liv. 4.^º dos *Reis*, cap. 23.^º, v. 1.^º, o deriva do hebraico *daick* ou *dik* (דִּקְ), vallo, antemural, obra para defesa, &c. Outros o suppõem vindo do grego τείχος, que tem a mesma significação: outros do arabe *daique*: outros emfim do teutonico. Em flamengo também he *diic*; em inglez *dike*, &c. A qualidade de monosyllabo, e a genera-

lidade do seu uso em diferentes idiomas parece indicar vocabulo primitivo.

Dolanquim—Diz Bluteau que he palavra chineza, nome de huma tinta negra que vem da China.

Dragomano ou Drogman—Veja-se *Turcimão*.

Droga—Tem este vocabulo em portuguez huma significação particular, e digna de notar-se. Quando, v. gr., temos feito hum discurso, ou certificado hum facto, concluimos ás vezes (no estilo familiar) dizendo: *esta he a verdade, e tudo o mais he droga*. Se falámos de huma pessoa, que tinha bons costumes, e depois prevaricou, dizemos: que *deo em droga*. Em ambos os casos se pôde entender *droga* por mentira, falsidade, embuste, &c., e por isso nos parece que *droga*, neste sentido, he o persiano *drog*, de que já falámos, v. *Baldoaca*.

E

Ebano ou Evano—Diz Sousa, *Vestigios da lingua arabica*, que he a voz hebraica *hebnim*, e que significa a madeira de certas arvores, que se crião na India e Ethiopia, negra, e muito dura e pesada. O vocabulo hebraico he *hebenim* (הַבְנִים), que S. Jeronymo traduzio *hebenina ligna*, e Bochart *ebenum*. (Veja-se Guarin, *Lexicon hebraico*.)

Embaixador—Vocabulo de significação bem sabida, que nos parece derivado do idioma hebraico, da raiz *bishar* ou *bashar* (בְּשָׁר), annunciar, dar boas novas, ser mensageiro dellas. (Veja-se *Avisar*.) Donde vem o participio *mbashar* (מְבָשֵׂר), mensageiro, nuncio, evange-

lista, talvez profeta, isto he, anunciador de cousas futuras; e daqui *mbashera*, e no plural *mbasherot*, vozes femininas, que significão mensageiras, portadoras, anunciadoras de boas novas, e que na Vulgata se traduzem muitas vezes por *evangelizantes*.

Empatar, Empate—Na Africa oriental, nos rios de Cuama, Sena e Tete, chamavão *empata* a tomadia das fazendas dos mercadores portuguezes, mandada fazer pelo Monomotapa, quando o capitão de Moçambique demorava o pagamento de certa contribuição a que o estado se tinha obrigado. A esta tomadia (diz Frei João dos Santos, *Ethiopia oriental*), chamavão dar *empata*. Era, segundo parece, o mesmo que sequestro, ou embargo que se punha naquellas fazendas, ou para pagamento do que se devia, ou como penhor delle. Os nossos vocabulos *empatar*, isto he, embargar, embaraçar, suspender; fazendas *empatadas*, isto he, demoradas na loja ou no armazem por não terem venda; negocio *empatado*, isto he, demorado, parado, suspenso, indeciso, tem analogia com a significação do vocabulo africano, por onde conjecturâmos que delle vierão os nossos, maiormente attendendo ao mais frequente uso que delles se faz na linguagem do commercio, e a não lhe acharmos outra origem nos idiomas analogos.

Empofia, que hoje se diz Embofia, Embofiar—Engano astucioso; enganar com dolo e fraude, &c. He outro vocabulo, que nos veio da Africa oriental, aonde entre os Cafres exprimia o mesmo que *trapaça*, *demandada*, ou *querella dolosa*. (Veja-se Santos, *Ethiopia oriental*), e he o nome que davão áquelle especie de avania, que os nossos praticavão com os Mouros, quando os tinham subjugados: v. gr., se o christão dava huma topada á porta do mouro, e acaso se feria, o mouro era forçado

a pagar-lhe a cura á vontade do offendido. Se huma galinha de algum mouro entrava na casa do christão, dava-se por christianisada, e o christão se apossava della. Tal era a moral e a jurisprudencia de alguns mäos Portuguezes naquellas partes! (Veja-se *Arania*.)

Encalido, Encalir — Estes vocabulos usados na provincia do Minho, se dizem das carnes meio assadas, ou tostadas, que assim se preservão da corrupção por algum, ou alguns dias, e se conservão para depois se acabarem de assar e se comerem. Vem do vocabulo hebraico *kali* (כָּלִי), assado, tostado, torrado, secco no forno; do v. *Kalah* (כָּלָה), assar, tostar.

Enxada — Instrumento de agricultura bem conhecido, com o qual se cava a terra, e se fazem outros trabalhos. Pôde derivar-se do hebraico *shadad* (שְׁדָד), *occare terram; effringere glebas aratro; terram sarculare, proscindere, conterere*. Parece ter affinidade com o outro *shadah* (שְׁדָה), agro, campo de lavoura.

Enxadrez — Veja-se *Xadrés*.

Enxorrada ou Enxurrada — Veja-se *Jorro*,

Escaques — Dá-se este nome na arte do brazão a huns quadradinhos pintados sobre o campo do escudo, á maneira dos do taboleiro do jogo do xadrês, donde tirou a significação e a origem. He vocabulo persiano.

Escarlata — Côr vermelha conhecida. Do persiano *scarlat*. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica*, e Vieira, *Specimen quartum*, v. *Scarlet*.)

Esganar — Afogar, impedindo a respiração; suffo-

car, apertando as fauces; estrangular. Vem do hebraico *chhanak* (חַנָּק), que significa o mesmo. Desta origem veio tambem o castelhano *escannar*, e o italiano *scannare*, com a mesma significação.

Esmalte — Dissemos em outro lugar que este vocabulo se podia derivar do germanico *schmeltzen*, fundir, derreter a fogo. Occorre-nos porém depois em dous ou tres lugares da profecia de Ezequiel, o vocabulo hebraico *hheschmal* (חֶשְׁמָל), que os Setenta e a Vulgata traduzirão por *electrum*, metal precioso, segundo Plinio, composto de ouro e prata, e de huma côr accesa, mui bella e brilhante, quasi como a do bronze polido e candente. Outros o traduzirão por *succinum*, e outros por *carbunculus*, *pruna*, *iris*, *gemma ignita*, &c. A semelhança do vocabulo hebraico com o germanico *schmeltzen*, e com o portuguez *esmalte*, e a analogia das suas significações, fazem verosimil que o hebraico seja a origem de ambos os outros.

Espinafre — Hortaliça conhecida. Do persiano *asfanh*, segundo Vieira, *Specimen primum* (Veja-se *Vestigos da lingua arabica*.)

F

Farizeo — Homem que he da seita dos Farizeos. Veio-nos imediatamente do grego do Novo Testamento φαρισαῖος; mas tem origem no hebraico *pharas* (פָּרָס), divisão, separação; porque as pessoas desta seita judaica affectavão separar-se dos outros Judeos, e professavão huma austeridade mui pontual nas cousas menos importantes da lei, desprezando as maiores e mais essenciaes, como a caridade com o proximo, a beneficencia e misericordia, a compaixão do mal alheio, a justiça, a boa

fé, &c., pelo que merecerão a severissima invectiva, que JESU-CHRISTO fez contra os seus vicios e hypocrisia no admiravel cap. 23.^º do Evangelho de S. Matheus.

Farragoulo—Roupão largo, talar, ou quasi talar, com mangas e capello, que talvez se ata pela cintura e cobre o homem e os seus vestidos. Parece derivado do chaldaico *p'harraqoth* (פָּרְקָוֶת), que alguns traduzem pelo latim *paragaudes*, especie de sobrevestido, talar, listrado de varias côres, de origem parthica. Os Rabinos modernos usão do vocabulo chaldaico *p'harraqoth* na significação de véos, cortinas, tapetes, &c. Vieira, no *Specimen secundum*, deriva o italiano *farraiuolo* do arabe *farai*, ou do persiano *farajat*. (Veja-se Bluteau e Moraes, v. *Ferragoulo*, e Calepino, *Octolinguarum*, v. *Paragaudes*.)

Farsanga—Medida itineraria dos Persas, que no Oriente se diz *fars-sank*, isto he, *pedra dos Persas*, porque com pedras se marcavão estas medidas, como tambem fazião os Romanos. Os Gregos lhe derão corruptamente o nome de *parasanga* ($\pi\alpha\pi\sigma\alpha\gamma\gamma\alpha\varsigma$), e assim o escrevem tambem os nossos diccionarios. Entre os eruditos tem parecido difficultoso determinar o valor da *farsanga*; mas o nosso João de Barros, Dec. 2.^a, liv. 8.^º, cap. 1.^º, os poderia ter illustrado a este respeito. «Os Mouros (diz elle), que navegão o mar roxo, repartem a largura delle em 12 *jomos*, em que haverá pouco mais de 36 legoas, no mais largo delle: a qual medida *jomo*, ácerca delles, quer dizer oitava parte de 24, dando por singradura entre dia e noute outras tantas partes de caminho, á rasão de *farsanga* por hora, tres das quaes *farsangas* fazem hum *jomo*», &c. Por onde se vê que *farsanga* corresponde a huma legoa nossa ordinaria, isto he, a *huma hora de caminho*: e nisto parece que concordão

os que fazem a *farsanga* persiana igual a 30 estadios, ou a quasi 4:000 passos geometricos.

Fatia—Pedaço de pão, carne, queijo, &c., cortado á faca, estreito, longo, chato, quasi á feição de huma sopa de pão. Parece vir do hebraico *p'hath* (פָתֵח), latim *frustum, offella, buccella*. Outros o derivão do arabe. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica*.)

Fiel da balança—Fio de metal, posto a prumo no centro da gravidade da balança, pelo qual se conhece a igualdade, ou desigualdade dos pesos. He o hebraico *p'hils* (פְלִשֵּׁת), que significa o mesmo (latim *lingua bilan-cis, libramentum, trutina*). Deste vocabulo diz Malvenda, *Proverbios*, cap. 16.^º, v. 11.^º: «*Hispanice, consona voce, fiel appellamus*».

Fios—Da espada, faca, navalha e outros instrumentos, ou armas de cortar e talhar: gume, corte, &c. Parece derivado da voz hebraica do plural *p'hiioth* (פְרִוִית), que significa o mesmo (latim *acies, acumina, &c.*).

Firman—Veja-se *Formão*.

Fogaça—Bolo de soborralho, do qual diz Santo Izidoro, *Orig.*, 20.^º, cap. 11.^º: «*Panis subcinericius, cinere coctus, et reversatus, ipse est focatius*». Vem do hebraico *hhogah* (עַוגָּה), mudada a aspiração forte em *f* (*fogah*), que tambem significa *pão de soborralho* (latim *torta subcinericia; placenta carbonibus tosta, &c.*)

Folano ou Fulano—He o termo de que usâmos, quando queremos encobrir o verdadeiro nome da pessoa, ou quando o não sabemos. Corresponde quasi ao latim *quidam*, hum certo, hum *folano*, e ao grego ὁ δεῖνα, co-

mo, por exemplo, no Evangelho de S. Matheus, cap. 26.^º, v. 18.^º: «*Ite in civitatem (πόλεων δέσμων), ad quemdam*», &c., que Pereira traduz: «Ide á cidade a caza de hum tal (de hum solano) e dizei-lhe», &c. Vem do hebraico *p'helani* ou *p'heloni* (פְּלִנֵּי), que significa *hum certo; hum não sei quem; hum solano*, cujo nome ignorâmos, ou queremos encobrir: do v. *P'halah* (פְּלָהָה), encobrir, occultar.

Formão, que hoje se diz **Firman** — Ordenação, decreto, ordem real do Gran-Senhor. Voz turquesca, de origem persiana.

Fota — Vocabulo oriental: veo listrado, com cadilhos, que se traz em roda da cabeça, à maneira de *turbante*. (Veja-se *Turbante*.)

Fuco — Arrebique, postura, côn artificial, com que algumas mulheres pintão o rosto para parecerem mais córadas, e (segundo ellas julgão) mais formosas. He do hebraico *p'huq* (פְּחָקָה), que significa o mesmo, e delle veio o grego φύκος, e o latim *fucus*.

G

Gabar — Louvar, exaltar as qualidades, merecimentos, prendas e perfeições de alguma pessoa ou causa: *gabar-se*, jactar-se alguém, pavonear-se de seus merecimentos, prendas, &c. Pôde derivar-se do hebraico *gabbar* (גַּבָּר), que significa ter superioridade; dominar, prevalecer em forças, auctoridade e poder: ou melhor, de *gaavah* e *gaavon* (גָּאוֹבָה e גָּאוֹבָן), arrogancia, jactancia, ostentação vaidosa, fasto; o mesmo que o grego τύφος, ou ἀλαζονεία.

Gado — Nome collectivo com que significámos o ajuntamento, ou copia de animaes, principalmente domesticos. Assim dizemos, v. gr., lavrador rico em *gados*; pastor de *gado*, ou de muitos *gados*; manadas, rebanhos de *gado* vaccum, ovelhum, &c. He o hebraico *gad* (גָּד), turma, tropa; do v. *Ghadad* (גַּדְּד), congregar, ajuntar.

Gabela — Veja-se *Cabala*.

Gafa — Especie de doença, lepra, sarna, ou outra tal, que vai corroendo o corpo, encolhe os nervos, &c. Bluteau, no *Suplemento*, o suppõe derivado do hebraico *qaphaph* (קְפַּחַף), curvar, torcer, tolher.

Gaiola — Veja-se *Jaula*.

Gala — Garbo, graça, lustre, louçania no vestido e ornato. *Dia de gala*, isto he, de festa publica, em que se deve aparecer com vestido e apparato rico, esplendido, lustroso. Pôde derivar-se do hebraico *galah* (גָּלָה), alacridade, grande alegria, estar prestes alegremente, prompto com alacridade: do monosyllabo *gal* (גָּל), festivo, urbano, festivalmente alegre, &c.

Galga — Tem este vocabulo differentes significações em portuguez, mas todas fundadas em huma principal e formal. Chamâmos *galga* huma das pedras *redondas* dos moinhos de grão, e tambem a pedra *redonda*, que nos moinhos de azeitona anda com o eixo e esmaga a azeitona. Damos o mesmo nome a qualquer pedra grande *redonda*, que se volve do alto, v. gr., do monte, e vem rodando até o plano, e della dizemos que toma *galga*, isto he, que ganha impeto na rotação, e corre accelerada. Usâmos tambem o verbo *desgalgar* por soltar ladeira

abaixo hum corpo pesado, que ganhando *galga*, se precipita com violencia e com força accelerada. Dizemos que *galga* o muro quem de hum salto o salva, e passa além, &c. A origem deste vocabulo he o hebraico *galgal* (גָלְגָל), roda, circulo, revolução, redondeza; do v. *Galal* (גָלַל), volver, revolver, &c. Pela mesma razão o salto que o cavallo dá ennovelando-se, a que chamâmos *galão*, se deve derivar do hebraico *ghalam* (גָלָם), envolver, volver em roda, que vem da mesma raiz.

Ganga — Tecido de algodão mui conhecido, que vem da Asia, e de lá trouxe o nome.

Garbo — Bizarria, graça, gentileza, boa e agradavel postura, &c. Do hebraico *ghharb* (עֲרָב), o que he nobre, grato, jucundo, aceito; o que he dotado de boas qualidades, bem aposto.

Garção — Rapaz; moço de pouca idade. Vieira o deriva da voz persiana *karz*, moço que se prostitue (latim *scortum*), significação que ainda se conserva no francez, na palavra *garce*, meretriz. O mesmo Vieira conjectura que a voz persiana veio do arabe *korraz*, o que he impuro, deshonesto.

Garrafa — Vaso de vidro com bojo e gargalo. Vem, segundo Vieira, do persiano *carabah*, que significa o mesmo (latim *hydria, lagena vitrea*).

Gazela — Nome generico de hum animal, cujas varias especies se achão em muitas provincias do Levante, na Berberia, e terras septemtrionaes de Africa, &c. Pôde derivar-se do hebraico *hhazazel* (חַזָּזֵל), que se interpreta por *cabrão errante*, mudada a guttural forte em *g*, segundo o idiotismo portuguez.

Gehenna — Vocabulo que nos veio da linguagem da Escriptura Sagrada, e significa *lugar de tormentos; inferno*. He o hebraico *ge-hennom* (גְּהַנּוֹם) *valle de Hennom*, ou *vallis lacrimarum*; valle celebre pelos horriveis sacrificios de victimas humanas, que ahi se fazião ao idolo Moloch.

Gibo — Giboso; corcovado; que tem geba. Póde derivar-se do hebraico *gibben* (גִּבֵּן), que diz o mesmo.

Gimbo — Fulano tem *gimbo*, diz o vulgo, falando de algum que tem muito dinheiro. He vocabulo de Angola e Congo, nome de hum. marisco, que lá serve de moeda. Moraes escreve *zimbo*, mas diz que os negros pronuncião *gimbo*. Nós temos ouvido dizer *gimbo* a muita gente branca.

Gorar — Dizemos que *gorou*, ou *se gorou* o ovo, quando apodreceo na incubação, e não produzio o animalzinho: e no sentido figurado que *gorou*, ou *se gorou* o projecto, a empreza, o negocio, quando se frustrou e se malogrou logo no nascedouro. Este vocabulo nos parece ter grande analogia com o hebraico *ghhorer* (עָרֹר), do v. *Ghharah* (עֲרָה), em latim *orbari*, ficar orfão, o que os latinos dizião tambem do pai que perdia o filho, ou a esperança delle. Tambem póde derivar-se de *ghholel* (עֲוָלֶל), aborto, do v. *Ghol* (עוֹלֶל), corromper, perder o trabalho, trabalhar em vão, reduzir a nada. Ou finalmente de *ghharhhar* (עֲרָעָר), esteril, infecundo (latim *sterilis, infoecundus, orbis, destitutus*, &c.)

Guedelha — Flocco ou madeixa de cabello da cabeça, ou barba. Oleastro e Malvenda (ao *Deuteronomio*, cap. 22.^º, v. 12.^º) o derivão do hebraico *ghedilim* (גְּדִילִים), flocco de fios, franja, trança, cadilhos, bor-

las, torçal, ornamentos de vestidos, de capiteis de columnas entre os Hebreos, &c. Da mesma origem vem *quedilhos* ou *cadilhos*. Do v. *Ghadal* (גָּדַל), que em chaldaico e na forma *pael* significa o mesmo que o latim *in-torquere, implicare, torcer, entrançar*.

Guéte — Acha-se em documentos antigos, significando a carta ou título de liberdade, que os Hebreos davão a suas mulheres quando as repudiavão. (Veja-se Bluteau, Moraes, e o *Elucidario*, v. *Guéte*.)

Guisso (pronuncia-se *Ghisso*, como em **Guiza**, **Guerra**, &c.) — Vocabulo que falta em Moraes, e he frequentissimo na plebe do Minho para significar os pequenos páosinhos delgados, pontas de ramos, e outros residuos miudos, que talvez ficio da lenha, no lugar em que ella esteve. He o proprio hebraico *ghisch* (גִּישׁ), que significa o mesmo (latim *frustum, strigmentum, ramen-tum, quisquiliae*).

H

Hissopo — Planta conhecida: do hebraico *azub* (אֲזֹב). (Veja-se Sousa, *Vestigios da lingua arabica*.)

Hoi! ou, como sôa na vulgar pronunciaão, **Ooi!** ou **Huoi!** — Interjeição de admiração, frequentissima na gente da província do Minho, e de que ás vezes zombão alguns ignorantes de outras províncias, por não a terem ouvido nas suas terras. He o hebraico *hoi!* (הָיָה), que exprime o mesmo.

Hosanna — Formula solemne, com que os Hebreos, nas festas e solemnidades publicas, auguravão, desejavaõ e pedião a Deos saude, prosperidade e felicidade

para alguma pessoa mui notavel. Assim no Evangelho de S. Matheus, cap. 21.^º, v. 9.^º, as palavras *hhosahhna* (הַוְשָׁנָה), *filio David*, dizem o mesmo que *saudade, prosperidade, felicidade, boarentura ao filho de David*; quasi no mesmo sentido que nós dizemos *viva o Rei, Deos salve o Rei, &c.* Segundo Moraes, temos tambem na linguagem vulgar *hosannas*, nome que se dá aos ramos que se levão na procissão do domingo de Ramos: e Josepho dá o mesmo nome aos ramos de palma e de outras arvores, que os Hebreos levavão nas mãos em algumas das suas solemnidades.

I

Iça — Veja-se *Axa*.

Inhame — Vocabulo africano. O piloto portuguez, que escreveo a *Navegação de Lisboa á ilha de S. Thomé*, pelos annos de 1551, diz no cap. 45.^º «que a raiz que os Indianos da ilha Hespanhola chamão batata, chamão os negros de S. Thomé *inhame*, e que a cultivão como fazendo della o seu principal sustento».

J

Jaez, Jaezes, Ajaezar — Peças com que se apparelha, orna e arma a pessoa, ou o animal. Hoje se diz mais ordinariamente dos apparelhos do cavallo, ou das bestas de sella. Póde derivar-se do hebraico *jezzen* (גְּזֵן), armar, apparelhar com armas.

Jagra ou Jágara — Assucar de côco, ou de palmeira. Vocabulo indiano. Deste assucar extrahem huma especie de vinho mui forte, ou aguardente, a que lá chamão *orraca*.

Jasmim — Flor mui odorifera e bem conhecida. Vem do oriental *shemen* (שְׁמֵן), perfume, cheiro, oleo de suavissimo cheiro.

Jaspe — Especie de pedra fina. Do hebraico *iaspeh* (יַשְׁפֵּה).

Jaula — Prisão, gaiola, carcere de feras. Parece derivado do hebraico *sheoll* (שָׁאֹל), inferno, carcere tembroso, lugar em que são punidos os scelerados. Da mesma origem veio, sem duvida, o inglez *gaol*, e o portuguez *gaiola*, alterada hum pouco a pronunciaçāo. Os Castelhanos tambem chamão *jaula* a gaiola para passaros, aves, ou feras.

Jesus — He o nome puramente hebraico *ieschuahh* (ישׁועַ), salvador, da raiz *iaschhah* (ישׁועַ), *salvare*. Assim chamámos JESU-CHRISTO ao Filho de Deos feito homem. «JESUS (diz o padre Vieira), que quer dizer salvador, he o nome da pessoa: Christo, que quer dizer o Ungido, he o titulo da dignidade». (*Sermões*, tom. 10.^º, pag. 69.) Veja-se *Messias*.

Jogue — Nome que se dá no Oriente aos Gentios, que andão peregrinando por motivos religiosos.

Jorro, que outros dizem **Chorro** — Bluteau não pôde bem determinar o significado deste vocabulo, que diz ser pouco usado; mas elle mesmo cita a frase de Barros «pelo arco que faz o jorro da agoa no ar», da qual poderia inferir-se que *jorro da agoa* he agoa copiosa, impellida com força por algum canal estreito, que cahindo talvez de alto não desce perpendicularmente, mas em arco, obedecendo ás duas forças do impulso e da gravidade. Em outro escriptor se lê: «os reçolhos da baleia, com que

ella jorra para o ar»; e nós temos ouvido muitas vezes empregar a mesma palavra, significando *nascente*, ou corrente copiosa de agoa, que sahe, ou corre com impeto por abertura ou canal estreito. Vem do hebraico *jorreh* (יֹרֶה), chuva copiosa, fecundante, util ás terras, como as chuvas do outono, que são abundantes, mas não tempestuosas: do v. *Jorreh* (יֹרֶה), lançar agoa, regar chovendo, e em geral lançar com força, atirar, arremessar; donde *jorred* (יֹרֶד), torrente formada de chuva copiosa. (Veja-se Vieira nos vv. *Chorro* e *Enxurro*, que elle julga derivados do arabe; e *Vestigios da lingua arabica*, v. *Chorro*.)

Jubileo—Do hebraico *jobel* ou *jabal* (יּוֹבֵל), que significa propria e primariamente o *anno quinquagesimo*, anno celebrado entre os Hebreos como de *jubileo*; porque nelle ficavão as terras de pousio; os escravos erão postos em liberdade; os devedores ficavão quites; os bens vendidos restituíão-se aos vendedores, &c. Era (digamos assim) o anno do descânço, e *jubilação* geral; o anno (como elles lhe chamavão) *da remissão*. E daqui veio o *jubileo* christão, quando a auctoridade ecclesiastica concede de certo em certo numero de annos graças, e indulgencias copiosas aos que devidamente se dispõem para as alcançar. O latim *jubilum*, *jubilare*, o portuguez *jubilar*, *jubilação*, etc., são derivados da mesma origem.

L

Lacre ou Lacar—Especie de resina preparada, com que se fechão cartas. He o chinez *laac*, que os Mouros orientaes dizem *lac*; gomma de certas arvores, avermelhada, transparente, agradavel ao olfacto quando arde, que se chama *gomma laca*, e da qual na India, no

Pegú, em Sião e outras partes se compunha a resina, ou cera, de que falâmos. Um escriptor francez moderno diz que alguns attribuem a invenção do *lacre* a outro francez, por nome Rousseau, pelos annos 1640; mas logo acrescenta que muitos documentos ultimamente descobertos fazem remontar esta invenção aos annos 1550 até 1560. Os Francezes chamão ao lacre *cera de Hespanha*, nome que não indica *invenção franceza*: e nós possuímos muitas cartas originaes, escriptas na India antes de 1550, que forão fechadas com *lacre*.

Late—He o nome que damos a huma maquina de tirar agoa dos poços. Consta de huma forquilha entre cujas pernas anda huma vara com o balde n'hum extremitade, e hum peso na outra. O vocabulo veio da Asia.

Laquéca ou Alaquéca—He, segundo Duarte Barbosa, huma *pedra branca, leitenta e vermelha*, que sahia em grandes pedaços no sertão de Cambaia, e se lavrava de muitas feições para anneis, adagas ou seus cabos, cabos de terçados, brincos, &c. A *Ordenação do reino*, liv. 5.^o, tit. 106.^o, § 5.^o, proíbe levar ás ilhas de Cabo Verde e do Fogo *manilhas de latão e de estanho, e laquécas de toda a sorte*, &c. Da India nos veio o nome. (Veja-se Bluteau.)

Lascarim—Soldado da India: he vocabulo persiano. (Veja-se Sousa, *Vestigios da lingua arabica*.)

Leque—Pequeno abano que se traz na mão em tempos calmosos para com o seu movimento agitar e refrigerar o ar. He vocabulo da Asia chineza, e nós conjecturámos que nos veio das ilhas Lequias, aonde se fabricavão excellentes abanos. Em Ormuz e outras partes da Persia corria huma moeda com o nome de *leque*.

Limão — Fructo bem conhecido. He o persiano *limon*, ou o arabe *laimūn*. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica*, e Vieira.)

Lio — Feixe ou mólho de couças atadas humas com outras, e o envoltorio dellas. Do hebraico *liioth* (לִוָּת), loros, correias, ataduras, peças com que se ata hum mólho de couças; e tambem feixe e mólho de couças.

Lundú — Dança usada entre os povos negros das nações congueza e bunda, das quaes nos veio o nome.

M

Macaco — He vocabulo do reino do Congo, com o qual se denomina huma especie de bugio que ha naquellas regiões e em outras da Africa meridional, e parece ser o *simia cynomolgus* dos naturalistas. Delle formâmos *macaquice*, dando este nome aos trejeitos, momices, ademães e gestos affectados de algumas pessoas.

Maçada — Certa armação de pescar, que Moraes, por não conhecer a origem do vocabulo, presumio dever dizer-se *naçada*. (Veja-se o *Diccionario*, vv. *Maçada* e *Naçada*.) Vem do hebraico *matzad* (מַצָּד), donde *matzodah* (מַצְׂדָה), rede, laço, armação de caçar e pescar; no plural *matzadim*, redes venatorias, da raiz *tzud* (צָד), venabulo, ou de *tzadh* (צָדֵחַ), caçar.

Machacás — Diz Bluteau, que he termo chulo, e que significa *grandalhão com desmancho*. Nós o temos ouvido muitas vezes na província do Minho, significando simplesmente *rapaz adolescente, mancebo já crescido, sem idéa alguma accessoria*, que confirme a explicação

de Bluteau, antes empregado como termo de familiaridade e affeção domestica. Vem do hebraico *maschkah* (מַשְׁקָה), mancebo que administra a bebida na meza (latim *pincerna*), ou mais em geral, mancebo que serve na administração da caza, que nella foi criado, e que pertence á familia (latim *terna*), donde dizem *ben-maschak* (בֶּן־מַשְׁקָה), o despenseiro, mordomo, &c.

Machocar ou **Machucar**—Trilhar, triturar, esmagar amassando. Do hebraico *machhukah* (מַחְקָה), quebrar esmigalhando (latim *conquassare*).

Machucho—Diz-se a cada passo em frase chula, e ás vezes ironica, que alguem he *machucho* em alguma arte, sciencia, ou genero de industria, isto he, versadissimo nella, eminente, grande mestre, v. gr., filosofo *machucho*, theologo *machucho*, &c. Parece vir do hebraico *maschesch* (מַשֵּׁךְ), manejar, manusear, trazer frequentemente na mão, tratar a miude, e tambem investigar, perscrutar: donde *memaschusch* (מִמְשָׁךְ), tractado, manejado, manuseado, &c.

Mago—Voz persiana: significava originariamente filosofo, sabio, cultor da sciencia dos astros: donde veio o grego μάγος, sabio, obrador de prestigios; e o nosso mago, maga, magico e magica.

Mala—Especie de saco de couro, lona, panno, &c., em que se levão roupas de jornada, ou outras cousas. Póde vir do hebraico *mala* (מְלָא), encher, ensacar, encher calcando, donde o adjectivo *mala* (מְלָא), o que está cheio, muito cheio.

Malsim—Homem que por officio e por paga accusa contrabandos, fazendas sonegadas, ou furtadas aos di-

reitos: tambem se diz, em geral, do accusador, delator e outros desta relé. He o hebraico *malshin* (מלשין), accusador, do v. *Halschin* (הלשין), accusar.

Mammona — Vocabulo da linguagem ecclesiastica e ascetica, usado na traduçāo, ou explicāo daquelle lugar do Evangelho de S. Matheus, cap. 6.^º, v. 24.^º: «Não podeis servir a Deos e á *mammona*»; «*non potestis Deo servire, et mammonae*»; que o padre Pereira traduzio: «Não podeis servir a Deos e ás riquezas». Vem do syriaco *mammon* (ממון), ou do hebraico *matmon* (מתמון), thesouro, lugar de guardar dinheiros, joias, riquezas, preciosidades. Santo Agostinho em hum de seus sermões diz: «*Mammona apud Hebraeos divitiae appellari dicuntur: congruit et punicum nomen, nam lucrum pulice mammon dicitur*»; por onde se vê que o vocabulo *mammona* era tambem da lingua punica, usada naquella região de Africa, ainda no tempo do santo doutor.

Maná — He o hebraico ou chaldaico *manah* (מן), nome que se dá no livro do *Exodo* ao milagroso alimento que os Hebreos tiverão nos desertos da Arabia, quando depois da sahida do Egypto se dirigião á Palestina: do hebraico *man* (מן). Os Arabes tambem dizem *mandá*. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica*, v. *Maná*.)

Mandarim — He vocabulo que nos veio da Asia, mui usado em diversas partes, e especialmente na China, aonde se chamão *mandarins* os letrados, magistrados, ministros do imperio, officiaes de guerra, &c., pelo que he errado o conceito de alguns escriptores estrangeiros, que conjecturárão ser *mandarim* palavra inventada pelos Portuguezes, e formada do seu verbo *mandar*.

Mandinga — Nome de hum reino de Guiné, cujos

negros passavão por insignes feiticeiros. Bluteau diz que o mesmo nome se dava a humas bolsas com que alguns negros se fazião impenetraveis ás estocadas, *como se tem experimentado* (diz elle) *nesta corte e neste reino de Portugal em varias occasiões*. Desta crença, ou credulidade popular, veio o uso que o vulgo faz do vocabulo africano, dizendo, v. gr., que alguém tem *mandinga*, quando sabe tirar-se airosamente de lances perigosos; quando tudo lhe corre favoravel; quando talvez gasta largamente sem se saber donde lhe vem o dinheiro, &c., como se fizesse ou conseguisse isto por algum genero de feitiçaria.

Marabuto — He outro vocabulo africano; nome que se dá no Senegal, e em outras partes, aos sacerdotes do paiz. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica*.)

Marão — Nome de huma serra de Portugal bem conhecida. Parece tomado do hebraico *marom* (מָרוֹם), grande elevação; o que he muito elevado; o que he altissimo; ou de *maron* (מָרוֹן), altura; da raiz *ram* (רָם), excelsa, elevado, sublime.

Margarida — Perola; pedra preciosa. He voz persiana. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica*.)

Maroto — Nome de desprezo, que se dá aos rapazes malcriados, mal ensinados, descortezes, ociosos, vadíos, talvez pedintes. Bluteau, no *Suplemento*, diz que tanto este, como os outros semelhantes nomes *marucha*, *marufo*, *mardo*, &c., usados da plebe, e no mesmo sentido, se podem derivar do hebraico *marod* e *marodim* (מָרוֹד וּמָרוֹדִים), que tambem significão homem pobre, pendente, vagabundo, miseravel; e cita alguns lugares dos Livros Santos, aonde os vocabulos hebraicos tem aquella significação, como por exemplo em Isaias, cap. 58.º,

v. 7.^o; nas *Lamentações* de Jeremias, cap. 4.^o, v. 7.^o, e cap. 3.^o, v. 19.^o, &c.

Marroquim—Pelle de cabra, preparada e tingida de amarelo, azul, verde, ou outra côr. O nome he tomado da cidade e reino africano de Marrocos, donde provavelmente nos vierão os primeiros *marroquins* e a arte de os preparar, assim como de Cordova os *cordovões*, de Segovia as *segovias*, de Cambray as *cambraiás*, &c.

Marruás—Certa embarcação da Asia, mais pequena que não, segundo Barros. No uso da plebe chama-se *marruás* o rustico teimoso, capitoso, amarrado á sua opinião, incivil, que não cede urbanamente ao que se lhe propõe.

Marufo—Nome que em linguagem chula se dá ao vinho. He vocabulo que nos veio de Africa, aonde os conguezes dizem *maluffu*, e os bundos *maluvu*.

Mascara—Caraça de papelão pintado que se usa por brinco, ou jogo. Vem do persiano *mascarah*, que, segundo Vieira, significa: 1.^o, *ludicum, lusio*; 2.^o, *homo larvatus*. (Veja-se tambem *Vestigios da lingua arabica*.)

Masmorra—Veja-se Sousa, *Vestigios da lingua arabica*. Pôde derivar-se do hebraico *maschmar* (משמר), *carcere, custodia*.

Mastim—Cão de gado. He frequente na Escriptura Sagrada designar o cão por huma perifrase, que diz o mesmo que o latim *mingens ad parietem*. Do hebraico pois *maschlin* (משתין), *mingens*, diz Marianna e Malvenda (ao livro 4.^o dos Reis, cap. 25.^o, v. 22.^o), que veio

ás linguas vulgares o vocabulo *mastim*. Menochio faz a mesma observação sobre o italiano *mastino*, que tem significação identica; e dá-lhe a mesma origem.

Matar—Dar a morte: parece vocabulo derivado das linguas orientaes. (Veja-se *Mate*.)

Mate—He propriamente voz do jogo do xadrês, no qual dar *xa-mate*, he *dar mate no rei*, isto he, reduzir o adversario á ultima extremidade e ganhar-lhe o jogo. *Mate*, na arte de fazer meias de agulha, he reduzir duas malhas a huma só, fazendo desapparecer a outra, dando-lhe *mate*, para estreitar a meia. Estes usos vem da significação geral dos vocabulos persianos, hebraicos ou orientaes *muth* (מורת), *mori*; *math* (מתה), *moriens*; *mathim*, *mortales*, &c. Da mesma origem julgámos derivados os verbos *matar*, *rematar*, *remate*, &c.

Medida—Vem do hebraico *middah* (מידה), que tem precisamente a mesma significação, do v. hebraico e chaldaico *maddah* (מדדה), medir. (Veja-se *Mesura*.)

Menigrepo—Nome de certos religiosos, ou eremítas do Oriente, donde nos veio o vocabulo, com outros muitos de significação semelhante, como *grepo*, *talagrepo*, *quimão*, *roolin*, &c.

Merino—Carneiro *merino*: ovelha *merina*: Moraes escreve *meirinho* (que he a pronunciação vulgar do nosso povo), e diz: «Ovelha meirinha, isto he, que muda de pasto nas estações do inverno e verão, e anda ora nos pastos dos montes, ora nos valles, e dá lã mui fina». Os Castelhanos dizem *merino*. Este vocabulo nos parece derivado do hebraico *merih* (מריה), carneiro escolhido, gordo, pingue, cevado, do chaldaico *marah* (מראה), *im-*

pinguare, saginare, pinguefacere. «*In Hispania* (diz Malvenda) *genus quoddam arietum merinos vocant, inter alios praestantiores, et pinguiores: quocirca vocem ipsam hebraicam et hispanicam visum est in nostra translatione retinere.*» (Ao livro 2.^º dos *Reis*, cap. 6.^º, v. 13.^º)

Mesquinho — Pobre, indigente, necessitado. Vem do hebraico *misqen* (מִסְקֵן), que significa o mesmo. Em lingua persiana se diz *mesquine*, e em arabe *masquino*: pobre, necessitoso, miseravel. (Veja-se Sousa, *Vestigios da lingua arabica*.)

Messias — Em hebraico *maschiah* ou *maschiachh* (מֶשֶׁיחַ), latim *unctus*, ungido, do v. משָׁחַ, *maschahh*, ungir. He o nome que os Hebreos dão ao Redemptor, que os Profetas tantas vezes lhes anunciarão, e que elles ainda hoje, em vão, e infelizmente, esperão. O verdadeiro *Messias* foi JESU-CHRISTO, nosso Redemptor, e por tal o reconhecem todas as nações christãas. Nelle se verificáro as eminentes qualidades annexas ao seu nome, e a divina uncção, que o mesmo nome exprime, á qual corresponde o grego χριστός, ungido, que nós dizemos *Christo*. (Veja-se *Jesus*.)

Mesura — Significa em geral *medida*; mas o nosso idioma o applica mais ordinariamente ao sentido translato, e dizemos, v. gr., acção *mesurada*, isto he, *compassada*, feita ao justo e com medida, bem considerada, &c., homem *mesurado*, isto he, que em tudo mede bem as circumstancias, as conveniencias, as relações dos objectos: e tambem dizemos *mesura* certa demonstração externa de cortezia. He o hebraico *mesurah* (מִשְׁוֹרָה), *medida*. Malvenda (ao *Levitico*, cap. 19.^º, v. 35.^º), he de parecer que o hebraico *middah* (v. *Medida*) significava

genericamente a *medida* das quantidades continuas, e tambem as *medidas* maiores; e que *mesurah* se entendia das medidas menores, e das quantidades discretas.

Missa—He o nome que damos ao acto, em que se offerece a Deos o augusto Sacrificio da Nova Alliança; á liturgia sagrada da Igreja catholica. Foi em outro tempo objecto de renhida controversia a origem etymologica deste vocabulo: muitos, porém, graves e doutos escritores são de parecer que elle nem he latino, nem grego, mas sim derivado do hebraico *missah* (מִסָּה), que significa em geral *oblação*, e em especial *oblação espontanea*.

Mocadam—Termo asiatico: quer dizer *capitão*, ás vezes *patrão de navio*; entre os Cafres de Ethiopia *mestre da embarcação*. «Em Bengala (diz Barros) *mocadam-olam* significa *capitão do mundo*».

Mogil—Suppõem alguns que esta especie de roupa fôra tomada do uso dos monges, e por isso lhe dão talvez o nome de *mongil*. A sua verdadeira pronunciaçao he *mogil*, e a sua origem o hebraico *megghil* (מְעַיל), especie de roupa de sobre o vestido, usada pelos sacerdotes e profetas, e ainda por algumas pessoas leigas, a qual cobria todo o corpo, era aberta por diante, e não tinha mangas: quasi semelhante á toga dos Romanos, ou ao pallio, ou chlamyde dos Gregos. He exactamente a mesma roupa, a que chamâmos *mogil*, e que ainda na nossa idade vimos usada entre monges, com o proprio feitio e nome. Esta roupa foi usada dos primeiros christãos, que talvez erão motejados de impostores por trajarem á maneira dos filosofos. (Veja-se Bluteau, v. *Mugil*, e no *Suplemento*, v. *Mogi*). No Psalmo 108.^º, v. 29.^º, se traduz o vocabulo hebraico *megghil* por *diploide*; e muitos es-

criptores e interpretes são de parecer, que pelo mesmo *megghil* se diz no Novo Testamento *μάτιον*, isto he, *suprema et extima vestis, quae super alias induitur*, como em S. Matheus, cap. 5.^º, v. 40.^º, aonde referindo o Evangelista, que JESU-CHRISTO, dispondendo-se para lavar os pés a seus discípulos, *depozera suas vestiduras*, usa do vocabulo *ἱμάτια*, isto he, *summas vestes*, as vestiduras externas. Pôde ver-se ácerca deste vocabulo Lansselio, *Commentarios a Baruch*, cap. 5.^º, v. 2.^º, aonde mostra que bem lhe correspondem os vocabulos *toga*, *pallio*, *chlamyde*, *diploide*, &c.

Moleque ou Muleque — Nome que damos aos negros ainda pequenos, e talvez a qualquer rapaz de serviço de pequena idade. He o conguê e anbundo *moleque*, menino, moço, rapaz, e *molécca*, rapariga, moça, menina. (No diccionario destas linguas *adolescens niger*.)

Mono — Vocabulo africano, com que se designa huma especie de bugio, de longa cauda, originario do paiz dos negros (*simia mona*).

Mota — Muro, comaro, ou tapigo de terra, elevado á margem de hum rio, para evitar a inundação e trasbordo das agoas sobre as terras cultivadas: vallo de terra á roda do pé das arvores para as calçar, e para proteger e defender as suas raizes; ou á roda do pomar, campo, quinta ou fazenda, para as defender e munir contra as entradas da gente, ou dos animaes damninhos. He o hebraico *mot* (מָוֵת), *arrimo*, *apoio*, *defesa*, e propriamente cousa que se põe ao pé de outra para a sustentar, defender e proteger.

Mousão, ou como hoje vulgarmente se diz Monção ou Monsão — Tempo proprio para navegar; ventos que

soprão constantes na mesma estação, e em certas paragens, e se aguardão para fazer viagem por mar. Vem do oriental *mousim*, *estaçao propria, tempo opportuno*. Lucena, no liv. 6.^o, cap. 5.^o, diz: «Estas são na India as que tantas vezes chamâmos *monções*, termo proprio da terra, e que igualmente anda já na boca dos nossos Portuguezes, pelo qual entendemos o *vento geral*, com que em certos tempos se navega a certas partes, e não a outras, como he de Goa para o cabo de Comorii, depois de entrado Setembro», &c. Em Moraes, v. *Moução*, se pôde ver a ridícula etimologia que Duarte Nunes inventou, e quiz dar a este vocabulo. Os nossos escriptores antigos dizem a cada passo *moução*, e assim se lê muitas vezes nas primeiras edições. Os Francezes tambem dizem *mousson*. A verdadeira orthografia em portuguez devêra ser *mousão*.

Moxinga ou Muxinga — Curra, açoutes. He o proprio vocabulo conguês e anbundo *muchinga*, ou *michinga*, ou *mussinga*, que significa o mesmo.

Mumia — Corpo embalsamado, de homem, ou de animal, que assim se conserva, talvez por muitos seculos. He vocabulo oriental, formado de *mum*, aroma, porque com aromas se embalsamão e conservão as *mumias*. Do mesmo vocabulo *mum* se compõe *cinna-momo*, do qual diz Couto, que he *pão aromatico*, ou *cheiroso*, da China. Mas este escriptor equivocou-se, supondo que a palavra componente *cinna* queria dizer *China*. No hebraico *kin-namom* (קִנָּמֹן), que he a origem do grego κινάμωμα, e do latim *cinnamomum*, o componente *kinna* he o vocabulo *kanneh* (קִנָּה), que significa *canna*, e *kinna-mom* diz precisamente o mesmo que *canna aromatica* (latim *calamus aromaticus*).

N

Nacivo, que outras vezes se acha escripto Nacivo ou Nassivo — He vocabulo turquesco, segundo Bluteau. Significa o *fado*, ou *destino*, que aquelles povos julgão escripto nos astros para governar as acções dos homens. Os nossos escriptores o usão no mesmo sentido, e ás vezes dizem *andar ao nacivo*, por andar *ao acaso, á toa*, sem destino certo, quasi como conduzido pelo *fado*.

Naco — Vocabulo plebeo: pedaço tirado, ou cortado de alguma peça maior, ou inteira, v. gr., pedaço ou *naco* de pão, *naco* de presunto, &c. Vem do hebraico *nakah* (נקה), cortar, donde *nake* (נקה), tirado, cortado, separado.

Nardo — Aroma que se extrahe de huma planta Indiana do mesmo nome, do genero da lavandula. Em hebreico *nard* (נרד).

Nava — Significa campinas extensas, continuadas, pela maior parte planas, ou com pequenos outeiros, em que ha relvas, pastos, charnecas, algumas povoações, &c. Nós o usámos, falando da celebre batalha das Navas de Tolosa. Commummente se diz que he vocabulo vasconso. Comtudo em hebreico achâmos *navah* (נוה) com a mesma significação.

Nazareno — Epitheto que se dá a JESU-CHRISTO no Novo Testamento, e que se escreveo no titulo da Cruz, não só por elle habitar com seus pais em Nazareth, cidade de Galiléa, e por se cumprirem as antigas profecias «que se chamaria Nazareno» (Evangelho de S. Matheus,

cap. 2.^o, v. 23.^o), mas tambem (como diz S. Jeronymo) por allusão á particular consagração dos Nazarenos, e ao voto e profissão, que fazião de huma vida mais santa, e separada do commun (*Numeros*, cap. 6.^o). Vem do hebraico *nazireh* (נִזְרֵה), do v. *Nazar* (נִזָּר), separar, se-gregar. No principio do estabelecimento da Igreja christã tambem se dava o nome de *nazarenos*, isto he, discipulos de JESUS Nazareno, aos Christãos: e os que havia em Columbo, na ilha de Ceilão, no seculo xiv, e os que os nossos Portuguezes achárao no Malabar em 1503, tambem se appellidavão *natzari*, isto he, *nazarenos*.

Negaça — Pôr, ou armar *negaça*, he pôr, v. gr., huma ave da mesma especie da que queremos caçar, para que com o seu canto a chame, a allicie, e a obrigue a acudir ao reclamo. Analogamente dizemos pôr, armar ou fazer negaça a alguem, quando obrigâmos essa pessoa a vir ao nosso intento, usando para isso de alguma especie de attractivo, engano, ou *chamariz*, que o allicie e o traga ao que pretendemos. He o hebraico *nagasch* (נִגְשָׁךְ), que significa vir, chegar-se, apropinquar-se, e na fórmula *niphal*, *nigasch* (נִגְשַׁךְ), fazer vir, trazer a si, &c.

Norte — A parte da terra correspondente á estrella polar. He o hebraico ou fenicio *n'hor* (נֶאָוֶר), participio da fórmula *niphal* do v. *Hor* (רוֹאֵ), que significa *luminoso*, claro, illuminado, conspicuo; nome que os Fenicios, primeiros navegadores dos mares da Europa, provavelmente derão áquelle astro, ou *luzeiro*, que os guiava em suas navegações.

O

Odiá — Vocabulo asiatico: significa o presente, que se offerece aos Reis e grandes senhores, quando se lhes

vai falar. Em Bengala se diz *adiá*. Os Barbaros do interior de Sofala lhe chamão *curves* ou *curvas*. Os Persas lhe dão o nome de *mocararios*, e os Mouros orientaes lhe chamão *xaguates* ou *çaguates* (Veja-se Couto, Santos, *Ethiopia oriental*, &c., e *Vestigios da lingua arabica*.)

Ola, ou antes **Hola** — Significa propriamente *folha*, e no Oriente se dá este nome á *folha* da palmeira, de que se cobrem as casas na India, e se fazem diferentes obras. Serve tambem de nella se escrever, e por isso dizem, v. gr., *ola de repudio*, como nós dizemos *carta* de repudio, ou *papel* de divida, e chamão *ola* o decreto do Principe, &c. Deste vocabulo oriental veio sem duvida o *folium* dos Latinos. Em hebraico *hholeh* (הַלְּהָ), *folha*, do v. *Hhalah* (הַלְּהָ), *subir ao alto*. (Veja-se *Alar*.)

Orla — Borda que circumda o objecto: especie de guarnição que se põe, ou está em roda delle. V. gr., as armas de Portugal tem em volta do escudo a *orla* dos castellos; a *orla* da moeda he a borda que a cerca; os falcões tem a cabeça pintada, e a pinta he *orlada* de amarello, &c. He o proprio hebraico *hhorlah* (הַרְלָה), que significa o mesmo, e que era por isso o nome que os Hebrewos davão ao prepucio.

Orraca — Veja-se *Jagra*.

Osannas — Veja-se *Hosanna*. (Moraes.)

Oxalá — Interjeição: *queira Deos! praza a Deos!* &c. O douto Sousa, nos *Vestigios da lingua arabica*, a deriva do arabe. Em hebraico porém achâmos *ochhalai* (אֲחַלֵּי), interjeição de quem deseja e supplica, que os Setenta traduzem por ῥφελων (*utinam, vellem, vellim*), e a Vulgata

e outros pelo latim *utinam*, que he a significação exacta do portuguez *oxalá*. Vem da raiz desusada *achhal* (אֲחַל), ou, segundo outros, de *chhalah* (חַלָּה), na forma *piel*, *deprecari*, &c.

P

Pagode—Vocabulo indiano, com que se nomeião os idолос do gentio da India, ás vezes os templos desses idолос, e tambem huma moeda de ouro que lá corre. (Couto, Dec. 4.^a, liv. 6.^o, cap. 6.^o) Court de Gebelin diz que he o indiano *poutgheda*.

Pangaio—Embarcação asiatica, que parece ser a que Damião de Goes chama *pangueiahoa*. Na linguagem da nossa plebe, e na província do Minho, dá-se talvez o nome de *pangaio* a hum rapaz de serviço, que presta para pouco, preguiçoso, negligente, mal amanhado, &c.

Papel—Vocabulo de significação bem conhecida, que em grego se diz πάπυρος, e em latim *papyrus*. Parece ser originario do Egypto, donde he natural a planta assim chamada, em cuja casca preparada se escrevia.

Paraizo—Vocabulo persiano. Os Persas dizem *par-dēs*, ou antes *p'hardēs*, lugar delicioso de arvores, flores, agoas, &c.; em hebraico *p'hardēs* (כֶּדֶס), com a mesma significação. Do persiano, ou hebraico o tomáron os Gregos, accommodando-o ao genio da sua lingua, e formando παράδεισος, a que corresponde em latim *paradisus*, *hortus*, *pomarium*, *tiridarium*; e em portuguez *pomar*, *tergel*, *jardim*, &c.

Paraó—Embarcação usada na India, donde nos veio o nome.

Parasanga — Veja-se *Farsanga*. (*Vestigios da lingua arabica*, v. *Parasanga*.)

Pardão — Moeda da Asia. Bluteau diz que valia 360 réis, e que se cunhava em Goa com a effigie de el-Rei D. Sebastião, e com o valor de 300 réis. Segundo Duarte Barbosa os *pardáos* de Narsinga valião 300 réis, pouco mais ou menos. Oleastro (ao livro dos *Numeros*, cap. 48.^º) parece indicar que os *pardáos* ou se fabricavão, ou corrião em Portugal; porque falando da liga de metaes que entrava nas moedas de alguns reinos da Europa, acrescenta «*apud nos* (Lusitanos) *nullus nummus mixtus est ex diversis metallis, nisi forte pardalli, quos nostri vocant pardáos*». E da *Historia da India*, ms. de Gaspar Correia, consta que esta moeda foi lavrada no reino em tempo de el-Rei D. João III, e mandada para a India nas náos em que foi o Governador D. João de Castro.

Pascoa ou Paschoa — Significa entre nós a solemnidade annual da Resurreição do Senhor, e o tempo em que ella se celebra. He vocabulo de origem hebraica derivado de *p'hesachh* (חֶסֶךְ), *transito, passagem, salto*. Exprimia entre os Hebreos a festa instituida por occasião da sahida do Egypto, e em recordação da *passagem* ou *transito* do anjo exterminador, que dando a morte aos primogenitos dos Egypcios, deixava em salvo (*passando* ou *saltando* a diante) as casas dos Hebreos, marcadas para esse fim com o sangue do cordeiro, que previamente tinha sido immolado: figura prenunciadora da *pascoa* christãa.

Patão — Homem fatuo, simples, tolo, insensato, que tudo crê, e quem quer o engana. Pôde vir do hebraico *p'hatah* (חַתָּה), o que foi enganado, o que foi seduzido; donde *p'heteh*, simples, parvo; *p'heti*, estulticia, fatui-

dade, &c. Daqui julgâmos poder-se tambem derivar o vocabulo *pêta*, isto he, mentira com que se enganão os parvos, dizendo-lhe cousas incriveis, inverosimeis, &c.

Pazar — Veja-se Bazar.

Pecha — Tacha, defeito, vicio. Do hebraico *p'heschahh* (עַשְׁפָּה), prevaricação, transgressão, injustiça, maldade.

Peitar — Em outra parte dizemos que este vocabulo se pôde derivar do grego *πειθω*, seduzir com palavras brandas; trazer alguem com geito ao nosso partido. Alguns porém são de opinião que o proprio vocabulo grego veio do hebraico *p'hetah* (פְּתַח), *aliciar* com palavras lisongeiras, persuadir, seduzir (latim *blandis verbis allucere; blande adducere, inclinare, seducere, suadere*), que são as significações do verbo grego, e tem grande analogia com as do portuguez *peitar*.

Peruca — Cabelleira postiça, que se usa para suprir a falta de cabello, ou para ornato da cabeça. Vem do hebraico *p'herochh* (פֶּרֶךְ), coma, cabelleira penteada e aceada (latim *coma, caesaries compta et curiosius culta*) da raiz *p'herachh*, na forma *paul*, *p'heruchh* (פְּרוּחָה), *cabeça nua, cabeça descoberta*.

Pesego — Fructo bem conhecido: he o *malum persicum* dos Latinos, que tambem ao pessegueiro chamavão *persica* (arbor), por ter vindo originariamente da Persia. Nós de *persicum* fizemos *pêsego*, que muitos ainda dizem *pésigo*, com melhor, aindaque menos usada, pronunciaçao. A sua origem he a mesma do nome *Persia*, que em hebraico se diz *p'hars* (פֵּרֶס).

Peta — Veja-se *Patô*.

Pichel — Vaso, ordinariamente de metal. Pôde vir do hebraico *p'hishel* (פְּשִׁלֵּחַ), vaso lavrado, jarra, concha, qualquer obra de escultura.

Pizar — Esmigalhar; fazer em miudos bocados. Pôde derivar-se do hebraico *p'hizzar* (פְּצִזָּר), romper, quebrar, espalhar, dispersar, &c.

Pombe — Vocabulo usado no reino de Angola, que significa a pessoa que vai ao sertão negociar a compra dos escravos. He proprio do idioma anbundo, e quer dizer mensageiro, internuncio, o que fala por outrem, ou em lugar de outrem, &c.

Q

Queimar — Reduzir a cinzas pelo fogo. Malvenda (ao *Genesis*, cap. 43.^º, v. 30.^º) diz que o hebraico *qamar* (כְּבָרֶת), he o mesmíssimo hespanhol *quemar*, e o latino *cremare* (*est ipsissimum hispanicum quemar, et latinum cremare*). O portuguez não differe do castelhano, senão em adoçar mais a primeira syllaba com o diptongo, dizendo *quei-mar*, em lugar de *quemar*. Tambem se pôde derivar de *chhemah* (חֵמָה), queima, incendio, abrasamento, que os Setenta traduzem por Σέρψην, e a Vulgata e outros por *calor*, e talvez por *sol*, *sic dictus quod omnia calefaciat*, diz Guarin, *Lexicon hebraicum*.

Quezilia, ou como escreve Moraes, **Quegila** — Vocabulo da lingua anbunda, que significa a antipathia que os negros tem com algumas cousas.

Quintal — Mayans o põe entre os derivados do hebraico.

Quitanda — Praça de comprar e vender; lugar em que se compra e vende; lugar do mercado. He o bundo e angolense *quitanda*, que significa o mesmo, e delle formão a voz verbal *cuta-quitanda*, feirar, regatear. (Vejão-se os diccionarios destas linguas.)

R

Rãa — Pequeno animal amphibio bem conhecido, e frequente nos lagos, nas agoas encharcadas, á borda dos rios, &c. O seu nome he huma onomatopeia, e por isso commun a muitas linguas. Nós o trazemos aqui como de origem hebraica, por acharmos neste idioma a sua significação fundamental e primitiva no v. *Ranah* (רָנָה), *sونare*, ou no outro *ranan* (רָנָן), *cantare, exclamare, cantillare*, &c.

Rabbi, Rabbino — Era entre os Hebreos o nome que davão aos mestres da lei. O vulgo chama *rabbinos* a todos os Hebreos. He o hebraico *rabbi* (רָבִי), *mestre; rabboni, meu mestre; de rabb* (רָבּ), *mestre, doutor, magnate, em geral, pessoa principal e notavel.*

Raca — He o proprio vocabulo que se lê no Evangelho de S. Matheus, cap. 5.^o, v. 22.^o, e que nós conservámos na traducção sem mudança «*qui dixerit fratri suo raca reus erit concilio*»; «queim disser a seu irmão *raca* será réo no conselho». Voz chaldaica *raka* (ركا), ou hebraica *rak* (ךְ), que ambas significão tolo, insensato, desmiolado, cabeça óca (*capite vacuo*), &c.

Raça — Quer dizer propriamente o tronco, cepo, cabeça de familia, donde alguém descendere, e tambem se applica aos animaes: homem de boa *raça*, isto he, de

boa familia; de boa geração; de boa gente: cavallo de boa *raça*, isto he; de *boa casta*. Vem do oriental e hebraico *rosh*, ou *rash* (רָשׁ), *cabeça*; o que he *principal*; o que he *anterior* e *superior* a todos; donde o hebraico *raschit* (רָשִׁית), *princípio, origem*. Em outras linguas orientaes achâmos *rash*, *príncipe, cabeça dos grandes*; *raez*, *capitão*; *raiaz*, *governador de província*; *raja*, *príncipe*, &c. (Veja-se Barros, Dec. 4.^a, liv. 4.^º, cap. 16.^º, Couto, Dec. 4.^a, liv. 4.^º, cap. 7.^º, &c.) Veja-se tambem Sousa, *Vestigios da lingua arabica*, v. *Rez*, e Vieira na palavra franceza *race*.

Rafa — Vocabulo plebêo. Diz-se que padece *rafa* quem padece fome, quem carece do necessario para vivver: que anda *rafado*, que traz a bolsa *rafada*, ou que tem *rafa* na bolsa, quem não tem dinheiro: diz-se vestido *rafado* o que he pobre, velho, tozado do muito uso, que indica indigencia, &c. Vem do hebraico *raphah* (רָפָחַ), andar abatido, decahido de animo e de forças, frouxo, debilitado, languento, com mostras de penuria. Bluteau, no *Supplemento*, lhe dá a significação de *fome*, e diz que he palavra da giria.

Rak — Especie de agoardente extrahida do côco, ou do arroz, na India. Os Ingleses o trazião de Malaca, e com elle fazião o *punch*. Em francez e outras linguas se diz *arrak*, e os nossos antigos chamavão *arraka* huma agoardente da Persia, extrahida (diz Bluteau) do excellente vinho de Schiraz. He vocabulo de origem oriental.

Rasgar — Romper, dilacerar, fazer pedaços hum tecido, hum vestido, hum papel, &c. Em outra parte o derivâmos do grego *ραγίω*, que tem a mesma significação. Malvenda porém (a *Jeremias*, cap. 50.^º, v. 34.^º) notou a

analogia do hebreu *rasgar* com o hebreu *ragash* (רָגַשׁ), rasgar, romper, dilacerar. Pôde ser que do hebreu passasse o vocabulo aos Gregos, como sem duvida passaram muitos outros.

Recamar — (*Vestígios da língua árabe.*) He vocabulo hebreu, e muito frequente nas Escripturas Santas, de *rekam* (רְקָם), pintar à agulha, fazer diferentes feitos, talvez de diferentes cores, na teia, com agulha, a que tambem chamâmos bordar, ou broslar.

Récua — Numero de bestas de carga, que caminhão humas apôs outras, conduzidas por hum almoocreve. Malvenda (ao livro 3.^o dos *Reis*, cap. 4.^o, v. 28.^o), explicando a significação do hebreu *rephash* (רֶפֶשׁ), diz assim: «*Si meum utcumque judicium est audiendum, arbitror, consentiente roce, esse id, quod hispanice dicitur réqua, tel regas, nempe longum agmen, seu seriem mulorum, qui merces et commeatus in varia loca transstare solent.*» (Veja-se Bluteau, v. *Récua*.)

Rede — No artigo *Coifa* dissemos que quando a coifa he feita e tecida com aberturas, como malhas de *rede*, se lhe dá este mesmo nome. Neste sentido o vocabulo *rede* pôde vir do hebreu *rededi* (רֵדֶדִי), véo, cobertura tenue, ligeira e rara (latim *velamen*, *velum*, *theristrum*, *peplum subtile*), com que as mulheres cobrem a cabeça; fita, ou faxa de seda, com que se ajuntão, recolhem, e prendem os cabellos. Vem este vocabulo no *Cantico dos Canticos*, cap. 5.^o, v. 7.^o, e dizem os hebraistas que he formado do v. *Rhadad* (רְהָדָד), *dominari, potestatem habere*; por ser a cobertura da cabeça nas mulheres hum sinal da sua sujeição e dependencia.

Regalo — Damos este nome: 1.^o, ao manguito for-

rado de pelles, ou de seda acolchoada, em que as mulhres mimosas mettem as mãos e os braços no inverno, por causa do frio, ou por delicia; 2.º, ao prazer e satisfação, que sentimos quando no vestido, na comida, e em todo o tracto da nossa pessoa gosâmos de alguma cousa mimosa, delicada, deliciosa, e de exquisita curiosidade e gosto; 3.º, ás cousas que nos causão esse prazer. Assim, por exemplo, huma fructa excellente e mui saborosa he hum *regalo*: e nós nos sentimos *regalados*, quando a vemos, cheirâmos, ou comemos, &c. Este vocabulo nos parece derivado do hebraico *reghhaloth* (רְגַהּוֹת), que se lê em *Isaias*, cap. 3.º, aonde desde o v. 18.º até 23.º se nomeião não menos que vinte e huma especies de ornamentos daquelles que compõem o que se chama *mundo das mulheres* (*mundus muliebris*), em que se comprehendem roupas finas e delicadas, vestidos custosos, galantes e louçãos; brincos, braceletes, pulseiras, anneis, joias, leques, cintos, e outros semelhantes atavios, galas e louçainhas. Entre ellas se lê *reghhaloth*, plural feminino, que a *Vulgata* parece haver traduzido por *armillas*. Como porém este vocabulo se não acha em outro algum lugar da *Biblia*, os interpretes e hebraistas desvairão muito sobre a sua verdadeira significação; porque huns o entendem em geral por *veos subtis* e ligeiros, com que se adornão as mulheres; outros por certo ornamento com que cobrião as faces, para evitar os incommodos do frio, do ar, ou do pó; outros por huma especie de toucado enfeitado com fitas pendentes, fios, estrellas, ou lentejoulas de ouro; outros por braceletes, &c. Nós conjecturâmos que d'aqui veio o nosso vocabulo *regalo*, cuja significação se applica a tudo o que he mimoso, delicado, delicioso, gostoso, &c., e ao sentimento de prazer que com isso experimentâmos.

Remate, Rematar — Veja-se *Mate*.

Retama — Voz castelhana, que talvez se acha em algum escriptor portuguez. (Veja-se Bluteau.) Significa a planta, que vulgarmente chamámos *giesta*. Do hebraico *rotham* (רָתָם); que significa o mesmo. Tambem ha vocabulo arabico.

Retezia, Reteziar — São vocabulos frequentes na linguagem da plebe do Minho, e exprimem a especie de contenda que ha entre duas pessoas, que a cada passo estão disputando, com frequente contradicção, encontrando-se em tudo, tendo a miudo reciproca collisão, &c. Pôde derivar-se do hebraico *retzetz* (רַצֵּץ), dar de encontro huma cousa com outra; pugnar, bater-se, querer-se reciprocamente, &c.

Riqueza — Superabundancia de bens da fortuna, de terras, dinheiros, joias, baixellas. Ha o abstracto de *rico*; vocabulo que alguns etymologistas julgão derivado das linguas dos povos barbaros, que invadirão as Hespanhas no principio do seculo v: e com effeito o achâmos, tanto na composição dos nomes proprios ostrogodos, wisigodos, wandalos, &c. *Theodo-rico*, *Amala-rico*, *Ala-rico*, *Rode-rico*, *Hunne-rico*; como na denominação de *rico-homem*, que entre aquelles povos exprimia hum alto gráo de nobreza. Comtudo tambem no hebraico encontrâmos, e ha frequente nos Livros Santos, o vocabulo *reqush* (רְקֻשׁ), que significa substancia, bens, possessões, alfaias, emfim *riquezas*; e delle formarão *raqash* (רְקַשׁ), ter, possuir, adquirir, &c. Malvenda já notou a analogia do hespanhol *riquezas* com o hebraico *requsch*. Em germanico *reich* significa poder, imperio, principado, &c.

Romãa — Fructo bem conhecido, que em arabe e persiano se diz *romman*; em antigo egypcio ou coptico

he-rrman; em hebraico *rimmon*, ou *rommon*. Oleastro (ao cap. 22.^º do *Deuteronomio*), prefere a origem hebraica. Nós o julgámos derivado do hebraico ou púnico; porque o nome de *malum punicum*, que lhe derão os Latinos, parece indicar que esta planta tinha sido introduzida na Europa pelos Carthaginezes.

Roque — Palavra usada nesta especie de proloquio popular «não tem rei, nem roque», he o nome de huma peça do jogo do xadrez, e por consequencia de origem oriental.

Ruflão ou Reflão — Alcoviteiro; homem dado a mulheres, &c. Parece vir do hebraico *rep'hion* (רֶפַיּוֹן), molleza, dissolução, delicias, delicadeza e aseminação mulheril.

Ruibarbo, ou Reubarbo, ou Rheubarbaro, ou Rhabarbaro — Raiz medicinal bem conhecida. Vem do persiano *rhabarbar*, que significa o mesmo. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica*.)

Ruim ou Roim — O que he máo no seu genero, v. gr., ruim caza, ruim genio, ruim homem, ruim gente, &c. He o hebraico *rohhim* (רוּחִים), do v. *Rohhahh* (רוּחָה), ser máo, ser improbo, &c.

S

Sabaoth — He hum dos appellidos (se nos he permitida esta expressão), que damos a Deos, dizendo *senhor Deos de sabaoth*, segundo a frase ecclesiastica «*dominus Deus sabaoth*», que commummente se interpreta «senhor Deos dos exercitos». Vem do hebraico *tzabah*

(צְבָהָר), milicia exercito. Applicando porém a Deos este epitheto, pôde entender-se por *exercitos* a milicia celeste dos anjos; a milicia dos astros; a universalidade ordenada de todas as criaturas do ceo e da terra, &c.; pelo que com grande prudencia advertio S. Jeronymo, que este vocabulo se não devia traduzir em outra alguma lingua, por não alterar a sua significação e energia original.

Sabbado—He entre nós o dia da semana anterior ao domingo: do hebraico *sabbat* (שְׁבָתָת), *cessar*, *descansar*, *repousar*, e tambem *repouso*, *descanço*, *cessação de trabalho*, porque os Hebreos guardavão este dia, segundo a lei, cessando de toda a especie de trabalho. O domingo começou entre os Christãos a substituir o *sabbado*, como dia de cessação dos trabalhos servis, e especialmente dedicado ao culto de Deos, logo desde o tempo dos Apostolos, e Constantino Magno o mandou guardar em todo o imperio por edicto geral do anno 321 da era christãa.

Sabugo—A medulla do corno do boi, do cabo das bestas; a parte da espiga do milho em que o grão está embebido, &c. (Veja-se Moraes.) Parece vir do hebraico *sabuq* (סַבּוֹק), o que he ou está envolvido, implicado, intrincado: do v. *Sabaq* (סַבּק), envolver.

Sacar—Este vocabulo, tão usado na linguagem mercantil, em que se diz *sacar* fazendas, *sacar* mercadorias, *sacar* letras, &c., parece ser o proprio hebraico *sachhar* (סַחֲרָר), negociar, traficar, feirar, fazer giro de negocio, girar por diferentes partes, feirando, traficando, negoziando. A significação mais restricta, que Moraes lhe dá, de *tirar*, *exportar fazendas para fóra do reino*, parece secundaria, e certamente não he applicavel, v. gr., ás letras de cambio, que nem sempre se *sacão para fóra*.

do reino; mas sim se negoceão, girão, &c. A expressão figurada do padre Vieira, que *as mentiras tem muita saca nas grandes cidades*, quer dizer que girão muito, e por muitas mãos; que tem grande gasto e saída; que muitos as vendem, e com elas negoceão, &c. (Veja-se Moraes, v. *Saca*; e *Vestigios da lingua arabica*, nas palavras *Saca* e *Açougue*.)

Sacco — Tem-se notado a generalidade com que esta voz foi adoptada em muitos idiomas, e em todos com a mesma significação. Os Hebreos dizem *sak* (שׁ); os Gregos σάκκος; os Latinos *soccus*; os Bretões *sach*; os Allemães *sak*; os Francezes *sac*, &c. Esta generalidade e uniformidade parece indicar voz original e primitiva.

Safira — Pedra preciosa mui conhecida. Do hebraico *sap'hir* (סְפִיר), cousa bella, formosa, donde veio o grego σάπφειρος, e o latim *sapphirus*.

Saguão — Veja-se *Xaguão*.

Sala — Ha nas nossas caças, principalmente nas maiores, e nos palacios, varias divisões, algumas das quaes, mais espaçosas, e ordinariamente mais bem adereçadas, se chamão *salas*: *sala* de espera, aonde estão os hóspedes até que sejam conduzidos ao interior; *sala* de visitas; *sala* de lavor; *sala* de banquete; *sala* de orchestra, &c. Bluteau deriva este vocabulo do hebraico *sala*, que significa (diz elle) *descançar*. Acaso teve em vista o hebraico *salah* (שָׁלָה), que muitos interpretão *pausa*, *intervallo*, *descanço*. Esta voz acha-se em alguns psalmos, como fôrâ do texto, e julga-se ser sinal de descansar a voz; de fazer pausa na musica, quasi como na nossa musica as chamadas *pausas*, ou certos caracteres, que as designão. Outros derivão *sala* da lingua celtica, e outros

do germanico *saul*. (Veja-se tambem Vieira na palavra italiana *sala*.)

Salchicha — Veja-se *Chicha*.

Sanefa, ou antes **Çanefa** — Faxa, ou peça atraresada no alto do cortinado. He o hebraico *tzanip'h* (צַנֵּיָה), ornamento da cabeça; especie de fita, faxa, ou diadema, com que alguns antigos Reis adornavam a cabeça: e tambem faxa, com que cingião a cabeça os Summos Pontifices do povo hebreo.

Sanha — Ira violenta; ira com grande indignação, &c. Vem do hebraico *sanah* (שָׁנָה), ira inveterada, odio, rancor; do v. *Sana* (שָׁנָה), ter odio, perseguir afincadamente com raiva, donde *sanu* (שָׁנָעַ), o que está com odio contra alguém, sanhudo, &c. De sanha formámos *sanhudo*, *asanhado*, *asanhar-se*, &c.

Sapo — Reptil muito conhecido. Vem do hebraico *tzab* (צָבָה), que significa *bufo*, *rubeta*, em portuguez *sapo*. Já Malvenda notou a consonancia dos dous vocabulos, e parecec ter-se inclinado a adoptar a nossa derivação.

Sarrafaçal — Damos este nome a hum ruim official de cortar, sarjar, serrar, &c. Tambem usámos dos verbos *sarrafar* e *sarrafaçar*, e chamámos *sarrafo* a hum pedaço de taboa, cortado, ou serrado della. Vem do hebraico *sarrap'h* (סַרְפָּה), que propriamente significa *queimar*, e se toma por tudo o que causa ardor e inflamação, pelo que se entende algumas vezes da febre, do carbunculo, da peste, do ferro da seta, do carvão acceso, &c.

Satanaz — O anjo reprobo, principe dos anjos maos,

e inimigo dos homens. He o hebraico *satan* (שָׁטָן), adversario, accusador, insidiador; do v. *Satan*, adversari, donde o grego formou σατάν, o principe dos anjos máos. Em outras linguas orientaes se acha com significações analogas. Diogo do Couto, Dec. 5.^a, liv. 6.^º, cap. 3.^º, diz que *diagal* e *saitan* erão nomes que o gentio da India dava aos anjos da terceira ordem, *executores dos castigos de Deos*. Plutarcho refere que os Egypcios davão a Typhon o appellido de *seth*, isto he, *inimigo*. Volney, na *Viagem da Syria*, diz que ainda hoje alguns povos daquellas regiões honrão o *chaitan*, ou *satan*, isto he, o *genio inimigo e adversario*, &c.

Satrapa — Vocabulo persiano: quer dizer *grande senhor, governador de provicia*, &c.

Semana — Periodo de sete dias, em que dividimos o tempo. Vem do hebraico *zeman* (זְמָן), tempo certo; tempo determinado; tempo prefixo. Malvenda (ao liv. 4.^º de *Esdras*, cap. 10.^º, v. 14.^º), falando do verbo hebraico *zaman*, e do seu derivado *zeman*, diz que d'ahi vem o castelhano *semana*. «*Nos* (são as suas palavras) *voce consona, septimanam, et vocabulo hispanico, ab hebraeis ducto, semana significare arbitramur*». Alguns quizerão trazer *semana* do latim *septem mane*: mas nem esta frase he latina, nem com ella se explica o que he *semana*: nem os Romanos ou Gregos usárão a divisão do tempo em semanas senão depois que abraçárão o Christianismo. Assim o nome *semana* he indubitavelmente hebraico, bem como o periodo por elle significado.

Senzala — Lugar, ou caza, em que habitão os negros: em conguez e angolense *senzala*, morada.

Serafim — Anjo da primeira ordem, da primeira je-

rarquia. He o hebraico *shera'p'him* (שְׁרָפִים), que literalmente significa *igniti, candentes, isto he, abrazados,* do v. *Sherap'h* (שְׁרָף), *accender, abrazar.*

Siclo — Moeda e peso hebraico: em hebraico *schikl* (שְׁקֵל). Delle diz S. Jeronymo: «*Siclus autem, id est, stater, habet drachmas quatuor; drachmae autem octo latinam unciam faciunt*»; por onde se vê que o *siculo* equivale a meia onça latina.

Soffete — Lê-se este vocabulo na nossa historia antiga, quando se fala da republica de Carthago, e dos magistrados, que com aquelle nome a governavão. He o fenicio e hebraico *shop'hetim* (שׁוֹפְטִים), plural de *schop'het*, nome que se dava aos Juizes de Israel, especie de magistrados supremos, que tinhão alguma semelhança com os *Archontas* da Grecia, ou com os *Dictadores* dos Romanos: *shop'het* (שׁוֹפֵט), prefeito, governador, curador dos negocios publicos, juiz; de *shap'hat*, julgar. Pôde conjecturar-se que aos *Soffetes* Carthaginezes serião semelhantes em auctoridade e poder alguns celebres capitães Lusitanos, que antes dos Romanos, e no tempo delles governarão a nossa gente, como, por exemplo, o primeiro Viriato, a quem Silio Italico chama *regnator Iberae magnanimus terrae*; o segundo Viriato, caracterisado por Lucio Floro como o Romulo da Hespanha, e outros.

Somitigo, ou Somitico, ou Somitego — Veja-se Moraes. Este vocabulo parece ter hoje quasi perdido a sua primeira significação, para tomar outra menos torpe e infame, entendendo-se do homem sordidamente avarento, misero, cainho, &c. A voz *somitigo* he corrupção de *sodomítico*, e este he tomado do hebraico *sedhom* ou *sedhomah* (סְדֻמָה) ou סְדֻמָּה, nome da cidade de So-

doma, bem conhecida na historia do Antigo Testamento, Genesis, cap. 19.^º

Sophá ou Sofá — Leito de repouso; especie de estrado, algum tanto elevado, e coberto de hum tapete. He vocabulo turquesco, do oriental *sophah, estrado, banco, &c.*

Sophi — Titulo de dignidade dos Reis da Persia, quasi como o Faraó dos Egpcios; o Sultão dos Turcos; o Cesar dos Romanos, &c.

Sova — Vocabulo frequente na historia do Congo, Angola, &c.: quer dizer *governador de provicia*, nome que se dá aos senhores ou governadores de hum certo territorio, quasi como os nossos antigos senhores de terras. O vocabulo quer dizer nas linguas daquelle povos *senhor, cabeça do povo, &c.*

Sultão — Nome que os Turcos dão aos seus Soberanos. Dizem alguns que he voz chaldaica, mas de origem hebraica, e o derivão de *shalef* (שָׁלֵף), o que tem poder; o magistrado; presidente, regedor, donde vem *shaltan*, ou *shalton* (שָׁלְטֹן) ou (שָׁלְטוֹן), o que he primeiro entre todos; o que a todos prefere em auctoridade e poder; o que tem dominio e senhorio.

T

Tacanho — Illiberal, misero, acanhado em dar e gastar. Duarte Nunes e Mayans o julgão derivado do hebreico.

Taça — Pequeno vaso por onde se bebe vinho, chá,

caldo, &c. O douto Sousa, nos *Vestigios da lingua arabea*, o deriva do arabe. Vieira diz que he o arabe, persiano e turquesco *tas, poculum, scyphus*.

Talabarte — Veja-se *Talim*.

Talim — Especie de banda, que pende do hombro direito para o lado esquerdo, e ahí sustenta a espada, o bacamarte, &c. He o proprio hebraico *thali* (תַּלִּי), que os interpretes da Escriptura Sagrada, seguindo a versão dos Setenta, e a de S. Jeronymo, traduzem por *pharetra*; do v. *Thalah* (תְּלָהָה), suspender, estar pendente. Malvenda (ao *Genesis*, cap. 27.^º, v. 3.^º), diz: «*Suspicio mihi est, ne, consentiente voce, sit illud, quod hispanice dicimus taheli, nempe cingulum seu balteus, aureis aut argenteis bullis ornatus, quem transversum ab humero in latus milites, vel venatores, aut qui se fortes jactant, deferre solent. Sic dicitur a talah, suspendere, quia ex eo gladii, enses, et alia arma suspensa, et nunc sclopetos minores, seu pistolas deferunt*». Em outro tempo se chamava *talabarte*; depois se fez alguma diferença entre *talabarte* e *talim*, ambos derivados da mesma origem. (Veja-se Bluteau.) Ainda ha hum seculo, entre os povos do Malabar, costumavão as noivas trazer ao pescoço huma medalha de ouro, pendente de hum cordão de cento e oito fios, tingidos de côr de açafrão, com a imagem do idolo, que presidia ás nupcias, e a esta medalha davão o nome de *taly*, que he o mesmo que *pendente*. Era este hum dos ritos gentilicos, que alguns missionarios julgavão indiferentes, e que a Sé Apostolica muitas vezes severamente prohibio aos Christãos neofitos.

Talingar — Prender de modo que fique pendente, v. gr., a amarra no argolão da ancora, o harpeo no élo, ou fuzil da cadeia de ferro, &c. Fernão Mendes, *Peregrinação*

nações, cap. 36.^º: «Dous harpeos talingados em duas cadeias de ferro», isto he, presos a ellas, *pendentes* delas. Em francez *étinguer* he termo de marinha; *étinguer les cables* he *amarrar os cabos ao argolão da ancora*, &c. He vocabulo da mesma origem do antecedente. (Veja-se *Talim*.)

Talisman — Caracter, figura, ou imagem gravada, ou formada de metal, com certa correspondencia aos signos celestes, á qual supersticiosamente se attribue alguma virtude. Della usão os magos, feiticeiros, benze-deiros, e outros semelhantes impostores. He a voz persiana, ou antes arabe *talsman* (תַּלְסָמָן), que em grego se diz τέλεσμα; em latim *astralis imago*; em francez *image constellée*, &c. (Guarin, *Lexicon hebraicum*.)

Talmud — Hebraico *talmud* (תַּלְמֹד), especie de pandecta judaica, em que se contém as doutrinas, ceremonias e tradições dos Judeos, e especialmente as suas leis e direitos sagrados, moraes e civis. D'aqui vem *talmudista*, o que segue estas doutrinas e leis, e as aprende ou nellas he instruido. Raiz *lamad* (לִמֶד), aprender, e na conjugação *piel*, ensinar, instruir.

Tamara — Fructo da palmeira. Do hebraico *thamar* (תַּמָּר), palmeira e palma. «*Thamar* (diz Malvenda, *Genesis*, cap. 14.^º, v. 7.^º), *palmam significare notum est, Lusitani dactylos tamaras vocant*». A grande cidade fundada por Salomão, chamada pelos antigos *Thadmor*, ou *Thamor*, e que alguns suppõem ser a que os Gregos chamáram *Palmyra*, tomou o nome das palmeiras, que havia em grande copia no seu territorio. Por huma razão semelhante conjecturâmos nós que os Fenicios, ou Hebrewos, ou Arabes das Hespanhas, derão ao territorio de Murcia o nome de *Thadmir*, querendo por elle indicar

a copia de palmas, de que tambem he fertil aquella região. « *Urbs Murcia* (diz o geografo nubiense), est metropolis terrae Tadmir, sitaque est in planicie, secus flumen Alabiadk, quod et eam interfluit, ponte cimbis fabrefacto aditum in illam praebente», &c.

Tambaque — Metal como cobre mui fino, que vem da China, e de lá trouxe o nome. (Veja-se Bluteau, v. *Tambaca*.)

Tanga — Panno com que os negros cobrem o corpo, ou parte delle; especie de capa, ou manteo. Nas linguas do Congo e Angola *ntanga*.

Tanga — Moeda que corria na India: voz persiana. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica*.)

Tapeçaria — Voz persiana. (*Vestigios da lingua arabica*.)

Tapete — Voz persiana. (*Vestigios da lingua arabica*.)

Targum (em Bluteau *Targo* ou *Targho*) — He a própria voz chaldaica *tharghum* (תָּרְגּוּם), exposição, interpretação. Dá-se este nome ás paraphrases chaldaias da Escriptura Sagrada, bem conhecidas das pessoas dadas aos estudos bíblicos.

Tarrafa — Especie de rede de pescar, que parece ser a que vulgarmente chamámos *chumbeira*. Do hebraico *tarap'h* (תַּרְפֵּחַ), apprehender puxando; trazer a si por força; tirar a si com gancho, &c.; donde *terep'h* (תֶּרֶפֵּחַ), presa tomada na caça (latim *captura ferarum, venatio*).

Teliz — Voz persiana. (*Vestigios da lingua arabica.*)

Tercena ou Terecena — D. Francisco Manoel, na *Epanafora Amorosa*, falando deste vocabulo e sua significação, diz assim: «*Darsena* e *arsenal* chamão os Venezianos o seu famoso *almazem de galés*, dñnde se fabricão e guardão, a que nós dizemos *tercena*; *taraçana* e *ataraçana* os Hespanhoes. He nome celebre, a quem muitos tem por voz persiana, e dos Persas diffundida aos Arabes; porque *ters* em idioma persico significa navio, e *kane* caza, como se dissessemos *caza de navio*. Outros querem que seja nome arabico, quasi *obrador*, ou *caza de trabalho*, deduzindo-se da raiz *darsenâa*; e alguns dizem que hebreo, dizendo *darasinâa*, que tudo differe pouco: cujas memorias trazemos porque se veja com quanta erudição aquelle sabio principe (o Infante D. Henrique) pox o nome á sua villa *Terçana naval*, ou *Terça naval*. Até aqui D. Francisco Manoel; por onde se vê que o vocabulo *tercena* tem origem nas linguas orientaes. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica*, v. *Tarecena*; e Vieira, v. *Terecena*.)

Tesoura — Instrumento de cortar, bem conhecida, He o hebraico *tzor* (צָר), que significa pedra com fio mui agudo, de que os antigos Hebreos e outros povos se servião para cortar; e tambem fio, ou gume talhante da espada, faca, ou cutello, &c. (Veja-se *Exodo*, cap. 4.^º, v. 25.^º) Parece que os Hebreos usavão especialmente da pedra afiada (*tzor*) na operação da circumcisão, e ainda hoje os Falassas (Judeos) da Abyssinia usão de huma lasca de pedra, ou de huma pederneira muito afiada para fazerem a mesma operação.

Texugo — Animal conhecido. Oleastro (*Exodo*, cap. 25.^º), explicando a voz hebraica *thechhassim* (תְּחַשִּׁים)

parece conjecturar que della veio o portuguez *texugo*, latim *taxus*.

Tiara—Especie de mitra, ornamento da cabeça, insignia hoje propria do Papa, e antigamente usada dos Reis. He vocabulo persiano.

Til—Nota ortografica mui conhecida e frequente no nosso abecedario e escriptura. A sua pequenez faz que se tome algumas vezes em sentido figurado por cousa tenua, minima, miudissima, &c. He o proprio vocabulo hebraico *til* (תִּיל), ponto, pequena linha, cousa tenue, miuda, subtil. D'aqui formámos *atil-ar*, apurar, aperfeiçoar com miudeza; *atilado*, pontual, exacto até nas coussas miudas; aprimorado; que não falta nem a hum *til* de seus deveres, &c.

Tina—Vasilha, como dorna, feita de leivas e arcos, com fundo, aberta por cima, que serve de guardar fructos; ou tambem vasilha de madeira, ou de metal, do mesmo feitio, talvez mais comprida que larga, de tomar banho. Pôde derivar-se do hebraico *tena* (תְּנֵה), *canastro*, *cesta*, *seira*, *talha*, &c.

Tôa—Dizemos andar á *tôa*, fazer algum negocio á *tôa*, isto he, sem plano, sem regra, sem designio certo, sem governo, ao acaso: levar o navio á *tôa*, ou dar *tôa* ao navio, he conduzil-o, quando elle por si não tem governo. He o hebraico *thohhah* (תָּהַהָּ), andar vagando *ao acaso*, andar *sem governo*.

Tocar—Mover, tocar na alma, excitar affectos. Vem do hebraico *thaken* (תָּקַח), que significa o mesmo. Alguns o trazem do gothic *teken*, que tem identica significação, e que provavelmente veio do hebraico ou oriental.

Toninha, Toninho ou Tonnina — Peixe frequente nas nossas costas. Malvenda (*Genesis*, cap. 1.^o, v. 21.^o), diz que do hebraico *thanninim* (תְּנִינִים), ou *tannim* (תָּנִים) (cetus), peixe grande, monstro marinho, vierão os vocabulos *atum* e *tonnina*, que se conservão no castelhano e portuguez. Parece provavel que nos viessem dos Fenicios ou Carthaginezes. (Veja-se *Atum*.)

Tóro — O tronco da arvore, direito, limpo dos ramos e da rama: analogamente o corpo humano, destroncados ou decepados os membros, e tambem huma porção do tronco da arvore, quando esta se parte em dous, tres ou mais *tóros*. Parece vir do hebraico *thoron* (תַּרְוֹן), que significa a *arvore da náo*.

Toronja — Arvore e fructa de especie media entre o limão e a laranja, maior e mais carnuda. Pôde derivar-se do hebraico *athrogh* (אַתְּרוֹג), que no *Talmud Jerosolomit.* se diz *theronghia* (תְּרוֹנְגִיָּה), segundo a observação de Perez Bayer, de *Num. hebreo Samaritanis*. Vieira diz: «Toronja, ab arab. *turunj*, *malum medicum*».

Toura — He o hebraico *thorah* (תּוֹרָה), instrucçao, doutrina, estatuto, lei; nome que os Judeos davão ao *Pentatheuco*, isto he, aos cinco livros da lei: e como, quando erão tolerados em Portugal, davão juramentos em juizo sobre a sua lei, dizião, que juravão sobre a *thorah*, donde veio dizerem os nossos corruptamente *toura*, perdendo talvez de vista a origem e significação do vocabulo. (Veja-se Moraes, vv. *Toura, Tourinhas, Guinolas*.)

Tozar — Cortar o vello aos animaes lanigeros. Vem, ao que parece, do hebraico *tzon* (צְזֹן), *ovelha, cabra*, em geral qualquer animal dos que os Latinos exprimão

pelo nome *commum pecus*. Da mesma origem vem *tôzão*, o vello desses animaes.

Tufão — Diogo do Couto, Dec. 5.^a, liv. 8.^o, cap. 12.^o, descreve o *tufão*, e indica a origem do nome, dizendo: «Este junco, indo demandar o porto do Chincheo, deohe hum tempo muito grosso, a que os naturaes chamão *tufão*, que he tão soberbo e feroz, e faz tantas bravuras e terremotos, que parece que todos os espiritos infernaes andão revolvendo as ondas e os mares». E Fernão Mendes Pinto, *Peregrinações*, cap. 50.^o, tendo descripto huma destas tormentas, conclue: «a qual tormenta os Chins chamão *tufão*». Veja-se tambem o *Tractado das cousas da China*, de Frei Gaspar da Cruz, cap. 29.^o Por onde parece que este vocabulo veio do Oriente. Os Arabes dizem *tufan*. (*Vestigios da lingua arabica*); os Gregos τυφῶν; os Latinos *typhon*, &c., todos com a mesma significação, e todos do oriental *typhon*, vento impetuoso e ardente, &c.

Tulipa — Flor formosa, vulgar nos jardins. Diz Bluteau que veio da Turquia, e que tem o nome de *tulipa* por se parecer na figura com os bonetes esclavonios, que os Turcos chamão *tulipant*, ou *tulipen*. Sousa, *Vestigios da lingua arabica*, diz que he a voz persiana *tolipan*.

Turbante — Vocabulo persiano e turquesco: faxa de linho, lã, ou seda, que os Turcos trazem á roda da cabeça, e que talvez com suas diferentes cores indica a seita musulmãa de quem a traz. Segundo Vieira he o persiano *toruan* ou *dolband*.

Turcimão — Assim se lê no *Itinerario* de Frei Pantaleão o mesmo vocabulo, que Moraes traz em seis diferentes artigos, segundo as variedades com que se acha

scripto. Sousa, nos *Vestigios da lingua arabica*, escreve *turgeman*. Hoje se diz *drogman* ou *dragoman*, do veneziano *dragomano*. Os Arabes dizem *terdjeman*; os Egypcios *tergoman*; os Francezes *truchement*, &c. Significa *interprete* ou *lingua*. A sua origem he o chaldaico *targum*, interpretação. (Veja-se esta voz acima.) Parece que deveríamos escrever e pronunciar *targumão*.

V

Varanda — Dizem alguns que he vocabulo asiatico.

Vóda — Veja-se *Bóda*.

X

Xacóco — Dizemos que fala *xacóco* o que fala huma linguagem corrupta, quasi inintelligivel, misturando palavras barbaras, ou de diferentes linguas, mal pronunciadas, &c. He vocabulo que tomámos do conguez e bundo *xacóco*, que entre elles quer dizer *linguareiro*, *palrador*.

Xadrez — Jogo, em outro tempo mui usado, cuja origem he oriental, e segundo opinião de alguns, propria da Persia, donde passou aos Arabes. Deriva o seu nome do vocabulo *Shah*, ou *Xa*, que na lingua persiana significa *Rei*, pelo que se pode chamar jogo real, ou jogo dos Reis. O nosso grande Rei D. João II era apaixonado delle, e com elle frequentemente se entretinha, como refere Garcia de Rezende, seu criado. Os nossos antigos dizião *enxadrez*. (Veja-se Sousa, *Vestigios da lingua arabica*, e Vieira, v. *Xadrez*.)

Xaguão — Pateo descoberto no meio das cazas, aonde cahem com grande soido e estrepito as agoas dos telhados. He o hebraico *schahon*, ou antes *schawon* (שָׁחֹן), cisterna, ou lugar, aonde vāo ajuntar-se muitas agoas, cahindo com estrepito. Alguns interpretes o explicão literalmente por *cisterna sonitus*; outros por *lacus tumultuosus*, e o antigo auctor da versão hespanhola da Biblia por *algibe sonoro*. (Veja-se *Algibe*.)

Xale — Veja-se *Chale*.

Xa-Mate — Voz do jogo do xadrez. (Veja-se *Mate*.)

Xaque — Voz do jogo do xadrez, para avisar quando o Rei está ferido de alguma peça, e evitar que se lhe dê o *mate*, ou *xa-mate*, com que se perde o jogo. (Veja-se Moraes, v. *Xaque*.)

Xarão — Verniz usado na China e Japão, donde trouxemos o nome.

Xerafim — Moeda da Asia, ainda hoje usada. Em Ormuz era de ouro, e valia 300 réis, pouco mais ou menos, segundo Duarte Barbosa.

Z

Zagaia — Veja-se *Azagaia*.

Zaino — Moraes define este vocabulo «*cavallo zaino, castanho escuro, sem mescla*». Na provincia do Minho he frequente dar o nome de *zaino* ao homem infiel ao seu amigo, que o lisonjeia em presença, e o atraíçoá na ausencia; ao homem doloso, que não tracta o negocio com

lizura, &c. Diz Bluteau com Covarrubias que he vocabulo trazido da lingua hebraica, alludindo acaso ao hebraico *zannahh* (זָנָה), repellir, lançar de si com força, rejeitar com aversão, &c.

Zanaga — Damos este nome aos que mettem hum olho por outro; aos que voltão hum dos olhos para a parte contraria ao natural. Moraes diz que he o vesgo, torto, zarolho. Vem do hebraico *zannahh* (זָנָה), que significa, como acabámos de dizer no precedente artigo, *repellir, lançar de si, rejeitar para a parte opposta, apartar-se com violencia, &c.*

Zanga — Aversão, antipathia, grima. Em outro lugar dissemos que se podia derivar do germanico *zanchen*, contender, rixar, debater. Em hebraico porém achâmos *zagham* (זָגַח), ter aversão, ter em desprezo, tractar com raiva, mostrar indignação e ira, e tambem, como nome, detestação, indignação, &c. Hum erudito portuguez o põe entre os vocabulos de origem africana.

Zarguncho — Pequena lança de arremesso, usada dos Cafres africanos.

Zeimão — Vocabulo, com que a plebe da provincia do Minho denomina, como por desprezo, hum homem sem prestimo, desamanhado, indigno, incapaz de cousa boa, do qual dizem que he hum *zeimão*. Pôde vir do hebraico *zamam* (זָמָם), homem máo, facinoroso, scelerado, de *zimah* (זִמָה), maldade, velhacaria, &c.

Ziguezague — Commummente se dá este nome a hum caminhó, que não vai de hum ponto a outro *via recta*, mas fazendo voltas, em diferentes, e talvez opostas direcções, a fim de chegar ao termo com menos

fadiga ou risco. Assim, v. gr., para subirmos ao alto de huma montanha aspera e ingreme, não tomâmos o caminho direito, mas fazemos giros, voltas tortuosas, torcicollos, *ziguezagues*, de maneira que gastando talvez mais algum tempo, ganhâmos pouco a pouco a altura com menos trabalho e cansaço. De hum rio, que faz caminho retorcido em diferentes voltas, parecendo ás vezes que vai em direcção opposta ao seu curso natural, e tornando depois a tomar-l-o, dizemos que vai fazendo *ziguezagues*, &c. He o proprio hebraico *sighsaqh* (שַׁׁקְּשָׁׁקְּ), que exprime mistura confusa de diferentes cousas implicadas entre si, talvez contrarias humas a outras, vindas de diferentes partes, e com direcções diferentes, mas que por fim vão terminar, ajuntar-se, e parar no mesmo ponto. Duas vezes sómente se acha este vocabulo nos Livros Santos, em *Isaias*, cap. 9.^º, v. 11.^º, e cap. 19.^º, v. 2.^º

Zimbo — Veja-se *Gimbo*.

Zinas — Este vocabulo, que não vem em Moraes, he frequentissimo na provincia do Minho, aonde se diz *estamos nas zinas do inverno*, estamos *nas zinas do verão*, isto he, nos mais penetrantes frios do inverno, ou nos mais ardentes calores do verão. Parece vir do hebraico *tzinnah* (צִנָּה), grande frio; frio de gelar; rigor do frio, e em geral tudo o que punge e penetra; tudo o que he agudo, pungente, penetrante. Em germanico *zinne* exprime a parte mais elevada de hum edificio.

Zoina — Nome vil, que as mulheres da mais baixa relé dão frequentemente, na provincia do Minho, a outras taes, quando contendem entre si, querendo chamar-lhes *más mulheres, mal procedidas*, &c. He o hebraico *zonnah* (זֹנָה), taberneira; e tambem mulher mal procedida, meretriz (*scortum, et vile prostibulum*; *Levitico*,

cap. 24.^º, v. 7.^º), nome que no livro de *Josué*, cap. 2.^º, v. 1.^º, se dá a Raab, em cuja caza pousarão os exploradores mandados por Josué, e que os commentadores interpretão *meretrix, scortum:* do v. *Zun*, ou *Zannah* (צָנָה ou צָנָה), que significa prostituir-se por dinheiro (latim *prostare lasciviendi gratia; prostituere se mercede causa; mereri corpore, &c.*).

APPENDIX

NOTÃO-SE ALGUNS HEBRAISMOS QUE SE CONSERVÃO
NO IDIOMA PORTUGUEZ

São hebraismos as seguintes frases:

Andar com todos os ventos.

Ter o coração ao pé da boca.

Doce como o favo de mel.

Lançar mão do alheio, por furtar.

Lançar para trás das costas, isto he, desprezar, ter em pouco, ter por cousa vil.

Metter mão á empreza, ao negocio, isto he, começar-o.

Metter a mão em algum negocio, isto he, entrar nelle.

Roubar o coração a alguém, isto he, ganhar-lhe a vontade, os afectos.

Falar ao coração a alguém, isto he, dizer-lhe cousas agradaveis, conformes á sua vontade; demover-lhe os afectos maviosos.

Tem máo olho, isto he, tem máo carácter; tem mostras de máo homem.

Viver á sombra de alguém, isto he, debaixo da sua protecção.

Homem de nome, isto he, de fama, de grande reputação.

Andar com Deos, isto he, succeder-lhe tudo bem.

Cahir-lhe em sorte, isto he, acontecer-lhe.

Não lhe perdoa nem nesta vida, nem na outra.

Não se desviou nem para a direita, nem para a esquerda.

O homem põe, e Deos dispõe.

Pôr os olhos em alguém, isto he, favorecel-o, protegel-o.

Estimar huma cousa como as meninas dos olhos.

Olho de agoa, por nascente, ou golpe de agoa, que rebenta por alguma abertura da terra.

Alma por pessoa: v. gr., esta provincia tem tantas mil almas.

Fulano fala com fulana, isto he, tem tracto illicito com ella; andão de amores.

Andou dias e dias nesta porfia.

Tormenta do diabo, isto he, muito grande.

He muito muito rico; muito muito sabio, &c. Estes superlativos são de genio hebraico.

Mijar de medo, ou *mijar-se de medo*.

Olha: *faze o que te digo*. O verbo *olhar*, que nesta e n'outras semelhantes frases parece ocioso, he hebraismo.

He tambem hebraismo a repetição de hum nome ou verbo para significar multidão, demasia, ou excesso: v. gr., veio gente, gente, gente; comeo, comeo, comeo, até que rebentou; os avarentos tudo he *adquirir, adquirir*, sem attentarem aos meios, &c.

Huma preposição antes de outra, que rege hum nome, v. gr., a porta *de sobre o muro*; andou *em derredor* da caza; sabio *de debaixo* das ruinas, he uso hebraico.

Esta frase *que estas a olhar?* falando a homens ociosos, ou preguiçosos no trabalho, he hebraismo.

Levantar a mão contra alguém, he frase hebraica.

O optativo suprido por huma interrogação parece do uso hebraico: v. gr., *quem me dera ver-te, quem me dera poder-me explicar?* por oxalá que eu podesse ver-te, que eu podesse explicar-me!

Quando alguém nos pergunta, v. gr., *para onde vamos*, e lhe não queremos responder a verdade, dizemos *vou para onde vou*, ou *vou para onde devo hir*, ou *vou não sei para onde*. Estes modos de falar são hebraicos.

A lingua hebraica ajunta ás vezes á frase hum dativo emfatico, que parece superfluo. Assim, por exemplo, no Psalmo 118.^º, v. 79.^º: «*Convertantur mihi timentes te*», aonde o *mihi* parece redundante. Nós dizemos analogamente *não sei que te faça neste caso, elle se estava no seu palacio muito descansado, os peixes lá se vivem nos seus mares*, &c. (Veja-se Moraes, v. *Intransitivo*.) Malvenda diz que são *hebraismos e hispanismos*; e Marianna, refutando os que pretendem achar na frase hebraica algum mysterio, ou subtileza, chama-lhe *mudos loquendi, hebraeis usitatus, sine alio mysterio*.

Quando os Hebreos querem gabar a nobreza de alguem, dizem que he *ben-isch* (בָּנִי־אֲישׁ), *filho de barão*, como nós dizemos *filho de algo*, e hoje *fidalgo*: aos homens de baixa sorte chamão-lhe *bene-adam* (בָּנִי־אַדְמָן), *filho de adam, filho de homem*. JESU-CHRISTO se denomina a si mesmo, neste sentido, *filho do homem. Filius Adam* (dizem os interpretes), *id est, filius hominis plebei, vilis, et abjecti: filius Isch, id est, filius Viri nobilis, fortis, strenui.*

A lingua hebraica não tem a forma neutra, e usa da feminina em lugar della: v. gr., no Psalmo 26.^º, v. 4.^º: «*Unam petii a Domino, hanc requiram*». E no Psalmo 118.^º, v. 56.^º: «*Haec facta est mihi*». Nós tambem dizemos *esta me aconteceu, para esta não estava eu preparado, por esta não podia eu esperar*, &c.

Estas frases tão usadas entre nós, fulano he *filho de Lisboa*, he *filho de Portugal*, he *filho do Brazil*, são proprias do idioma hebraico, que tambem diz *filhos de Canaan, filhos de Memphis, filhas de Sion*, &c.

O elegante uso, que fazemos, do verbo *amargar* nestas frases, *bem amargou as honras que goza, ainda ha de amargar esses favores da fortuna*, &c., he idiotismo hebraico.

Outro uso temos, elegante e mui expressivo, na lin-

guagem vulgar, quando de alguem, ou a alguiem, que fez o mal, e teme, ou experimenta as suas consequencias, dizemos *assim o quiz*, lá se avenha, ou lá te avêm *já que assim o quizeste*. Esta frase parece tomada do hebraico, aonde, v. gr., no *Genesis*, cap. 38.^º, v. 23.^º, lhe corresponde na Vulgata «*habeat sibi*, lá o tenha para si, que lhe preste, lá se avenha». E este mesmo parece ser o genuino sentido das palavras, que os principes dos sacerdotes disserão a Judas, quando levando-lhes elle o preço da sua deslealdade e traição, e confessando que tinha peccado entregando o *sangue inocente*, lhe respondêrão: «*Quid ad nos? tu videris*», isto he, *que nos importa isso a nós?* lá te avêm. (*Matheus*, cap. 27.^º, v. 4.^º)

Cerrar com o inimigo, isto he, romper a batalha carregando o inimigo no primeiro conflicto; cahir sobre elle com força; accometter com violencia, he frase hebraica.

Tambem he hebraismo pôr, em lugar do adjectivo, o substantivo abstracto em estado de regencia, v. gr., *homem de honra, de brio, de verdade*, por homem *honrado, brioso, verdadeiro*; homem de *trapaças, de mentiras*, por homem *mentiroso, trapaceiro*; mulher de *mexericos, de beatices*, por mulher *mexeriqueira, beata*: no mesmo sentido dizem os Hebreos *vir misericordiae, mulier stultitiae, lingua mendacii*, por varão *misericordioso*, mulher *estulta*, lingua *mentirosa*, &c.

He frequente nos nossos antigos documentos usar de certas frases, que podemos chamar distributivas, nas quaes se repete o nome do objecto que se quer distribuir, indicando com isso que elle compete *por igual* a cada huma das partes da distribuição. V. gr., tres bois, *de treze treze moios*, isto he, *cada hum* do valor de treze moios; duas cubas *de vinte vinte moios*, isto he, de vinte moios *cada huma*, lhes darão *dez dez açoutes*, isto he,

dez açoutes a *cada hum*, &c. Este uso parece hebraico. No livro dos *Numeros*, cap. 28.^º, vv. 13.^º e 29.^º, «*decimam, decimam*», quer dizer, *cada hum a decima*. Em Ezequiel, cap. 40.^º, v. 21.^º: «*Quatuor, quatuor facies uni*», quer dizer *quatro faces cada hum*, &c.

Tambem he frequente no hebraico repetir no plural, em estado de regencia, o nome do singular, para encarecer a sua grandeza e excellencia: assim, por exemplo, *vanitas vanitatum; canticum canticorum; a maior de todas as vaidades; cantico optimo, excellentissimo*. Nós temos este hebraismo, e dizemos, v. gr., esta he a *miseria das miserias; a desgraça das desgraças; a maldade das maldades*, isto he, a *maior das miserias, das desgraças, das maldades*.

Encontrão-se a cada passo no hebraico frases, em que redunda hum pronome relativo, v. gr., *habitantibus in regione umbrae mortis, lux orta est eis*; aonde o relativo *eis* parece superfluo depois de *habitantibus*. Tambem este hebraismo he frequente em portuguez: v. gr., *aos homens probos roubão-lhes o credito; aos bons, perseguem-nos; aos másos, espera-os o castigo*, &c.

Outras vezes põem os Hebreos hum nome em estado absoluto, e empregão depois no estado de regencia, que lhe competia, o seu relativo. V. gr., *Dominus in coelo sedes ejus*, por *Domini sedes in coelo*. Nós tambem dizemos a cada passo *o dinheiro*, que me déste, já dispuz *delle*, já o gastei, isto he, já dispuz do dinheiro, já gastei o dinheiro, &c.; *o segredo*, já todos o sabem, *o homem*, já não ha rastro *delle*.

Estas frases *vai-te lá*, não sabes o que dizes; *vamos*, examinemos o ponto; *vinde cá*, contai-me isso pelo miudo; são hebraismos.

Era costume nas nossas primeiras escolas fazer aprender aos meninos, e repetir o *abc* ajuntando a primeira letra com a ultima, a segunda com a penultima, a ter-

ceira com a antepenultima, &c., e dizendo *a-x*, *b-u*, *c-t*, &c. Os Hebreos praticavão o mesmo, e tambem dizião *aleph-tau*, *beth-schin*, *ghimel-resch*, &c., e talvez se servião desta permutação de letras para escrever em cifra certos nomes, que não querião declarar expressamente. Ha hum exemplo d'isto em Jeremias, cap. 25.^º, v. 26.^º, aonde com este artificio se nomeia o Rei de Babylonía.

Na linguagem portugueza usâmos a cada passo do adverbio *assim* com a significação do latim *ideo*, *idcirco*, *propterea*, *quapropter*, *ob id*, *ob hanc causam*. V. gr.: Sabido he que Deos não pôde enganar-se, nem querer enganar-nos: *assim*, falando elle, não ha que hesitar em dar inteira fé ás suas palavras. — Poucas vezes julgão os homens ácerca do merecimento das cousas, segundo os principios da recta razão, e sem respeito a seus affectos e interesses; *assim*, errão a cada passo, e muitas vezes com detimento seu proprio. — Os antigos Rabbinos confessão que as profecias sómente havião de durar até os dias do Messias; *assim*, tendo cessado ha muitos seculos o ministerio dos Profetas, deve-se reconhecer que já veio o Messias, &c. Este uso parece tomado do idioma hebraico, que diz no mesmo sentido *el-qen* (אֵל-כֹּן), como se dissessemos em latim *adsic*, se o latim o consentisse, &c.

RESPOSTA A VARIAS CENSURAS

FEITAS AO

GLOSSARIO DE VOCABULOS PORTUGUEZES DERIVADOS DAS LINGUAS
ORIENTAES E AFRICANAS, EXCEPTO A ARABE

Lisboa, 25 de Julho de 1835.

RESPOSTA A VARIAS CENSURAS

FRITAS AO

GLOSSARIO DE VOCABULOS PORTUGUEZES
DERIVADOS DAS LINGUAS ORIENTAES E AFRICANAS
EXCEPTO A ARABE

Estou em divida para com a Academia, e peço desculpa de tão tarde a satisfazer.

Tendo eu tido a honra de offerecer-lhe hum *Glossario de vocabulos portuguezes, derivados das linguas orientaes e africanas, excepto a arabe*, recebi do Sr. Secretario da Academia o officio de 7 de Março deste anno, com as *Reflexões*, que elle mesmo, como censor, havia feito sobre alguns lugares do *Glossario*, para que, se eu quizesse adoptal-as, se podessem imprimir com elle.

Muita honra fez o doutissimo censor ao meu trabalho, dignando-se de querer concorrer para a sua correccão e aperfeiçoamento; e muita me faz a Academia em deixar ao meu arbitrio a liberdade de adoptar as suas eruditas notas e reparos, para se poderem imprimir juntamente com o *Glossario*.

Parecendo-me porém conveniente e necessario dizer alguma cousa sobre as mesmas notas, satisfarei brevemente a este dever, e a Academia, por ultimo, resolverá o que melhor e mais rasoavel lhe parecer.

Logo na minha *Prefacção* repara o sabio censor em eu dizer, que os Fenicios deixárão em muitos lugares das

Hespanhas vestigios de suas instituições, usos e costumes, e acaso os caracteres da Escriptura, de que usáramos os habitantes da Hespanha meridional, e que ainda hoje se vêem nas medalhas, que nos restão daquelles antigos tempos. E pretende provar com muita erudição, e com a auctoridade de varios escriptores, que os caracteres da escriptura dos antigos habitantes da Hespanha meridional são mui diferentes dos caracteres fenicios.

Não he aqui lugar proprio para fazer longos discursos sobre tal objecto, nem tambem me parece muito necesario defender huma frase, que muito incidentemente entrou na minha breve *Prefação*. Mostrarei comtudo por auctoridades respeitaveis, que a idéa, que ali exprimo em duvida, e quasi conjecturando, nem he nova, nem singular, nem inverosimil; e que a contraria está mui longe de achar-se decidida entre os homens versados nestes estudos.

O douto Florez, nas *Medalhas de Hespanha*, tom. 1.º, pag. 163, falando das medalhas de Asido e de seus caracteres desconhecidos, diz expressamente que *as linguas dos Fenicios e Penos são aquellas, a que mais se podem reduzir aquellas letras*. E continuando a provar que estes caracteres se devem ler da direita para a esquerda, á maneira da escriptura oriental, e apontando a diferença que a este respeito ha entre as legendas das medalhas tarragonenses e beticas, conclue, que *a Belica, especialmente nos lugares vizinhos ao Estreito, como mais frequentada de Fenicios e Penos, seguiu o methodo dos Hebreos*.

O mesmo Florez, no tom. 2.º, pag. 422, descrevendo huma medalha de Emporias (estampa 25.ª, n.º 3 e 4) diz: «... as letras são pontualmente celtibericas, quaes se achão em moedas bilingues de Setabi, de Sagunto e de Valencia, que em nenhuma parte se encontrão como

cá: e os caracteres são diversos dos das moedas africanas, e de outros que estão reputados por fenicias».

No tom. 3.^º, pag. 4, notando as letras desconhecidas nas medalhas de Abdera (estampa 59.^a, n.^º 4), diz: «Não falta quem diga, que são letras punicas ou fenicias. Eu não entendo o punico nem o fenicio, porém hum douto em linguas orientaes me assegura, que aquellas figuras são letras que significão *Abdera*».

Este douto a que aqui allude Florez he o eruditissimo Perez Bayer, que tanto nas suas obras sobre as moedas hebreo-samaritanas, como especialmente na *Dissertação sobre o alfabeto e lingua dos Fenicios*, diz, e repete muitas vezes que os Fenicios introduzirão as suas letras de escriptura em diferentes terras, e especialmente na Hespanha; que as letras fenicias passarão á Hespanha dentro e fóra do Estreito, e são as mesmas que se observão nas medalhas de bronze e prata da Betica, Turditania e de outros lugares, a que dá o nome de *punico-beticas*, &c.

E no mesmo tomo, pag. 72, falando das moedas de Cadiz, diz assim: «O maior numero de moedas applicadas a Cadiz tem alfabeto desconhecido, e pela cabeça de Hercules, pelos peixes, templos, e figura do sol, as atribuem a Cadiz os daquelle territorio: porém outros das vizinhanças querem applical-as ás suas povoações... Esta duvida pede que algum douto em linguas orientaes (principalmente na fenicia e punica) tome a seu cuidado as medalhas de Cadiz, decifrando o sentido das letras, em que consiste a difficultade. Eu não entendo nem a lingua, nem os caracteres, pelo que cedo o campo aos mais doutos, prevenindo, que de Africa passarão ás nossas costas varias moedas com caracteres punicos, os quaes, como tambem erão usados cá, especialmente nas colonias carthaginezas, fazem confusão entre as duas nações enquanto não consta o que as letras significão».

O sabio benedictino Sarmento, *Obras posthumas*, Madrid, 1775, tom. 1.^o, *Memoria para la historia de la Poesia*, pag. 38, n.^o 95, explica-se nos seguintes termos: «Sem sahir de Hespanha temos douos famosos exemplos (fala da difficultade de interpretar ou decifrar os antiquissimos caracteres, ainda quando se sabe a que povos pertencem), e são as moedas e inscripções antigas de Cadiz, e as inscripções e moedas que chamão hespanholas-antigas. Em Antonio Agostinho, nas antiguidades de Madrid, e no Museo de Lastanosa, se achão desenhados muitos destes monumentos. Entre os de Cadiz, sómente se tem lido a palavra *Gadir* nas moedas, e aindaque isto basta para se conhecer que as outras inscripções semelhantes são *fenicias*, ou *punicas*, e que se devem ler ao revés, como orientaes, não se tem podido dar hum passo avante, ainda tendo presente o copioso alfabeto de letras samaritanas e fenicias, que estampou o padre Guarin, benedictino».

Mr. Depping, na *Historia geral de Hespanha desde os mais antigos tempos até ao dominio dos Mouros*, liv. 2.^o, cap. 3.^o, aonde tracta dos estabelecimentos dos Fenicios, tendo dito que a potente colonia de Cadiz adquirio hum territorio mui extenso, e dominou sobre muitos outros pequenos estabelecimentos marítimos, acrescenta: «Todas estas novas cidades adoptáron e derramáron no paiz o culto, os costumes, a lingua, e a escriptura dos Fenicios. Os monumentos, que nos restão desta epocha, são os nomes de muitas cidades, algumas medalhas, ruiñas de templos», &c.

Finalmente o erudito Champollion Figeac, que nesta materia vale por muitos, no *Resumo completo de Archeologia*, tom. 2.^o, Paris, 1826, tractando das medalhas antigas de Hespanha e Portugal, divide-as em duas classes, caracterisadas pela *differença dos alfabetos de suas legendas*. «A primeira comprehende (diz elle) as medalhas

da Hespanha oriental e septemtrional, aonde se reconhecem letras, que tem a maior analogia com o alfabeto grego antigo... A segunda comprehende as *medalhas da Hespanha meridional*, cujas legendas são formadas de *letras muito analogas aos alfabetos punico e fenicio*, o qual parece ter vindo de África», &c.

Parece-me que isto he bastante e de sobejo para isentar de todo o reparo e censura academica huma frase breve, tocada incidentemente na Prefaçāo, e na qual eu me explico em duvida e conjecturalmente sobre hum objecto, em que escriptores mui doutos tem sido mais decisivos.

Açamar—A este vocabulo do *Glossario* adverte o donto censor, «que vulgarmente se diz *açaimo* e *açaimar*, e que já assim vem na decima edição da *Prosodia* do padre Bento Pereira, Evora, 1750».

Não duvido que em algumas partes se diga vulgarmente *açaimo* e *açaimar*. Duvido porém que esta seja a original e mais acertada pronunciaçāo do vocabulo, e a mais conforme á etymologia hebraica que aponto, e que tenho por indubitavel.

O *Diccionario* de Moraes diz *açamo* e *açamar*, e no artigo *Açaimo* refere-se a *açamo* como pronunciaçāo mais principal e mais legitima.

O *Diccionario franez-portuguez*, do Capitāo Manuel de Sousa, escreve *açamar* e *açamado*.

O *Thesouro de vocabulos das linguis portugueza e belgica*, Amsterdāo, 1714, traz *açamado* e *açamar*.

O *Novo diccionario franez-portuguez*, em 4.^º, diz *açamar* e *açamado*.

O Vieira Transtagano, na sua *Obra etymologica*, pag. 507, escreve *açamar*, e deriva este vocabulo do arabe.

Nos *Vestigios da lingua arabica*, do Sr. Frei João de

Sousa, vem *açamo* e *açamar*. Fernão Mendes Pinto, *Peregrinações*, cap. 124.^º, duas vezes diz *açamos*.

Na província do Minho he esta a pronunciaçāo mais vulgar.

Os Judeos Portuguezes de Londres no seu *Asçamot*, impresso naquelle capital no anno 5545 (da era christāa 1785), denomināo a cada passo pelo vocabulo *asçama* as ordens prohibitivas, que ahi dāo aos seus correligionarios, &c.

Mas que necessidade ha de tantos argumentos? Eu não reprovo *açaimar* e *açaimado*, aindaque nunca assim o pronunciarei, nem a auctoridade do padre Bento Pereira a isso me persuadirá. O doutissimo censor tambem não reprova (creio eu) *açamar* e *açamo*. Este he inquestionavelmente o mais conforme á etymologia, e desta he que eu tracto no *Glossario*, sem me obrigar a explicar ou a indicar nelle todos os usos, ou todas as modificações dos vocabulos portuguezes.

Mais adiante, no *Suplemento ao Glossario*, disse eu, que o lugar do *Deuteronomio*, cap. 25.^º, v. 4.^º, em que o texto sagrado se serve deste vocabulo, e que a Vulgata verte «*non alligabis os bovi trituranti in area fruges tuas*», se traduziria em portuguez com propriedade «não açamás o boi, que anda debulhando os teus pães na eira».

O douto censor desaprova esta traducção, e diz que lhe parece, que se não poderia dizer com propriedade *açamar o boi*, porque *açamo* e *açamar* he só proprio *para os animaes, que fazem mal com os dentes mordendo*.

Eu peço licença para insistir na minha traducção, e para dizer que *açamar o boi* seria, naquelle lugar, não só proprio, mas propriissimo, bastando para isso, que o traductor portuguez achasse na sua lingua o mesmo vocabulo do original hebraico, para o empregar com a mesma formal e expressiva significação.

Açamar em portuguez, bem como em hebraico, não

significa encabrestar os animaes, *que fazem mal com a boca mordendo*: esta ultima clausula ou circumstancia he acrescentada á significação sem fundamento algum solido: nem *açamar* he só proprio dos *cães*, ou de outros animaes que *mordem*: quanto mais que os bois tambem *mordem*.

Açamar quer dizer precisamente *ligar a boca*, *ligar o focinho dos animaes*, *encabrestal-os*, *vedar que abrão a boca*, *tapar-lha atando-a*, &c.

Esta he a significação que os traductores gregos exprimirão por *fraenare*, *capistrum imponere*, e os latinos por *ligare*, *obturare*, *claudere*, *obstruere*, *coercere*. (Veja-se Guarin; *Lexicon hebraicum*.)

Esta he a significação que mui asizadamente deo ao vocabulo o douto Leonel da Costa.

Esta he finalmente a significação que lhe dão os dicionarios de outras linguas, fazendo-lhe corresponder o francez *musiler*, o inglez *to muzzle*, o belgico *de mond sluiten, stoppen*, &c., isto he, *fechar, tapar, atar, ligar a boca, ligar o focinho, pôr o freio ou cabrestinho, pôr focinheira*, &c.

O uso que mais vulgarmente se faz do vocabulo applicando-o aos *cães*, não he prova da particular significação que se lhe quer dar: porque o *açamo* não sómente se põe aos *cães* para não *morderem*, mas tambem para não *comerem*. Na província do Minho he frequente esta precauções no tempo das uvas.

• **Alar** — Digo que significa *puzar acima, fazer subir*, &c., e trago como exemplo esta frase *alar a bandeira ao alto do masto*.

O douto censor acha impropria esta frase, e quer que em lugar della se deva sómente dizer *içar a bandeira*, e pede que eu auctorise com algum escriptor classico o *alar a bandeira*.

Devo aqui confessar, que neste e em outros artigos do *Glossario* consultei, sempre que me foi possivel, os usos populares, sem muito me embaracar com os classicos; porque não era meu intento fazer hum diccionario da lingua portugueza, mas sim hum *glossario etymologico*, para o qual me servirão muitas vezes melhor os usos do vulgo do que os auctores classicos: e não poucas vezes encontrei nelles algumas palavras ou significações, que debalde se buscarião nos diccionarios da lingua, e muito menos nos escriptores classicos.

O povo da provincia do Minho usa do vocabulo *alar* no proprio sentido que aqui lhe dou, e na mesma frase que aponto: e pôde dizer-se que usa *suo jure*, porque aquella significação he conforme á etymologia, e á original expressão do vocabulo, embora se diga tambem, e com muita, ou com mais propriedade, *ifar a bandeira*, e embora *alar* venha ou não venha com aquella significação nos diccionarios.

A outra interpretação, que o douto censor, no fim deste artigo dá ao verbo *alar*, dizendo que tambem significa *mover de hum lugar para outro por meio de cordas*, não me parece bem exacta. Dizemos na verdade que se *alão* os barcos movendo-os de hum lugar para outro por cordas, mas neste caso não he simplesmente o *movimento*, nem o instrumento das *cordas*, o que se quer expressar, mas sim o movimento *rio acima*, o movimento *contra a corrente da agoa*, e por isso se diz *alar*, isto he, *puxar acima, fazer subir*.

Alcacer— Neste artigo, explicando o uso da palavra na província do Alemtejo, digo que significa o mesmo que outros chamão *farrejo*, isto he, *o senteio ou cevada segada em verde para os gados*.

O doutissimo censor nota aqui, que farrejo não he só senteio ou cevada segada em verde, mas também *qual-*

quer outro gramineo, que se semeia para ser cortado em verde para pasto.

A explicação que incidentemente dei de *farrejo* foi precisamente a mesma que me derão no Alemtejo. Com tudo não duvido que por *farrejo* se entendão, alem do senteio e cevada, algumas outras hervas. Esta individuação porém não era necessaria ao meu proposito, e he em si mesma de mui pouca importancia.

Alleluia — Neste artigo dou ao vocabulo *alleluia* a significação propria e formal, reconhecida por todos os diccionarios e escriptores, e deduzida da analyse grammatical de cada hum dos elementos que entrão na sua composição.

O douto censor não impugna a minha explicação, mas adverte eruditamente, com a auctoridade de Saverio Matthei, que o mesmo vocabulo, no livro dos Psalmos, indicava talvez o andamento da musica, quasi do mesmo modo que hoje no principio de huma cantata, por exemplo, se nota *alegro*, *andantino*, *adagio*, &c.

Esta advertencia não era necessaria no *Glossario*, aonde se tractava e tracta tamsómente da significação natural do vocabulo, e não da especial accepção, em que elle pôde ter sido tomado nos Psalmos. Mas além d'isso eu a não aproveitaria, por não ser da opinião de Matthei, nem me parecer adoptavel a significação que elle dá no lugar citado á palavra *alleluia*.

A razão mais obvia que se me offerece para rejeitar a singular opinião deste escriptor he que o *andamento* da musica costuma notar-se no principio della para servir de guia aos cantores ou tocadores. Nos Psalmos porém de David achão-se alguns que tem a nota *alleluia* no principio e *no fim*, e outros que a tem sómente *no fim*.

Na Biblia de Ferrara vem *alleluia no principio e no fim* dos Psalmos 106.^º, 113.^º, 135.^º, 146.^º, 148.^º, 149.^º

e 150.^o, e vem só no fim dos Psalmos 104.^o, 105.^o, 115.^o, 116.^o, 117.^o, &c.

Na Vulgata tambem se lê *alleluia no principio e no fim* dos Psalmos 147.^o, 148.^o, 149.^o e 150.^o

Esta razão (entre outras que poderia dar) me parece bastante para rejeitar a explicação de Mathei, ou pelo menos para a não adoptar no *Glossario* como opinião minha.

Aroeira — Quando escrevi este artigo não consultei, nem podia consultar a *Flora* do Sr. Brotero. Limitei-me portanto a dizer que os nossos escriptores não erão bem concordes em determinar a sua significação; mas que segundo a mais commum e a mais bem fundada opinião se julgava ser o *lentisco*.

O douto censor diz que he o *lentisco verdadeiro*, e cita a *Flora Lusitana*.

Riscarei a palavra *opinião*, e ficará emendada a frase.

Atondo — Este vocabulo tem sido interpretado de differentes maneiras por alguns eruditos Portuguezes. Eu, que me não contentei dessas interpretações, ou não vi provas dellas, fiz tambem a minha conjectura, e a escrevi no *Glossario*.

As reflexões do douto censor a este respeito são exactas e bem fundadas, e conforme a ellas fica corregido e emendado este artigo do *Glossario*, com a declaração do auctor da correcção.

Balão — Digo com Bluteau que *balão* he embarcação como bargantim, subtil, comprida, *de muito remo*.

O doutissimo censor nota esta ultima clausula, e diz que se por embarcação de *muito remo* se entende *muito ligeira de remo*, bem está; porque *balão* (acrescenta elle) *he huma das embarcações mais pequenas da India, &c.*

Certamente que quando digo com Bluteau que balão he embarcação *de muito remo*, não quero dizer de *muitos remos*, nem essa he a intelligencia regular e ordinaria da frase. Embarcação *de muito remo* quer dizer que dá *bem pelo remo*; que *obedece bem ao remo*; que *se deixa bem governar pelo remo*, &c. Assim dizemos homem *de muito negocio*, não o que tracta *de muitos negocios*, mas sim o que he habil *em tractar qualquer negocio*, o que *sabe tractar bem os negocios*, o que *lhes dá bom e prompto expediente*, &c.

Bazar—Não acho neste artigo cousa que faça necessaria correcção alguma ao que digo no *Glossario*.

Cacha—Aqui diz o censor que além das significações que dou a esta palavra, tem tambem a de *certa especie de fazenda da India*.

Já disse que me não obriguei a trazer todas as significações dos vocabulos, nem todos os vocabulos, que vem nos nossos escriptores da India.

Além d'isso ignoro se o nome de *cacha*, dado a essa fazenda da India, vem da mesma origem hebraica; e por isso não seria acertado apontal-o neste artigo.

Cacimba—No artigo *Cacimbo* digo que este vocabulo significa na lingua nbunda certo tempo em que cahem orvalhos continuados; e que vem de *quixibo*, orvalho. Acrescento mais que nos nossos diccionarios acho *cacimba*, significando cova nas praias ou lenteiros para recolher a agoa que reçuma.

O censor diz que *cacimba*, termo portuguez, he huma nevoa acompanhada de orvalho mui miudo.

A minha explicação e derivação foi-me inculcada por sujeito instruido, natural de Angola, a quem consultei sobre este e alguns outros vocabulos africanos. No dic-

cionario da lingua bunda vem *quichima*, o poço: por onde tenho para mim que *cacimba* e *cacimbo* não são termos brazileiros, nem portuguezes, mas sim africanos, trazidos a Portugal e levados ao Brazil pelos negros, ou pelos Portuguezes que com elles tinhão communicação e tracto.

Callo — Neste artigo diz a censura que em Hespanha, e em algumas partes do Alemtejo, chamão *pão de callo* *ao pão tendido de certa maneira*, &c.

Não tenho outra noticia de *pão de callo* senão a que dou no artigo. No Alemtejo perguntei a algumas pessoas por *pão de callo*, mas não achei que delle tivessem noticia. O diccionario castelhano da Academia faz hum largo artigo na palavra *pan*, mas não fala de *pão de callo*.

O objecto he insignificante, e não merece mais exame.

Caréca — Digo que he termo frequente na linguagem da plebe da provincia do Minho. O censor adverte que tambem he usado nas outras provincias.

Quando eu digo, que este ou algum outro vocabulo he usado em huma provincia, não nego que o seja nas outras. Alguns vocabulos, que eu sabia de certo que erão usados, mas que não vinhão nos diccionarios, procurava autorisal-os com o uso de alguma provincia; e não admira que eu cite mais vezes a do Minho, por ser aquella em que nasci, e cuja linguagem me he mais conhecida. O mais que d'aqui se pôde inferir he que me não era igualmente familiar a linguagem plebá de todas as provincias do reino.

Catinga — Digo que parece ser termo de Angola, e que significa máo cheiro, transpiração fetida.

A censura nota que *catinga he cheiro máo sui generis, que pela transpiração se desenvolve nos negros*.

Não vejo que esta explicação seja diferente da minha, nem que por ella se possa fazer alguma correcção importante no artigo do *Glossario*.

Cecém — Attribuo este nome a huma *cebola* assim chamada, de que nasce hum lirio, e digo que a etymologia de *cecém* he a mesma que a de *asucena*.

O doutissimo censor reflecte que *cecém* he a *asucena branca*, ou *lilium album*, de Linneo, e cita sobre isto a *Flora Lusitana*, do nosso illustre botanico o Sr. Brotero, &c.

Que *cecém* se toma, tanto por huma especie de lirio, como pela *cebola*, que o produz, he cousa indubitavel, usadissima, ao menos na minha provincia, pelo povo e pelos boticarios. Isto bastava para o meu fim, que era mostrar a identidade de origem de *cecém* e *asucena*.

A *Prosodia* do padre Bento Pereira, da nona edição, dá á palavra latina *lilium* a significação de *asucena* e *cebola cecém*: e traduz *cebola cecém* por *lilium*.

A *Flora pharmaceutica*, do Sr. Jeronymo Joaquim de Figueiredo, diz *lilium candidum*: em portuguez *asucena branca*, *ordinaria*, ou *cebola cecém*, &c.

A reflexão que faz o censor dizendo que *lhe parece que a auctoridade de Brotero terá mais peso que a de Bluteau*, parece-me escusada neste lugar: 1.º, nem falei em Bluteau, nem em Brotero, nem sobre isto os consultei; 2.º, porque não poucas vezes se achão diferenças entre a linguagem vulgar e a linguagem botanico-scientifica; 3.º, porque cada hum daquelles dous escriptores tem seu merecimento proprio, e não parece justo deprimir hum (que certamente não era ignorante) para exaltar o outro. Mas este assumpto não pertence ao *Glossario*.

Ceifa — Digo que *ceifa* he a *colheita dos pães e outros fructos*, sobre o que nota o douto censor que *ceifa*

não he propriamente a colheita dos pães e outros fructos, mas sim o corte dos cereaes e hervas de pastagem: que ceifa he hum dos actos necessarios para a colheita, porém não a colheita, nem se applica senão aos cereaes e hervas de pastagem, e não ás uvas, legumes, &c.

Falando com a franqueza, que custumo, parece-me que estas reflexões são nimiamente escrupulosas.

Primeiramente: *ceifa*, ou *aceifa*, sendo, como eu penso e sigo, derivado de hebraico *asiph*, ou *asaiph*, deve significar, como elle, *collectio, comportatio frugum in horrea*, que são as significações que lhe dá Guarin no seu *Lexicon hebraicum*, do v. *Asaph, colligere, congregare, apponere, adjicere, &c.* (*Ibid.*)

Em segundo lugar os diccionarios, que consultei de diferentes linguas, todos attribuem a este vocabulo a significação tanto de *cortar* e *segar*, como de *colher* e *recolher* os fructos, quasi confundindo huma com outra pela intima relação que entre elles ha. E não me parecio necessário, em hum glossario meramente etymologico, ser mais miudo e escrupuloso do que o são os diccionaristas.

O latim *meto* significa *segar, cortar, colher, vindimar.* (*Prosodia* de Bento Pereira.)

O latim *messis, ceifa, colheita de pão.*

O grego *ἀρέσω, segar e colher.*

O grego *ἄμυντος, messis, collectio frugum, &c.*

Ultimamente no nosso uso vulgar he indiferente dizer *tempo da ceifa*, ou *tempo das colheitas*, e entre os Hebreos dava-se o nome de *asipha* (como digo no *Glossario*) á festa dos tabernaculos, que annualmente se celebrava depois da colheita na lunação de Setembro.

Chacota — Diz a censura que além do que digo no artigo, *chacota* tambem significa huma dança.

A significação que dou a este vocabulo he a que ainda

hoje vulgarmente se lhe dá, e a que servia ao meu intento. Não duvido porém que tambem signifique huma dança, posto que esta significação não vem a proposito no glossario etymologico, por não ser a da origem.

Chibata — Dou a *chibata* a significação de *pequena vara de que usão os cabos militares, e com que talvez castigão os soldados*.

O censor diz que esta he a definição de Moraes; mas que chibata he huma *pequena vara que se traz na mão, e não he só privativa dos militares*.

Tambem eu não digo que *chibata* seja só privativa dos militares. Defino o vocabulo pela significação mais usual, mais conforme á etymologia, e mais analoga ao uso original. Se eu definisse *chibata* por pequena *vara que se traz na mão*, daria (a meu ver) huma definição imperfeita, derivada de uso moderno e abusivo, e de que seria difícil achar exemplo em escriptor algum de boa nota.

A verdadeira, primitiva e original significação de *chibata* he vara que indica auctoridade, que he emblema de jurisdicção e poder.

Churdo ou Churro — Nome (digo eu) que damos á lã mais ruim, suja e de baixo preço.

Reflecte o douto censor que esta definição he tirada, em parte, de Moraes; mas que Bluteau diz melhor, que lã churda he a das ovelhas corredia e comprida, que he a de menos preço. E acrescenta que *o gado ovelhum churro de Hespanha*, que já temos no Alemtejo, he huma especie de ovelhas que tem a lã corredia, e bastante-mente comprida, &c.

No diccionario castelhano da Academia leio eu este artigo: «*Churro*, adjetivo, applica-se ao gado lanígero, que não he transhumante, e ao qual, por esta razão, cha-

mão *riberiego*. Diz-se tambem da sua lãa, que he de inferior qualidade á do gado merino».

Bem se vê que este diccionario nem applica o vocabulo particularmente ás ovelhas, nem á lãa corredia e comprida, mas sim á lãa de inferior qualidade, á lãa ruim, que he o mesmo que eu digo no *Glossario*.

Damasco — Falando eu deste vocabulo, digo que significa huma fructa de sabor agradavel, e muito por incidente noto que os Francezes lhe chamão *prune de Damas*, abrunho de Damasco.

A censura adverte que o nome vulgar de *damasco* em francez he *abricot*.

Eu, sem negar isto, insisto em que os Francezes dão a huma fructa o nome de *prune de Damas*, e não sei que seja outra senão o *damasco*, que he huma especie do genero *prune*.

Deceinar — Diz a censura que ha tambem em frase ordinaria *deceina*, que significa inquietação impertinente, teima obstinada e importuna.

Ha douis vocabulos, quasi identicos em pronunciaçao e orthografia, mas de mui differente significação, e que eu supponho de differente origem. Hum he *deceinar*, isto he, tirar a cinza ás meadas, e he o de que tracta o *Glossario*. Outro he *deseinar* com a significação que lhe dá o douto censor. O primeiro julgo eu que he derivado do hebraico, e por isso o trago no *Glossario*. O segundo me parece derivado do grego, e assim o digo em outro lugar. Se nestes meus juizos me não engano, bem se vê que nenhum lugar havia a falar aqui do segundo verbo.

Embofa — Digo eu que este vocabulo significa engano astucioso e fraudulento, engano com dolo. O douto

censor porém diz que lhe parece que *embofia* he ostentação vã e orgulhosa.

A minha significação he tomada da *Ethiopia oriental*, de Frei João dos Santos, que foi o primeiro (segundo creio) que nos deo a noticia e a significação deste vocabulo africano.

Guisso — Digo que he vocabulo frequente na plebe do Minho. O censor diz que tambem se usa em Traz os Montes.

Inhame — A este artigo diz o douto censor que *inhame* não he *batata*.

Respondo que eu não digo que o seja. E comtudo Moraes diz que *inhame* he *raiz farinacea, especie de batata*.

A auctoridade que cito no artigo vem abhi unicamente para mostrar que *inhame* parece termo africano, e he esta a consequencia que della tiro.

Jaula — Reflecte o censor que este vocabulo em castelhano não significa sómente gaiola para pequenos passaros, ou aves, mas tambem para feras.

No *Glossario* acrecentei esta palavra.

Marabuto — Digo que he vocabulo africano, e que he nome que *no Senegal se dá aos Sacerdotes*.

O douto censor diz que *não he só no Senegal que se dá este nome aos Sacerdotes*. Mas eu não digo isso, e portanto julgo escusada a correcção.

Menigrepó — A este artigo acrescenta a censura, que Fernão Mendes Pinto traz (além de *menigrepos*) gregos, talagrepos, guimões, roolins, diversas ordens de Sacerdotes do Pegu.

Não dej lugar no *Glossario* a estes vocabulos, e a muitos outros semelhantes, por não ser meu intento fazer menção de quantas palavras asiaticas ou africanas vem nos nossos escriptores, para o que seria necessario escrever hum grande volume. Fiz sómente menção das que são ou mais conhecidas, ou mais usadas, e especialmente daquellas que passárão a ser, em certo modo, da linguagem vulgar portugueza. *Menigrepo* he desta ultima classe, e tão usado até entre o vulgo, que muitas vezes ouvi denominar com elle os Padres da Congregação de S. Filipe Neri, sem animo de os ridiculisar, antes como nome muito proprio e característico.

Mesquinho — A este artigo nota o donto censor, que *mesquinho* em arabe he *mesquin*, e que se a *lingua arabe* he a *mãi das linguas semiticas*, como geralmente se crê, então *mesquin arabe* e *misquen hebraico* são a mesma palavra.

Respondo, que ou a lingua arabe seja a lingua mãi das linguas semiticas, ou não seja, he sem questão que o arabe *mesquin*, o persiano *mesquino*, e o hebraico *misquen*, são a mesma palavra, e significão a mesma cousa. Era pois desnecessario, para o meu intento, tocar a celebre questão de qual das linguas orientaes he a mãi ou matriz dos varios dialectos dos povos que as falão.

Paraó — Digo que, segundo Andrade, he embarcação de guerra.

A censura adverte que assim o diz Moraes, mas que *paraó* he embarcação não só de guerra, porém de commercio, e até de pesca: e traz em prova aquellas palavras de Lucena «que andavão pescando em hum *paraó*».

Quando digo que *paraó*, segundo Andrade, he *embarcação de guerra*, nem digo que he *só de guerra*, nem dou a esse respeito opinião minha, nem isso era neces-

sario ao meu intento. Reflectirei comtudo de passagem, que a frase de Lucena me não parece decisiva para o que se pretende; porque embarcações ha de guerra, nas quaes se pôde andar commerciando e pescando, assim como ha outras, que tendo o mesmo nome, tem comtudo diversa construcção, segundo são applicadas para a guerra, para o commercio, ou para a pesca, &c. Todas estas individuações erão estranhas ao meu assunto.

Rafa — Reflecte aqui o censor que esta palavra he usada não só na provincia do Minho, mas tambem nas outras. Mas quando eu digo que este vocabulo he usado entre a plebe do Minho, não nego que tambem haja *rafa* nas outras provincias.

Rico — Parece-me que o que digo neste artigo não tem diferença notavel do que com mais erudição se nota na censura.

Romãa — Nota o censor dizer eu, que em antigo egypcio se dizia e pronunciava *erman*, e que lhe parece que o copto, ou egypcio he *reman*, ou *roman*.

O que eu disse a este respeito he tirado de Mr. Quatremère, *Memoria geografica sobre o Egypto*, aonde expressa e positivamente diz que o arabe *roman*, e o copto *erman*, significão a *granada*, ou *romãa*. A diferença dos douis vocabulos he quasi insignificante.

Xa-mate — A este artigo do *Glossario* nota o doutissimo censor, que no jogo do xadrez se diz *xaque*, e mais vulgarmente *xeque-mate*, que he (diz) hum aviso, que se faz ao parceiro contrario para o prevenir de que se tracta de atacar e tomar o rei.

Respondo que no jogo do xadrez não entra, nem pôde entrar a palavra *xeque*, senão por erro, ou por abuso,

porque *xequ* he vocabulo arabe, e não significa *rei*, e porque a linguagem deste jogo he toda persiana, aonde o nome de *rei* he *xa*, ou *shah*, ou *schak*.

Xa-mate, que he a voz propria do jogo, quer dizer *mate no rei*, ou o *rei leva mate*, isto he, está vencido, não tem para onde se escapar, não lhe resta recurso algum.

Na historia de algumas plantas da India, que vem no *Epitome* de Garcia de Horta, por Clusio, liv. 2.^º, se lê no fim o cap. 28.^º: «*De quibusdam Indiae Regibus*»; e depois de se dizer ahi que *Xa* em lingua persiana significa *rei*, acrescenta o escriptor: «*Sunt qui Xeque, non Xa, dicendum putent; sed errant; nam tamets; Xeque dignitatis sit nomen... tamen Xa-Ismael dicendum, id est, Rex Ismael*». Daqui toma o mesmo escriptor occasião para falar do jogo do xadrez, e diz: «*Regem Xa nuncupant: quoties vero eum impetunt, minime Xaque dicunt, sed Xa, quasi dicerent: moneo te Rex, ut loco te moveas*», &c.

Não ignoro comtudo que no jogo se diz *Xaque*, acaso porque o persiano *Xa* se escreve algumas vezes com *h*, e outras com *k* no fim (*Shah*, ou *Shak*); mas nem por isso he erro, antes seria mais acerto dizer *Scha*, ou *Xa*.

Vejão-se os *Vestigios da lingua arabica*, v. *Mate*. Veja-se tambem Vieira Transtagano, no *Etymologicon tertium*, na palavra *Mato*, aonde depois de explicar a verdadeira significação da voz persiana *mat*, conclue: «*Sic enim intelligenda vox haec, addita voci Shah, in ludo latruncularum, hoc modo, Shah-mat*».

Xaguão — Diz a censura que tambem significa *sala baixa* á entrada da caza, &c., e que ainda hoje, nas ilhas, se chama *xaguão*, ou *saguão* a loja da entrada.

A verdadeira significação deste vocabulo he a que lhe dou no artigo, vulgarissimamente usada, e conforme á

origem etymologica. Não me parece que huma *casa coberta*, e ainda menos huma *sala* possa com propriedade chamar-se *xaguão*. Comtudo não impugno esse uso, se o ha, porque o *uso* he despotico nas línguas.

Ultimamente aponta o doutissimo censor alguns vocabulos, que não vem no *Glossario*, e que diz que se poderião acaso derivar da origem hebraica.

Ficão em minha agradecida lembrança, mas seria muito melhor que o censor indicasse com mais alguma individuação as raizes hebraicas donde os julga derivados, porque com isso faria serviço á litteratura, e a mim me pouparia trabalho.

INDICE

	Pag.
Glossario das palavras e frases da lingua franceza, que por des- cuido, ignorancia, ou necessidade se tem introduzido na locução portugueza moderna; com o juizo critico das que são adoptaveis nella.....	1
Resposta a varias censuras feitas ao Glossario das palavras e frases da lingua franceza, introduzidas na locução portu- gueza.....	179
Glossario de vocabulos portuguezes derivados das linguas orientaes e africanas, excepto a arabe.....	209
Resposta a varias censuras feitas ao Glossario de vocabulos portuguezes derivados das linguas orientaes e africanas, ex- cepto a arabe	319